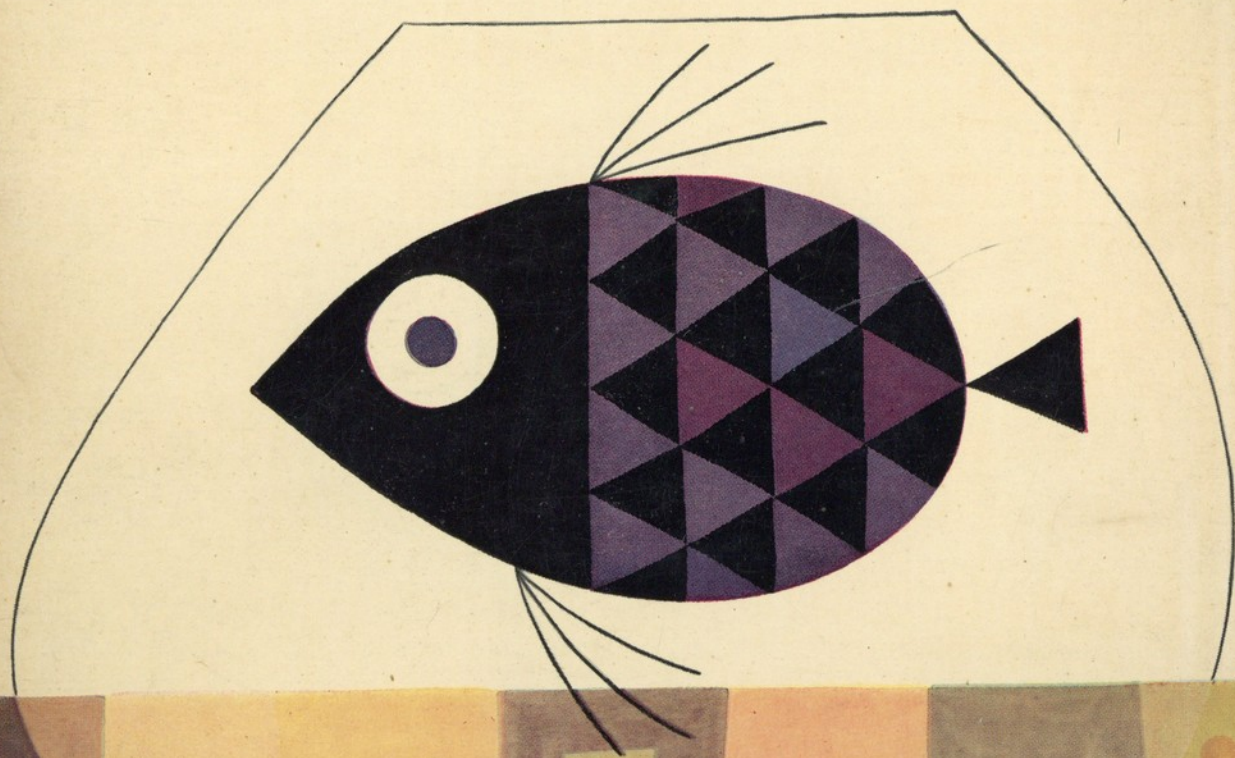


# ALMANAQUE

fevereiro 1960





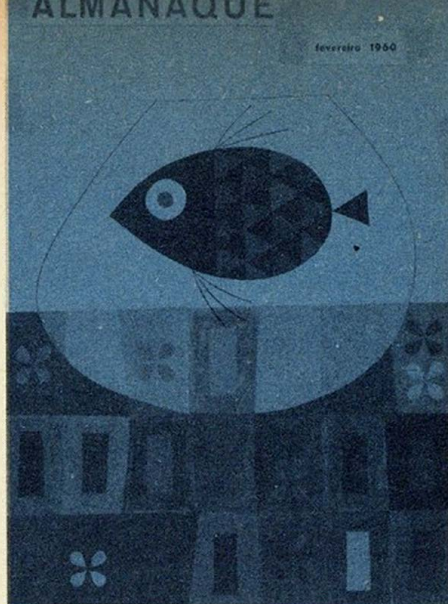
Fevereiro é um mês altamente responsável. É nele que, por desígnios com certeza profundos e antigos, a providência colocou a maneira de distinguirem os homens se o ano é bissexto ou não. Esse subtil e tímido dia 29 que, de quatro em quatro anos, vem ajustar as contas do calendário e — pensam alguns — as contas da consciência, é em Fevereiro que se enxerta.

Quem não for supersticioso deve observar-se bem e ir talvez ao médico porque é, certamente, anormal. Por nós somos supersticiosíssimos e este ano bissexto, instalado numa tão grave conjuntura internacional como a que atravessamos, enche-nos de mal contidos receios. E como é Fevereiro que a bissextidade tem a sua essência, mais uma razão para nele nos precavermos particularmente.

Tenhamos pois medo. Sejam desconfiados, prudentes, reflexivos. Se virmos um gato preto deitemos sal sobre o ombro ou façamos uma figa. Se nos sair pela boca, sem querer, o que realmente pensamos batamos na madeira, diabo seja surdo, cego e mudo, um, dois, três. Entremos com o pé direito em todas as portas (a menos que sejamos canhotos). Máximo cuidado no partir de vidros e entornar de azeite.

Se apesar de tais cuidados continuarmos a ser perseguidos pelo azar, nada mais nos resta senão resignação e esperança. O ano é bissexto e duro mas, se não der connosco em terra, daremos nós, em Dezembro, em terra com ele. Até lá, pois, coragem. E passemos estes 29 cruéis dias de Fevereiro com a pressa enjoada de quem bebe óleo de rícino.





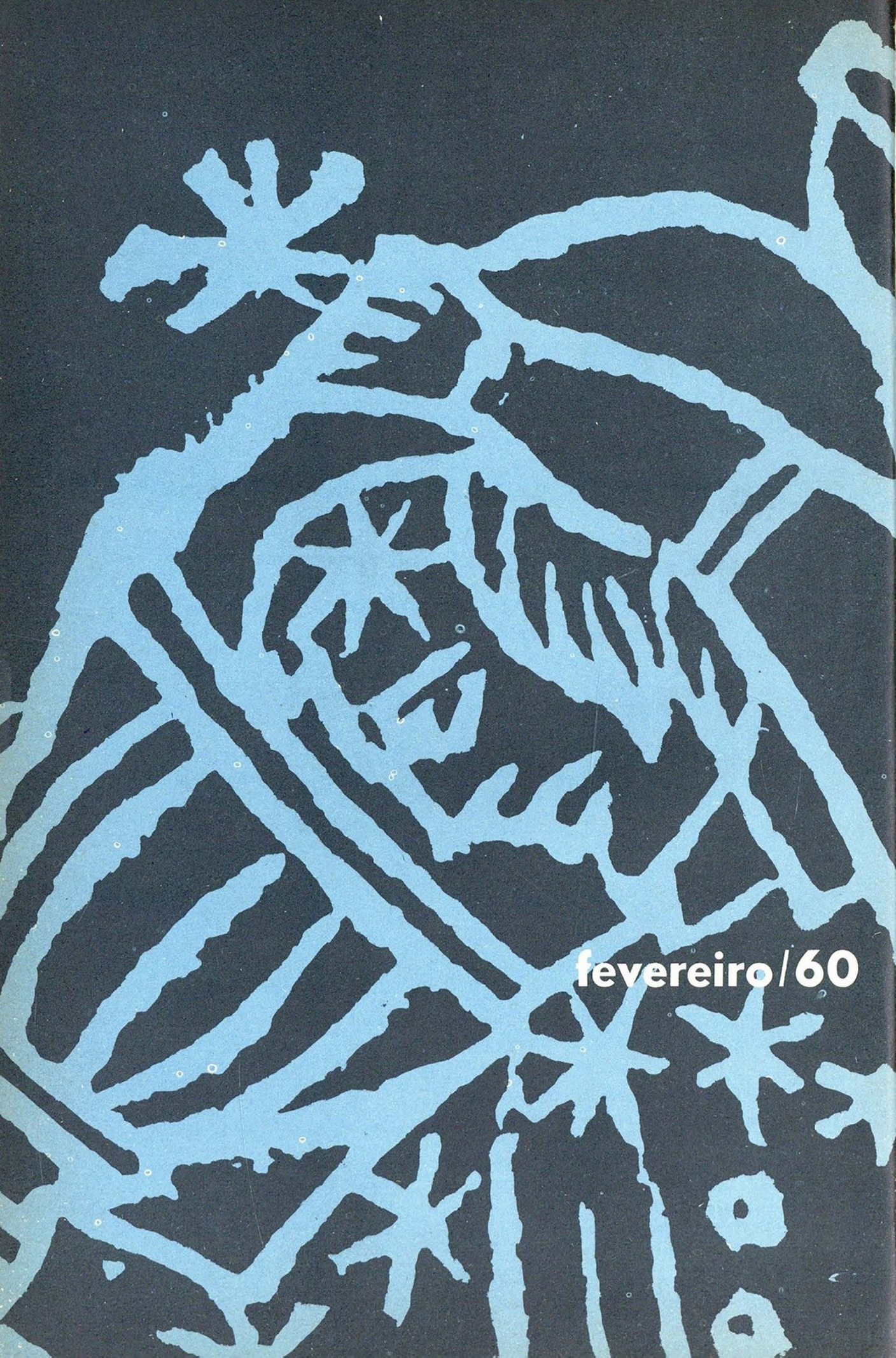
## fevereiro/60

ABERTURA	1	
CALENDÁRIO	6	
ACTUALIDADES	11	o que não passa à história
EFEMÉRIDES	20	o que passou para a história
FLOS-SANCTORUM	24	Santa Águeda
FLORICULTURA	28	na mulher só se bate com a flor
CAÇA	30	caça morta, mesa posta
PESCA	34	um xadrez para solitários
OS DESTINOS DO MÊS	35	o que tem de ser tem muita força
O ANIMAL DO MÊS	44	O papagaio — o La Palisse da anedota
O FUNERAL	48	conto fantástico
AGNÈS SOREL	52	A Pompadour do século XIV
O AMANHÃ DE TODOS NÓS	56	ou os presságios da ciência
O NOSSO AGENTE EM HAVANA	62	o filme do mês
BEAT GENERATION	70	A maçonaria dos melancólicos
O ANEL	79	conto (de noivado)
RESPONDA ASSIM AOS SEUS FILHOS	83	uma «arte» difícil
CARTAS DE AMOR	90	de Schumann a Clara Wieck
BOEMIA DE OUTROS TEMPOS	93	vinho, mulheres e touros por <b>Lourenço Rodrigues</b>

O CHARUTO 96	o braço do fumo
OS 150 ANOS QUE MODIFICARAM O MUNDO 100	Arqueologia
A CONQUISTA DAS DOENÇAS MENTAIS 106	
ARMAZÉM DAS LETRAS 112	& Diversos: Morte de Homem Conto de João de Araújo Correia
FALSIFICAÇÕES 117	O Livro do mês
NO REINO DE PACHECO 122	
MARCEL MARCEAU FALADO 125	No princípio era o gesto
AUTOMOBILISMO 131	«In illo tempore» por Luís de Sttau Monteiro
SURPRISE PARTY 135	Aperitivo à inglesa Edith Piaf Trufas Frescas — conto Saber inútil Paul Anka Culinária Elsa Maxwell O crime ao alcance de todos Os assassinos que lhe matam o tempo Testes Passatempos Anekdotes

## ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães  
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •  
 Propriedade: Grupo de Publicações Periódicas •  
 Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º •  
 Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •  
 Telefones: 31892/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109  
 • Cada vol.: 15\$00 • Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



fevereiro/60



Neste mês o Sol encontra-se no signo zodiacal do Aquário até ao dia 19; neste dia às 20 h 27 m o Sol entra no signo dos Peixes.

Durante o mês o dia aumenta 1 h 5 m. O dia 1 dura 10 h 13 m; o dia 15 dura 10 h 44 m; o dia 29 — 11 h 18 m.

1

1 — Segunda-feira. — Santo Inácio.

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.10	HORA 18.37
ALT. 3.85	ALT. 3.54

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.57	HORA —
ALT. 0.62	ALT. —

2

2 — Terça-feira. — Nossa Senhora das Candeias. — Feiras de: Alportel, 2 dias; Caria (Belmonte), Castro Daire, Évora, Gavião, Lumiar, Santa Brigida (gados), Odeleite, Olival (Vila Nova de Ourém), Ourique, Proença-a-Nova.

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.00	HORA 19.21
ALT. 3.62	ALT. 3.34

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.06	HORA 12.40
ALT. 0.76	ALT. 0.84

3

3 — Quarta-feira. — S. Brás. — Feiras: Albufeira, Bombarral, Casa Branca (Sousel), Ega, Condeixa-a-Nova, Ferreiros (Braga), Juncais, Oliveira do Hospital.

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.32	HORA 20.11
ALT. 3.36	ALT. 3.13

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.00	HORA 13.32
ALT. 1.00	ALT. 1.08

4

4 — Quinta-feira. — S. João de Brito. — Quarto crescente, às 14 h e 27 m.

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.37	HORA 21.13
ALT. 3.12	ALT. 2.97

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.57	HORA 14.30
ALT. 1.22	ALT. 1.31

5

5 — Sexta-feira. — Santos Mártires do Japão — Santa Agueda. — Feiras: Marinha (Seia).

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.40	HORA 22.18
ALT. 2.93	ALT. 2.88

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.01	HORA 15.41
ALT. 1.40	ALT. 1.45

6

6 — Sábado. — Santa Doro-teia.

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.51	HORA 23.07
ALT. 2.82	ALT. 2.89

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 04.11	HORA 16.43
ALT. 1.49	ALT. 1.47

7

7 — Domingo. — S. Ricardo.

**MARÉS**

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.01
ALT. —	ALT. 2.84

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.28	HORA 17.50
ALT. 1.45	ALT. 1.42



# 8

8 — Segunda-feira. — S. João da Mata.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.34	HORA 12.58
ALT. 2.99	ALT. 2.94

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.22	HORA 18.40
ALT. 1.33	ALT. 1.28

# 9

9 — Terça-feira. — S. Cirilo. — Feira de Pousafoles.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.24	HORA 13.47
ALT. 3.14	ALT. 3.07

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.08	HORA 19.20
ALT. 1.18	ALT. 1.12

# 10

10 — Quarta-feira. — SS. Guilherme.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.03	HORA 14.28
ALT. 3.31	ALT. 3.23

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.48	HORA 19.54
ALT. 1.00	ALT. 0.95

# 11

11 — Quinta-feira. — Nossa Senhora de Lurdes.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.41	HORA 15.00
ALT. 3.47	ALT. 3.36

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.20	HORA 20.31
ALT. 0.82	ALT. 0.80

# 12

12 — Sexta-feira. — Santa Eulália. — Lua cheia às 17 h e 24 m.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.16	HORA 15.37
ALT. 3.61	ALT. 3.49

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.54	HORA 21.03
ALT. 0.67	ALT. 0.65

# 13

13 — Sábado. — Cinco chagas de Cristo.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.50	HORA 16.10
ALT. 3.72	ALT. 3.57

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.30	HORA 21.41
ALT. 0.53	ALT. 0.54

# 14

14 — Domingo. — S. Valentim. — Feira de Sarzedas.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.20	HORA 16.46
ALT. 3.78	ALT. 3.61

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.07	HORA 22.21
ALT. 0.45	ALT. 0.48

# 15

15 — Segunda-feira. — SS. Faustino.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.57	HORA 17.19
ALT. 3.79	ALT. 3.61

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.40	HORA 23.00
ALT. 0.43	ALT. 0.50

# 16

16 — Terça-feira. — Santa Juliana.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.31	HORA 17.58
ALT. 3.75	ALT. 3.56

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.20	HORA 23.40
ALT. 0.48	ALT. 0.57

# 17

17 — Quarta-feira. — Fuga de Cristo para o Egípto. — S. Silvino.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.13	HORA 18.32
ALT. 3.65	ALT. 3.46

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.04
ALT. —	ALT. 0.61

# 18

18 — Quinta-feira. — S. Si-meão.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.55	HORA 19.20
ALT. 3.50	ALT. 3.32

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.12	HORA 12.47
ALT. 0.73	ALT. 0.80

# 19

19 — Sexta-feira. — S. Conrado. — Quarto minguante às 23 h e 48 m.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.51	HORA 20.20
ALT. 3.30	ALT. 3.19

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.11	HORA 13.41
ALT. 0.91	ALT. 1.00

# 20

20 — Sábado. — S. Eleutério.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.59	HORA 21.31
ALT. 3.14	ALT. 3.10

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.20	HORA 14.58
ALT. 1.08	ALT. 1.16

# 21

21 — Domingo. — S. Félix.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.20	HORA 23.00
ALT. 3.06	ALT. 3.14

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.44	HORA 16.24
ALT. 1.17	ALT. 1.19

# 22

22 — Segunda-feira. — Santa Margarida.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.42	HORA —
ALT. 3.14	ALT. —

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.11	HORA 17.42
ALT. 1.10	ALT. 1.08

# 23

23 — Terça-feira. — S. Pedro Damião.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.17	HORA 12.51
ALT. 3.33	ALT. 3.33

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.21	HORA 18.44
ALT. 0.90	ALT. 0.90

# 24

24 — Quarta-feira. — S. Matias. — Feira de Abrantes.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.19	HORA 13.56
ALT. 3.58	ALT. 3.56

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.11	HORA 19.35
ALT. 0.67	ALT. 0.69

# 25

25 — Quinta-feira. — S. N.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.10	HORA 14.40
ALT. 3.83	ALT. 3.75

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.00	HORA 20.20
ALT. 0.47	ALT. 0.50

# 26

26 — Sexta-feira. — S. Alexandre. — Feira de Arronches. — Lua nova às 18 h e 24 m.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.02	HORA 15.22
ALT. 4.00	ALT. 3.88

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.48	HORA 21.02
ALT. 0.34	ALT. 0.39

# 27

27 — Sábado. — S. Bartolomeu.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.40	HORA 16.04
ALT. 4.11	ALT. 3.92

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.35	HORA 21.47
ALT. 0.28	ALT. 0.34

# 28

28 — Domingo. — S. Torcato.

### MARÉS

#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.25	HORA 16.45
ALT. 4.11	ALT. 3.90

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.11	HORA 22.21
ALT. 0.30	ALT. 0.38

# 29

29 — Segunda-feira. — B. Cristina — Trasladação de Santo Agostiño.

### MARÉS


#### PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.02	HORA 17.23
ALT. 4.02	ALT. 3.78

#### BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.38	HORA 23.00
ALT. 0.41	ALT. 0.50





O mundo aprende lentamente e os homens esquecem depressa. Depois de 6.000.000 de judeus mortos durante a última guerra, do «ghetto» de Varsóvia, dos campos de concentração de Auschwitz, Dachau, Buckenwald, poderia supor-se que o anti-semitismo tinha passado à história. Nesta fotografia, manifestantes parisienses, na sua maioria judeus, vão desfilar perante o monumento ao Mártir Judeu desconhecido como protesto contra a vaga de actos de vandalismo anti-semita que voltaram a assolar lamentavelmente a Europa.

# actualidades



O último batiscafo do prof. Piccard no qual seu filho Jacques, acompanhado pelo tenente Don Welsh, da Marinha Americana, desceu até 7.600 metros abaixo do nível do mar.

O desporto que, em Portugal, pouco mais passa de espectáculo é felizmente ainda praticado por muitos. Estes jovens de 12 anos disputam uma árdua partida de **badminton**, perto de Londres. E com alegria e saúde vão educando o corpo e o espírito.



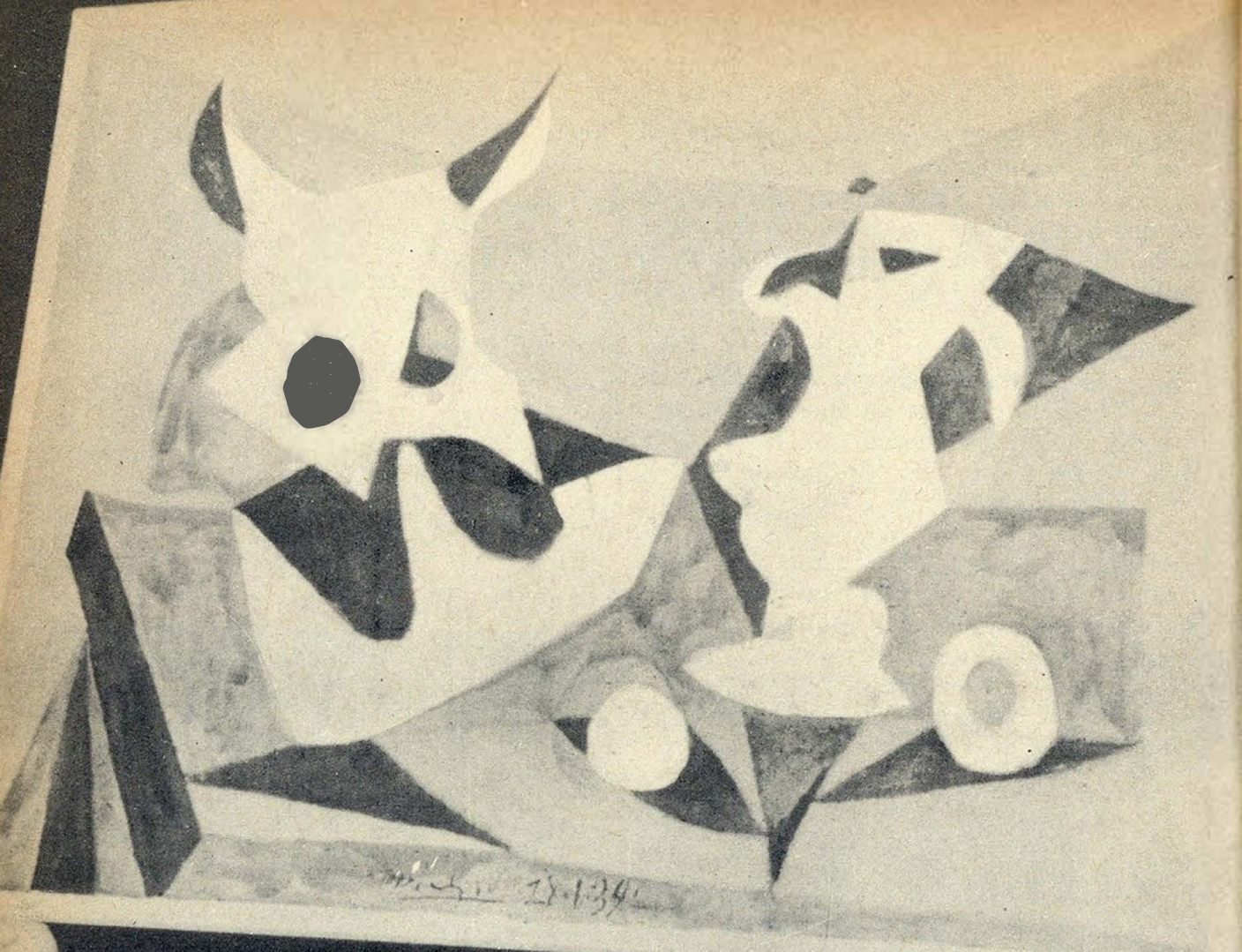


O dinheiro não dá felicidade. Mas é curioso observar a fenomenologia de que se rodeiam as suas variações. Estes senhores festejam a fortuna que coube a um deles, nos prognósticos do futebol, em Inglaterra. Ah, os bens deste mundo...

Casamento principesco em Paris, foi o de Françoise de Bourbon-Parma com Edward de Lobkowitz, príncipe da Boémia. Na fotografia os noivos chegam ao Hotel Ritz para o copo d'água. Os príncipes de sangue não se habituaram ainda a casar por amor.

«Oedipus Rex», texto latino de Jean Cocteau e música de Igor Strawinsky, vai ser levado à cena pelo Sadler's Wells de Londres. Na fotografia, o «Pastor», tal como o teatro moderno o concebe, dois mil e quinhentos anos depois de Sófocles lhe ter dado forma dramática.







A favor dos sinistrados de Fréjus, realizou-se uma venda de quadros na Galeria Charpentier de Pais. O total das transacções atingiu 1.107.000 francos novos. O quadro mais caro: 150.000 francos novos por «Cabeça de Touro e Jarro» de Picasso, pintado em 1934.

Em Rueil-Plaine, perto de Paris, os comerciantes resolveram experimentar o novo franco pesado francês e convidaram algumas crianças a fazer de caixeiros enquanto outras compravam os artigos. O novo franco, assim posto à prova, quatro dias antes da sua entrada em circulação, demonstrou ser de grande facilidade para uso prático. A cidade vai eleger de resto ao novo franco um monumento, cuja primeira pedra já foi lançada.

Rosalinda Anido e Carmelita Ramos, em trajos árabes e indo-malaios, fazem parte de uma companhia de **ballet** filipino que se está exibindo na Europa. O exótico — que não é mais do que os hábitos vulgares dos antípodas — continua a provocar pequenos calafrios na espinha dos burgueses ocidentais.



# actualidades



A maior companhia negra da actualidade, (70 músicos, cantores e bailarinos) leva à cena em Paris, «Free and Easy», espécie de Show musical, à moda da Broadway, que veio ser primeiro estreado na Europa. Na foto, a grande vedeta feminina de «Free and Easy», Irene Williams, cercada pelos melhores músicos de Harlem.

Peter Ustinov e sua mulher, a actriz franco-canadiana Suzanne Cloutier, chegam ao Odeon, em Leicester Square, Londres, para assistirem à estreia mundial do filme «O nosso agente em Havana». A fama é hoje fácil e curta — e o tempo engole rapidamente os prestigios. Gozemo-los pois enquanto existam.





# efemérides

## fevereiro através dos tempos



10 de Fevereiro de 1923

Morre Roëntgen. Num mundo como o nosso de hoje em que a radiologia se tornou auxiliar indispensável da medicina e de outros departamentos do saber humano, a presença de Roëntgen, seu descobridor, é constante. Não o podia talvez prever o sábio alemão, quando apresentou, em comunicação científica, a primeira radiografia.

Desde então, as técnicas muito evoluíram, aperfeiçoando-se em todos os seus pormenores. Mas aquela primeira vez em que o homem viu através dos corpos opacos — viu particularmente os ossos de uma mão intacta — permanece como um marco na evolução da história dos pequenos-grandes momentos emotivos da humanidade.



12 de Fevereiro de 1809

Nasce em Shrewbury, Inglaterra, Charles Robert Darwin, de uma ilustríssima família de cientistas que, antes — e depois — dele, deu alguns importantes nomes à história da ciência. Naturalista, após uma viagem pela América do Sul, feita na juventude, fixou-se em Inglaterra. A importância da sua obra é transcendente e, além de outros trabalhos, deixou-nos «**Da origem das espécies por meio da selecção natural, ou a preservação das espécies mais favorecidas na luta pela vida**». Toda a edição de 1.250 exemplares se esgotou no dia em que foi publicada, 24 de Novembro de 1859.

Os primeiros quatro capítulos explicam a operação da selecção artificial pelo homem e da selecção natural em consequência da luta pela existência.

O quinto trata das leis da variação e das causas de modificações alheias à selecção natural. Os cinco capítulos seguintes consideram as dificuldades levantadas pelos conceitos de evolução e de selecção natural. Os três restantes (omitindo a recapitulação final) tratam dos pontos a favor da teoria da evolução.

Nunca a evolução foi apresentada de maneira tão evidente, consubstanciada e segura como na obra de Darwin, que é a base dos modernos conceitos sobre o assunto, os quais dele se não afastaram nos pontos fundamentais.

A celeuma levantada pela obra foi enorme, tendo-se travado em todo o mundo científico acesas polémicas entre os pró-darwinistas e os antidarwinistas.

A propósito de si e do seu método de trabalho dizia Darwin: «Tenho firmemente tentado manter o meu espírito livre, de maneira a abandonar qualquer hipótese por muito querida que me seja (e não posso impedir-me de as formar a propósito de cada assunto) sempre que os factos aparecem opondo-se a ela».

Darwin morreu a 19 de Abril de 1882 e está sepultado na Abadia de Westminster.

### 13 de Fevereiro de 1883

Morre Wagner. Nascido a 22 de Maio de 1813 em Leipzig, o genial compositor alemão introduziu substanciais alterações na música dramática.

Com ele, começa a ópera alemã, que teria em Strauss o seu outro expoente máximo. Tendo ido buscar à mitologia teutónica os seus principais temas, Wagner escreveu ele próprio os libretos e as partituras das suas obras, dirigindo-as mesmo, muitas vezes, nas audições originais. Na época, a sua obra foi combatida por grande parte do público mas acolhida como genial por outra. O rei Luís

da Baviera tinha por Wagner uma veneração quase religiosa e, por protecção sua, pôde o compositor conseguir a independência económica de que necessitava.

A importância de Wagner transcendeu largamente o campo da música — a psicologia colectiva alemã da primeira metade deste século ressentiu-se da sua influência, tanto como da de Nietzsche.

### 17 de Fevereiro de 1564

Morre Miguel Ângelo. O genial escultor renascentista, por muitos considerado o maior de todos os tempos, foi também pintor, arquitecto e poeta. Dele reproduzimos um desenho e um soneto.

#### IN MORTE DI VITTORIA COLONNA 1547

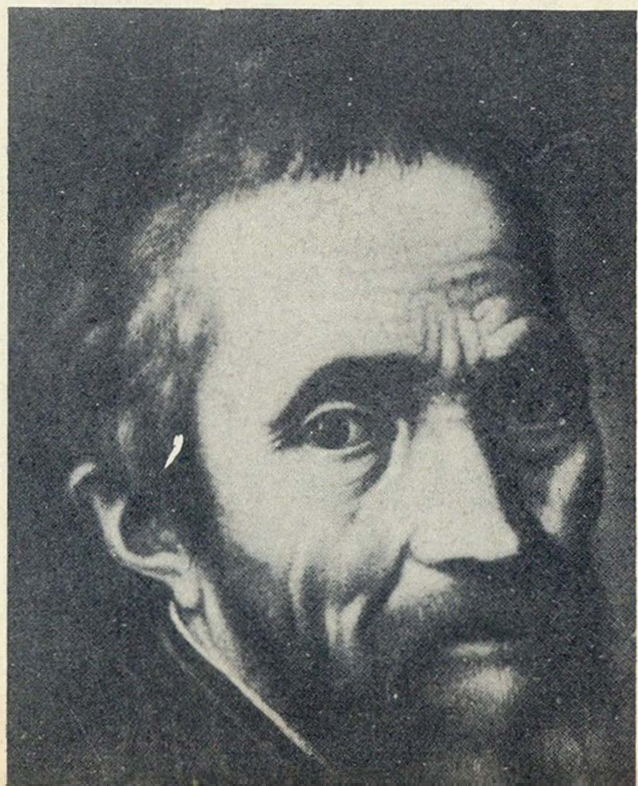
Se 'l mio rozzo martello i' duri sassi  
forma d'uman aspetto or questo or quello,  
dal ministro, che 'l guida iscorge e tiello,  
prendendo il moto, va con gli altrui passi;

ma quel divin, ch' in cielo alberga e stassi  
altri, e sè più col proprio andar fa bello;  
e se nessun martel senza martello  
si può far, da quel vivo ogni altro fassi.

Wagner



Miguel Ângelo



E perchè 'l colpo è di valor più pieno  
quant'alza più se stesso alla fucina  
sopra 'l mio, questo al ciel n'è gito a volo.

Onde a me non finito verrà meno,  
s'or non gli dà la fabbrica divina  
aiuto a farlo, ch' al mondo era solo.

### 17 de Fevereiro de 1610

Afonso de Albuquerque conquista Goa. De como decorreu essa façanha é sugestivo o trecho seguinte, extraído de uma carta do grande vice-rei a El-Rei D. Manuel I.

#### Narra a tomada de Goa

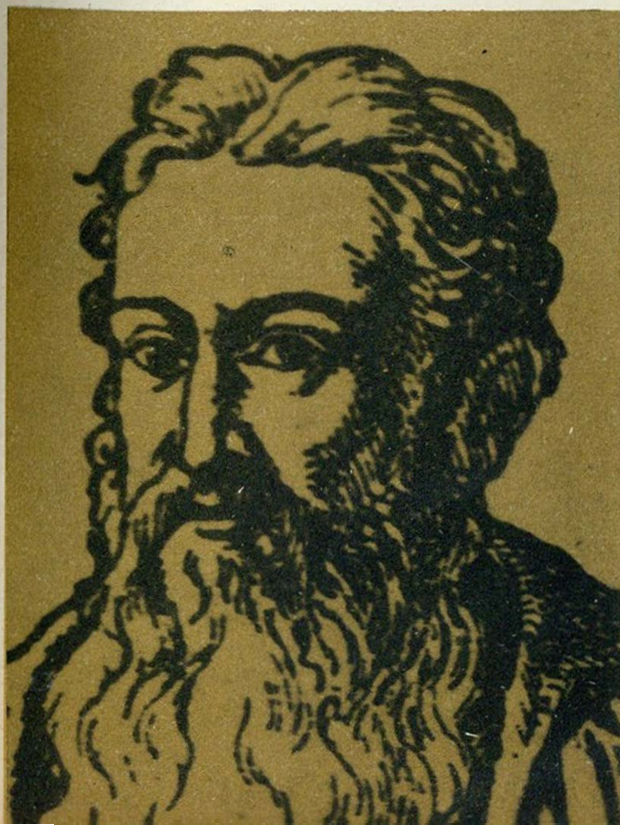
Na tomada de Goa e desbarato de suas estâncias e entrada da fortaleza Nosso Senhor fez muito por nós, porque quis que acabássemos um feito tão grande e melhor do que nós poderíamos pedir: ali faleceram passante de trezentos turcos, e dali até o passo de Benastarim e de Gondali por esses caminhos jaziam muitos mortos que escaparam feridos e caíram ali e outros muitos se afogaram à passagem do rio e muitos cavalos.

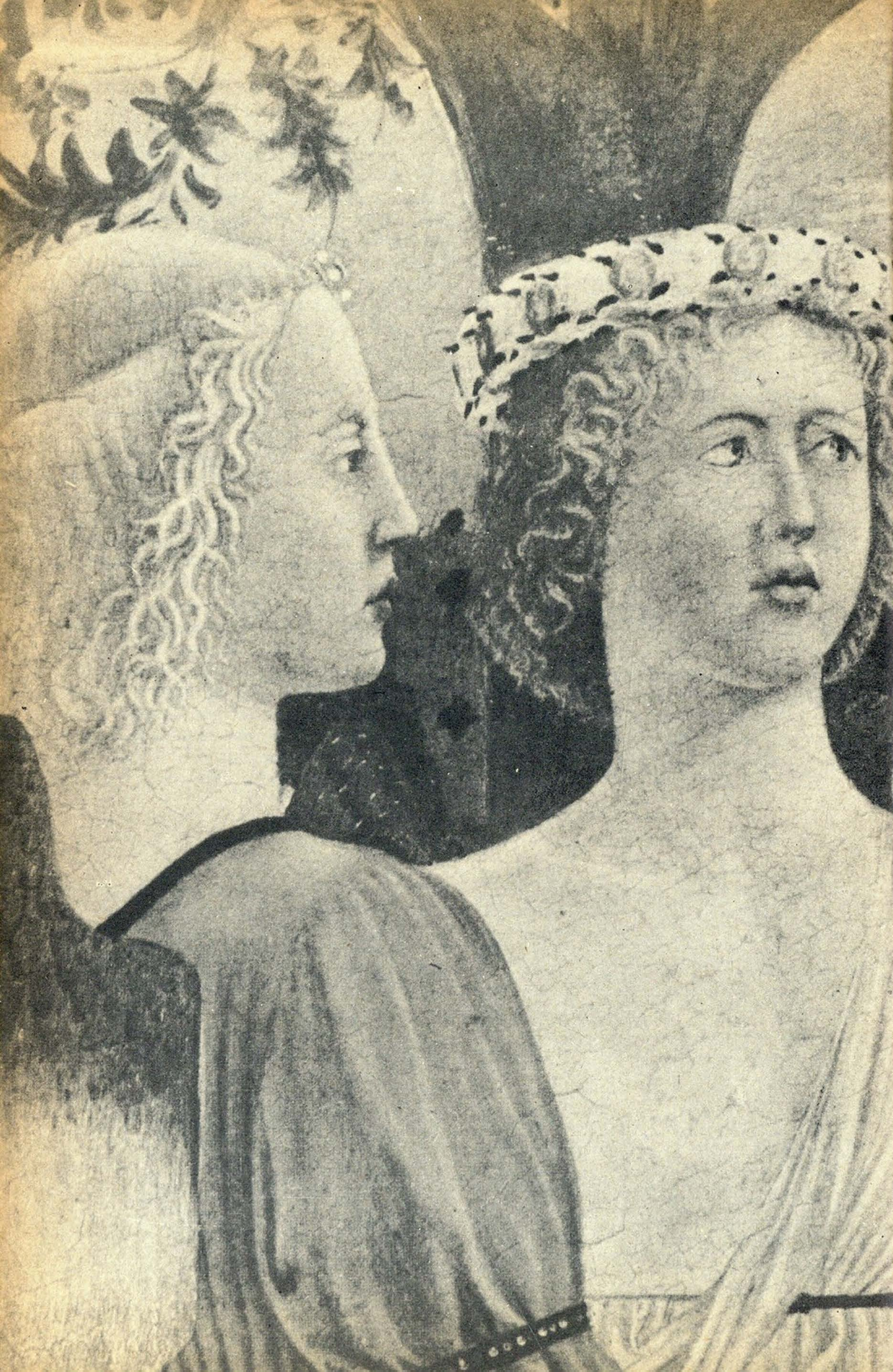
Depois queimei a cidade e trouxe tudo à espada, e por quatro dias continuamente a vossa gente fez sangue neles; por onde quer que os podíamos achar, não se dava vida a

nenhum mouro, e enchiam as mesquitas deles e punham-lhes fogo; aos lavradores da terra e brâmanes mandei que não matassem. Achámos por conta serem mortas seis mil almas e mouras, e dos seus piães archeiros, muitos deles faleceram: foi, Senhor, um feito mui grande, bem pelejado e bem acabado, e afora ser Goa uma tão grande cousa e tão principal, ainda se cá não tomou vingança de traição e maldade que os Mouros fizessem a Vossa Alteza e a vossas gentes, senão este, o qual soará em toda a parte, e com este temor e espanto fará vir grandes cousas à vossa obediência, sem nas conquistardes, e as senhoreardes: não farão maldade, sabendo que têm a paga mui prestes.

Alguns gentios, homens principais, a que os Turcos têm tomado as suas terras, sabendo a destruição de Goa, desceram da serra onde estão recolhidos, e vieram em minha ajuda e tomaram os passos e caminhos, e todos os mouros que escaparam de Goa trouxeram à espada, e não deram vida a viva criatura. Roubaram grande haver, porque tomaram todo o dinheiro do pagamento dos soldos que escapou de Goa, e mataram um turco homem principal que o levava, que era tesoureiro: nenhuma sepultura nem edificio de mouros não deixo em pé; os que agora tomam vivos, mando-os assar: tomaram aqui um arrengado, e mandei-o queimar.

Afonso de Albuquerque





# flos-sanctorum

## SANTA ÁGUEDA

Segundo diz Eusébio, regeu Décio o Império Romano dois anos e meio, e começou a imperar no ano do Senhor de 253, usurpando-o a Filipe, sendo capitão general do seu exército, porque voltando a Roma vitorioso dos Galos, e saindo o imperador Filipe a recebê-lo e a honrá-lo, ele enganosa e aleivosamente o matou, e fazendo-se aclamar logo pela milícia, entrou em Roma, publicando que, com zelo da honra dos deuses matara a seu Senhor, por se ter apartado deles, fazendo-se cristão, e moveu cruel perseguição contra os cristãos, martirizando muitos deles, e entre eles matou a Filipe, o filho do imperador.

Nesta perseguição de Décio, padeceu martírio em Cania, cidade da Sicília, a gloriosa Santa Águeda, virgem nobilíssima, formosa e muito constante na fé, sendo regente daquela província um gentio chamado Quinciano, homem de baixa sorte, sensual, avarento e idólatra. Este desejava prender Santa Águeda, tanto por se honrar com a prisão de uma mulher tão ilustre, como por cumprir seus diabólicos e sensuais apetites,

e roubar as muitas riquezas que ela possuía; e com estes intentos a mandou trazer perante si, mas achando-a firme na fé e no santo propósito, ordenou que a entregassem a uma má mulher chamada Afrodísia, que tinha sete filhas, torpíssimas e públicas mulheres, para que mudassem o seu coração do santo propósito de cristandade e a inclinassem ao vício da sensualidade. Trinta dias a teve consigo Afrodísia, trabalhando quanto podia para a perverter e mudar de sua santa tenção, ora com mimos e branduras, ora com ameaças. Mas a Santa lhe dizia: Meu coração está assentado sobre pedra muito firme, e fundado sobre Jesus Cristo, filho de Deus vivo, e vossas palavras são como o vento, vossas promessas como a chuva que logo se desfaz, e vossos espantos como o rio que passa impetuoso, mas não poderão derribar o edifício da minha casa, que está fundado sobre firmíssima pedra; e chorava continuamente, rogando ao Senhor que a deixasse chegar à glória do martírio.

Vendo Afrodísia a fortaleza de seu coração, disse ao tirano: Mais facilmente se poderão abrandar as pedras, e o ferro tornar-se



chumbo, do que apartar-se a fé de Cristo do coração desta donzela. Ouvindo isto, o tirano a mandou vir à sua presença, e assentado na cadeira judicial, lhe fez estas perguntas: De que condição e qualidade és? Respondeu a Santa: Eu não somente sou fidalga, mas de nobilíssima geração como testifica o parentesco que tenho. Disse Quinciano: Se és livre e nobre, para que mostras nos costumes ser baixa e serva? Respondeu ela: Mostro ser serva, porque o sou de Jesus Cristo, e a verdadeira fidalguia e nobreza é ser serva e escrava deste Senhor. Disse o presidente: De duas coisas escolhe uma, ou sacrificar a nossos deuses ou morrer com diversos tormentos! Respondeu a Santa: Tal seja tua mulher, qual foi tua deusa Venus; e tal sejas tu, como Júpiter teu deus.

Injuriado Quinciano, a mandou esbofetear, dizendo que não fosse tão atrevida em falar contra o juiz. Ao que respondeu a Santa: Muito me admiro de ti, que te tens por discreto, e te injurias de te dizer que sejas tal como aqueles que adoras. Se tu e tua mulher vos afrontais de seguir a vida daqueles que adorais por deuses, por que razão lhe oferecerei eu sacrificio e honra? Disse o juiz: Não me detenhas com palavras escusadas, ou sacrifica aos deuses, ou serás morta com tormentos. Respondeu a Virgem: Se me ameaças de me lançar às feras, ouvindo o nome de Jesus se amansarão; se cuidas de me lançar ao fogo, o Senhor mandará do Céu orvalho saudável que o apague; e se com os tormentos me ameaças, comigo tenho o Espírito Santo que me esforça e conforta e me livrará deles.

Vendo-se Quinciano confuso e afrontado diante de todos com as discretas palavras de Santa Águeda, a mandou levar ao cárcere, a qual ia para ele tão contente, como se fora convidada para algum grande banquete. No dia seguinte a mandou tornar à sua presença, e lhe disse: Que é o que resolveste acerca da tua saúde? Respondeu a Santa: Minha saúde é Cristo. Disse ele: Ainda ousas nomear Cristo? Respondeu a Santa: A Cristo nomeio, chamo e chamarei enquanto viver. Então a mandou o tirano pôr no equêleo, em cujo tormento disse a Santa: Assim me deleita esta pena, como a que ouve boa nova, e como a que se vê o que muito deseja; pois assim como não pode ser recolhido o trigo no celeiro, sem primeiro a palha ser trilhada, assim não pode minha alma entrar no pa-

raiso do meu Deus, com vitória do martírio, se meu corpo não for atormentado.

Irado com isto, o Juiz lhe mandou atormentar um peito, e depois lho fez cortar; e então lhe disse a Santa donzela: Tirano cruel e mau, não te envergonhas de ver cortar à fêmea o peito com que tua mãe te criou? Pois sabe que eu tenho peitos inteiros dentro da minha alma (isto é, entendimento e vontade) que consaguei ao Senhor desde minha meninice. Acabado isto, a mandou o tirano tornar ao cárcere, e que nenhum médico entrasse a curá-la nem se lhe desse de comer; porém, perto da meia-noite veio a ela um velho em figura de médico, e diante dele um mancebo (isto é um Anjo) com uma tocha acesa na mão, e diversas mèzinhas na outra, e disse à Santa: Filha, quando padecias estes tormentos, aqui estava eu; mas agora venho para te curar e dar saúde. Respondeu a Santa Águeda: Nunca pus em meu corpo mèzinha carnal, e muito feia coisa seria quebrantar o que até agora guardei, pois tenho a meu Senhor Jesus Cristo que só com a sua divina palavra sara todas as coisas; se Ele quiser, Ele me dará saúde. E recusando ela receber a mèzinha, sorrindo-se o velho, disse: Meu Senhor Jesus Cristo me mandou a ti. Eu sou o seu apóstolo, e sabe que no Seu nome hás-de ser sã. Subitamente desapareceu o apóstolo S. Pedro, e a Santa deu graças a Deus pela celestial visita, e saúde que logo recebeu. Vendo os guardas tão grande claridade no cárcere, fugiram espantados, deixando as portas abertas. Alguns rogavam à Santa que se fosse, e ela respondeu: Não farei tal coisa, para que não perca a coroa de paciência; e para que não ponha os guardas em tribulação.

Dali a quatro dias, mandou Quinciano trazer a Santa perante si, e lhe disse que adorasse os ídolos, por que não sofresse maiores tormentos. Respondeu a Santa: Ó mísero sem juízo e sem entendimento, como queres tu que adore eu imagens de pau, e deixe o Deus do Céu, que me sarou? Disse Quinciano: Quem te deu saúde? Respondeu ela: Meu Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus. Disse o tirano: Ainda te atreves a nomear Jesus Cristo, não querendo eu ouvir esse nome? Responde a Santa: Chamarei a Jesus Cristo com o coração e com a boca, enquanto viver. Disse Quinciano: Agora verei eu se te sara o teu Cristo. Então mandou o tirano derramar telhas agudas e miudas, e

trazer brasas acesas e que a Santa, nua, se revolvesse sobre elas.

Sobreveio logo um tremor de terra, que de tal sorte abalou e comoveu toda a cidade, que caiu parte do muro junto daquele lugar onde eles estavam, e matou dois conselheiros de Quinciano; e concorrendo todo o povo com grandes clamores e alvoroço, diziam a Quinciano, que pelos agravos e tormentos injustos que dava à Santa, viera aquele terramoto. Quinciano, tendo grande medo, de uma parte pelo tremor de terra, e da outra pela discórdia do povo, a mandou atormentar no cárcere; e a Santa Virgem entrando nele orou assim: Senhor Jesus Cristo que me criaste e me guardaste até agora, fazendo que varonilmente trabalhasse em minha mocidade, apartando meu coração de toda a poluição, e ajudando-me a vencer os tormentos dos algozes, o ferro, as prisões e o fogo, e me deste paciência nas penas; rogo-vos que recebais agora o meu espírito. Tempo é, Senhor, que me mandeis deixar esta vida, e ir à Vossa misericórdia. E dizendo estas palavras deu o espírito ao Senhor a 5 de Fevereiro do ano 253, sendo Décio imperador.

Os cristãos tomaram seu corpo, ungiram-no com preciosos unguentos, e puseram-no em uma nova sepultura. Depois de o sepultarem veio súbitamente um Anjo em forma de mancebo, vestido de branco, ao qual seguiam mais de cem mancebos muito formosos, vestidos também de branco, e chegando ao sepulcro da Santa, lhe pôs na cabeceira uma tábua de mármore em que estavam esculpidas estas palavras: *Mentem sanctam, spontaneam, honorem Deo, et patriae libera-*

*tionem*, que querem dizer, segundo Santo Antonino: Teve alma santa, de sua vontade se ofereceu, deu honra a Deus, e livrou a pátria. Ouvindo muitos judeus e gentios este milagre, começaram a venerar o seu sepulcro. Depois disto, indo Quinciano a inquirir da fazenda de Santa Águeda, para tomar posse dela, passando em um barco, onde iam dois cavalos, começaram a relinchar e a dar coices, de modo que o lançaram no rio, onde nunca mais apareceu.

Daí a um ano, depois do seu martírio, saiu um grande rio de fogo de um monte que está junto da cidade, e abrasava tudo o que encontrava. Os gentios vendo isto, foram ao sepulcro de Santa Águeda, e tomaram a cortina com que estava coberto, e puseram-na diante do fogo, o qual logo parou, e não pôde passar adiante. Este milagre aconteceu muitas vezes.

Destá Santa Virgem diz Santo Ambrósio no Prefácio: Esta foi virgem nobre e bem-aventurada, que mereceu dar a seu Senhor glória de louvor pelo sangue do martírio. Esta é Santa gloriosa, enobrecida com duas coisas de grande preço, porque na aspereza dos tormentos mereceu ser visitada e curada pelo Apóstolo S. Pedro, e subiu ao Céu a seu Esposo Jesus Cristo, e mereceu ter serviços singulares no seu enterramento, manifestando o corpo dos Anjos a santidade de sua alma, e o livramento da terra. Oh, nobre e gloriosa virgem, cuja virtude confirmaram os milagres, e cuja santidade honraram os espíritos bem-aventurados; porque desprezando as bodas da terra, mereceu ser coroada do Céu por Jesus Cristo nosso Salvador.



# Flori- cultura



Resolvemos apresentar este mês aos nossos leitores algumas noções sobre estufas que nos parecem úteis e são extraídos dos melhores autores especializados na matéria. Aqueles que puderem, devem pois construí-las nos seus jardins, os restantes aprenderão a conhecer melhor a sua utilidade.

## ESTUFAS

A estufa é um recinto envidraçado e aquecido, onde certas plantas de climas quentes beneficiam, permanente ou temporariamente, dum meio mais favorável.

No primeiro caso as estufas são verdadeiramente abrigos de conservação. As plantas dispõem aí, durante toda a sua vida, de condições climáticas mais convenientes. No segundo caso, as estufas desempenham o papel de grandes estufins e, como tal, destinam-se à multiplicação, à forçagem e, dum modo geral, ao cultivo ou protecção periódica, durante certas fases da vida, das plantas que requerem cuidados especiais; neste caso as estufas dizem-se de cultura ou de multiplicação.

É possível ainda uma única estufa conju-

gar as funções dos dois casos precedentes.

A estufa deve ser instalada num local tanto quanto possível abrigado dos ventos.

As suas dimensões são variáveis com o número e, também, no caso das estufas de conservação, com o porte das plantas a abrigar.

As paredes são constituídas pelo soco, que pode ser de alvenaria ordinária ou tijolo (normalmente 70 a 80 cm de altura) e sobre o qual assenta uma estrutura que, como a armação do telhado, é revestida de chapa de vidro. Esta chapa deve ser plana, por uma questão de economia.

A estrutura ou esqueleto pode ser de ferro, de cimento armado, mas quando de madeira reúne um maior número de vantagens.

A cobertura pode ter uma ou duas águas. No primeiro caso a estufa é mais económica, pois encosta geralmente a uma parede de alvenaria já existente. As estufas deste tipo devem ser totalmente expostas ao sul, pois reçoem assim o máximo de energia calorífica proveniente da irradiação solar; a luz, porém, não é uniformemente distribuída. No caso de a cobertura ter duas vertentes, a orientação da estufa deve ser norte-sul, para

máximo e melhor aproveitamento daqueles dois elementos.

O valor do ângulo de inclinação das vertentes, do qual depende a maior ou menor concentração dos raios solares e assim o valor da intensidade luminosa no interior da estufa, deve apresentar um valor médio de 30° a 40°.

Nas estufas de conservação destinadas geralmente à cultura de plantas em vasos, existem usualmente duas prateleiras laterais, separadas por um caminho central, ou, se a estufa é de maiores dimensões, existe uma terceira prateleira central, ladeada por duas passagens. A altura destas prateleiras é normalmente de 90 cm, a largura das laterais de 1 m, e da central de 1,40 a 2 m.

Sobre as prateleiras estende-se uma camada de cinza ou de areia, onde se assentam ou enterram os vasos. Pela sua capacidade calorífica, esta camada conserva por largo tempo o calor fornecido pela tubagem de aquecimento que passa sob as prateleiras.

Nas estufas de multiplicação existem geralmente duas bancadas laterais, constituídas por dois muretes entre os quais se coloca uma cama de terra vegetal e areia, onde directamente se fazem as sementeiras, enraizam as estacas, etc., que devem ser cobertas com vidraças.

Também nestas estufas se podem cultivar algumas plantas destinadas a produzir flor para corte.

Neste tipo de estufa, a terra vegetal envolve a tubagem de aquecimento. Como auxiliar, ou para se obter um suplemento de calor, podem preparar-se simultaneamente camas de fermentação.

O aquecimento das estufas pode ser natural, isto é, pela simples irradiação solar, por termo-sifão ou pelo vapor a baixa pressão. Outros sistemas, como a electricidade, a lenha, o petróleo, o ar quente, etc., estão postos de parte, por serem de fraco rendimento ou pelos seus efeitos prejudiciais às culturas.

O aquecimento pelo sol é irregular, sobretudo durante o Inverno. As estufas apenas com este sistema de aquecimento mantêm, no entanto, uma temperatura suficiente para proteger um grande número de plantas dos rigores do frio. Servem geralmente como estufas de conservação.

O termo-sifão consta essencialmente duma caldeira ligada a uma tubagem de ferro ou

cobre, formando o conjunto um circuito fechado onde circula água quente. Um pequeno reservatório com água assegura a alimentação, e uma válvula situada no ponto mais elevado do circuito, dá saída ao ar acumulado na tubagem. A água, aquecida na caldeira, entra em circulação e perde parte do seu calor nos tubos que, por irradiação, aquecem a estufa.

O calor fornecido é suave e uniformemente distribuído. É o sistema preferível para as pequenas instalações.

O aquecimento pelo vapor, embora de instalação menos dispendiosa, apenas deverá ser utilizado em grandes estufas de forçagem, isto é, quando for necessário transportar o calor a grandes distâncias. A distribuição do calor nunca é uniforme e a temperatura média para cada caso torna-se dificilmente regulável.

No nosso clima, as estufas são geralmente aquecidas de Novembro a Abril e, conforme a temperatura média que conservam durante esse período, ainda se classificam como estufas frias (5° a 7° C), temperadas (10° a 15° C) e quentes (18° a 30° C).

Além do aquecimento, é necessário assegurar a renovação periódica do ar viciado das estufas; pequenas janelas, de abertura regulável, abertas nas paredes laterais e na cobertura, permitem, pela corrente de ar que entre elas se estabelece, maior ou menor arejamento.

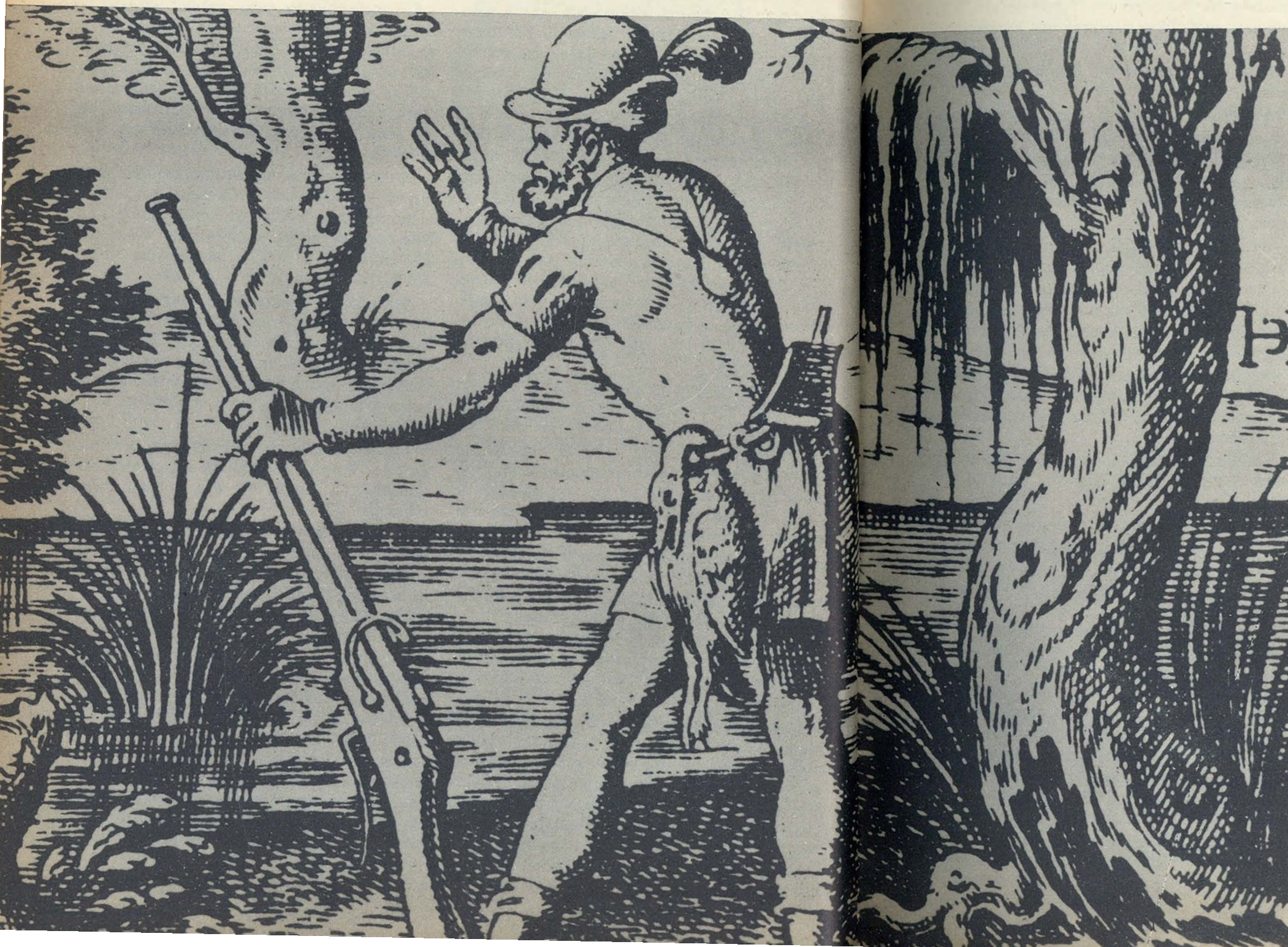
Para o ensombramento utilizam-se esteiras ou telas, que se desenrolam a partir da parte superior da estufa ou que correm sob as vidraças.

A rega convém ser feita com água à temperatura do ambiente. Para o efeito, no interior das estufas deve existir um depósito com água e que pode ser também aproveitado para a cultura de algumas plantas aquáticas de estufa.

Particularmente no que respeita ao mês de Fevereiro devem semear-se, ao ar livre, manjericos, valverdes, malmequeres, amores perfeitos, alecrim de Hamburgo, artemisas, assembleias, azederache, azeiro e canaico; cortar os rebentos de agapanto e plantá-los logo; plantar cebolinhas de angélica, anêmonas, balustras, beladonas, begónias, bordões de S. José, caracoleiros, trepadeiras, jasmineiros, craveiros e alecrim de Hamburgo; pôr estacas de baunilha, alecrim e buxo e mergulhar os azares.

# CAÇA

afinal... era boato



Quando, no nosso artigo do mês passado, chamámos ao mês de Janeiro, em relação à caça, o mês do «Adeus às Armas» parece-nos que em boa verdade fomos um nadinha precipitados.

Não, quando afirmámos que a grande massa de caçadores tipo «vulgaris de Lineu» ia depor as armas.

Cansada e algum tanto desiludida com a pobreza da temporada, mas sim, e muito principalmente quando não concedemos à minoria privilegiada e optimista, que iria manter-se na brecha, toda a real valia que afinal tem.

Com o mesmo entusiasmo dos primeiros dias de Agosto, quando sobre as roliças e inocentes codornizes começaram a fazer chover dilúvios de escomilha esses dilectos filhos de Huberto, que santo foi, alegres e incansáveis continuam a atirar a tudo quanto a lei lhes consente despejando cartucheiras e enchendo cintas, sacrificando devotos à deusa hecatombe.

E o certo é que o estralejar da fogachada em lesírias, serras e pantanais parece manter uma intensidade tal que só muito dificilmente se poderá aperceber da maciça deserção dos «vulgaris de Lineu».

É esta valente rapaziada que aguenta e aviva o sagrado fogo do grande culto, que insensivelmente me obriga a pensar:

Foram homens como estes que expulsaram os mamutes da Europa, acabaram com os ursos das cavernas e quase exterminaram as intermináveis legiões de bisontes nas imensas pradarias norte-americanas.

Foram homens como estes que conseguiram a mudança de vários rumos migratórios conquanto tudo o determinasse e deram azo à necessidade da criação das reservas tipo parque Krueger, onde os pobres bichos possam gozar de algum descanso, livres do constante perigo do chumbo assassino.

Aí valentes!

É para eles que a lei se agita, por vezes, fazendo concessões algo pitorescas.

Deliciosa lei que quando, por acaso, acorda pergunta a si mesma, apreensiva, se não será já um bom pedaço tarde.

Foi por estes e muitíssimos outros considerandos, que não nos cabe agora evocar, que somos agora forçados a concluir que, ao julgarmos Janeiro, cometemos o grave delito de escusada precipitação.

Em Fevereiro, só até 15, valha-lhes isso

lindas bicudas, continuam a poder-se caçar galinholas, o que, diga-se de passagem, nada tem de pecaminoso a não ser pelas chamadas à gula que a evocação do trigueiro e ruivo passaroco constantemente nos faz.

Foi para elas que a lei abriu a «perturbadora» excepção de consentir o emprego do simpático perdigueiro, ou qualquer outro cão de parar.

Encantadora e «inocente» concessão que tantos sobressaltos causa a outras aves que se julgam no defeso e se vêem constantemente molestadas pela imprevisita presença dos senhores do «bom nariz».

Em Fevereiro continuam a caçar-se palmípedes e bem assim toda a sorte de plumosos bípedes que tenham a desdita de pertencer, mesmo por laços de infinitesimal parentesco, à grande tribo dos abibes que, do norte derivada, procura entre nós tranquilidade e vida.

Nos montados e pinhais do sul do Tejo e nos concelhos de Castelo Branco, Vila Velha de Ródão, Idanha-a-Nova e Penamacor, continua-se, tal como nos findos meses, a poder caçar aos pombos bravos, não esquecendo, porém, que a partir do fecho geral da caça apenas se poderão caçar à espera e sem cão.

Convém ter-se sempre em conta que a partir do termo geral da caça os caçadores não poderão nunca deslocar-se dos locais da espera com as armas carregadas ou escorvadas.

Quantos dos devotos de Diana farão assim?...

...Talvez ainda sejam bem menos do que aqueles em que estão a pensar...

### «A ABIBE»

Ao escolhermos esta ave como a caça do mês, não obedecemos a qualquer critério definido, mas unicamente a uma especial simpatia, que nos ficou pela sua graciosidade, na qual só agora reparamos, desde os velhos tempos em que, munidos duma Flobert de 9 mm, nos cosíamos com sebes e canaviais, procurando chegar-lhe a tiro.

Era difícil, mas muitas vezes acontecia. E sempre que acontecia era uma festa em que nos sentíamos mais importantes que reis, ao agitarmos nas desajeitadas mãos aquele leve corpanzil que, no entanto, comparado com os melros e pardais do costume, saía francamente engrandecido.

Bons tempos que não voltam mais.

O abibe ou a abibe, o artigo fica ao gosto do leitor, também conhecido ou conhecida por avecoinha, pataninha, bécua, ave fria, coim, verdinzela, choraleira, matuninha, mula, bibes, pendre, águas-neves ou abecinha, quase um nome por cada região onde aparece, é um bonito pássaro em que o macho adulto se distingue pelos tons vivos da sua plumagem e pelo belo penacho que lhe presta ao todo o seu quê de aristocrático.

A plumagem do dorso é de um verde bronzeado e as asas, de um verde escuro, com reflexos metálicos e negros na extremidade das remiges.

O peito e o ventre são de um branco imaculado.

As pernas, compridas e finas, têm uma bonita coloração vermelho-acastanhada.

De Agosto a Novembro, uma muda completa despe os machos de parte dos seus encantos dando-lhes uma plumagem semelhante à das fêmeas.

Outra muda parcial em Fevereiro restitui-lhes todo o antigo esplendor.

Com uma altura de cerca de 35 cm e um peso médio de 200 gramas, têm um bico de 23 a 26 milímetros e uma envergadura de 70 a 73 centímetros.

Originária do Norte da Ásia, cria-se não só aí mas também numa extensa área da Europa, que vai desde a Escandinávia ao Norte da França.

Em Portugal há sempre um diminuto número de abibes que se conserva durante todo o ano.

No entanto é com as primeiras geadas em princípios de Novembro que começam a chegar em grandes bandos, para só regressarem às terras do Norte nos primícios da Primavera.

Alimentando-se de larvas, insectos, vermes e grãos, ao verem-se privadas dos seus manjares de todos os dias pela queda das primeiras neves, deixam os países nórdicos e, acosadas pela fome, percorrem grandes distâncias em busca de terras de climas amenos onde o Inverno, menos rigoroso, lhes não torne a vida num suplício.

Chegadas a Portugal tomam posse de prados e lameiros, onde a comida não escasseia.

Durante o dia, espalham-se em pequenos grupos que se dispersam pelos campos, para só voltarem a reunir-se ao cair da noite,

altura em que se banham e matam a sede nas águas mais próximas.

Quando se desloca a pé, fá-lo devagar acompanhando cada um dos seus movimentos com um balançar de cabeça deveras gracioso.

Esse seu andar lento e pausado não significa de forma alguma apatia ou falta de agilidade. É antes a deslocação cautelosa de quem procura.

Assim que encontra qualquer ser vivo de que seja gulosa, verme ou insecto, o abibe parece transtornar-se correndo, então, ágil e velozmente a acometer o apetecido petisco, que dificilmente lhe escapará.

Quando levantam voo, soltam um pequeno grito plangente e alongado, deveras característico e deslocam-se batendo as longas asas com certa lentidão.

Essas longas asas, que lhe permitem fazer as mais extraordinárias acrobacias, não são no entanto capazes de lhe imprimir grandes velocidades.

São asas de viajeiras; de caminheiras da fome que em demanda das «terras da promessa» atravessam mundos e mares nas eternas rotas de incontáveis gerações.

A sua postura, normalmente de 4 a 5 ovos, é feita no chão aproveitando quaisquer acidentes de terreno e tendo em bem pouca conta o seu resguardo, o que, de certo modo, facilita a sua caça, que é feita gulosamente em alguns países em que são muito apreciados.

Na Holanda, por exemplo, país das grandes planuras encharcadas e de sua muito especial predilecção, são consumidos em grandes quantidades, o que muito naturalmente influirá no decréscimo que se vai acentuando de ano para ano no volume dos seus bandos.

Quanto a nós, o abibe é uma ave simultaneamente fácil e difícil de caçar.

Fácil quando chegam das longas jornadas, magras e famélicas e que, ansiosas por se refazerem, apenas pensam em comer, dando menos atenção aos caçadores que delas se podem aproximar bastante mais do que o usual.

Fácil quando passam a tiro pelo caçador emboscado, ou acidentalmente ao seu alcance, pois o seu voo relativamente lento dá-lhes pouca defesa.

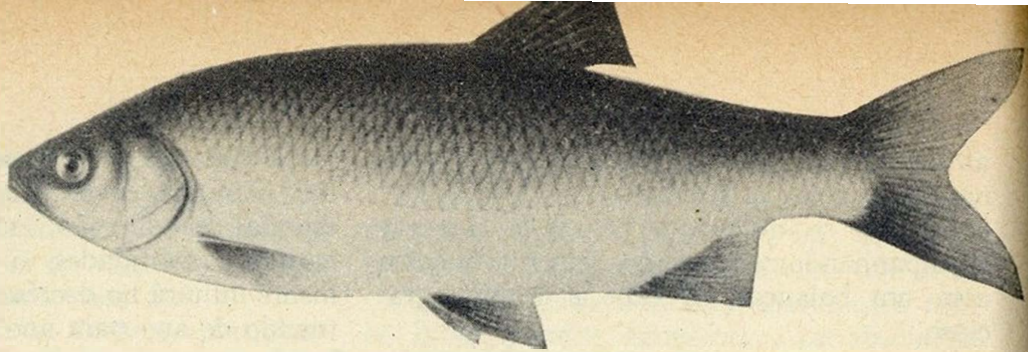
Difícil quando refeitas se tornam cautelosas só permitindo aproximação até à casa dos 50 a 60 metros por mais cuidados que haja em nos servirmos dos acidentes do terreno como capa protectora.

De carro, desde que se não avance descaradamente direito a elas, pode chegar-se com facilidade a alcance de tiro.

Há quem os cace imitando o seu grito, o que, conseguido com perfeição, é um chamariz que pode dar excelentes resultados.

Devemos acrescentar, à laia de conclusão, que só quando se tornam difíceis têm interesse, quer como ave de desporto quer como canja ou estufado em perspectiva.





## Pesca e as vacas magras continuam

Para sermos quase exactos se quisermos classificar Fevereiro como mês de pesca, teremos de dizer, como o hoje tão vulgaríssimo amigo Banana, que não é melhor nem pior do que Janeiro, antes pelo contrário.

E com isto, que tão pouco diz, definem-se bem as possibilidades do mês do Carnaval.

Como únicos atractivos, Fevereiro apenas conta com uma possibilidade e uma quimera.

Uma possibilidade de boas pescarias na costa algarvia para os que lá vivem e para aqueles a quem a vida deixa tempo e dá dinheiro para lá irem.

(Que esta coisa de ir pescar ao Algarve não vale a pena a menos que se possa fazer com alguns dias de folga para estar... e pescar).

O Algarve continua a ser para a pesca costeira o paraíso de quase sempre.

Da pedra, com engodo de sardinha fresca, podem-se conseguir magníficas alcofadas em que as principais vítimas são as fataças (as famosas liças algarvias) e os robalos, que nesta quadra carnavalesca parece tornarem-se particularmente foliões, isto sem contar com o mestre sargo que, pescado como deve ser, também pode dar bons ares da sua graça.

No resto da costa o panorama não sofre qualquer alteração em relação ao mês do Ano Novo:

Uns dias piores, uns dias melhores, mas geralmente maus, em que só a poder de alcofadas de ouriços se consegue sacar das águas algumas razoáveis pescarias de sargos.

O segundo atractivo do mês são as trutas que festivamente abrem no dia 15.

Rainha incontestada das águas interiores, de todos os países do mundo onde existe e onde o refinamento da arte de pescar atingiu as culminâncias, é infelizmente em Portugal uma quimera, que em tal a tornaram os furtivos, as indústrias poluídas e a indiferença e quase inexistência da fiscalização.

Não gastaremos aqui mais tinta, nem tempo em sua defesa, tanto e tantos o têm feito melhor e mais criteriosamente do que nos seria possível.

Esperaremos tranquilamente que a consciência nacional, que nos parece já vai começando a abrir um olho, desperte por completo e então, quem sabe, se não for já demasiadamente tarde, talvez essa quimera se possa converter em realidade.

E essa realidade significará para os pescadores de trutas e para aqueles que nisso se possam converter, em horas e horas de inenarrável prazer, e para o País numa afluência de divisas que um bem orientado turismo (veja-se o belo exemplo dos nossos vizinhos espanhóis) fará carrilar e pesar na Economia Nacional.

No entanto, muito embora todos os pescadores de trutas pensem mais ou menos como nós, todos se preparam para o grande dia.

Revêem-se as truteiras, desensacam-se os carretos, examinam-se as botas, dispõem-se com requintes de carinho as plumas e os açanos nas caixinhas... E quando a hora chega avançam para os rios frementes de emoção, que passadas algumas horas se vai convertendo em desalento, e que acaba quase sempre por determinar algumas escassas capturas (felizes daqueles que mesmo isso conseguem) a golpes da desprezível e tão desprezada minhoca.

E quando, ao fim da tarde, regressam a penates quase sempre desiludidos pela perda duma esperança que apesar de tudo tinham, pensando tristemente naquelas trutas que não pescaram, naquelas trutas «que não estavam lá» acabam às vezes, que ironias do destino, por topar com alguma velha ementa de pleno defeso que em sublinhado lhes diz: prato do dia — «Trutas à moda do Minho».



# os destinos do Mês



## o homem de Aquário

O homem nascido no signo de Aquário (entre 20/21 de Janeiro e 18/19 de Fevereiro, conforme o ano) tanto pode ser vaidoso e falador, como reservado e calmo.

Possui sentido de comando e utiliza-o num sentido de remodelação ou de renovação das coisas. Os seus pensamentos vão além dos planos correntes do mundo; procura a verdade acima de tudo e guia-se pelas suas próprias conclusões.

Pode, por vezes, não aceitar as convenções correntes nem as regras habitualmente admitidas. É indiferente às opiniões alheias, mes-

mo que elas se refiram à sua conduta; ama a vida e a liberdade, a sua liberdade... Tem quase sempre a paixão pela verdade e procura-a. O seu sentido humanitário revolta-o contra as injustiças. Sabe reconhecer os seus erros e faltas, mas não aceita que eles lhe sejam apontados.

O seu espírito é curioso e a intuição é grande, chegando mesmo, em muitos casos até ao ilogismo. Gosta de sofismas e das coisas abstractas. Tem horror aos caminhos muito trilhados. Gosta de criar, ou pelo menos de modificar. As suas ideias são por vezes opostas e contraditórias.

O homem do signo de Aquário é um ser complexo. Mesmo nos combates de espírito deixa-se guiar pelos sentimentos. Neste aspecto é quase sempre romântico. Nos momentos de perigo actua com coragem e denodo por vezes inconcebíveis. A fortuna é-lhe indiferente, reconhecendo-lhe embora a importância.

A alma dum homem de Aquário está cheia de reminiscências o que lhe dá a faculdade de se adaptar sem grandes esforços. É por vezes absurdo, consciente ou inconscientemente. Diz-se que esta condição existe devido a estar além do século em que vive.

Quando toma a peito uma causa, dê lucro ou prejuízo, segue-a até ao fim, contra tudo e contra todos. Citemos ao acaso alguns nomes de indivíduos célebres nascidos no Signo de Aquário: Almeida Garrett, Gomes Freire de Andrade, Padre António Vieira, Lord Byron, Julio Verne, António Feliciano de Castilho, Lincoln, Guttenberg, Edison, Gago Coutinho, Ampère, Mozart, Schubert, etc., etc.

#### DIFERENTES TIPOS DE « AQUARIO »

O **aquariano** que se apresente modesto e tímido, oculta no fundo o seu orgulho íntimo. Pode apresentar-se com uma delicadeza exagerada e extraordinária paciência. Gosta da meditação solitária e tem horror à violência. Possui o sentimento artístico, um pouco boémio e algo negligente. Um outro tipo de **aquariano** é o indivíduo grosseiro ou rude que, dum maneira geral, actua finalmente pela violência. O seu orgulho está «à flor da pele». Vive pelas sensações e pelos seus próprios pensamentos. Há outro género de **aquariano** muito desconcertante. É bastante polido e firme, mas rude às vezes. Sabe dizer amabilidades ou ser rude sem

considerar as circunstâncias. Tanto as diz ao varredor da rua, como a um intelectual lareado. É hábil e sentimental. Gosta de dirigir e comandar. Não pode suportar posições secundárias. Tem estima pelas suas faculdades, mas não se importa de cair no ridículo, porque sabe logo retomar a sua posição. É normalmente estimado, pois é — apesar de certas atitudes rígidas que toma — simples e afectivo, recto e devotado. Gosta de ser popular, mas aborrece-se com a popularidade.

#### VIDA FÍSICA E INTELECTUAL

A força do **aquariano** é puramente afectiva e, no plano físico, não possui grande resistência. Apesar disso é capaz de executar trabalhos pesados e desportos violentos. Não pode aceitar obstáculos, porém, quando esgotado recupera difficilmente a saúde. Os olhos, o estômago e as pernas são frágeis. Pode vir a sofrer de varizes devido à circulação do sangue e a erupções de pele, como eczemas, etc. Tem normalmente a incoerência de prejudicar a saúde com doentias manias ou vícios.

A actividade mental à infatigável. Gosta de procurar, investigar, para satisfazer a sua curiosidade e para encontrar coisas novas. Seu desejo é descobrir. Gosta do estudo, não do estudo obrigatório, mas do de sua livre iniciativa. Tem imaginação viva o que lhe permite ultrapassar os limites comuns dos problemas que aborda. É eternamente um estudante, mas gosta de aprender pelos seus próprios meios independente da escola, devido à sua insaciável curiosidade. Aprende mais facilmente por conversação do que pelos livros.

Possui a vivacidade de espírito do Signo de Gémeos e a exuberância do Signo de Sagitário. Espírito aberto à grande universalidade.

#### A ESCOLHA DUMA CARREIRA

O **aquariano** tem numerosos talentos, desde a pintura e a música à literatura. Muitos poetas, pintores, músicos e actores (especialmente de comédia) têm nascido no Signo de Aquário. Com o seu desejo da novidade são capazes de abranger as mais díspares actividades.

No plano científico, os trabalhos de laboratório e investigação, onde a intuição seja

necessária a sua competência tem provado. As novas profissões (electricidade, rádio, etc.) têm nele um bom elemento. É hábil, por exemplo, como operador de rádio.

## ADAPTAÇÃO — DINHEIRO E FUTURO

O poder de adaptação do **aquariano**, como se disse, é grande, por isso facilmente se cinge a qualquer profissão. A sua instabilidade, porém, não lhe permite conquistar posições de prestígio. Prefere os próprios resultados às distinções honoríficas.

O dinheiro é-lhe indiferente até ao momento em que necessite dele. Deve lutar contra esta tendência de menosprezar os bens materiais.

Quanto ao futuro, o mundo complicado em que vive um **aquariano** faz perder as numerosas ocasiões que se apresentam durante a existência. Embora saiba conciliar os extremos, e descobrir as novas coisas ou modificar as velhas dando-lhe actualidade, o seu destino é sempre agitado e incerto.

## AFECTIVIDADE E EMOTIVIDADE

Os sentimentos são a fonte do poder de acção dos **aquarianos**. Amando totalmente a liberdade, chegam a esquecer-se de si próprios, (Georges Washington, Abraam Lincoln, Roosevelt, nasceram no tipo do Aquário).

O gosto da independência obriga-os a dispersar as suas faculdades.

## O CARÁCTER

A sua natureza é transparente mas por vezes difícil de ser compreendida devido aos saltos de humor e algumas tendências menos avisadas. É sujeito a cóleras bruscas e a súbitos silêncios.

## SUAS AFEIÇÕES

A sua natureza emotiva é difícil de compreender, a sua sociabilidade é por vezes superficial. Todas as manifestações são espontâneas, e as suas relações têm por base a amizade. Vive das suas simpatias e das suas aversões. Sacrifica-se pelos amigos. As decepções vivem nele e, não as esquece, mas não guarda rancor.

## OS AMORES

O **aquariano** ama instintivamente, por isso é difícil de ser compreendido. Uma vez é sentimental em exagero; outras frio ou indiferente.

O seu espírito necessita de alguém que o acompanhe e lhe dê harmonia intelectual.

Emoções fortes mas passageiras. A sua sensibilidade comporta os extremos.

## O CASAMENTO

No casamento o **aquariano** é extremamente prôgressivo. Pensa, no entanto, sinceramente na liberdade individual do seu cônjuge, porém, ele é a primeira lei e o primeiro direito como homem. As convenções sociais e outras formalidades e cerimónias não levam a melhor da sua maneira de ser.

No casamento o **aquariano** crê no seu cônjuge e quer que este creia nele.

## A MULHER DO SIGNO DO AQUÁRIO

Quando raparigas, possuem mais imaginação que razão. É a experiência que lhes ensina a contactar com a realidade. O seu sentido de independência é grande e mesmo quando casam não o perdem totalmente, por isso sofrem quando se julgam incompreendidas pelo respectivo cônjuge.

São boas camaradas e, neste caso estupidamente companheiras. As contrariedades indispoem-nas. Na vida em comum mostram-se sensíveis, atentas e compreensivas. São caprichosas e tem frequentes modificações de humor.

## CRIANÇAS DO AQUÁRIO

As crianças são amáveis mas teimosas, sofrendo de cóleras imprevistas.

O espírito é rápido e poucas coisas lhes passam despercebidas. Não gostam da rotina. Mesmo na escola tentam alterar o convencional.

Nunca se deve punir uma criança do Aquário (seja qual for o sexo) sem que se lhe explique a razão da punição. Elas jamais esquecem, se se julgarem vítimas de uma injustiça.

# astrologia

pelo Prof. Carlos Radini

## AQUARIO

De 20 de Janeiro  
a 18 de Fevereiro



A partir dos meados do mês, Marte encontra-se no seu signo, prezadíssimo leitor. Isto significa que vai actuar de maneira decisiva na sua personalidade, muito em especial nalguns sectores das suas actividades, e das suas relações sociais.

**Trabalho e economia — dois aspectos em perigo.** — Deve ter em atenção todo e qualquer compromisso que tomar durante o mês de Fevereiro, pois mesmo as promessas sem importância podem trazer graves aborrecimentos e complica-se com outros problemas. De resto, prevêem-se fortes contrariedades na sua vida profissional, devido a atitudes impulsivas ou a falhas inesperadas nos seus planos de trabalho.

Por outro lado, Neptuno, de quem depende a boa administração das suas finanças, entra, retrógrado, a partir do dia 10. Cautela, pois, nas despesas. Sobriedade nas compras e atenção, muita atenção, a qualquer empreendimento arriscado. Se nos é permitido um conselho, ele aí vai: durante este período, nada de riscos. O melhor ainda

será deixar passar o tempo e resistir às oportunidades que durante ele possam surgir...

...E, como compensação, muito amor e amizade. — O povo costuma dizer que a sorte ao jogo e aos negócios é incompatível com a felicidade nos amores. Neste caso, a sentença cumpre-se de maneira evidente. Júpiter percorre todo o mês de Fevereiro o seu sector de amizades, enviando bons aspectos a Mercúrio. Mas não vale a pena grandes entusiasmos: as inúmeras oportunidades que se lhe vão deparar para fazer amigos não redundarão de um modo geral, em resultados muito regulares. As amizades conquistadas serão na maior parte superficiais e pouco duradouras. Os amores, esses é que terão uma época excepcional, mas unicamente a partir de 21.

## PEIXES

De 19 de Fevereiro  
a 20 de Março



Na aparência, e só na aparência, Fevereiro será para os indivíduos deste signo, um mês dinâmico. Mas se tiver o cuidado de analisar a sua actividade, reconhecerá que, além de irregular, esse dinamismo pode, por excesso de imaginação ou por teimosia autoritária, levá-lo a conclusões erradas.

**Ainda a parte económica...** — O sector financeiro não se apresenta muito risonho para si. Até ao dia 23 as coisas não irão muito mal neste campo e, em relação a amizades, poderá até obter alguns triunfos menores, entre os quais, pequenos auxílios e colaborações, e a solução de pequenas pendências que se arrastaram entre pessoas das suas relações. A partir dessa data, porém, Marte entra numa conjuntura astrológica tal que lhe pode garantir dificuldades financeiras, com que deve desde já contar.

**Amizades ambíguas e amores sem equilíbrio.** — Vénus, a partir do dia 21, encontra condições desfavoráveis ao bom equilíbrio sentimental. Por sua vez, Saturno, governador das amizades, depara com um ambiente perigoso no capítulo que lhe diz respeito, sendo de todo o bom-senso recomendar a maior calma e a maior habilidade no trato com pessoas a que esteja ligado por amizade recente.

**CARNEIRO**De 21 de Março  
a 19 de Abril

Fevereiro não é de um modo geral adverso aos indivíduos deste signo, que terão nestes 29 dias uma época excepcional para cultivar amizades que se relacionem com problemas financeiros. Com excepção dos dias 15, 16 e 17, em que a conjunção Marte-Vénus actua excessivamente na sensibilidade destas pessoas, pode considerar-se um período invejável aquele que se lhes segue e antecede.

**Mas nem tudo são rosas** — Sim, este mês, tão agradável sob os aspectos materiais para os nascidos sob o signo do Carneiro, trará graves apreensões no que respeita à saúde, ao amor e ao trabalho.

Na verdade, Mercúrio, transitando do signo dos Peixes a partir de 8 deste mês, encontra sinais de perturbação de saúde, principalmente naquelas doenças de que já se tenha tido sinais crónicos. O aspecto profissional terá os seus aspectos inesperados que, no entanto, se resolvem com grande facilidade, principalmente se houver o cuidado de evitar exageros de palavras e assomos de atitude.

**Amores difíceis.** — A sua personalidade leva-o a intransigências desnecessárias. Os excessos de imaginação sem espírito inventivo põem-no aqui também em cheque e o capítulo sentimental há-de fatalmente acusar essa tendência por exagero, o que quer dizer que pode cair em injustiças e em «arrufos» sentimentais se não se armar de uma calma indispensável.

**TOURO**De 20 de Abril  
a 20 de Maio

Muito em especial no que se refere a trabalho e êxitos profissionais, o clima astrológico mostra-se francamente favorável a partir do dia 21 para as pessoas nascidas sob este signo. Prevê-se-lhes no fim do mês um apreciável relevo social e mundano.

Mercúrio, dominando o sector da amizade, garante bons apoios aos projectos dependentes das boas relações e das influências sociais.

**O amor contra os excessos de personalidade.** — A sua personalidade pode jogar com

uma série de factores, entre os quais uma certa intolerância para com aqueles que lhe têm amor. Valer-lhe-ão, em situações de dificuldade, a compreensão e a devoção dos outros.

Esta possibilidade de remediar situações revela-se também noutros campos. Até ao dia 10 as associações e os acordos de qualquer ordem podem proporcionar satisfações de grande interesse. Tudo quanto se relacione com ligações no estrangeiro ou com problemas intelectuais e filosóficos encontra até ao dia 23 uma época propícia.

**GÊMEOS**De 21 de Maio  
a 20 de Junho

Logo no início do mês, Mercúrio, que governa o seu signo, encontra-se em posição oposta à do seu nascimento, e em particular se a data do seu aniversário se verifica entre 11 e 20 de Junho. São previsíveis algumas dificuldades no tocante a assuntos em que interfiram pessoas associadas consigo em negócios. Porém, a partir do dia 8 as suas ambições podem efectivar-se desde que use de maior precaução e se decida, sem desânimos, a seguir uma rota precisa para atingir um objectivo.

**O lar não compensa...** — A Lua no signo de Capricórnio a governar os lares não se apresenta com as melhores disposições. As diferentes configurações planetárias podem, apesar disso, proporcionar alguns resultados desde que lhe venham por intermédio de terceiros, quer por heranças, quer por bens trazidos por cônjuges ou associados.

À parte esta possibilidade, a vida do lar não compensa as suas arrelias e os seus esforços e, pelo contrário, agravar-se-á com a tensão nervosa que os problemas vão criando em si.

**CARANGUEJO**De 21 de Junho  
a 22 de Julho

A sua indecisão habitual pode comprometê-lo nesta época do ano. O excesso de imaginação e as ideias utópicas vão durante o mês tentá-lo com solicitações fáceis, sendo

mesmo possível que por vezes se desorienta, não só em relação aos problemas práticos que lhe vão surgir, como em relação a si próprio.

**No aproveitar está o ganho.** — Este mês é tanto mais importante para si quanto é certo que, sendo ele de um modo geral pouco favorável para quem nasce sob o signo do Caranguejo, apresenta no entanto boas oportunidades nos primeiros dias, no que respeita a trabalho profissional. Nesse período breve a sua inteligência e a sua actividade encontram um bom ambiente astrológico. Saiba aproveitá-lo.

**Sentimentalismo, onde páras?** — Personalidade a mais e sentimentalismo a menos, eis o que determina Marte, o planeta que rege os seus amores. Nada de confusões, porém: em matéria de casamento, o planeta que regula o seu signo é Saturno e esse, como se apresenta sob aspectos duvidosos na casa astrológica que governa, pode proporcionar-lhe atrasos e obstáculos. Um conselho: não tome por enquanto qualquer decisão importante sobre assuntos directamente ligados ao matrimónio.

## LEÃO

De 23 de Julho  
a 22 de Agosto



Com excepção do último decanato, isto é, com excepção das previsões referentes a quem nasceu entre 13 e 22 de Agosto, o Sol em Aquário abre perspectivas novas e de muito interesse, quer para os problemas em curso, quer no tocante a novas iniciativas que se prolonguem no futuro.

**Para si, chegou o momento.** — O mês abre com bom aspecto do Sol conjugado com Saturno, Mercúrio e Urano. Tais aspectos garantem-lhe muito boas condições para levar agora a cabo certos projectos sobre os quais se tem mostrado hesitante. Agora, antes que seja tarde...

Se bem que o sector sentimental seja governado por Júpiter e não acompanhe este seu signo com êxitos tão retumbantes como nos outros sectores, não seria justo queixar-se dele, porque também no capítulo «Amor» as coisas lhe irão correr pelo menos sem novidade. Pode mesmo contar com alguma surpresa agradável.

**Finanças incertas mas sorte.** — O dinheiro adquirido à custa dos seus méritos próprios pode criar-lhe complicações. A sua personalidade incita-o a tomar atitudes orgulhosas e a menosprezar a parte económica em relação a um problema que o espreita ou que há muito se mantém em suspenso e que, durante Fevereiro, se lhe porá de maneira decisiva. A partir do dia 8, o sector «finanças» já não dependerá exclusivamente de si. Caberá aos outros resolver os problemas económicos, não a si.

É possível, mesmo muito possível, que se apresente um golpe de sorte, em especial para quem tenha nascido nos dois últimos decanatos, isto é, entre 3 e 22 de Agosto. De resto este mês traz esplêndidas indicações do «acaso» (lotarias, jogos, etc.) entre os dias 6 e 8.

## VIRGEM

De 23 de Agosto  
a 22 de Setembro



Neptuno, que há tempos lhe vinha marcando uma posição bastante definida no sector da «vida prática», tem a partir do dia 10 configurações astrológicas tais que não lhe permitem tomar atitudes precipitadas. Ponderação, portanto. As coisas vistas «pela rama» se deram algum resultado até aqui, deixarão de o dar no futuro. Mas, se pelo contrário, se preocupar em estudar atentamente as questões e se dedicar, com grande atenção, apenas a negócios especulativos ou a prazo longo, naqueles, em suma, em que o lucro não seja imediato, colherá proveito.

**Amigos de ocasião.** — Venus pode proporcionar no decorrer do mês amizades agradáveis mas de pouca utilidade. Não as hostilize, porém. Contenta-se em usar de prudência perante certas manifestações de simpatia que lhe possam surgir de pessoas até aqui mais distantes de si ou de novas relações que venha a estabelecer.

A partir do dia 2, o clima astrológico poderá abrir uma ligeiríssima excepção, dando-lhe possibilidades de amizades que lhe sejam úteis unicamente no seu sector profissional.

**Amores confusos.** — É a casa V do Horoscopo que se refere aos seus destinos sentimentais. Saturno, que segundo as tradições mitológicas nada tinha de sentimental, apa-

rece precisamente nessa casa. Sinal pouco favorável, como é de prever... Por outro lado, a Lua, em conjunção no dia 23 e em oposição no dia 7 dá indícios de instabilidade e de confusão amorosa, indício reforçado pelo facto de Venus se encontrar em conjunção no dia 7.

Estas disposições, porém, tornam-se favoráveis para as pessoas com mais de 40 anos.

## BALANÇA

De 23 de Setembro  
a 22 de Outubro



A actividade prática dispõe aqui de vários sectores em que se aplique. Os ganhos apreciáveis que nesta época pode tirar estão muito dependentes, no entanto, do seu bom-senso.

Até ao dia 10 terá a seu favor toda uma série de elementos, devendo apenas saber escolher entre os que não passam de fantasias irrealizáveis e os de finalidade prática. e sentido de organização.

«Lar, doce lar». — Saturno, no signo de Capricórnio, apresenta-se com bons aspectos em relação ao seu planeta governante (Venus) e isso determina um curso favorável às satisfações domésticas ou, pelo menos, atribuindo-lhe possibilidades de modificações, arranjos e aquisições vantajosas, no sentido de o tornar mais acolhedor.

**Viagens: Nada a assinalar.** — Prevêem-se perspectivas de viajar mas não se entusiasme: apenas as deslocações por motivos profissionais lhe darão satisfações e, essas mesmas, de ordem prática. Qualquer viagem de recreio, traduzir-se-á, pelo menos, num passatempo sem interesse, até sob a ameaça de riscos de saúde.

## ESCORPIÃO

De 23 de Outubro  
a 21 de Novembro



**Certa instabilidade geral, procurando fixação.** — Neptuno, que até ao dia 10 se mantém directo, entra, a partir dessa data em sentido retrógrado. Os seus esforços, nessa altura, poderão encontrar um ponto de aplicação estável, o que até aí não é provável.

Os amigos poderão ajudá-lo, sobretudo a partir do dia 8.

**Pequenos problemas familiares.** — A partir do dia 23, Marte encontra-se no seu sector familiar o que o favorece mas dando-lhe ao mesmo tempo certa impaciência e nervosismo. Como o planeta que governa o signo e a actividade se encontra em quadratura, actua mais fortemente naqueles que nasceram de 23 de Outubro a 1 de Novembro — isto é, no primeiro decanato.

**Amores imprevistos.** — Mercúrio entra no dia 8 em sector de negócios e de amor de maneira extremamente favorável, mas Neptuno vem dificultar as condições a partir do dia 10. A melhor altura é entre o dia 6 e o dia 8 em que Júpiter se aproxima de molde a poder propiciar-lhe certa sorte que se apresentará, porém, de maneira imprevista.

## SAGITÁRIO

De 22 de Novembro  
a 21 de Dezembro



**Terá bom equilíbrio físico e psíquico.** — O seu dinamismo natural parece encontrar disposição favorável dos astros, no sentido de ser útil à resolução dos seus problemas. Até ao fim do mês, Júpiter — seu planeta principal — mantém-se no seu signo. Pode pois pôr em prática os seus projectos — que terão a sua possível realização em fins de Agosto.

**Estabilidade financeira.** — A sua experiência auxilia-lo-á a manter certa segurança financeira. Não esquecerá este mês as lições do passado. Assim o futuro não tenha que lhas fornecer.

**Grande actividade em variados sectores.** — O princípio do mês assinala grande actividade intelectual. A partir do dia 6, são, porém, os problemas práticos do quotidiano que aparecem mais favorecidos pelos astros.

**Frieza afectiva.** — Terá tendência — mesmo na sua vida sentimental — a governar-se mais pela cabeça do que pelo coração, Isto fará à sua volta um certo afastamento mesmo da parte daqueles que mais ama. Se não insistir tanto em marcar a sua personalidade será certamente mais feliz.

**CAPRICÓRNIO**

De 22 de Dezembro  
a 19 de Janeiro



**Estão favorecidos os aspectos práticos da vida.** — A partir do dia 8, Mercúrio, que rege a inteligência quando aplicada aos aspectos práticos da vida, entra numa casa astrológica de eleição, dando-lhe poucas perspectivas no que diz respeito a negócios e doações, com importantes consequências materiais. É talvez a altura de procurar consolidar a sua posição profissional.

**A vida sentimental e a personalidade em conflito.** — Vénus, que lhe virá dispensando os seus favores até ao dia 15, no que diz respeito à sua vida amorosa, poderá ver prejudicada essa influência pela sua personalidade demasiado marcada. Deve procurar abdicar um pouco — **contemporizar** mesmo nos pontos que não sejam fundamentais.

**Vida social.** — O signo é propício a certo relevo social, na sua roda de amigos ou até em relações mais distantes. São de esperar mesmo triunfos mundanos, particularmente se tiver nascido entre 22 e 31 de Dezembro, isto é, no primeiro decanato.

## quirológia

As mãos de um homem desprovidas de pêlos visíveis a olho nu revelam uma deficiência de constituição, uma insuficiência de vitalidade ou de virilidade. A falta de pêlos anuncia também deficiências de carácter ou de personalidade e, por vezes, tendências efeminadas.

Naturalmente se examinarmos a mão duma pessoa loira notaremos os pelos pouco visíveis, porém, eles devem existir de forma normal.

Para se fixarem ideias neste capítulo lembremos os «eunucos» que ficavam sem personalidade, devido à castração que lhes era feita ao atingirem os seis anos de idade. As

mãos e o corpo destes indivíduos eram praticamente isentos de pêlos, e a alguns até lhes cresciam os seios como às mulheres.

Como é óbvio, a falta de pêlos não obriga às características citadas, porque para isso teremos de confrontar outras particularidades. Dum modo geral, a falta de pêlos indica qualquer condição menos normal, física ou psíquica, que se confirma ou não com o estudo completo da mão.

### EXCESSO DE CABELOS NAS MAOS

Tudo que é excessivo é mau. Sabemos, através de estudos práticos, que certos indivíduos que poderemos denominar de «cabeludos» nada têm de masculinidade. A teoria indica, porém, que o excesso de pêlos é um atributo de virilidade, ou de vitalidade excepcional. Isto não significa que um homem com as mãos muito peludas seja excepcionalmente constituído, porém, dá a tendência (se outros factores se pronunciam no mesmo sentido) de ser mais propenso ao amor carnal do que capaz do amor terno e sentimental. O excesso de pêlos dá também instabilidade de carácter e, em particular, falta de inteligência. É mais o artifice do que o intelectual.

### MAOS NORMALMENTE PELUDAS

As mãos que possuam cabelos normais indicam sempre uma boa constituição, actividade e vitalidade normais.

Para evitar erros de interpretação, ao observar-se uma pessoa de cabelos castanhos, deve ter-se a mesma reserva do que para uma pessoa de cabelos loiros. Normalmente os «castanhos» parecem possuir mais pêlos do que os loiros, o que é um erro de visão devido à pigmentação dos cabelos.

### DIMENSÕES COMPARATIVAS DOS DEDOS E DAS PALMAS DAS MAOS

Tem grande importância num estudo quirológico a dimensão dos dedos e das palmas das mãos. Entende-se por dimensões comparativas o comprimento dos dedos em relação com a palma da mão. É inútil insistir na mão ideal, que deve comportar dedos e palma proporcionais conforme já se indicou.



## ATRIBUTOS DOS DEDOS E DAS PALMAS DAS MÃOS

O cérebro reflecte-se nas mãos pelos «dedos», e o lado instintivo ou animal é apresentado pela «palma da mão». Digamos, até, que reflectem o indivíduo físico e o psíquico.

### DEDOS COMPRIDOS E PALMA DA MÃO VOLUMOSA

Os dedos compridos (em relação à palma da mão) indicam um ser mais cerebral, talvez mesmo mais inclinado à reflexão. As palmas volumosas, pelo contrário, indicam a acção, onde o instinto é mais acentuado. Isto não significa que o homem de dedos compridos seja mais inteligente do que o de dedos curtos. Às vezes dá-se o contrário. A observação ensinou-nos que, na obtenção de resultados práticos, o homem de «palmas» volumosas obtém melhores resultados, talvez pelo espírito de realização — o que não significa inteligência — e maior capacidade de passar rapidamente à acção do que o indivíduo de dedos mais compridos.

Na vida real encontra-se em maioria impressionante o homem que possui mais fortuna ou bens, com palmas volumosas e dedos menos longos do que o inverso. Apesar disso o de dedos mais compridos, desde que possua a palma volumosa acaba mais tarde por atingir o fim de riqueza ou bens que ambiciona. Geralmente, aquele que tem as palmas das mãos maiores do que os dedos atinge mais rapidamente o fim a que se propuser.

Aquele que tenha os dedos maiores do que a palma da mão reflectirá durante mais tempo, mas atingirá o objectivo de maneira mais lenta, porém, mais definitiva. O defeito principal é preocupar-se demasiado com pormenores às vezes sem importância, para atingir os fins em vista.

Para, de facto, se interpretarem estas mãos, necessitamos conhecer independentemente as características das palmas, dedos e unhas, etc. As bases gerais são as indicadas, que serão ou não confirmadas por cada uma das outras indicações.

### A FORMA DAS PALMAS DAS MÃOS

A largura da mão não deve escapar à nossa atenção. É este um dos pontos prin-

cipais no estudo quirológico, pois permite observar-se uma parte do carácter e o comportamento do indivíduo perante a vida.

### A LARGURA DA MÃO DEVE SER PROPORCIONAL AO SEU COMPRIMENTO TOTAL

A mão reflecte a alma do ser humano: os dedos, o lado intelectual; a palma, o instinto. Por outras palavras: a palma da mão é a «máquina» e os dedos os «maquinistas».

Quando a palma é volumosa, revela um ser dinâmico e activo mas que se deixa guiar mais pelos seus instintos do que pelo seu intelecto. Por consequência, revelam as características dum homem que age normalmente pela própria intuição.

Quase sempre, o homem que possua uma palma de mão volumosa, indica, além do instinto, um ser fogoso e mesmo violento ou sujeito a cóleras. Falará como pensa e, raramente, procura frases que atenuem a sua maneira de ser para conveniência alheia, devido à confiança que tem em si próprio. Num indivíduo honesto, a característica não é desfavorável. Num desonesto... os outros que digam!...

### PALMAS ESTREITAS E PEQUENAS

Esta forma das palmas das mãos têm forçosamente de dizer o contrário das volumosas e largas.

A palma da mão estreita é índice de firmeza e de espírito acessível.

A pessoa que possua a mão comprida e estreita não será capaz (se os outros elementos o confirmarem) de exercer actividades que obriguem a esforços físicos consideráveis. Terá, talvez, um pouco mais de audácia ou energia se os dedos forem curtos.

### A MÃO CAVADA

A mão nestas condições, em que a palma é profunda, indica duma forma genérica, ruína, miséria ou pobreza. Verificamos que a maioria dos mendigos têm a palma da mão cavada. Este caso dá-se também com pessoas de idade, porém, nestas circunstâncias, teremos de observar os seus pormenores.

Quase sempre os indivíduos de mãos cavadas possuem excesso de imaginação.

Os avarentos e pessoas que economizem ninharias por mania, podem possuir a mão cavada. Quase sempre esta mão é acompanhada por dedos curvos especialmente o índice e o mínimo.

Se porventura os dedos não são característicos, então o caso é diferente e esse indivíduo não é mesquinho. Pelo contrário, é extravagante ou despende dinheiro sem parcimónia.

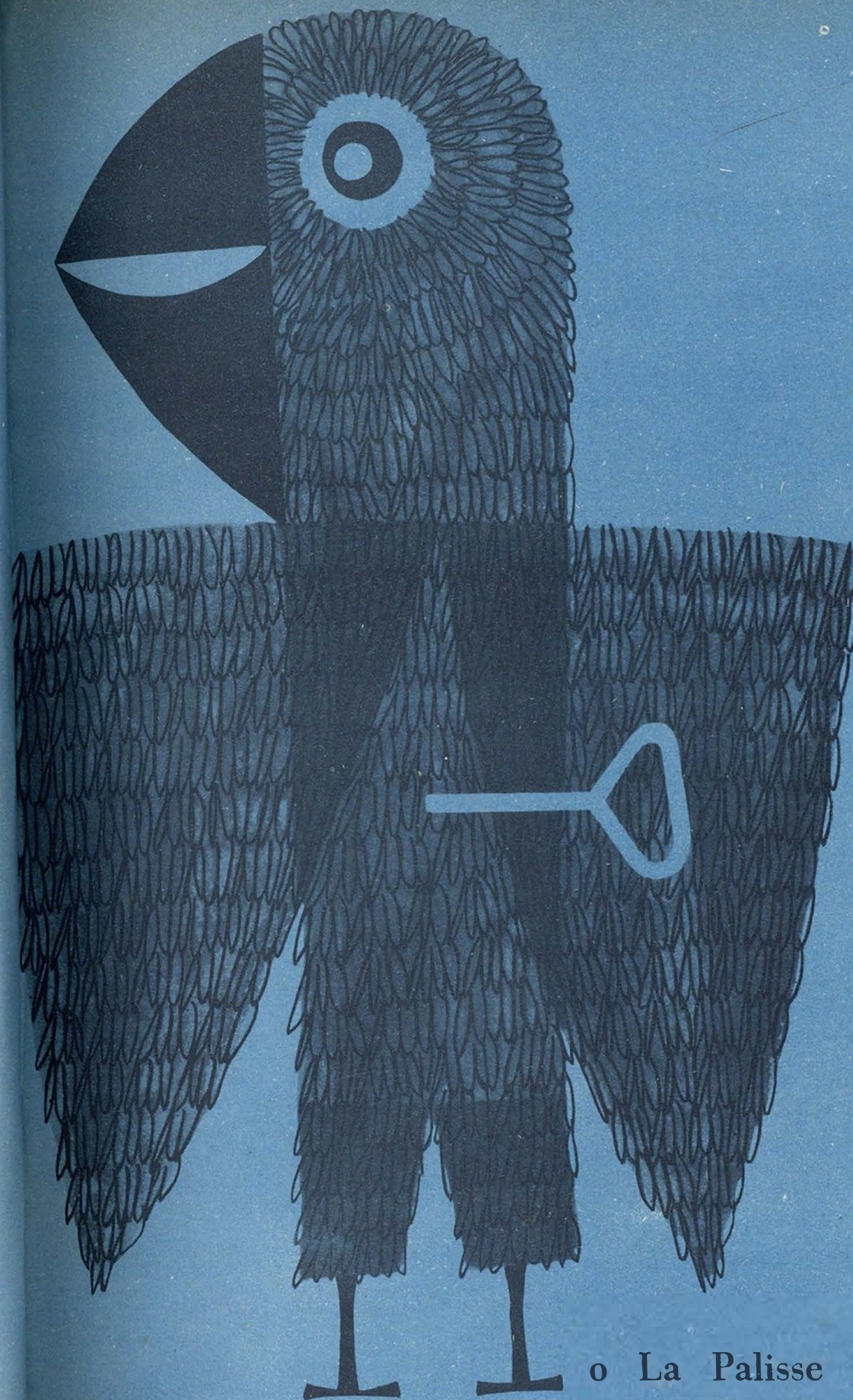
#### A FORMA DAS PALMAS DAS MÃOS

Ao examinar-se as dimensões das palmas deve verificar-se se estas são mais largas do que a base dos dedos, ou ao contrário, mais largas em referência ao punho. A interpretação neste caso é fácil: O que estiver mais próximo dos dedos indica intelectualidade, portanto, próximo à base dos dedos, intelectualidade evoluída, gostos refinados, intuição ou sensibilidade.

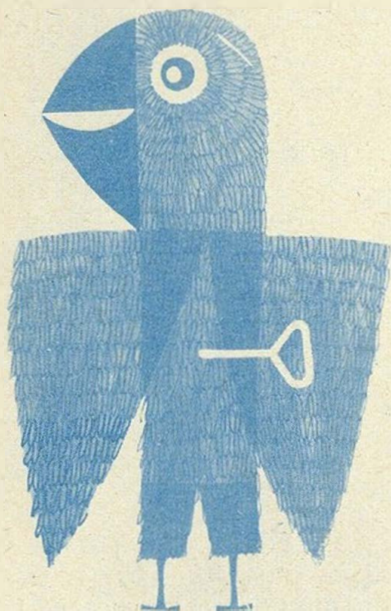
Se a base da palma da mão é mais larga que a parte superior, revelará gostos de ordem material, realismo e prazeres de ordem física ou somática. A mão rectangular, sem curva a partir do dedo mínimo ao pulso, raramente dá artistas ou habilidade profissional em mais do que um domínio. Ao contrário, quanto mais acentuada for a curva (claro sem exagero) mais sensibilidade artística ou habilidade existe.

Estas configurações nada têm que ver com a sensibilidade afectiva, pois são quase sempre um indicativo profissional ou artístico de acordo com outros factores que darão a confirmação.

## O Papagaio



o La Palisse da anedota



Brinquedo de papel usado pelos chineses antigos para libertarem a sua agressividade, emprega-se também o nome para designar o simpático pássaro sul-americano que todos nós conhecemos. São os papagaios muito úteis e práticos por juntarem às vantagens da fala a alta conveniência da estupidez — virtude cada vez mais rara entre os homens onde, graças aos antibióticos, à orientação profissional e aos acordos de desarmamento, a inteligência, graças a Deus, triunfa.

O papagaio não engana: repete quanto ouviu sem nada acrescentar. Os seus relatos podem pecar por laconismo mas nunca por excesso e o seu convívio é agradável e estimado. Pode ser vector na transmissão de uma doença grave, a psitacose (não confundir com bicos de papagaio). Há papagaios de várias cores mas estão a usar-se mais os verdes e amarelos. O papagaio alimenta-se como qualquer vulgar ave, não lhe dando a fala privilégios especiais neste campo.

## O PAPAGAIO DO PRÍNCIPE DE NASSAU

Um papagaio de extrema inteligência respondia a todas as perguntas que lhe eram postas. Era muito velho e tinha um porte imponente. O príncipe de Nassau uma vez mandou-o vir a fim de o poder admirar. Estava cercado de criados quando o papagaio chegou e disse:

— Quem são tantos homens brancos?

Perguntaram-lhe então se conhecia o príncipe. Respondeu imediatamente:

— É um general qualquer.

— De onde vens? — perguntou-lhe o príncipe.

— De Surinam.

— Que fazes lá?

— Guardo galinhas.

E, como o senhor de Nassau começasse a rir, o papagaio acrescentou:

— Estás a rir-te! Posso fazê-las também vir aqui. — Imitou então o grito daqueles que guardam galinhas e imediatamente meia dúzia delas entraram na sala.

## PAPAGAIOS CULTOS

Rodígimes lembra um cardeal que comprara por cem escudos ouro um papagaio que sabia recitar sem se enganar os Actos dos Apóstolos. Afirma-se, de resto, que outro destes pássaros servia de capelão num barco, dizia as orações aos marinheiros reunidos e recitava em seguida o rosário.

## O PAPAGAIO DE PSAPHON

Um certo Psaphon imaginou deificar-se através do seu papagaio. Ensinou o pássaro a dizer: «Psaphon é um Deus» e largou-o numa floresta cheia de papagaios que passaram a repetir a frase de tal maneira que alguns índios que nela habitavam se chegaram a convencer da divindade de Psaphon.

## O PAPAGAIO DE HENRIQUE VIII

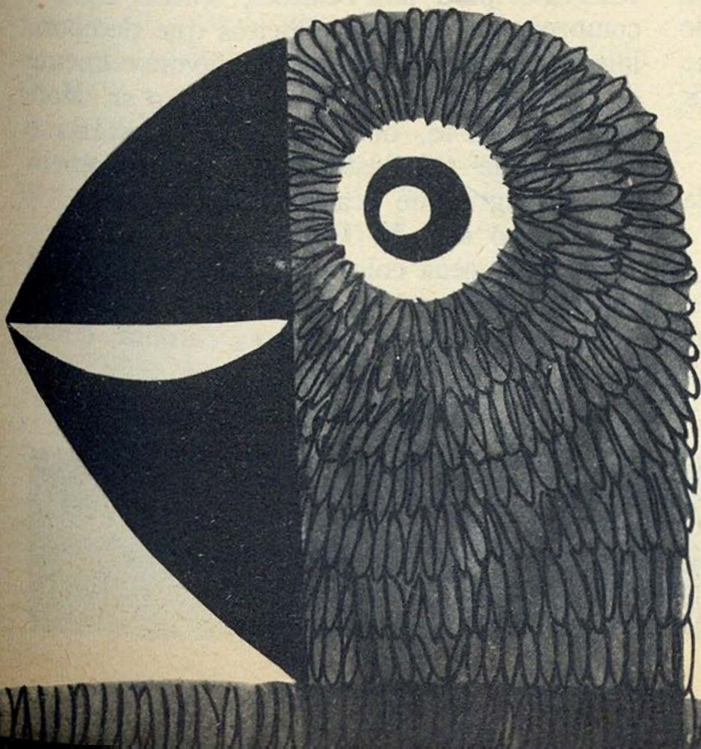
Goldsmith conta que Henrique VIII tinha um papagaio branco dotado de grande facilidade de palavra. Vivia num quarto que dava sobre o Tamisa e tinha aprendido várias frases que ouvia pronunciar aos marinheiros. Um dia em que brincava no poleiro, perdeu o equilíbrio e caiu ao rio, mas pôs-se imediatamente a gritar: «Um barco!, a mim, um

barco! Vinte libras a quem me salve!» Um barqueiro, confundindo a sua voz com a de um homem afogando-se, acorreu a salvá-lo e levou-o ao rei que o compensou com as vinte libras.

### O PAPAGAIO DE MISA EDWARDS

Conta André Billy a história deste papagaio por ele bem conhecido e que pertencia à famosa Misa Edwards, introdutora dos «ballets» russos em Paris. «No seu poleiro», escreve o ilustre membro da Academia Goncourt, «o papagaio de Misa estava tão velho que parecia mais um pedaço de barro do que um pássaro. Passava por ter nascido sob o reinado de Luís XIV. Duas ou três vezes por ano deixava cair do bico estas palavras desencontradas:

— «Isto já não vale mesmo a pena!» — Era de cortar o coração.»



### PAPAGAIO GAIO

Papagaio insensato,  
quem te fez assim?  
Que não sabes falar  
brasileiro  
e já sabes latim?

Papagaio insensato,  
ave agreste, do mato,  
que diabo em ti existe,  
verde-gaio,  
que nunca estás triste?

Papagaio do mato,  
se nunca estás triste,  
quem foi que te ensinou,  
por maldade,  
a palavra saudade?

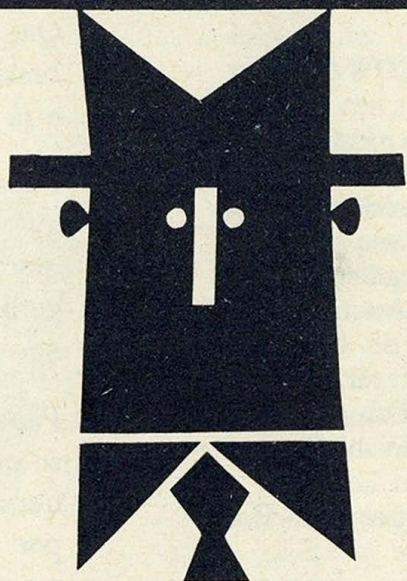
Papagaio triste  
papagaio gaio,  
quem te fez tão triste  
e tão gaio,  
triste mas verde-gaio?

Papagaio gaio  
quem te ensinou, em meio  
do mato, a repetir,  
papagaio,  
tanto nome feio?

Gaio papagaio,  
gaio, gaio, gaio,  
que repetes tudo...  
Antes fosses  
um pássaro mudo.

Papagaio do mato,  
se nunca estás triste,  
quem foi que te ensinou,  
por maldade,  
a palavra saudade?

Papagaio gaio  
gaio, gaio, gaio.



# o Funeral

Richard Matheson do livro  
«The stories of space»

O sr. Morton estava no escritório acendendo o segundo charuto da tarde e revendo a conta que devia apresentar a um cliente, quando a secretária lhe anunciou que lá fora, no átrio da agência funerária, estava um senhor que lhe desejava falar.

— Cliente?

— Não sei, sr. Morton, não me disse nada e, além disso, nem traz gravata preta...

— Mande entrar.

Pouco depois ouviram-se os passos da secretária e da visita no corredor. O sr. Morton colocou o charuto no cinzeiro e aguardou

que a porta se abrisse, com o sorriso que reservava para tais ocasiões, sorriso triste e compreensivo dos cangalheiros que desejam, logo de entrada, impressionar favoravelmente os clientes. Mal a porta se abriu, o sr. Morton levantou-se, deu a volta à secretária e avançou de mão estendida para o homem alto e magro que acabava de entrar:

— Como está V. Ex.<sup>ª</sup>?

Entre os seus colegas de ofício, a voz do sr. Morton era invejada e apontada, aos jovens prestes a ingressarem na carreira, como modelar.

Num simples «Como está V. Ex.<sup>a</sup>» conseguia exprimir simpatia, tristeza, compreensão e um desejo profundo de auxiliar, de se tornar útil.

A visita apertou-lhe a mão com uma energia a que o sr. Morton não estava acostumado, o que o levou a retirar a mão apressadamente e a oferecer-lhe uma cadeira.

A visita sentou-se e colocou o chapéu sobre o tampo de vidro da secretária, enquanto o sr. Morton se sentava também.

— Chamo-me Morton. E V. Ex.<sup>a</sup>?

— Asper.

— Pois tenho muito prazer em conhecer V. Ex.<sup>a</sup>, sr. Asper.

— Muito obrigado.

— Diga-me, sr. Asper: em que posso eu na minha agência ser-lhe útil?

— Venho tratar dum funeral.

— Não estou cá para outra coisa. O lema da minha casa é: «Quando a morte, sorrindo, lhe fechar os olhos, a agência funerária Morton & Co. tratará de tudo o necessário para que a sua família não tenha preocupações». Gosta?

— Muito poético, mas tratemos de coisas sérias. Desejo que o corpo fique aqui, na sede da agência. Tem uma sala grande?

— Temos uma, destinada a esse fim porque muitos clientes da casa preferem que os funerais saiam directamente da agência para o cemitério. Chamamos a essa sala a «sala do eterno repouso». Gosta?

— Serve. Quero, também, o melhor caixão que tiver.

Debaixo da secretária o sr. Morton esfregou as mãos de contente.

— É um pouco caro...

— Não olhe a despesas. Quero um funeral de luxo.

— Verá que estaremos à altura do que deseja. V. Ex.<sup>a</sup> pretende que alguém profira umas palavras à saída do funeral ou...

— Não. Um amigo meu se encarregará disso.

O sr. Morton, sempre com o seu ar mais grave, o ar reservado para os enterros de luxo, tirou da gaveta uma pequena ficha de cartão e preparou-se para escrever:

— É apenas necessário, agora, que V. Ex.<sup>a</sup> me dê os detalhes. Começemos pelo princípio: nome do defunto?

— Asper.

— É então um parente de V. Ex.<sup>a</sup>?

— Sou eu próprio.

O sr. Morton tossiu baixinho e murmurou como se não tivesse compreendido bem:

— É quem?

— Eu próprio.

— V. Ex.<sup>a</sup> certamente não compreendeu a minha pergunta. Eu...

— Compreendi perfeitamente e passo a explicar-lhe a situação. É que, até aqui, nunca tive um funeral decente. Por isto e por aquilo os meus «bota-foras» ficaram sempre a desejar e tenho pena de que as coisas tivessem corrido sempre assim. Desta vez desejo que o meu funeral seja luxuoso.

O sr. Morton pousou a caneta e encarou o seu interlocutor de frente:

— Sr. Asper: pode crer que tenho tanto sentido do humor como V. Ex.<sup>a</sup>. Não me assustam brincadeiras desde que tenham lugar fora das horas de trabalho. Esta firma...

— Não se trata duma brincadeira. Estou falando a sério.

— Não é uma brincadeira? Então, que é? Com os olhos vermelhos em brasa, o sr. Asper respondeu:

— Vim aqui satisfazer uma necessidade séria e tenciono satisfazê-la. Na terça-feira os meus amigos e eu estaremos aqui às 8.30 para as exéquias. Logo após o funeral o senhor será pago. Entendido?

— Mas...

— Nem «mas» nem meio «mas». Quero tudo pronto e quero que tudo corra bem.

— Eu...

— Outra coisa: quero que tapem o espelho grande que está à entrada e qualquer outro espelho que, porventura, haja na casa.

— Sr. Asper, eu quero...

— Boa-noite, sr. Morton.

Quando o cangalheiro, ofegante, chegou ao átrio da agência, ainda pôde ver o seu cliente alçar como um pássaro e sair, a voar, pela janela.

Nesse preciso momento o relógio começou a bater as horas e o sr. Morton desmaiou.

\*

Chegaram na terça-feira às 8.30, conforme o combinado. Entraram na agência conversando e foram recebidos pelo sr. Morton, que tremia abertamente e que apresentava umas profundas olheiras denunciadoras de insónias recentes.

— Boa-noite, — disse o sr. Asper, sorrindo ao observar que o espelho grande se encontrava tapado por uma colcha branca.

O pobre Morton ainda conseguiu balbuciar «Boa-noite» antes de se amparar à parede. É que os amigos do sr. Asper tinham um aspecto estranho. Um deles, a quem tratavam por Ygor, era marreco e baixinho; um outro, enorme, trazia um gato preto ao colo; outro ainda, com aspecto de coruja velha, pôs-se a olhar para o cangalheiro com um sorriso que parecia revelar intenções secretas e, por último, o sr. Morton ainda abrangeu com o olhar meia dúzia de mulheres e de homens impecavelmente vestidos de negro que tinham uma característica comum: todos tinham lábios cheios, vermelhos e húmidos e todos tinham dentes magníficos.

Encostado à parede, o cangalheiro deixou que todos passassem por ele e preparava-se para fugir, quando o sr. Asper o chamou.

— Venha connosco, se faz favor. Está tudo pronto?

— Sssim...

— E perfeito?

O sr. Morton acenou que sim com a cabeça. Tinha a boca seca e sentia as cordas vocais coladas.

Quando entraram na «sala do eterno repouso» já os restantes convivas se encontravam lá, dispostos em círculo à volta do caixão.

O marreco andava dum lado para o outro murmurando baixinho:

— Que rico caixão! Que rico caixão!

O que parecia uma coruja virou-se para uma das mulheres:

— Isto é um caixão ou é um caixão, Delphinia?

A Delphinia respondeu com um miar de gato que gelou o sangue nas veias do cangalheiro.

Foi então que uma outra mulher ordenou com tom autoritário:

— Afastem-se para o LUDWIG ver.

O sr. Asper aproximou-se do caixão e percorreu com a mão o seu rebordo superior, comentando:

— Sim, senhor, bonito caixão. Não há dúvida.

— E as medidas, perguntou o marreco, estarão certas?

Sorrindo o sr. Asper meteu-se no caixão e deitou-se ao comprido. De lá de dentro a sua voz mudou como se estivesse a falar numa câmara de eco.

— Perfeito, amigos! Está perfeito!

— O caixão fica bem ao chefe, disse o Ygor.

O velho parecido com a coruja levantou o braço e todos se calaram:

— Temos de começar, porque tenho um encontro marcado para as 9.15.

«Vamos a isto.

Todos se sentaram e o velho chamou o cangalheiro.

— Venha para aqui, para o pé de mim. Gosto muito de homens gordinhos, não gosto. Delphinia?

A Delphinia miou outra vez mas o sr. Asper interrompeu-a:

— Deixa-te de brincadeiras, Delphinia, sabes bem que isto para mim é muito importante.

Restabelecido o silêncio, levantou-se um homem alto de cabelos brancos que envergava uma capa de cetim preto à volta dos ombros.

— Meus amigos: Estamos aqui para prestar homenagem ao nosso camarada LUDWIG ASPER que os impiedosos destinos resolveram arrancar à nossa amizade e lançar para sempre no sarcófago da eternidade.

Alguns dos presentes começaram a chorar e aquele a quem chamavam YGOR murmurou entre dentes: «é o canto do cisne».

O velho continuou:

— E por isso, meus amigos, aqui estamos reunidos, em torno deste «cremlech», desta urna de saudade, desta...

— Mais alto, não se ouve nada, — resmungou um dos presentes.

O velho continuou:

— Deste «mastaha» deste...

— Que disse ele? — perguntou outro dos presentes.

— Calem-se — disse o velho de cabelos brancos — isto não são jogos florais. Como ia dizendo, o nosso amigo Asper vai-se embora mas não se pode dizer que saia do jogo. Será mais apropriado dizer que vai tomar parte num outro jogo, num outro campo.

Neste momento um homem peludo levantou-se e abandonou a sala. O cangalheiro ouviu-o afastar-se pelo corredor fora e quase ia morrendo ao verificar que o som dos seus passos em nada se assemelhava ao som de passos humanos e antes ao som dos passos de quadrúpedes... talvez cães... ou gatos... ou ratazanas...

Um anão levantou-se e explicou a saída do amigo:

— Vai jantar fora. Tem hora marcada.

O velho de cabelo branco, porém, não aceitou a explicação e, furioso, virou-se para o sr. Asper:

— Ofenderam-me! Mas quem é ele, para me ofender?!

O sr. Asper, apaziguador, ainda quis pronunciar umas palavras mas a Delphinia começou a cantar e o velho de cabelo branco, em estado de ira, desapareceu para reaparecer noutro ponto da sala.

— Delphinia — disse o sr. Asper — será melhor ires-te embora.

— Não vou! Não vou e não vou! Julgas que me mandas embora? Então toma lá...

Súbitamente dos dedos da Delphinia começaram a sair primeiro chamas e depois raios. Só então o cangalheiro, petrificado, reparou que ela tinha um chapéu pontiagudo e unhas compridas e retorcidas nas pontas.

O sr. Asper desfez-se no ar. Desapareceu e, no seu lugar, apareceu uma nuvem vaporosa e vermelha que aumentou de volume rapidamente até envolver todos os presentes. Cairam cadeiras e na sala, de repente, apareceram morcegos enormes que esvoaçavam batendo as asas, mas o sr. Morton já os não viu. Desmaiara e caíra para o chão.

Um dos convidados apalpou-lhe um braço, sorrindo, e comentou para o lado:

— Deve ser gostoso.

— Não o creio — respondeu o amigo — esta gente abusa da pimenta.

Dias depois o sr. Morton, sentado à secretária, ainda se não refizera inteiramente do susto. Estava mais magro, muito mais magro e não tirava os olhos dum bilhete que tinha à sua frente, atado com uma corda velha a um saco tão escuro e tão velho que não era já possível saber-se de que era feito.

O bilhete, escrito a tinta roxa, era curto:

Sr.:

Este saco de oiro certamente cobrirá todas as despesas. Lamento que no meu funeral os meus amigos se não tenham comportado com o decoro apropriado a um acto tão solene. À parte isso posso afirmar que tudo correu bem e que fiquei muito satisfeito com a sua agência. Pode crer que sempre a recomendarei.

LUDWIG ASPER

De vez em quando, o cangalheiro metia a mão no saco e remexia as moedas de oiro que ele continha.

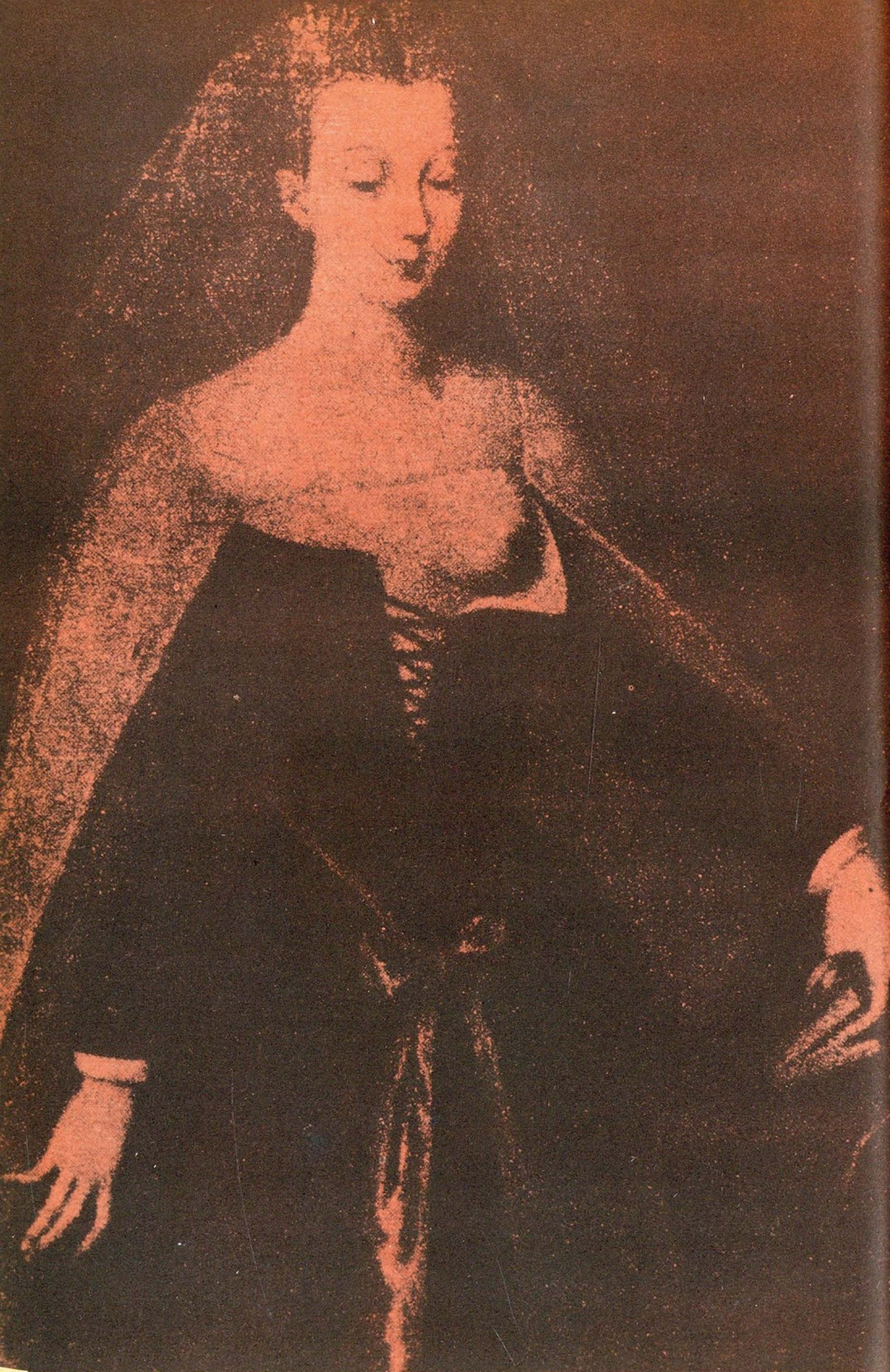
Nem deu pela entrada do cliente introduzido pela secretária. Só quando ele falou é que tirou os olhos do bilhete.

— Vim à sua agência recomendado por um amigo.

O sr. Morton ainda teve tempo de ver que o seu novo cliente tinha os lábios carnosos, vermelhos e uma dentadura magnífica. Não teve tempo para mais nada. É que o sr. Morton desmaiou pela terceira vez em 15 dias.







a m u l h e r d o m ê s

A G N È S  
S O R E L

a Pompadour do século XIV

— O rei! — gritou um valete, afastando o pesado reposteiro. Enorme, levemente curvado, com o chapéu caído sobre os olhos e escondendo o seu rosto macilento, Carlos VII avançou lentamente. Do Loire, que corria lá em baixo, subiam os risos das damas que se banhavam e o canto das aves, mas Carlos não os ouvia. A sua atenção tinha sido despertada por uma voz cristalina, uma voz desconhecida e preguiçosa que provinha do salão-de-estar de Maria, a esposa do rei. Sim, não era a voz seca de Maria, essa Maria de quem as más línguas diziam que era tão feia, que os próprios invasores ingleses tinham medo».

De quem poderia ser? Estava o rei no seu quarto a ler o seu missal quando essa voz lhe chegara aos ouvidos. Curioso, levantara-se tomado de um pressentimento, de um desejo de saber quem era aquela mulher. Seria tão bela como a voz de que era dotada?



## A PESTE, A FOME, A GUERRA

Carlos VII tinha 32 anos. Havia quinze que reinava e o seu reinado, salvo a época meteórica de Joana d'Arc, era o reinado da infelicidade. Os ingleses, os burguinhões, a peste, a fome, a guerra, devastavam o reino da França. E tudo — dizia-se — porque o rei, filho dum homem louco e duma mulher lúbrica, tinha medo: medo de atravessar uma ponte a cavalo, medo da guerra, medo do amor, medo do medo.

Em 1431, Joana d'Arc fora levada à fogueira sem que ele tivesse a coragem de a defender. E depois da morte de Joana seis anos mornos se haviam passado, seis anos em que as derrotas se acumulavam a outras derrotas e em que os exércitos, comandados por chefes incompetentes, recuavam por toda a parte... Agora, em Saumus, o infeliz rei suspendia a sua débil respiração porque a voz duma desconhecida se acabava de calar!

Um instante mais e essa voz ergueu-se de novo. Era a voz de alguém que lia uma poesia, enquanto a rainha de debruçava sobre a costura.

«Un jour m' advint à Douvres, sur la mer...  
En regardant vers le páys de France.»

A desconhecida calou-se bruscamente. O rei aparecera. As camareiras, as damas e a rainha haviam-se inclinado numa profunda reverência. Interdita, confusa e muito corada, a leitora era a única que ficara imó-

vel, incapaz dum movimento, muito direita no seu vestido azul.

Teria uns quinze anos e era a própria imagem da beleza prometida. uns anos mais tarde, Baif, o poeta, escreverá:

«Agnès, de Belle Agnès retiendra le surnom  
Tan que de la beauté, beauté sera de nom.»

Era esbelta, tinha cabelos castanhos e boca pequena e vermelha, uma testa alta e formosa. Orfã, mas nobre pelo sangue, Agnès fora educada pela sogra de Carlos VII e habituada a recitar não só nos solares adornados entre flores, mas também entre o fumo das batalhas e dos incêndios. Sabia ler com muita graça e gentileza, sabia até latim, coisa que, naqueles tempos como nestes, raras eram as donzelas que sabiam. E adorava rumores da cavalaria onde os senhores mutuamente se guerreavam para merecerem o amor das princesas.

— Como te chamas tu?

— Agnès, **beau sire**, Agnès Sorel.

## AVANÇARAM DE MÃOS DADAS

E foi assim que começou a aventura desta rapariga orgulhosa que não queria que o rei a amasse como os reis amavam as pastoras, a aventura deste príncipe tímido que era um rei lamentável e cujo amor, aos olhos da história, acabou por transformá-lo em **Carlos, o Vitorioso!**

Ele pegara-lhe na mão. Perante a rainha espantada, perante as damas silenciosas, o rei arrastou-a ternamente para a porta da saída. Foram avançando de mãos dadas ao longo dos corredores sem que o rei, fascinado por tanta beleza, descobrisse uma única palavra para lhe dizer. Aqui e acolá, as sentinelas aprumavam-se sobre as alabardas. Depois o sino da capela chamou o devoto rei aos seus deveres.

— Ver-te-ei, esta noite, no baile de minha mãe? — disse, enfim, o rei com a voz trémula.

— Não, **beau sire**, aqueles cavaleiros que estão ali em baixo vão levar-me...

Levá-la para onde? Era verdade. Nessa noite ela devia trocar a doçura do Loire por Nancy, a corte de Renato, o cunhado de Carlos, porque a esposa dele havia solicitado a presença de Agnès.

— Esta noite?

Carlos olhava para Agnès e Agnès receava

o pensamento dele. Ela bem sabia que o rei, apesar de toda a sua timidez, era um homem depravado. E quando Carlos pretendeu enlaçá-la, disse-lhe com simplicidade:

— **Beau sire**, Agnès não é uma mulher qualquer.

Desembaraçou-se dos braços do rei e fugiu. Carlos viu-a desaparecer sem esboçar um único movimento. E nessa noite encontrou, sobre a sua mesa de trabalho, e copiados pela mão de Agnès, os **Dix Commandements de Dame de Courtoisie et chevalerie**, do poeta Alain Chartier que explicavam como os senhores deviam deixar os divertimentos inúteis e conquistar terras para ganharem o amor das suas damas.

Nesse momento, Agnès, escoltada pelos cavaleiros, seguia já ao longo dos campos pilhados e devastados em direcção à Lorena.

Mas no dia seguinte, quando a corte acordou, descobriu com os olhos cheios de pasma que o escudo do rei estava coberto com véu branco. Isso, em linguagem de cavalaria, significava: «O meu coração está prisioneiro».

### UM NOVO REI

Ficaria prisioneiro por quinze anos, oito dos quais seriam à espera.

A cada mensagem que Carlos lhe mandava para regressar ao Loire, ela respondia:

— O tempo ainda não está maduro.

Ou então:

— É conquistando as terras inimigas que se ganha o coração das donzelas.

E por toda a parte se começou a dizer:

— O rei Carlos está a acordar...

Acordava. Para merecer Agnès, a mulher distante, o rei saía do seu sono de muitos anos e partia para a guerra. De início, Londres não o tomou a sério, mas súbitamente...

E é ele próprio que, de espada em punho, encosta uma escada às muralhas de Monterau.

Depois, foi Paris que capitulou. Algo se passava com Carlos e o povo da cidade libertada chamava-lhe agora o Vitorioso! Dois

anos mais tarde Meaux rendeu-se. Por toda a parte os ingleses batiam em retirada e chegou, por fim, a vez de Toulouse.

Para Carlos era a recompensa suprema: Agnès Sorel, oito anos depois de a ter visto pela primeira vez.

Carlos tinha quarenta anos, um exército, a fama súbita dum vencedor inesperado; tinha finalmente um reino, o belo reino da França. Agnès era apenas senhora da sua beleza e do seu orgulho paciente.

Renato, o bom rei da Provença, e a sua mulher, duquesa de Lorena, haviam prometido a Carlos que a «sua dama» estaria com eles nas margens do Garona, pronta a encontrá-lo.

### A HORA DO AMOR

Corria o mês de Fevereiro. Agnès viu ao longe aproximar-se o cortejo do seu cavaleiro. À frente avançavam trezentos arceiros a pé com jaquetas vermelhas, brancas e verdes. Depois aproximavam-se seiscientos arceiros a cavalo com armaduras brilhantes. A seguir, vestido de branco, via-se o velho Xaintrailles, o companheiro de Joana d'Arc, que trazia as armas do rei.

Quando finalmente viu Carlos, Agnès percebeu que o fogo das batalhas havia feito dele um outro homem.

Teve medo e fugiu. Atravessou as ruas, subiu as escadas que levavam à Catedral e, vestida de branco, entrou na majestosa nave. E, como sabe que a hora do amor (que será também a hora do pecado) acaba de soar, ajoelha-se aos pés da imagem de Maria Madalena, pecadora.

Instantes depois, o rei descobriu-a. Apesar dos seus 23 anos, Agnès Sorel, «la plus belle femme du monde» estava apavorada.

— Porque chorais, senhora?

— **Beau sire**, tão grande foi a espera...!

— Agnès, tranquilizai-vos...

— **Beau sire**, não posso! Tamanho é o amor, depois de oito anos, tamanha a alegria...!



o amanhã de todos

**N** **Ó** **S**

Que nos reserva o futuro? Como será a vida de aqui a uns decénios?

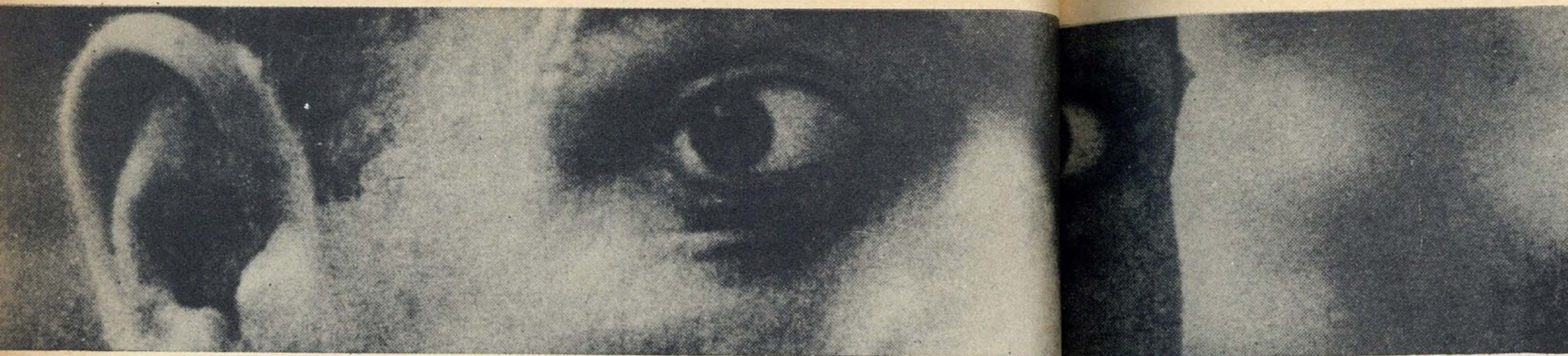
A 41 anos dum século novo, o homem interroga-se com ansiedade, acerca do futuro. Cientistas, escritores e artistas tentam responder a questões que há 50 anos ainda seriam da competência exclusiva dos charlatães.

«Num futuro próximo o homem estará em vias de produzir sinteticamente os seus próprios alimentos; aquecer-se-á no Inverno com o calor do Sol; irrigará os desertos e torná-los-á habitáveis e fecundos com a água do mar tornada natural; a raça humana perpetuar-se-á por partenogénese, o que permitirá um aperfeiçoamento constante das suas qualidades físicas e intelectuais; o homem viajará no espaço interplanetário; beneficiará dos recursos naturais dos outros planetas; as 4 estações serão controladas e as distâncias serão quase abolidas por veículos volantes

extremamente velozes e por sistemas de comunicação mais rápidos do que o telégrafo.

O que aqui se vai ler é estritamente baseado nas opiniões de uma dezena de cientistas dentre os quais figuram dois laureados do Prémio Nobel. Mas não se julgue que se trata dum resumo excessivamente optimista. Outros cientistas, como Harrison Brown, James Bonner, e John Weir exprimiram opiniões semelhantes nas interessantíssimas obras «Os Próximos 100 anos» e as obras recentes de Peter Drucker, George Soule e Richard L. Meyer podem considerar-se como expoentes das esperanças com que a humanidade encara o dia de amanhã. Vassiliev, o consagrado autor de **Sputnik**, exprime, por seu turno a opinião soviética em **Reportagem do Ano Dois Mil** que traz uma directriz optimista, a que não são alheias certas reservas acerca de alguns problemas em estado embrionário.

preságios da Ciência



Entre as previsões de maior seriedade, destaca-se a que a «Stanford Research Institute» levou a cabo, por incumbência de uma comissão senatorial de Negócios Estrangeiros dos E. U. A.

Perante o problema de preverem o que vai acontecer nos próximos 40 anos, os 80 cientistas consultados mostraram-se preocupados com questões inerentes ao progresso e chegam, mesmo, ao ponto de propor algumas medidas destinadas a evitar que as grandes descobertas científicas do nosso tempo se transformem em sementes de destruição.

As conclusões do inquérito a que temos vindo a referir-nos, podem dividir-se pelos vários sectores em que o progresso se fará sentir com mais intensidade.

**CONDIÇÕES CLIMATOLÓGICAS:** — O controle do clima vai preocupar cada vez mais o homem.

Até agora, neste sector, tem-se procedido principalmente a experiências práticas destinadas a causarem precipitações atmosféricas mas, num futuro próximo, o resultado de estudos, actualmente em curso, começará a fazer-se sentir.

A exploração da atmosfera por satélites artificiais permitirá uma previsão, cada vez mais rigorosa, das condições climatológicas e é de prever que essas mesmas condições venham, num futuro também próximo, a ser reguladas e até provocadas segundo as necessidades humanas.

Os imensos benefícios de tal triunfo científico são óbvios. Zonas que até aqui não podiam ser utilizadas pelo homem, passarão

a ser autênticos celeiros e as expressões «excessivamente frio» ou «excessivamente quente» desaparecerão dos compêndios da geografia humana.

O aproveitamento dos desertos permitirá a desconstracção de zonas que estão excessivamente povoadas e do aproveitamento das zonas glaciares resultará para a humanidade um aumento imenso das zonas cultiváveis.

Durante a guerra fizeram-se inúmeras experiências destinadas ao aproveitamento da água do mar para irrigação. Sistemas então descobertos estão actualmente em uso e já se estudam métodos destinados a tornar esse aproveitamento mais económico. Uma vez que desses estudos se tirem resultados práticos, é de prever a utilização da água do mar para fins agrícolas em larga escala.

Os cientistas americanos do projecto «PLOUGHSHARE» estão também desenvolvendo um sistema destinado à conservação da água que anualmente se perde em todos os continentes. Vai-se, assim, estudando o processo de introduzir substâncias gordas no leite dos lagos para evitar a perda causada anualmente pela infiltração das águas. Outro método que se está estudando, também para evitar as grandes perdas que se verificam, consiste na construção de imensos reservatórios dentro das montanhas.

**A MEDICINA E AS CIÊNCIAS:** — Os próximos 40 anos não serão caracterizados apenas pelo uso da energia atómica ou pelo progresso da astronáutica. Não se modificarão apenas as condições de vida da humanidade: o próprio homem vai ser transformado pela ciência.

O primeiro passo está dado. Já se constroem aparelhos electrónicos capazes de ensinar segundo as necessidades dos alunos. Estes aparelhos aumentam a vontade de aprender dos estudantes e dirigem-na no sentido desejado. Segundo JOHN WEIR, da Universidade da Califórnia, o aperfeiçoamento de tal método terminará por permitir a transferência directa dos conhecimentos ao sistema nervoso dos alunos.

No campo da medicina uma das invenções mais revolucionárias será certamente a invenção dum «barómetro da saúde» de que falaram recentemente DAVID SARNOFF na Rádio Corporation of America. Este barómetro será constituído por um circuito electrónico semelhante aos utilizados nos aviões e indicará o funcionamento do coração, a pressão sanguínea e outros elementos necessários a um diagnóstico rigoroso de qualquer doença.

O progresso da psicologia e da química deverá brevemente permitir o controle do pensamento e até a criação dum sistema complexo de controle do cérebro.

Actualmente, começam a aplicar-se certas drogas que alteram a química cerebral e uma delas, a LSD-25, que provoca alucinações e visões e que aumenta a percepção, está sendo objecto de inúmeras experiências. Por outro lado, o aperfeiçoamento dos métodos da «lavagem do cérebro» e outras experiências a que se tem procedido, levam a crer que num futuro próximo o controle colectivo do pensamento será uma realidade.

Os riscos inerentes ao progresso no campo da psicologia são tanto maiores quanto é certo que o seu aproveitamento depende fundamentalmente do uso que o homem dele fizer.

Na verdade, o nosso futuro corre o risco de não ser tão risonho como poderia ser, e é possível que do progresso da ciência não venham a tirar-se todos os benefícios indicados. Tudo depende essencialmente das possibilidades de progresso do homem no campo da moral e da política, com a velocidade com que está progredindo no campo científico e técnico.

Sabe-se que antes ainda de terminado o século, as reservas naturais de combustíveis já não chegarão para fazer face às crescentes necessidades humanas e é natural que a energia atómica e, até, a energia solar, venham a suprir essa falta.

As pequenas nações e aquelas que possuem escassas fontes de energia tradicional poderão avançar a passos largos com a utilização de pilhas atómicas. Das fontes de energia até agora não utilizadas — como o vento, as correntes marinhas e a energia geométrica, a solar será, sem dúvida a mais importante. Todas as experiências até agora efectuadas para a armazenagem e aproveitamento dessa fonte energética revelam claramente que num futuro próximo ela estará ao serviço da humanidade.

Nada disto, porém, quer dizer que se ponham de parte as fontes tradicionais de energia. Prevê-se, mesmo, que dentro em breve o homem tenha ao seu dispor os imensos depósitos de gás natural e de petróleo que se encontram sob os oceanos e sob as camadas de gelo das zonas glaciares.

Diga-se de passagem que o aproveitamento dos oceanos não ficará por aqui. O Atlântico, por exemplo, poderá fornecer metais raros numa abundância até hoje desconhecida, pois não foi possível determinar por enquanto a quantidade de ferro, de níquel e de cobalto, que se encontra soterrada no leito dos mares.

**ALIMENTAÇÃO:** — O resultado das experiências levadas a cabo com submarinos atómicos leva a crer que os oceanos não serão apenas uma parte de substâncias minerais mas que da sua exploração poderão resultar autênticas surpresas no campo da alimentação. Na realidade, são eles que fornecem ao homem uma parte praticamente inexgotável de sal e é de prever o aproveitamento da imensa quantidade de organismos vivos que residem à superfície das águas, muitos dos quais ainda hoje desconhecidos e ne-

nhuns aproveitados. No entanto, é já possível prever o dia em que os oceanos estejam transformados em vastos depósitos alimentícios e em que a pesca — racionalmente desenvolvida e explorada — contribua mais do que nunca para a alimentação do homem.

Segundo a maioria dos cientistas, é neste campo que o progresso mais se fará sentir nos próximos anos. O homem do ano 2000 tomará ao pequeno almoço café e chá que, embora inteiramente sintético, terão o mesmo gosto dessas bebidas no seu estado actual.

Ao almoço comerá o «bife da casa» com batatas fritas... mas tudo confeccionado com proteínas vegetais e matérias plásticas...

Dum modo geral a alimentação será essencialmente constituída, num futuro já muito próximo, por produtos vegetais e sintéticos.

O açúcar, por exemplo, será celulósico e a agricultura inteiramente controlada. É mesmo de prever que no princípio do século muitas fábricas sejam administradas por máquinas de calcular!

Porém, a grande descoberta, aquela que mais afectará o campo da alimentação, será certamente a concepção de um processo que permita tornar verdes as plantas, já que tudo quanto se relacione com a **foto-síntese** permanece ainda envolto em mistério. Uma vez desfeito o mistério vai ser possível acelerar o processo da **foto-síntese** de forma a que se aproveite mais rapidamente a luz solar e, até, a luz artificial dos laboratórios.

**COMUNICAÇÕES:** — Também no campo das comunicações o homem do futuro assistirá a transformações radicais. Os espantosos empreendimentos que o homem levou a cabo ultimamente no espaço são apenas o prelúdio dum futuro que já se avizinha. Os cientistas prevêem para as primeiras décadas do século XXI a possibilidade de viagens de recreio no espaço interplanetário... Quem sabe se a Lua não será um dia o local favorito para os noivos passarem a lua-de-mel?

No campo dos transportes terrestres as transformações serão, também, radicais. Já se fala de aviões que ligarão a Europa à América em menos de três horas e os serviços de correio garantem o despacho de uma carta em 4 minutos de Los Angeles a Nova Iorque! Este autêntico milagre da ciência consegue-se através duma máquina, a «FAX-MAIL», que abre a correspondência e a transmite a um aparelho receptor. O destina-

tário recebe minutos depois uma reprodução fax-similada da carta que lhe foi enviada.

Dentro em breve, portanto, as cartas levarão menos tempo a chegar aos destinatários do que os telegramas.

**POPULAÇÃO:** — A grande ameaça que paira sobre o futuro da humanidade, porém, é o aumento da população.

A manter-se o ritmo actual, a população do mundo, que em 1950 atingiu a linda cifra de 2 biliões e meio de habitantes, será em 1975 de 3 biliões oitocentos e vinte e oito milhões e no ano 2000 de 6 biliões e duzentos e sessenta e sete milhões de habitantes...

Os recursos da Terra, como ainda há pouco fez notar Arnold Toynbee, não são ilimitados nem permitem fazer face a uma população que aumenta neste ritmo sem precedentes. Nada leva a crer que as próprias invenções e as descobertas do futuro alterem esta situação. Na Ásia, por exemplo e apesar da produção ter aumentado espantosamente, o ritmo desta não conseguiu acompanhar o aumento da população e no decénio 57-58 já a produção por cabeça diminuiu de 10 % em comparação à do decénio imediatamente anterior à guerra. Ou o homem adopta um vasto programa universal de controle da natalidade ou as gerações do futuro estão condenadas à fome até que possam emigrar para outros planetas.

Este maltusianismo do futuro tem sido condenado até por alguns daqueles que o defendem no presente, pois consideram que o progresso científico apetrechará o homem com fontes alimentares infinitamente superiores às suas necessidades biológicas. Todavia, a opinião mais comum entre os peritos do futuro é a de que as gerações que hão-de vir têm de enfrentar dois grandes obstáculos de primeira importância na sua existência social e que se sobrepõem à realização plena da conquista científica do homem. São eles: a ordem política actual e a dificuldade de distribuir socialmente as conquistas científicas.

Não basta descobrir novas formas de produção a um nível extremamente económico, é preciso que as populações se persuadam de que estão actualmente habituadas a um baixo nível de vida que dura há centenas de séculos em relativo estado «infantil» e de que lhes é necessário, por consequência, aumentar-lhe as exigências como que de um momento para o outro.



A velocidade com que  
o ambiente humano se vai  
transformar dentro  
dos próximos decénios  
e as perspectivas abertas  
sobre o domínio  
da Natureza pelo homem,  
criam uma intimidade  
de problemas. Só uma



responsabilidade política  
baseada no pleno  
conhecimento do progresso  
científico pode assegurar  
um amanhã tranquilo  
e fácil. As conquistas  
científicas já o garantem.  
Cabe ao homem-político  
e à moral das suas  
instituições fazer o resto.

# O NossAgente Em Havana

produção e realização  
de Carol Reed

com

Alex Guinness

Burl Ives

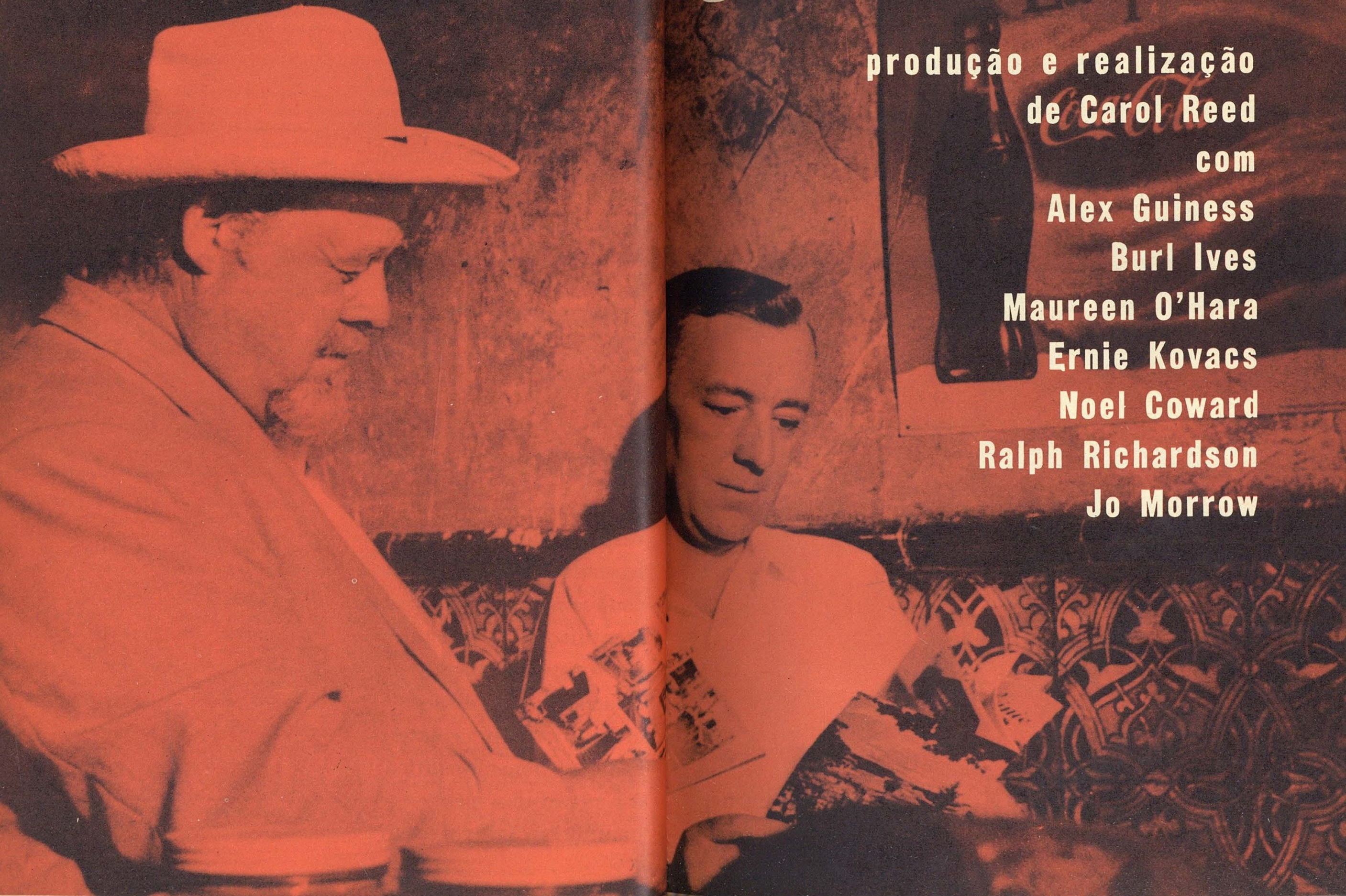
Maureen O'Hara

Ernie Kovacs

Noel Coward

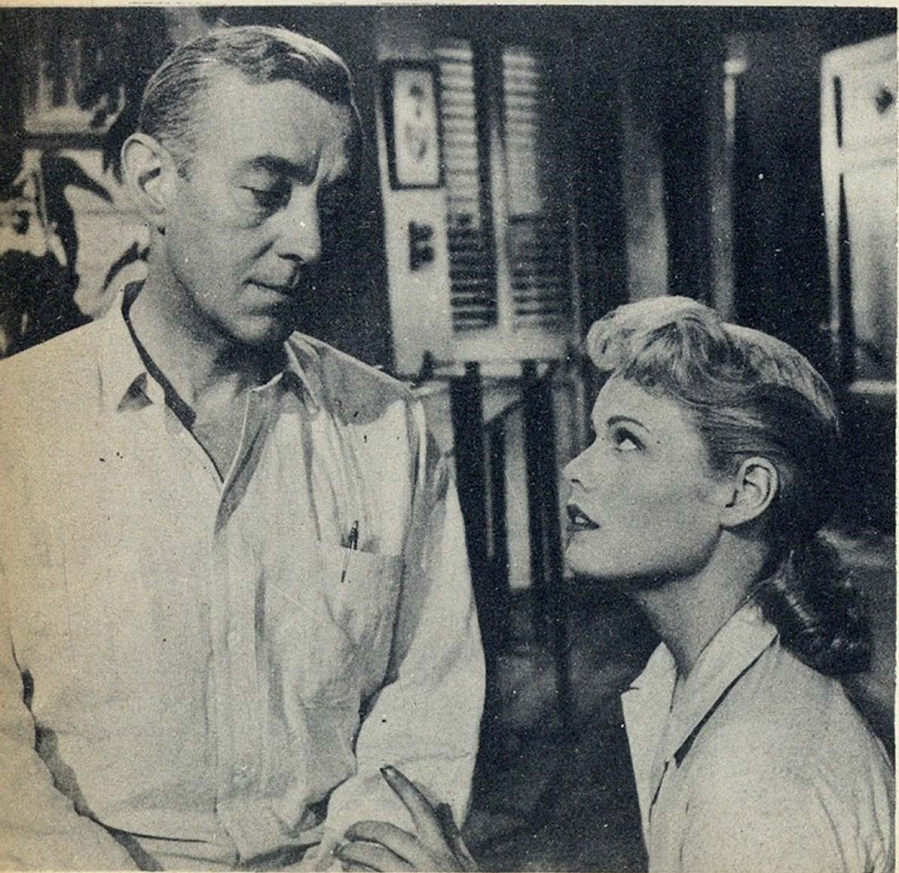
Ralph Richardson

Jo Morrow





Em Havana, durante o antigo regime, Wormold, cidadão britânico que negocia em aspiradores, espera pela filha. Esta chega, momentos depois, no automóvel do capitão Segura, um chefe de polícia conhecido pelo seu talento em torturar os presos.



Milly tenta convencer o pai a comprar-lhe um cavalo. Mas Wormold não é rico. Como poderá ele sustentar tamanha despesa? Incapaz de resistir aos pedidos da filha, acaba por ceder.



Wormold é procurado por Hawthorne, um agente dos Serviços Secretos Britânicos, que o convence a fazer espionagem. Providencialmente, Wormold viu assim resolvidos os seus problemas financeiros.



O dr. Hasselbacher era um médico alemão com o qual Wormold se encontrava para conversar todos os dias. O novo agente secreto fala-lhe da sua conversa com Hawthorne. O dr. Hasselbacher aconselha-o a aceitar o dinheiro e a mandar informações sem importância.



Na sua função de espião, Wormold envia mensagens de pura fantasia sobre umas instalações militares que não existem. Inventa também agentes que diz trabalharem ao seu serviço... A espionagem britânica entusiasma-se com as suas informações e envia-lhe uma secretária.



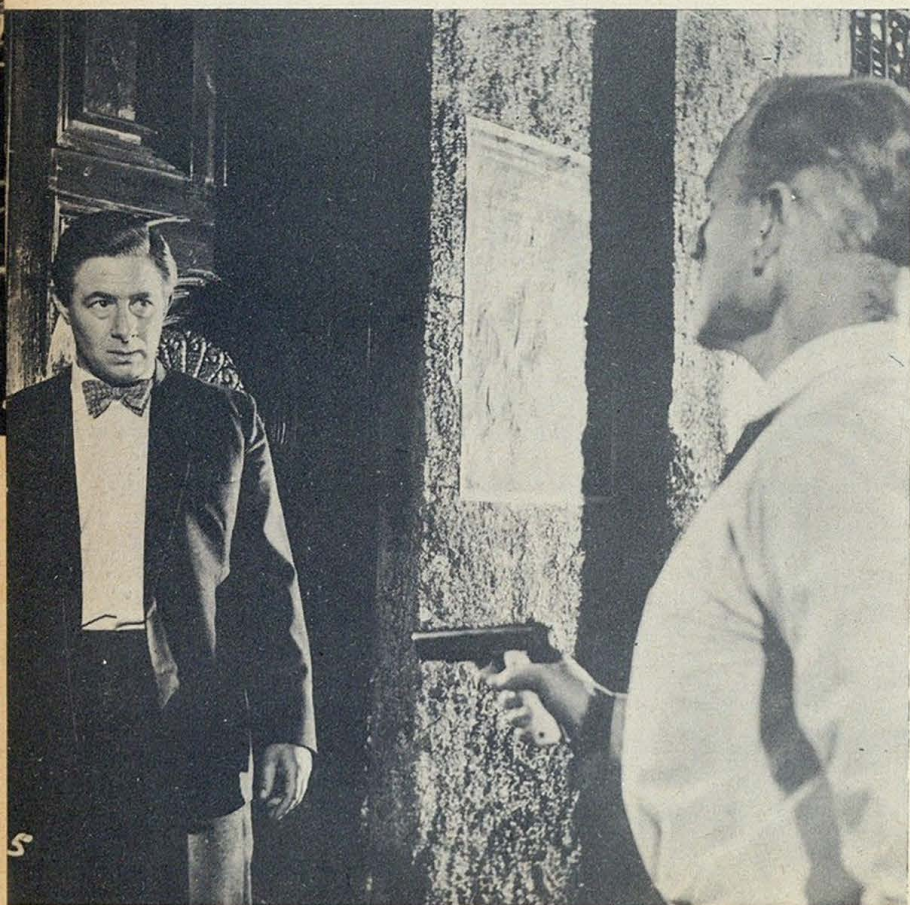
A espionagem britânica e a contra-espionagem dos outros países está cada vez mais perturbada com as importantes descobertas de Wormold. Resultado: uma tentativa de envenenar o activo Wormold. Mas é um cão que acaba por morrer...



O capitão Segura desconfia de que qualquer coisa se passa. Como, porém, simpatiza com a filha de Wormold não cria grandes complicações. Até porque, — afirma — não se pode torturar um súbdito britânico...



Quando a espionagem se decide a matar os agentes inimigos, não hesita. As mortes sucedem-se em cadeia. Depois da morte do cão, chega a vez do dr. Hasselbacher.

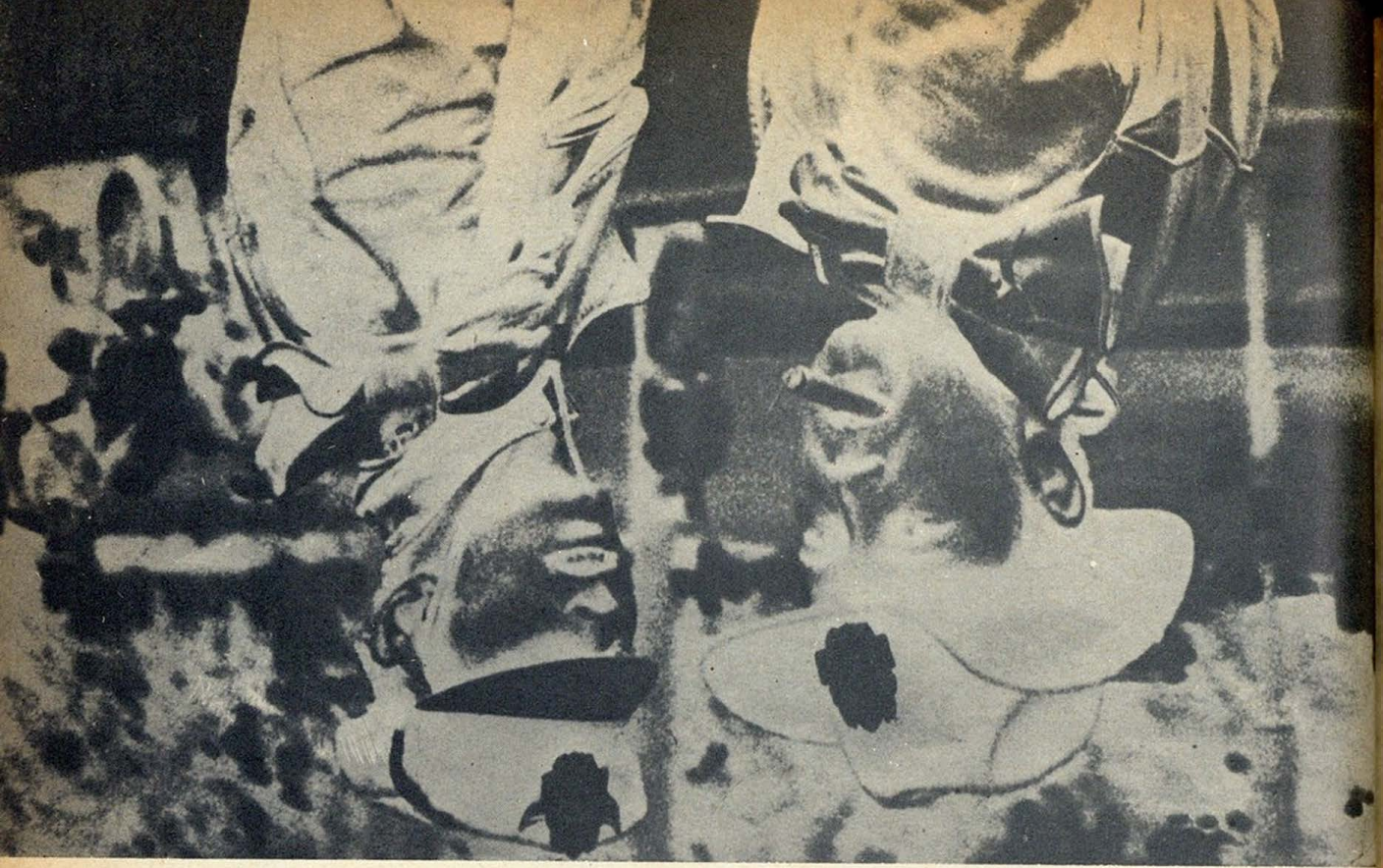


E depois do Dr. Hasselbacher chega a vez de Carter, o agente que tentou envenenar Wormold... Mas, entretanto, a espionagem inglesa descobre que tem sido enganada...



Mas que havia de fazer?  
Cobrir-se de ridículo,  
dando publicidade ao logro  
em que caíra?  
Não era possível...  
Wormold é condecorado  
e acaba por casar com a secretária  
que os Serviços Secretos  
lhe haviam enviado...

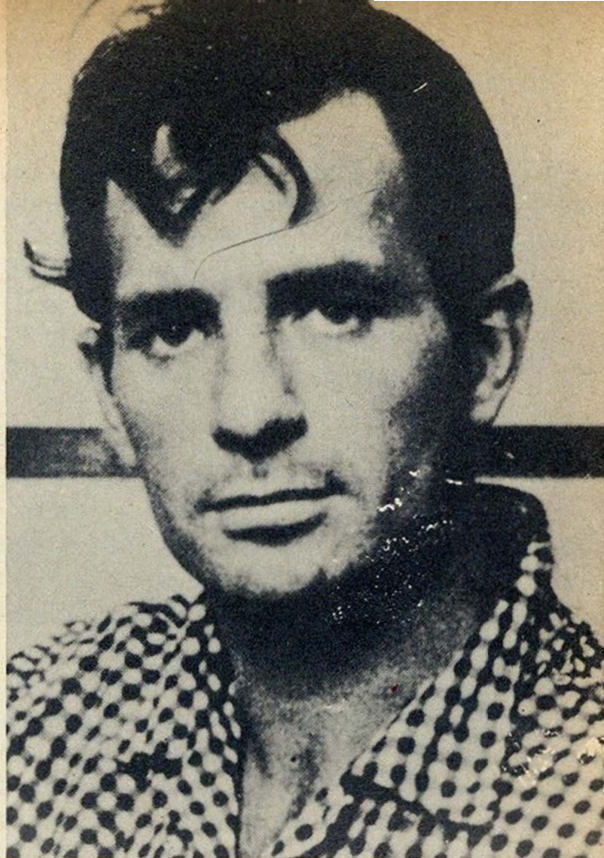




# BEAT



# maçonaria dos melancólicos



# GENERATION

Jack Kerouac, depois de ter conquistado com os seus romances a juventude americana prepara-se, ao que parece, para conquistar a Europa. Primeiro sinal: na Itália, a primeira edição de *On the road* esgotou-se em poucos dias...

Como se sabe, o nome de Kerouac, nos jornais aparece sempre ligado a outros nomes que nada têm a ver com a literatura: Charlie Parker, um dos modernos mestres do jazz, e James Dean. E, como se sabe, também essas notabilidades pertencem à famosa **Beat Generation**.

Mas que é então a **Beat Generation**? Romantismo desesperado, sentimento do absurdo, amoralismo, tudo isso a caracteriza. Mas esta adjectivação é perigosa (como todas as adjectivações): pois não é verdade que aquelas palavras se aplicam também à geração americana posterior à primeira Guerra Mundial, à geração de Hemingway? Primeira conclusão: a **Beat Generation** é a nova **Geração Perdida**. Ela representa uma revolta con-

tra o passado e o futuro, contra todos os princípios burgueses; mas uma revolta desesperada; não a revolta de homens que têm ilusões, mas a revolta de homens que em nada acreditam. Com uma insistência que por vezes cansa, os romancistas da **Beat Generation** contam quase sempre a história de rapazes que passaram a mocidade em casas de correcção e foram depois atirados para o mundo. Esse mundo é a estrada... Ei-los que avançam ao longo dos caminhos, à procura duma liberdade que lhes escapa, melancolicamente à margem da sociedade americana. O herói de *On the road* (o famoso romance de Jack Kerouac) ilustra bem o tipo do rebelde sem causa, do místico sem fé. E, todavia, quanto lirismo nessa obra fundamental! Porque, sob o peso de tanto desespero, há nestes vagabundos uma ternura, um desejo de amor, que aproveita todas as escapatórias para se manifestar!

Mas aconteceu, por outro lado, que a popularidade deste movimento criou um equí-

voco grave. A opinião pública americana serve-se da expressão **beat generation** para designar os heróis da delinquência juvenil, os **teddy-boys** europeus. Contra esse mal-tendido insurgiu-se Kerouac, não se limitando a dar entrevistas à rádio e à T. V. mas indo até o exagero de pronunciar conferências em Universidades!

Mas então — dir-se-á — o prestígio de Kerouac não ficou desfeito? Não, claro está. Kerouac tem a função dum mito e, provavelmente, os seus admiradores nunca lhe leram as entrevistas (nem sequer os livros).

Pergunta difícil: porque tem então o nome de Kerouac a força dum mito?

De origem franco-canadiana, Kerouac foi educado por um padre católico que inoculou nele o ódio à violência. O seu irmão mais novo — Gerardo — morreu aos nove anos em cheiro de santidade e deixou-lhe, antes de morrer, uma missão a cumprir: a de salvar os homens...

A infância de Kerouac foi, portanto, calma e edificante. Mais ainda: criou nele profundas raízes moralizadoras que se haviam de revelar mais tarde nos seus livros malditos. Quando chegou o momento de frequentar a Universidade, Kerouac trocou Massachusetts (a sua região) por Nova Iorque. Frequentou a Universidade de Columbia onde se distinguiu como jogador de futebol e não como intelectual... De súbito, quando já era uma das figuras populares da Universidade, abandonou os estudos...

Entrou para a marinha mercante e ao voltar à pátria pôs-se a palmilhar as estradas, vivendo como vagabundo e acumulando as experiências que posteriormente utilizou em **On the road**.

Em 1944, apaixonou-se pelo **jazz**, que estava a ser profundamente transformado por Charly Parker. Para Kerouac, como para tantos outros, o **jazz** era uma explosão contra as normas estabelecidas, uma profunda e pura revolta contra a injustiça, um desejo de amor numa sociedade nova. No entanto, de mistura com esse espírito quase religioso, misturava-se por vezes um outro espírito: cigarros, **marijuana**, etc. Em 1948 a **Beat Generation** estava no auge: actores famosos, como Montgomery Clift e músicos ilustres, como Charlie Parker, apareciam de barba comprida. E havia neles um misto de entusiasmo e indiferença. Eram entusiastas na maneira de falar, de comer, de andar daqui

para acolá, de ir ao encontro de novas experiências. Eram indiferentes porque sabiam ficar muitas vezes silenciosos num bar, vestidos de negro e deliberadamente imóveis. Alguns destes jovens encontraram no budismo um tubo de escape para os seus desejos de revolta.

Mas em 1934 o termo **beat** significava vagabundo, melancólico... Designava gente sem morada fixa, que dormia debaixo das pontes. Marlon Brando não era ainda o herói cinematográfico da geração, mas Peter Lorre, com o seu olhar de desespero e o seu andar abandonado. Segundo Kerouac (que entretanto se interessava, como é natural, pelo budismo) o símbolo mais **beat** dessa época encontrava-se nos olhos das vítimas da guerra, essa multidão de gente que vira a morte adiada mas que não descobrira o sentido de viver.

O primeiro livro de Kerouac — **A Cidade** — descrevia a sua terra natal. Era uma autobiografia que não escapou aos críticos mais atentos embora fosse ainda patente a influência de Thomas Wolfe, Kerouac passou a ser uma grande esperança.

No ano seguinte (1951) escreveu **On the road**. Mais tarde disse: «Escrevi-o para a minha mulher. Quando eu chegava a casa ela queria sempre saber o que tínhamos feito, o meu amigo Neal e eu».

Numerosos editores recusaram-se a publicar a obra, sob o pretexto de ser um livro difícil e pouco vendável... Após esta publicação, Kerouac regressou à sua vida de vagabundo, exercendo os ofícios mais diversos.

Entretanto, em 1955, começaram a aparecer os incitadores de Kerouac. Alguns jornais já então falavam nele e chegou, finalmente, em 1956, a oportunidade de publicar **On the road**, que se tornou a bíblia da **Beat Generation**. Uma bíblia mal interpretada, de resto...

Porque em 1954, tendo Kerouac entrado por acaso numa das igrejas da sua infância, sentiu-se iluminado por uma visão de carácter místico. Nesse momento, entrava na igreja um grupo de moços manifestamente pertencentes à **Beat Generation**. Parecera a Kerouac que eles vinham à procura duma fé e dirigiu-se-lhes contando a visão que acabara de ter. Mas ouviu um coro de protestos...

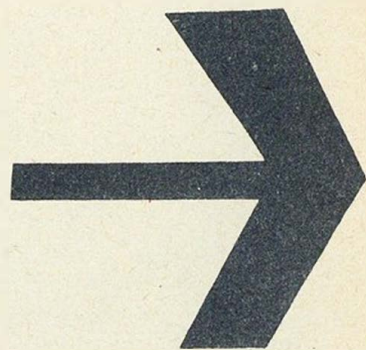
O **Vagabundo da Verdade**, o livro que a seguir publica, traz a marca duma profunda

influência budista. Kerouac começou então a insistir na necessidade da **Beat Generation** encontrar uma fé. Pensava ele que essa era até a característica da **nova vaga** e que toda a insatisfação, todo o cinismo que nela havia era na forma desesperada de buscar uma crença firme que só uma verdade transcendente poderia alimentar.

Escusado será dizer que aquela profissão de fé de Kerouac não contribuiu para desfazer o equívoco que em torno da sua obra continua a subsistir. Para os jornais, Kerouac representava uma juventude desinteressada, irreverente e amoral. E assim, quando o autor de **On the road** fez imprimir um crucifixo na capa desse livro, os jornais interpretaram isso como uma brincadeira de mau gosto. Prisioneiro de uma lenda falsa, pouco importavam as próprias palavras e desejos de Kerouac...

Assim, o êxito de **On the road** foi uma desilusão para o seu autor. Dum dia para o outro ficou riquíssimo, embora o seu coração continuasse **beat**. Refugiou-se com a mãe na Florida. «É que — escreve algures — eu sou muito tímido: só em Nova Iorque bebo e falo. Fora disso...»

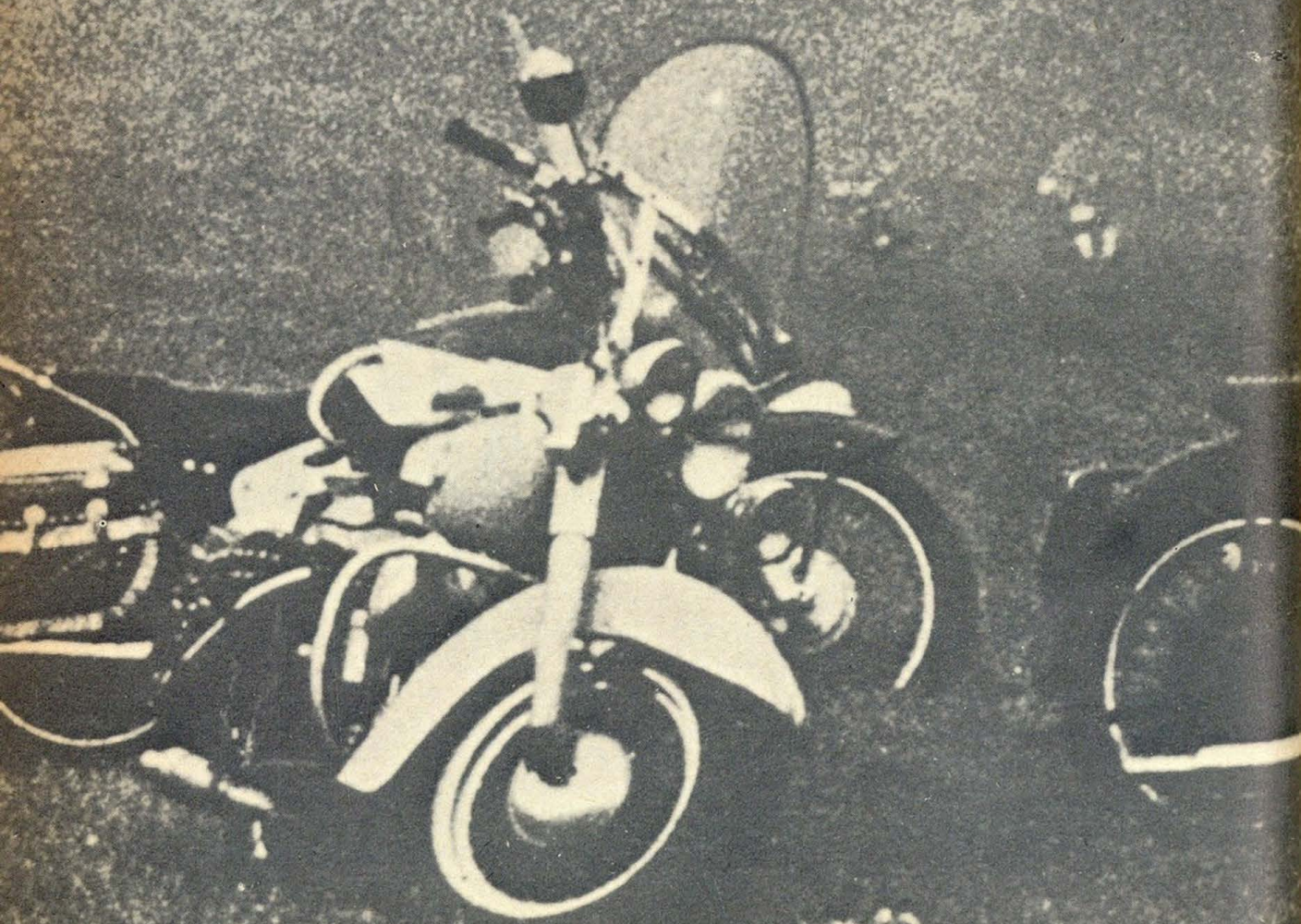
Fora disso, pelo menos quando escreve, Kerouac perde a timidez. Será por essa razão que Hemingway comenta: «É possível que esta nova geração tenha uma necessidade absoluta de fazer a sua própria publicidade. Dantes nós não sentíamos esse desejo, esperávamos que a publicidade viesse ter conosco. Está aí, ao que penso, a grande diferença entre as nossas gerações. Mas isso não significa que os homens do meu tempo se oponham a estes jovens. Ainda lhes falta uma técnica segura — tanto quanto posso avaliar — mas possuem muito talento e eu desejo-lhes um grande êxito...».



para onde vai a

**BEAT**

**GENERATION**



Os americanos sempre apreciaram os rebeldes. Faz parte da sua maneira de ser de povo jovem, cuja independência foi conquistada contra um imperialismo colonialista. O rebelde vale por si, muitas vezes mais independentemente das razões da sua rebeldia. Assim a **Beat Generation** conheceu a fama. Nos últimos anos os seus elementos mais representativos, Jack Kerouac, Allen Ginsberg & C.<sup>a</sup> foram numerosas vezes entrevistados e fotografados — mais vezes certamente que todos os escritores da Geração Perdida (a geração de Hemingway). Foram nessas entrevistas considerados os porta-vozes de todos os rufias, todos os desadaptados, todos os delinquentes juvenis realizados ou potenciais dos Estados Unidos. E isto trouxe-lhes prestígio — como se houvesse alguma virtude em representar tendências viciosas. Relacionaram-se as suas características com as do **Angry Young Men** (os jovens revoltados) em Inglaterra e a geração dos artistas franceses com menos de trinta anos: a geração de Sagan, de Buffet, de Vadim. Como eles procurariam lutar contra o Conformismo, o Colectivismo e o Desespero dos anos de pós-guerra. Tudo afinal se considerou na **Beat Generation** tirando talvez os reais motivos que provocaram o seu aparecimento, e quanto ele revela sobre o estado de cultura do americano médio de hoje, e a inquietação que deixa com respeito ao futuro e expansão alarmante da mistura, do emprego da violência e do abuso de drogas entre os jovens. Em Inglaterra e França, onde os rebeldes literários não têm a insensatez dos Teddy-boys nem o seu gosto pela violência e a criminalidade, onde a Arte se desenvolve não contra a própria civilização mas contra certos aspectos desta, onde existe uma tradição social e cultural antiga, o caso

não é tão alarmante (quer na vida, quer na literatura).

Mas na América, onde assistimos ao desabrochar de todas as forças hostis à civilização, uma onda de estupidez brutal e de culto pela ignorância apresenta muito mais séria ameaça para o futuro, pois é a própria civilização que está em jogo.

Como avaliar bem a **Beat Generation**? Talvez o melhor processo seja recorrer à leitura dos livros mais célebres dos seus representantes. O ponto que primeiro se repara é a sua grande indiferença pelos problemas comuns ou sociais. A **Guerra Fria**, as bombas atómicas deixam-nos mais ou menos indiferentes. A política não é sequer abordada por muitos deles (Sagan, por exemplo), por outros considerado assunto que não diz respeito ao artista. Aquilo que preocupa os jovens rebeldes é a vida privada — amor, relações pessoais, problemas do eu. A mesma ênfase no amor e a mesma atribuição de suprema importância nas relações pessoais movem cada palavra escrita por Kerouac, Ginsberg & C.<sup>a</sup> e o amor é o único assunto tratado por Françoise Sagan. Para ela a alternativa parece pôr-se entre o tédio e a grande paixão, como em Kerouac a escolha se faz sempre entre o aborrecimento e a violência. A grande coisa é o contacto, a comunicação, a intimidade, o sexo, e que o resto do mundo passe — de preferência a 140 quilómetros por hora.

Esta apatia crescente perante os problemas da colectividade — justificada talvez por condições que tornam o homem quase incapaz de controlar os progressos que ele próprio realizou, esta apatia que leva Jim Porter, o herói de **Look Back in Anga** de Osborne, a dizer: «Suponho que pessoas da minha geração já não estão dispostas a

morrer por grandes causas», — já se encontrava anunciada nos escritores da chamada «geração do silêncio». Através de um aparente conformismo, estes escritores dedicavam-se também aos problemas do eu e do amor, mostrando o mesmo ódio pela ambição e o espírito de competição. E, curiosamente, os sociologistas ensinam-nos que, pelas mesmas razões, até os jovens que se começaram a meter na indústria estão desinteressados em subir a lugares de maior responsabilidade e comando, preferindo postos obscuros e sem grandes problemas e dedicando as suas energias à vida privada: amigos, matrimónio, família. Qual é o sentido então desta revolta? Contra que protestam? Com que lutam? Mais importante de tudo isto — que representarão no futuro?

A situação é diferente conforme consideramos cada um dos três países. Em França, assistimos ao curioso facto de uma sociedade que, progredindo economicamente, continua a apresentar uma literatura de desânimo e desespero: Sartre, Buffet, Sagan... Mas a melancolia dos escritores mais velhos como Sartre, Simone de Beauvoir, Camus, tem um travo de amargura em que se sente uma reacção contra a incultura que se foi generalizando em França a partir do fim da Guerra.

Com efeito, a modernização que se deu na vida francesa criou uma geração com muito menos sentimento nacional e desmoralização do tempo de guerra que a sua antecessora. Os jovens franceses de hoje estão, pode dizer-se, americanizados no seu interesse pela tecnologia e no seu desinteresse pelas paixões ideológicas do passado. Acompanhando a modernização da economia, uma cultura popular semelhante à americana e provavelmente baseada nela, começa a surgir — carros, jazz, filmes, magazines ilustrados, etc. Se Françoise Sagan e o seu círculo são rebeldes, é no sentido de participarem ou apoiarem esta invasão da vida e da cultura francesa por um espírito americanizante. Os romances da Sagan estão cheios da ideia de que a educação tradicional francesa é irrelevante — Bergson é um maçador porque, como filósofo, exige estrita atenção e disciplina mental; Stendhal, meramente um nome que se conhece da escola.

A Inglaterra sofre também um processo de americanização, mas as suas são mais sociais e culturais do que económicas. Como resul-

tado da legislação do Governo Trabalhista depois de 1944, as Universidades abriram as suas portas a cada vez mais jovens das classes menos favorecidas, o monopólio de educação pela classe privilegiada desapareceu, e um novo tipo de inglês (nascido na província, criado num meio relativamente pobre, educado em Oxford, Cambridge (como bolseiro) ou em qualquer das outras universidades menos elegantes, ocupando lugares no ensino ou nas bibliotecas em pequenas cidades) apereceu e começou exigindo satisfações aos seus direitos culturais. Os **Angry Young Men** ou pertencem a esta classe ou são seus porta-vozes. Em geral, dão o seu apoio às forças que estão transformando a Inglaterra numa sociedade igualitária e dirigem a sua fúria contra aqueles que mantêm a cultura estabelecida, conhecida simplesmente por «Establishment»: isto inclui os ricos e elegantes de Mayfar, que vão às corridas em Epsom e Ascot, os graduados das escolas «snobs» como Eton, Harrow, Oxford e Cambridge, aqueles que controlam a BBC, o «Times» e o «Observer». Nesta classe vêem os **Angry Young Men** os responsáveis pela crise do Suez de 1956. O «Establishment» mais ou menos reprova a América e os Americanos achando-os vulgares, mas John Osborn e Keneth Tynan há anos vêm gabando os filmes, peças e livros americanos. Kingsley Amis confessa que os seus reais interesses na vida são «filmes, bebidas, seios de mulheres, romances americanos, jazz, ficção científica».

Mas aqui como em França a cultura tradicional parece suficientemente enraizada (até entre os próprios **Angry Young Men**) para poder resistir à avalanche, melhor para poder utilizá-la num fecundo sentido. Os problemas debatidos não se afastam dos clássicos — as intenções em jogo podem admitir um denominador comum.

## OS REBELDES NÃO TÊM REGRAS

Se os rebeldes de Inglaterra e França lutam ambos pela «americanização» dos seus próprios países, que dizer da **Beat Generation**? Representará ela equivalente valor cultural? Apenas superficialmente. Os **Beat-Boys** viraram o seu fogo na direcção dos **standards** e estilo da classe média culta americana e vangloriam-se de ter introduzido nela

um novo vigor trazido da linguagem e da experiência populares. Estes escritores, cujo foco de origem foi S. Francisco, representam também um desafio ao domínio cultural das grandes cidades (ou melhor Nova Iorque) e das grandes universidades. Que está na origem deste movimento? Provavelmente os desastres económicos, as vítimas da injustiça social e, especialmente, a juventude abandonada e sofredora, sem privilégios — a juventude delinquente. Como acontece geralmente nestes movimentos, os oprimidos, os não privilegiados — os tipos que por uma razão ou outra se não realizaram na vida — são considerados como fonte, como origem de tudo quanto é bom e verdadeiro, incluindo (neste caso particular) a própria cultura. Têm os desadaptados e os adolescentes dificuldades em articular as suas ideias e sentimentos? A resposta a esta questão só pode estar em erros no poder de articulação; falar e pensar de forma coerente não é senão «preteniosismo»; «a verdadeira» intelectualidade está na alma e como se considera que os adolescentes e desadaptados têm maior pureza interior que os chamados «intelectuais» devem ser eles os «verdadeiros» intelectuais». Ou, novamente—parece-lhe a literatura que Keronac faz descuidada, confusa e caótica? Isto significa que é um conformista, hibernando os standards e os valores daqueles «snobs» que (na imagem de Guisberg) estão a sucumbir ardendo dentro dos seus fatos cinzentos na Madison Avenue. Os escritores da **Beat Generation** tentam redefinir a cultura. As críticas formais que se lhes possam fazer não têm para eles significado porque a sua escala de valores é outra.

Por tudo isto, a **Beat Generation** é um fenómeno significativo e não é possível ignorá-la apenas por não se admitir a sua fancaria literária ou por se reparar que o seu «protesto» final não leva a nada, porque não vem de nada e não luta por nada (excepto talvez na irresponsável adaptação ocidental do Budismo). O que é importante é a atenção despertada por estes autores. A «Renascentença» de S. Francisco e o desenvolvimento, nos últimos anos, de mistura, da delinquência e do abuso de drogas entre os jovens nos últimos provém de uma causa comum: a fraqueza e a falta de orientação de cultura média americana de hoje. O que se entende aqui por cultura de classe média não são só os livros escritos por gente res-

peitável para gente respeitável, mas o tipo de vida, os valores, as atitudes da maioria dos americanos de instrução superior. São estes que governam a América, tanto quanto a aristocracia governava a França antes de 1789; controlam a indústria, dominam as melhores universidades, têm o monopólio dos bons empregos. É pois uma classe próspera e consubstancia a nação americana de alta sociedade. Quem quer que queira mover-se nesta classe tem que: gostar de Martini (muito seco), estar interessado (mas não muito) em bons livros, boa música, ideias sérias. Muitos sociologistas estão de acordo em ser esta classe bastante esclarecida nos seus pontos de vista sobre a vida e o mundo. Aceitam a razão e a ciência como opostas ao dogmatismo e às crenças religiosas, aumento de justiça social em detrimento dos privilégios, liberdades civis e internacionalismo e grande liberdade em matéria sexual.

Quando se diz que esta cultura é fraca e sem coluna vertebral é porque ela tem sido tímida e hesitante na defesa dos seus valores liberais e esclarecidos e foi assim incapaz de estabelecer sobre os mais novos a sua autoridade. As razões disto e as razões contra isto são muito complicadas e acompanham um movimento geral de desconfiança em relação ao racionalismo, que já conheceu, no consenso geral, melhores dias.

## BATENDO AO ACASO

Vivemos numa sociedade em que os pais já se dão por felizes quando os filhos sabem escolher o seu futuro, porque por si não se sentem autorizados para lhes dar conselhos.

Este vazio deixado pela falta de convicção dos pais nos seus próprios valores — que veio preenchê-lo? Só as asserções conservadoras que a **guerra fria** e as suas consequências já várias vezes levantaram: Os «slogans» do individualismo económico pregados por políticos e propagandistas sem escrúpulos; a pretensão absurda de que o povo americano é poderoso e na fé encontrará socorro, quando até uma criança de dez anos sabe e reconhece que a fé religiosa desempenha na sociedade americana moderna o mesmo papel que as regras de cavalaria medieval; finalmente, a expansão das falsas religiões (?) entre outras a psicanálise. E a defesa de todas estas frases feitas (frases, ideias e sentimentos)



que cria uma nova época vitoriana na moral pública da América, provoca uma natural reacção dos escritores modernos contra todas as formas de hipocrisia. Entre esta hipocrisia corrente e a falta de autoridade paterna, as crianças acabam por formar as suas regras, que são, invariavelmente as regras de rua.

E a delinquência infantil com as suas expansões bruscas está para a vida como os escritores de S. Francisco para a literatura: batendo ao acaso contra não sabem o quê e fazendo regras estéticas próprias que são «grosso modo» na literatura, o mesmo que as regras do **gang** são na vida de rua.

Aonde chegará tudo isto?

O conservadorismo hipócrita que tem dominado a América nos últimos dez anos, deve ir cada vez piorando mais e a classe média liberal reagirá provavelmente fechando-se nos seus problemas e deixando correr o mundo. E assim a juventude continuará posta entre duas únicas alternativas — o Budismo ou as drogas. Alguns resultados disto já estão à vista e são de molde a alarmar os sociólogos e os pedagogos. Criou-se, dentro

destes resultados um novo tipo de herói: ora brutal e instintivo (Stanley Kowalsky do «Eléctrico chamado desejo»; tímido e incapaz de se exprimir (James Dean), orgíaco e sexual, quase histérico (Elvis Presley).

E nestes heróis inarticulados encontramos o medo dos jovens americanos à maturidade — porque falar para defender qualquer coisa é ser um homem.

E é este o ponto que marca a **Beat Generation**, os escritores de S. Francisco. Todos nós sabemos o que acontece quando um ser humano cresce sem correspondente maturidade: continua a precisar de alguém que tome decisões por si, que lhe governe a vida, que o guie. Se os guardiões da nossa civilização se deixam aterrorizar por meia dúzia de gritos de uma juventude exaltada, quais serão disto as consequências políticas? Porque o que começa em cultura acaba sempre em política e é lamentável esta situação em que nada existe para opor às brigadas de choque da **Beat Generation** senão a afirmação convencional «família que seja unida, vive unida».



o Anel

## conto por Michel Megret

Artur gostava de construir castelos na areia. Já não tinha idade para isso, decerto, mas soubera conservar esse dom da infância. E enquanto os camaradas aproveitavam as férias para percorrer as praias da moda, ele preferia a solidão (apesar dos seus vinte anos acabados de fazer) e refugiava-se numa das ilhas quase desabitadas da Costa.

Acampara numa praia deserta e passava o tempo a pescar, a ler ou a construir castelos de areia cada vez mais complicados. Os habitantes da aldeola que ficava a dois quilómetros da praia raras vezes o viam. Apenas quando ele ia buscar, de sacola ao ombro, os mantimentos.

— Esta praia é minha! — podia ele dizer muitas vezes.

Mas de certa vez, ao regressar dum passeio ao interior da ilha, viu os seus castelos destruídos. Por quem? Os vândalos não estavam longe: um pequeno iate baloiçava-se suavemente na enseada. E no convés, sentada com os pés na água, via-se uma rapariguinha de cinco ou seis anos.

— Eram muito feios! — gritava ela, dirigindo-se a Artur. Atirou-se ao mar e nadou na direcção dele.

— Rosa! Rosa! — gritava uma voz de mulher. E segundos depois apareceu uma rapariga. A irmã?

— Já vou! — respondeu a criança. — Aproximava-se de Artur e dizia: — O castelo do papá é muito melhor...

— Não acredito...

A desconhecida chamou ainda pela Rosa uma ou duas vezes e, depois, mergulhou.

Vendo-a aproximar-se, Artur admirava-se com a juventude e a graça felina que se desprendia da rapariga.

— É tua irmã? — perguntou em voz baixa.

— Não. É minha mãe...

— Porque não me obedeste? — dizia ela, virada para a filha.

— Não devia nadar com a aliança no dedo — disse Artur, inesperadamente. — Pode deslizar...

A mãe de Rosa empalideceu. A sua resposta foi agressiva:

— Não devia acampar aqui. Há víboras, ladrões, desprendimentos de rochas...

— Além disso esta praia é nossa — disse Rosa.

— Ah!

A mãe de Rosa pegou na filha pela mão e virou as costas. Dissera um **boa-tarde** seco. Agora corriam as duas em direcção à água.

Artur seguiu-as, observando lentamente as pegadas de ambas. As de Rosa estavam espalhadas por toda a parte, sobre os castelos destruídos. Mas os pés da mãe não eram muito maiores e tinham a mesma juvenil leveza dos da filha: quase não se enterravam na areia. E dentro de instantes o mar viria apagá-las.

No dia seguinte, Artur esperou o regresso do iate, mas em vão. Apenas Rosa, vinda por terra, através das rochas, apareceu.

Nadaram juntos, brincaram às escondidas, viram quem corria mais (e ele deixou que fosse ela). Artur gostaria de a interrogar acerca da mãe, mas a rapariguinha falava apenas do pai:

— Ele está muito longe e há muito tempo — dizia. — Escreve-nos por vezes...

Tratavam-se por tu e, pacientemente, Artur procurou conquistar a simpatia da rapariguinha. Contava-lhe histórias maravilhosas que conseguia extrair com muita dificuldade das brumas da memória. Mas Rosa também sabia muitas histórias. E quando ele lhe quis contar as aventuras do Conde de Monte Cristo, ela interrompeu-o com um encolher de ombros:

— Estive na ilha dele, não vi lá tesouro nenhum. Apenas víboras...

Depois, sem transição, Rosa contou-lhe histórias fantásticas que ele escutava atentamente. E assim passaram a manhã. Mas quando o meio-dia chegou ela teve de se ir embora. Escalou os rochedos com a graça dum cabritinho e desapareceu.

Rosa não voltou nessa tarde, nem nos dias seguintes. E na aldeia, Artur, soube que a desconhecida era inglesa e casada com John Viscount.

Essa informação amorteceu nele o interesse pela mãe de Rosa. De resto, não era verdade que viera até àquela ilha para descansar e para fugir às complicações duma vida sentimental demasiado complicada? Assim, jurou

a si mesmo arrancar do pensamento a imagem da jovem mamã. Decidiu até mostrar-se agressivo com Rosa, para que se rompessem todos os laços...

Leu, construiu os seus castelos de areia, entregou-se ao prazer da pesca submarina. Mas uma tarde surgiu de novo, não muito longe, na enseada, o vulto esguio da *Gaiivota* e ele sentiu de repente que aqueles dias tinham sido vazios para ele e que nunca chegara a esquecer a inglesa. Rosa atirou-se à água e aproximou-se de Artur.

— O papá não escreveu — foram as suas primeiras palavras.

Apesar da sua firme decisão de acabar com a amizade de Rosa, Artur não pôde resistir: de novo lhe contou histórias...

A sr.<sup>a</sup> Viscount não abandonara o barco. Com o pretexto de introduzir Rosa nos mistérios da caça submarina, Artur aproximou-se da zona onde a *Gaiivota* estava ancorada.

Emprestara a máscara à rapariguinha e, apesar da limpidez da água, era através dum espelho brumoso e deformante que via lá em cima o casco do iate e o vulto da sr.<sup>a</sup> Viscount, debruçado sobre a água e observando-o, quem sabe?

Quando Artur subiu à superfície, ela perguntou-lhe:

— Pode fazer-me um favor? Perdi uma rede aqui perto. Está muito funda para mim.

Feliz por poder mostrar a sua habilidade, Artur colocou a máscara e desceu o mais profundamente que pôde. Por fim, descobriu a rede poisada num leito de anémonas marinhas. Ervas ondulantes haviam-se infiltrado na rede e peixinhos fosforescentes e curiosos passavam em todas as direcções. Artur mergulhou várias vezes mas nunca conseguiu aproximar-se do objecto pretendido.

— Desista — disse a mãe de Rosa, mal deixando perceber na voz a sua desilusão.

— Algum objecto de estimação?

— Sim... — respondeu ela. — Mas não tem importância.

O amor-próprio de Artur sentiu-se ferido e ele mergulhou uma outra vez. A cabeça parecia-lhe estoirar, conseguiu pôr as mãos na rede, mas esta tinha (ou parecia ter) um peso colossal e ele desistiu.

Ao voltar à superfície compreendeu que desiludira não apenas a sr.<sup>a</sup> Viscount mas também a filha.

A sr.<sup>a</sup> Viscount levantou a âncora, e o barco deslizou docemente, batido pela brisa.

Artur procurava brilhar, vencer o mau efeito da sua derrota, mas não encontrava as palavras necessárias. Tinha o pressentimento de que a mãe de Rosa ligava mais importância à rede perdida do que dava a entender. Porquê? Ela não era mulher para se preocupar com um objecto de tão pouco valor, não ser que... Por mais que imaginasse, Artur não conseguia adivinhar o que poderia ser. Alguma coisa relacionada com o marido?

Quando regressaram à enseada, caía a tarde. Artur observava os gestos silenciosos da sr.<sup>a</sup> Viscount. Pronto! A viagem ia terminar!

— Eu vou contigo — disse Rosa, mergulhando ao mesmo tempo que ele.

— Volta para jantar! — respondeu a mãe, levantando a âncora.

Agora estavam os dois de mãos dadas na praia.

— As formigas não te comem os pés, dentro da barraca? O papá prometeu-me uma vez que havíamos de acampar... — Olhou para ele e acrescentou: — Tu és muito parecido com ele...

— Como?

— Sim...

No dia seguinte, Rosa regressou. Mas quando descia duma rocha torceu um pé e Artur teve de a levar ao colo até casa. A sr.<sup>a</sup> Viscount agradeceu-lhe mas era visível que não estava à vontade. A filha insistiu, porém:

— Porque não jantas cá?

Depois de comer, foram sentar-se num terraço que dava sobre o mar. Rosa adormecera, a sua cabeça inclinara-se sobre o ombro de Artur. Docemente, surdamente, ele começou a falar. Deixava que a inspiração do momento lhe ditasse as palavras; falava dos seus anos de infância, dos seus gostos, dos seus desgostos.

— Mas o Artur é ainda tão jovem! — disse a sr.<sup>a</sup> Viscount, com uma imperceptível hesitação.

E, no entanto, ela não era mais velha do que ele! Súbitamente, à luz branda das estrelas, Artur descobriu que ela tinha lágrimas nos olhos.

Rosa acordou.

— Tive um sonho — disse. Correu para os braços da mãe. — O papá vai chegar...

— Meu Deus! — exclamou a sr.<sup>a</sup> Viscount.

— Meu Deus! Recebi uma carta esta manhã... Ele chega esta semana...

Rosa bateu palmas satisfeita.

— Vais conhecê-lo, Artur!

Mas Artur baixou a cabeça sem responder. Ele sabia que no dia seguinte não seria convidado.

Passou-se um ano, um longo ano sem grandes tristezas, também! Mas os colegas notavam nele uma desusada gravidade, um desinteresse enorme por tudo.

— Qualquer coisa te sucedeu nestas férias, Artur! Apaixonaste-te?

Ele não respondia.

E à medida que o Verão se aproximava, começava a hesitar. Deveria ou não seguir de novo para a sua ilha encantada? Para quê contemplar a felicidade alheia? Precisava de esquecer...

Mas sentia confusamente que não poderia iniciar uma vida nova (acabara de se licenciar) sem voltar a ver a sr.<sup>a</sup> Viscount. E regressou à ilha.

Depois... Que havia de fazer? Mergulhou nas águas à procura da rede. E estava lá, ainda, envolvida por ervas e anêmonas marinhas. Era preciso alcançá-la! — pensou. Só depois de a obter poderia libertar-se...

Afastou as ervas, uma a uma as desfolhou. De novo na praia, abriu a rede. E lá dentro qualquer coisa brilhava. Era uma aliança, a aliança do marido? E subitamente lembrou-se das primeiras palavras que dirigira à sr.<sup>a</sup> Viscount: «Não devia nadar com a aliança no dedo... Pode deslizar».

Uma voz clara sobressaltou-o.

— Artur! Tu voltaste, eu sabia, eu sabia...

Rosa crescera muito e estava parecidíssima com a mãe.

— Queres fazer um castelo de areia? — perguntou.

— Davas cabo dele depois...

— Não. Prometo-te!

Artur hesitava. Nem mesmo tinha coragem de lhe perguntar pela mãe.

— O teu pai...? — disse.

— Escreveu-nos... Talvez venha este ano...

— Como? No ano passado não veio visitar-vos?

— Não... — Uma sombra passou pelos olhos de Rosa. — Não, mas há-de vir um dia. A minha mãe prometeu-me...

— Ele escreve muitas vezes? — perguntou Artur, impressionado, com uma vaga esperança...

— Quando estou triste. Até parece que adivinha. Mas...

— Dize...

— Tenho um truque. Sempre que falo dele à noite, chega carta no dia seguinte. Nunca falha... A mamã diz que no país onde ele está se adivinha tudo... Acreditas?

O mistério desfazia-se. Artur abraçou Rosa com força. Teria gostado de gritar, de pular...

— Ouve — disse ele. — Vês esta rede? Lembra-te? Quero levá-la à tua mamã...

Quando entraram no grande salão envidraçado, a sr.<sup>a</sup> Viscount fechou apressadamente o livro que estava a ler.

— Artur! Que feliz surpresa!

— Ele traz a rede — gritou Rosa.

— Com tudo o que ela continha — disse Artur, estendendo-lhe a aliança.

— Sempre era verdade! Ela estava aí!

— Não tinha a certeza?

A sr.<sup>a</sup> Viscount desviou os olhos, rasos de lágrimas. Contemplou a aliança perdida e reencontrada.

— Rosa já tem idade para saber... — começou.

— O quê?

— Não... — a sr.<sup>a</sup> Viscount desfez-se em lágrimas.

A criança saiu e eles ficaram os dois em frente um do outro, olhos nos olhos. Fora, a voz de Rosa perdia-se ao longe.

A sr.<sup>a</sup> Viscount guardou o anel num cofre e olhou de novo para Artur. E ele compreendeu que nesse instante preciso se iniciava para ambos uma nova vida.

fim

responda assim aos seus filhos

*uma «arte» difícil*



Muitas vezes os pais ficam entre a espada e a parede perante as perguntas que as crianças, na sua ingenuidade, lhes fazem.

Pais que enfrentam com calma e facilidade a papeira, a varicela, o sarampo e todos os inevitáveis acidentes daquilo a que se chama o «crescimento» dos filhos, ficam sem saber como actuar quando um deles lhes pergunta:

— Ó pai, donde vêm os meninos?

— Porque é que Deus não dá dinheiro aos pobres?

— Para onde vai o primo que morreu?

Os técnicos de educação e de psicologia infantil, por outro lado, dedicam a este assunto horas de estudo e confessam-se alarmados pela falta de cuidado e de atenção com que se responde às perguntas que as crianças fazem sobre religião, sexo, alcoolismo, divórcio, morte e questões referentes às divergências domésticas.

A inconsciência com que se responde, por vezes, a estas perguntas, pode acarretar consequências graves e pode afirma-se que os pais só compreendem verdadeiramente os seus filhos quando dedicam tanta atenção às respostas que dão a tais perguntas como ao estudo da sua razão de ser.

Segundo os técnicos de psicologia infantil, todas as crianças são igualmente curiosas, mas a medida em que a sua curiosidade se traduz em perguntas é que depende essencialmente dos pais. É aos pais que compete desenvolver a curiosidade natural das crianças e criar-lhes um ambiente que os anime a fazerem perguntas.

Diz a Dr.<sup>a</sup> BUXBAUM que este ambiente é essencial para que as crianças se desenvolvessem naturalmente e acrescenta: «as crianças são boas observadoras e más intérpretes». Segundo esta psicóloga, o que as crianças observam é quase sempre mal interpretado.

Este exemplo revela bem o que a Dr.<sup>a</sup> BUXBAUM pretende dizer com a frase citada.

Pedro, uma criança de 7 anos de idade, tinha um cão que morreu. Receando a discussão do assunto, que classificavam de mórbido, os pais de Pedro não lhe explicaram convenientemente o que era a morte e

a criança foi forçada a preencher as lacunas da explicação paterna. No dia em que o cão morrera, Pedro tinha atravessado sozinho a rua em que morava, violando, assim, uma ordem doméstica que o obrigava a chamar um adulto sempre que pretendia atravessar a rua.

Preocupado com a morte do cão e sem a compreender, a criança imediatamente estabeleceu uma ligação entre estes dois factos: a morte do cão e a desobediência à ordem paterna.

Concluiu que os pais tinham descoberto um processo de o fiscalizar e que, para o castigar, tinham causado a morte do cão. Daqui resultou que Pedro começou a ter um certo ressentimento contra seus pais, mas não foi esta a única consequência do seu raciocínio. É que, a partir dessa data, a criança começou a evitar todos os actos que, naturalmente, o levariam a independentizar-se da família e, conseqüentemente, a deformar a sua personalidade, tal era a convicção de que a família descobrira um método infalível de o vigiar e um sistema trágico de o castigar.

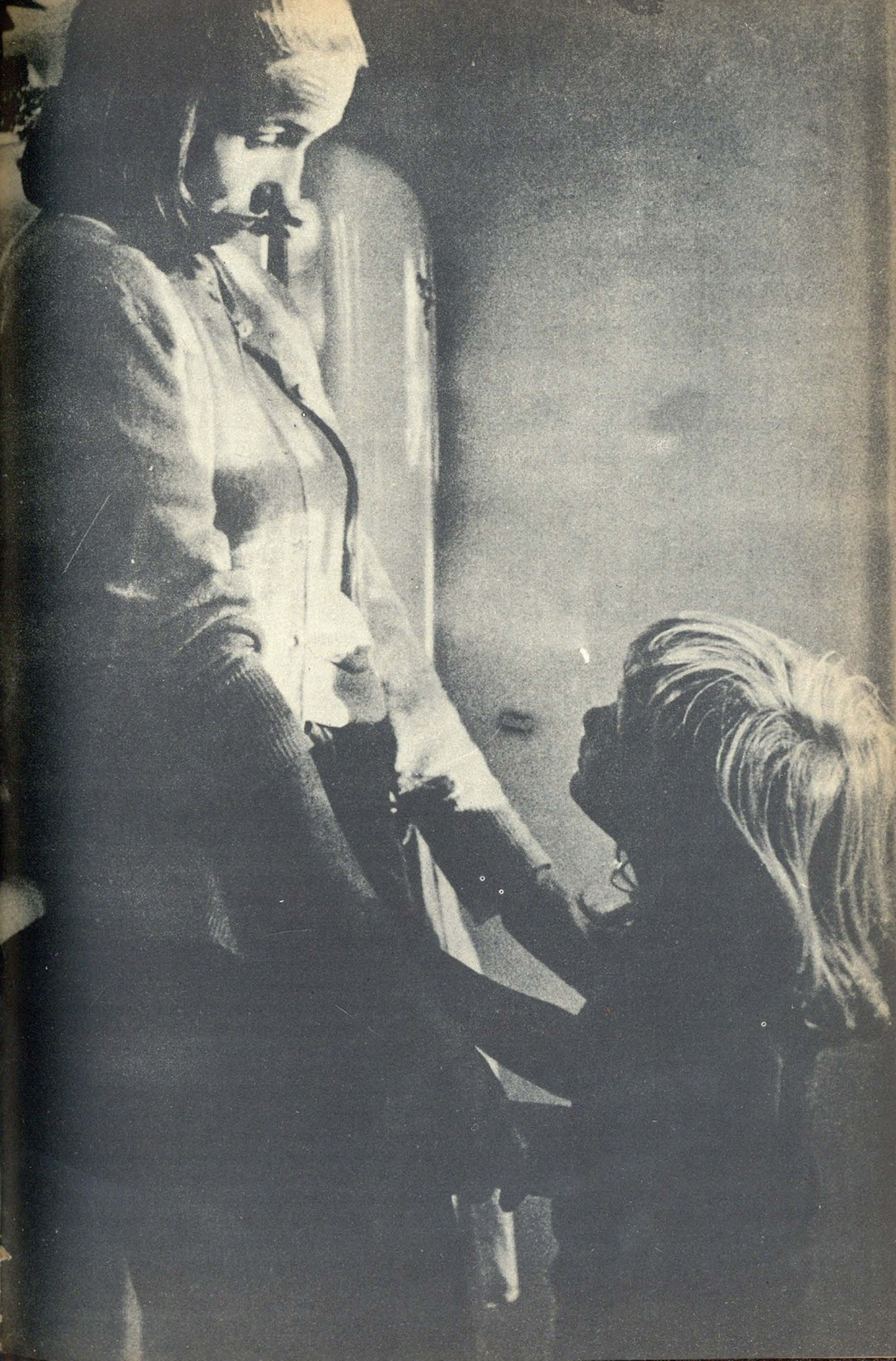
Este exemplo revela bem a necessidade de se responder convenientemente às perguntas das crianças e de lhes explicar claramente os pequenos acontecimentos do dia-a-dia.

Segundo os psicólogos, os pais devem fazer um esforço para distinguir entre a pergunta aparente da criança e a sua pergunta real, aquela para que efectivamente pretendem uma resposta, mas que não sabem ou não podem formular.

No exemplo apresentado, o pequeno Pedro certamente teria perguntado o que era a morte mas o que queria saber era se a morte tinha sido o castigo da sua desobediência.

Dizem ainda os psicólogos que as palavras usadas nas respostas paternas às perguntas dos filhos não têm uma importância fundamental. O que interessa é que a resposta dê segurança à criança, isto é, que a convença de que é querida dos pais e que tanto a sua família como o seu mundo estão seguros e não correm riscos.

Inquéritos cuidadosos revelam que as crianças têm perfeita consciência de que muitas





vezes as suas perguntas obtêm respostas dadas a correr e destinadas a «ganhar tempo» ou a «despachar».

Quando isso acontece não voltam a fazer perguntas...

É claro que também não gostam de respostas pedantes e complicadas.

Por outro lado, muitos pais compreendem a necessidade de responder cuidadosamente aos filhos e esforçam-se por fazê-lo inteligentemente mas não sabem como e, no que diz respeito à psicologia infantil, têm tendência para pensar que tudo isso é muito bonito mas que os filhos dos psicólogos certamente serão «diferentes dos seus»...

É claro que os pedagogos são os primeiros a admitir que cada criança é um problema próprio, individual, que tem de ser apreciado por si e que as regras gerais não são aplicáveis a todos os casos e a todas as crianças.

Isto não obsta, porém, a que se possam estudar soluções comuns e a que, sempre nas suas linhas gerais, as perguntas das crianças obedeçam a certas regras determináveis.

Daqui resulta que, se não é possível indicar as respostas psicológicamente adequadas a cada pergunta, é, pelo menos, possível indicar os tipos de respostas que melhor se coadunam com o desenvolvimento normal das crianças, bem como o tipo de respostas que se devem evitar.

Convém frisar que interessa mais a atitude dos pais perante as perguntas e a respostas do que estas propriamente ditas.

Dividimos deliberadamente este breve estudo pelos assuntos sobre que recaem normalmente as perguntas das crianças, assuntos estes que despertam a sua curiosidade e cuja compreensão é essencial para o desenvolvimento da sua personalidade.

## A MORTE

Que aconteceu à bisavó?

Para onde foi aquele senhor que foi atropelado?

Porque é que o tio morreu?

O tio quando acordar sai do caixão?

Que idade tem o pai?

Quando é que as pessoas são velhas?

Também tenho de morrer?

Que será feito de mim, quando o pai morrer?

A quase todas as crianças, logo na infância,

depara-se-lhe a morte. Não podemos estranhar que a morte lhes dê que pensar.

Bem vistas as coisas o problema da morte não continua a preocupar-nos pela vida fora?

As perguntas dos filhos acerca deste assunto, nem sempre obtêm respostas satisfatórias não só porque, por vezes, os próprios pais evitam pensar no caso, mas, também, porque os motivos que dão origem a tais perguntas são, por vezes, dolorosos para eles.

Normalmente os pais dão, às perguntas feitas, respostas deste tipo:

A pessoa falecida foi «para junto de Deus».

A morte é «uma coisa» que acontece aos velhos.

A pessoa falecida «foi-se embora».

Ninguém sabe ao certo o que é a morte.

Ou ainda:

Calte-se filho, que eu depois explico.

Dizem os pedagogos que todas as crianças têm, em certa medida, receio da morte.

Em primeiro lugar, receiam a morte por si próprias, por não saberem o que lhes sucederá se e quando lhes morrerem os pais.

Em segundo lugar, receiam a morte como castigo, isto é, receiam ser castigadas com a morte dum parente ou, até, com a sua própria morte...

As respostas dadas pelos pais, no que diz respeito a este assunto, portanto, devem começar por reassegurar a criança, por lhe restituírem o seu sentido de segurança. Devem, assim, indicar às crianças que a sua morte não é provável como não é natural que seus pais morram e que ainda viverão juntos muitos e muitos anos.

Se porventura a pessoa que faleceu foi um dos pais, deve dar-se a entender à criança que haverá sempre alguém para tomar conta dela: a mãe, o pai, uma tia, ou alguém que a criança estime.

Se o falecido tiver sido outra criança, deve explicar-se que raras vezes se morre em criança e até, pode aproveitar-se a ocasião para se fazerem recomendações acerca dos cuidados a ter com a saúde.

É essencial que se explique sempre, porém, que a morte não é um castigo e que nada tem que ver com as desobediências ou as más acções que as pessoas possam praticar.

É claro que é preciso explicar a morte e os pais devem evitar explicações que envolvam medo. Quem tiver medo da morte

não poderá deixar de transmitir esse medo às crianças.

A maioria dos pedagogos julga que as explicações de natureza religiosa são preferíveis a quaisquer outras, isto, evidentemente, desde que os pais tenham uma fé religiosa sincera.

Se não for possível aos pais explicar a morte desta forma, devem dar a entender à criança que a morte (excepto em casos de acidente) só chega quando as pessoas estão velhas, cansadas, fartas de viver e já não desejam fazer mais nada.

Como as crianças são por natureza enérgicas e lhes é difícil conceber que já se não queira fazer mais nada, a morte passa a situar-se num campo remoto e improvável.

Mesmo assim, a morte nunca deve ser explicada como sendo o fim de tudo mas antes como sendo um período de repouso, de pausa.

É claro que as perguntas acerca da idade não estão necessariamente relacionadas com a morte, muito embora, desde que se tenha dito que a morte é um fenómeno relacionado com a velhice, as crianças comecem a fazer perguntas acerca da mesma.

Deve, por isso, dar-se a conhecer às crianças que ainda estão muito novas — isto em relação à duração da vida.

Também se não deve atribuir à morte o carácter de tristeza ou, pelo menos, deve ter-se sempre em consideração que as crianças não devem conservar-se tristes durante muito tempo.

## ALCOOLISMO

Porque estará aquela senhora a rir-se duma maneira tão estranha?

Porque é que as pessoas bebem quando já sabem que se vão sentir mal?

O pai já esteve bêbado?

Que tem o pai, que está tão esquisito?

Posso, também, beber daquilo que o pai está a beber?

Com' que idade posso começar a beber?

Em Portugal, o alcoolismo não é um problema, ao contrário do que sucede noutros países, nomeadamente nos E. U., onde o alcoolismo preocupa todos os que se dedicam ao estudo de questões sociais. Não espanta, portanto, que os pedagogos dediquem a este assunto a sua atenção.

Dum modo geral, a maioria dos pais não tem estes problemas mas, é claro, há sempre

excepções e pode sempre encontrar-se um bêbado na rua...

Segundo os pedagogos, não se deve criar nas crianças o receio do álcool. Deve antes, explicar-se que, em doses moderadas e aos adultos, as bebidas alcoólicas não fazem mal mas que para as crianças e mesmo em doses moderadas o álcool é prejudicial.

Deve explicar-se que o excesso de álcool faz com que as pessoas percam o domínio de si próprias.

Segundo os pedagogos, a atitude das crianças perante o alcoolismo dum dos pais reflecte a atitude do outro.

Assim, uma criança que tenha a infelicidade de ter por pai um alcoólico, reagirá perante ele conforme sua mãe o fizer.

Se a mãe mostrar repugnância pelo pai, a criança sente-se inclinada a sentir e a exprimir essa mesma repugnância.

Se, pelo contrário, o pai apenas acidentalmente tiver bebido de mais e a mãe não atribuir ao caso uma grande importância, rindo-se, até, do sucedido, a criança procederá da mesma maneira.

Os pedagogos americanos julgam, mesmo, que tal acontecimento pode «humanizar» o pai aos olhos do filho...

## QUESTÕES DOMÉSTICAS

Que tem o pai?

O pai já não gosta da mãe?

Estão zangados?

Porque está a mãe a chorar?

Porque bateu o pai com a porta ao sair?

O Dr. SPOCK, no seu livro «BABY AND CHILD CARE» resumiu a opinião da maioria dos pedagogos americanos: «é preferível que os filhos não assistam a discussões entre os pais mas não se julgue por isso que eles não têm consciência de que essas questões existam.

«Quando uma criança encontra os pais a discutir, é preferível que estes admitam honestamente que estão a discutir em lugar de se calarem súbitamente e de mandarem a criança embora. Julgo que desta forma a criança compreenderá que as questões fazem parte integrante da vida e que, apesar delas, as pessoas podem continuar a amar-se e a respeitar-se.»

## DIVÓRCIO

Porque é que o senhor e a senhora Silva não vivem na mesma casa?

O pai e a mãe também se vão divorciar?  
Que é que vai acontecer ao Joãozinho,  
agora que os pais se divorciaram?

Que é o divórcio?

Se os pais se divorciassem com quem é  
que eu ficava?

Na opinião da maioria dos pedagogos o  
interesse revelado pelas crianças acerca do  
divórcio é puramente egoísta.

Nestas circunstâncias, todas as explicações  
devem ter um único fim: reassegurar a  
criança a fim de que esta compreenda que  
nem ela, nem os pais, nem o lar, estão em  
perigo.

Desde que se tenha tido isto em conside-  
ração, todas as outras explicações deverão  
obedecer tanto quanto possível à verdade e  
se, muitas vezes, é preciso alterar um pouco  
certos factos, o certo é que as crianças sabem  
perfeitamente que por vezes as pessoas, mes-  
mo os adultos, se não dão bem.

É claro que quando o divórcio ocorre na  
família da criança, o problema é já mais  
sério.

Quem é que vai ser agora a minha mãe?  
Mas então o pai já não gosta da mãe?

Mas o pai fez alguma coisa que não devia  
ter feito?

Todas estas perguntas revelam uma crise  
na vida da criança. É perfeitamente possível  
que a criança, sentindo as inevitáveis tensões  
a que um divórcio dá origem, crie uma sen-  
sação perigosa de instabilidade e comece,  
mesmo, a odiar os pais.

Quando o divórcio se verifica, a criança  
cria muitas vezes um complexo de culpa e  
julga que o divórcio foi um castigo por ela  
não ter gostado suficientemente dos pais.  
Mesmo nos divórcios por mútuo consenti-  
mento, os filhos criam este complexo. Os  
pais devem explicar-lhes que eles nada têm  
que ver com o divórcio, que lhe não deram  
origem e que nada sofrerão por causa dele.  
Há vantagem em que a criança seja infor-  
mada do divórcio tão cedo quanto possível.  
Nada pior para o espírito duma criança do  
que a insegurança a que o mistério pode dar  
origem.

É também importante que a criança não  
fique a pensar que a culpa do divórcio coube  
apenas a um dos pais. É aceite por todos os  
psicólogos que, na adolescência, a criança  
será mais amiga daquele a quem original-  
mente atribuiu a culpa do divórcio.

## QUESTÕES ECONÓMICAS

Quanto é que ganha o pai?

Nós somos ricos?

Algum dia seremos pobres?

Dum modo geral, a atitude das famílias  
perante este problema divide-se em duas opi-  
niões diferentes. Muitos pais preferem passar  
por sacrifícios a fim de que os filhos nunca  
compreendam que não são ricos e a fim de  
que lhes não falte nada. Outros preferem  
dar a compreender aos filhos, tão cedo  
quanto possível, que há um certo número  
de coisas que lhes não são acessíveis.

Os pedagogos entendem que a segunda  
orientação é a melhor. Não devem os pais  
dar a entender aos filhos que fazem sacrifi-  
cios para os educar. Tal atitude, exagerada,  
pode dar origem a um complexo de culpa  
por parte das crianças. Devem todavia dar-  
lhes a entender que o dinheiro não é ilimi-  
tado, que há coisas que se podem fazer e  
outras que estão para além das possibilidades  
da família.

Quando uma criança pretende saber quanto  
ganha o pai, é quase sempre porque na es-  
cola ouviu um colega gabar-se do ordenado  
de seu pai. Nestas circunstâncias deve dar-se  
a entender à criança que o pai, mediante o  
seu trabalho, ganha o suficiente para a casa,  
para a educar e para manter um nível de  
vida agradável à família. Se porventura esta  
atravessa uma crise económica, é natural que  
as crianças a sintam e perguntem, por exem-  
pio, porque é que tiveram presentes menos  
bons no Natal ou porque é que o seu ani-  
versário não foi festejado como até aí. Há  
toda a vantagem de explicar à criança o que  
se passa até para que esta compreenda que  
a crise afecta toda a família e que, como  
parte da família, ela também é afectada.

## DEUS

Onde é que está Deus?

Deus é casado?

Onde é o Céu?

Os cães também vão para o inferno?

Como é que Deus também é meu pai?  
Então eu tenho dois pais?

É claro que a resposta a estas perguntas  
depende essencialmente da religião dos pais.  
Muito embora ninguém pretenda explicar a  
um filho o que é uma bomba atómica, sem  
conhecimentos prévios, a verdade é que nin-  
guém hesita em explicar às crianças o que

é Deus, muitas vezes, sem a esse respeito ter senão ideias vagas e mal definidas. Compete portanto aos pais examinarem atentamente a sua própria atitude perante a religião e, uma vez que tenham resolvido educar religiosamente os filhos, estudarem com a maior atenção os preceitos da sua religião.

O medo do castigo está na base de muitas das perguntas que as crianças fazem acerca de Deus. Devem os pais explicar que há uma grande diferença entre ser-se mau e praticar-se uma má acção e que Deus não castiga as pessoas só porque de vez em quando saem do bom caminho.

## OUTRAS RELIGIÕES

Porque é que eu sou católico e o João não é?

Qual é a melhor religião?

Também acerca deste assunto convém frisar que o problema não tem em Portugal a importância de que se reveste noutros países. É claro que o que ficou dito atrás tem também aqui aplicação. As respostas a dar às crianças dependem essencialmente da atitude religiosa dos pais, muito embora se deva incutir nas crianças respeito e compreensão pelas religiões alheias.

## BOA EDUCAÇÃO E MANEIRAS

Tenho que lavar as mãos?

Que é um palavrão?

Então o pai pode dizer e eu não?

Eu tenho de ir para a cama e o pai não?

Entre os seis e os dez anos de idade, este tipo de perguntas é inevitável e não tem interesse de maior. Nesta idade as crianças estão formando a sua personalidade e estas perguntas são apenas uma afirmação de independência, uma necessidade natural.

Segundo os pedagogos, as respostas a estas perguntas variam consoante as crianças. De um modo geral, deve considerar-se que a criança tem de aprender a viver em comum. Deve assim explicar-se-lhe que a boa educação torna a vida em comum infinitamente

mais agradável e que não obriga apenas a criança, isto é, que os pais, as criadas e os próprios amigos da família também obedecem às regras impostas à criança.

## PERGUNTAS NATURAIS DAS CRIANÇAS POR VOLTA DOS DEZ ANOS

Gosta mais de mim ou da mãe?

De quem é que gosta mais no mundo?

Porque é que o mar é azul?

Todas estas perguntas correspondem a uma fase do desenvolvimento da criança.

Os pais não se devem esquecer de que esse mesmo crescimento é, por si próprio, uma tremenda aventura. Muitas vezes as crianças ao formularem estas perguntas estão a chamar a atenção dos pais para uma descoberta maravilhosa que acabam de fazer. As respostas dadas devem portanto ser simples e os pais devem ter presente que a criança está mais interessada em conseguir que os pais comunguem na mesma descoberta do que na resposta propriamente dita.

As perguntas sobre a intensidade do amor dos pais devem estes responder que gostam de todos igualmente mas de formas diferentes.

Estas são as regras indicadas pelos pedagogos para os pais:

1.<sup>a</sup> — Não torne as suas respostas complicadas ou demoradas. As crianças são incapazes de prestar atenção a um mesmo assunto durante muito tempo.

2.<sup>a</sup> — Tente compreender sempre a razão de ser das perguntas que lhe são feitas e não se esqueça de que o facto da mesma pergunta ser feita repetidas vezes só indica que ela esconde qualquer preocupação.

3.<sup>a</sup> — Seja honesto e diga a verdade dentro das possibilidades da compreensão da criança.

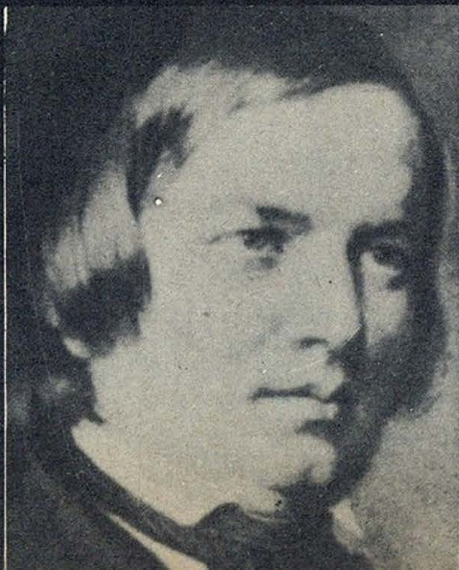
4.<sup>a</sup> — Antes de responder pergunte-se a si próprio: Estou a ser honesto ou estou apenas a escapar à pergunta?

5.<sup>a</sup> — Acima de tudo, as crianças necessitam de segurança. Todas as respostas devem dar-lha.



# Cartas de Amor

d e S c h u m a n n a C l a r a W i e c k



Clara Wieck era uma menina prodígio, famosa pelas suas interpretações pianísticas, quando Robert Schumann a conheceu. Gostaram imediatamente um do outro, mas o pai de Clara opôs-se durante muito tempo ao casamento e os infelizes apaixonados tiveram de recorrer ao tribunais para que o matrimónio fosse possível. «Não sou eu a mulher mais feliz do mundo?» — escreverá ela em 12 de Setembro de 1853, no dia do aniversário do seu casamento. E era-o, com efeito, porque ignorava a ameaça que pesava sobre ela: o suicídio do marido, três anos mais tarde. Mas valera a pena: Clara Schumann escreverá no seu diário, a propósito do último beijo de Robert: «Nunca esquecerei esse instante. Não daria esse momento por todos os tesouros do mundo».

Leipzig, 15 de Agosto de 1837

Bastar-te-á um simples «sim»? Uma pequena palavra, mas tão importante! Um coração cheio de amor, como o meu, poderá jamais deixar de dizer essa pequena palavra sem se comover? Eu pronuncio essa palavra e o meu ser mais secreto murmura-a para a eternidade.

Poderei descrever as dores do meu coração, as muitas lágrimas?... Não! Não é possível! (...) O teu projecto parece-me arriscado. Mas um coração que ama não olha aos perigos. Portanto eu digo «sim». (...) Ninguém no mundo poderá impedir a minha decisão e demonstrarei ao meu pai que um coração jovem é capaz de ser constante.

A tua Clara

Leipzig, 18 de Setembro de 1837

A conversa com o teu pai foi terrível. (...) Que fazer, minha Clara? (...) Tenho confiança em ti, sim, com todo o meu coração e só isso me pode amparar. O teu pai disse-me estas terríveis palavras: «Nada conseguirá demover-me!». Dele tudo é de esperar.

(...) Hoje sinto-me como se estivesse morto. (...) Se ao menos tivesse uma palavra tua, se pudesse ver-te! O teu pai disse-me que nos poderíamos ver, desde que estivesse presente uma terceira pessoa. Um espectáculo para todos! Também nos podemos es-

crever mas apenas quando um de nós estiver em viagem. E é tudo. Em vão procuro uma desculpa para o teu pai que é, de resto, geralmente considerado humano e nobre.

(...) jura-me ainda uma vez que terás a coragem necessária para suportar esta prova que nos estava reservada. Eu juro.

Não mudarei nunca, acredita-me. E se Deus quiser, ficarei o mesmo, para a eternidade.

O teu Robert

Leipzig, 26 de Setembro de 1837

Ainda duvidas de mim? Perdoo-te, sou uma rapariga frágil...

Sim, frágil. Mas tenho uma alma forte, um coração firme e imutável. Isto é suficiente para eliminar qualquer dúvida.

Tenho passado uns dias terríveis, mas bastará uma carta tua para eu partir tranquila. Prometi ao meu pai que me conservarei calma e que viverei ainda alguns anos entregue à arte. (...) Pensa nos piores momentos: «Ela faz tudo isto por mim!». Poderás duvidar? Se duvidasses despedaçarias o meu coração.

Clara

Setembro/Outubro de 1837

Palavras divinas, como as que me escreveste, ficarão conservadas para sempre no meu coração. Quanto a mim, também me sinto seguro. E agora, nenhuma palavra mais sobre o passado e aguardemos tranquilos e firmes até atingirmos o objectivo das nossas vidas. Tem confiança em mim, minha querida Clara, e essa profunda convicção da minha força ajudar-te-á em todos os momentos.

... ..

O teu Robert

9 de Outubro de 1837

... ..

Que coisa me roubará a força para trabalhar? Improviso ao piano, ou escrevo, mas sem amor. Uma única coisa se me impõe com letras enormes e em acordes musicais: CLARA.

Robert

11 de Outubro de 1837

Não posso pensar nem escrever. Ontem choraste sobre o meu peito. Agora, Clara, passei do céu ao inferno. Se gosto de ti?... E tu?... Não me abandones, mulher única entre as mulheres! Eu apoio-me em ti. Se me abandonares tudo terá acabado para mim.

Robert

Praga, 12 de Novembro de 1837

Querido Robert, a tua carta deu-me uma alegria inexprimível. O meu corpo tremia de satisfação quando Nanny ma entregou. Mas permite-me que te diga que és um homem a quem nada contenta. De princípio eu escrevia-te de dois em dois meses, depois passei a escrever-te todos os meses, agora escrevo-te todas as semanas e tu ainda te lamentas!

Será que me queres fazer sentir antecipadamente a tua autoridade de marido...?

Mas que pretendes significar quando falas em «esperanças perdidas»? Como pudeste extrair das minhas cartas esse significado? Ah, Robert, como isso me desagrada! Eu vivo com uma única esperança, um único pensamento me anima em todo o meu proceder, e tu podes dizer e escrever uma coisa dessas?

(...) Falando muito a sério: serei eu uma criancinha que se deixa conduzir no altar como se fosse conduzida à escola? Não, Robert. Ouve: quando me chamas «criancinha» eu gosto mas quando pensas que sou uma criança eu protesto com força.

... ..

Clara

Leipzig, 22 de Dezembro de 1837

Entre as mil vozes que te aplaudem, quem sabe se tu não sentirás uma voz que chama

muito baixinho por ti. Volta-te... e sou eu! «Aqui, Robert?», dizes tu. «E porque não?»

Por que razão não estarei perto de ti, não te seguirei de perto, mesmo que não me vejas? Amor e fidelidade! Que estas palavras te recordem, minha doce amada.

O teu Robert

3 de Janeiro de 1838

A que distância estaremos do nosso objectivo? Haverá ainda horas difíceis. Mas acompanhar-me-á sempre uma rapariguinha forte e corajosa:

Clara, poiso os meus lábios nas tuas mãos.

Robert

Dia de S. Silvestre, 1839

Deixa-me enviar-te os desejos dum Ano Novo muito feliz, meu querido Robert. Não ouse dizer-te com que sentimentos entro no novo ano: Sinto-me simultaneamente alegre e apreensiva.

Pertencer-te-ei completamente. Isso dá-me uma excitação de alegria. Toda a minha felicidade ficará nas tuas mãos. Tenho uma fé absoluta em ti, tornar-me-ás completamente feliz. Mas eu quero dedicar-me a ti com toda a minha alma: a tua felicidade é o meu objectivo, a minha preocupação.

Dás-me a tua mão, querido Robert, e caminharei pela vida com uma felicidade absoluta, dividirei tudo contigo, e procurarei ser uma boa dona de casa. Ah! Amo-te tão profundamente, tão infinitamente!

A tua Clara  
que será em breve  
a tua feliz esposa.



# boémia de outros tempos

por Lourenço Rodrigues

Portugal foi sempre um país dedicado a touradas. Já vão longe os tempos em que os nossos Reis desciam às arenas a pegar touros. Mas no século passado, as touradas de fidalgos constituíam um dos mais interessantes números dos programas do mundanismo. Recordemos uma delas:

Numa cálida e apetitosa tarde de Julho de 1858, portanto há pouco mais de cem anos, realizava-se uma grande corrida de touros na velha praça do Campo de Santana, sendo cavaleiros o conde de Vimioso e D. João de Meneses. Além do conde, já bastante descrito em pugnas desta natureza, D. João de Meneses foi, sem favor, uma das figuras primaciais do toureio a cavalo, um garboso rapaz que se estreou numa outra famosa tourada que o marquês de Nisa ofereceu pelo São João de 1845, em uma das suas quintas, perto de Salvaterra, quinta que é actualmente propriedade da família Palha Blanco.

A corrida que vamos descrever e em que intervieram nomes consagrados da fidalguia portuguesa, assistiu o rei D. Fernando acompanhado dos infantes e infantas, sendo o torneio presidido pelo aristocrático conde da Figueira.

O conde de Vimioso trajava à Marialva, de veludo carmesim bordado a ouro, chapéu armado e penacho. O seu colega na lide, apresentou-se elegantemente com um fato de mosqueteiro francês, todo de veludo preto,

provocando a natural curiosidade das damas.

Não faltou entusiasmo a esta tourada que reuniu trinta e dois nomes de categoria, entre cavaleiros, bandarilheiros, moços de forcado, moços de curro e carecas. A intrepidez dos aficionados foi largamente vitoriosa e houve duas surpresas que provocaram trovoadas de aplausos. Uma, foi a de um morgado de Setúbal que saltou à praça e fez uma valente pega de cara e a outra, foi do conde da Vidigueira que depois de tourear a pé como ele sabia fazer, pediu um cavalo e aí, como cavaleiro, luziu com todos os primores da sua arte.

No ano seguinte, nova tourada se efectuou na mesma praça, que estava vistosamente engalanada com sanefas de «terciopelo» escarlate. Às cinco e meia da tarde, no meio de uma medonha algazarra, começou o combate. As senhoras, quase todas se apresentaram à maneira espanhola com formosas mantilhas a emoldurar-lhes o rosto; e quatro bandas marciais atroaram os ares com as suas notas festivas e estridentes.

Nas cortesias, quando apareceu o Neto — filho do então ministro da Marinha — estrugiram os primeiros aplausos. Dessa vez, saíram a cavalo, o mesmo conde Vimioso e Frederico Pinto Basto, outro cavaleiro de fama, com o seu séquito de capinhas (designação que então se dava aos bandarilheiros).

Cavalos ricamente ajazados, o público de pé, a valentia dos forcados, a beleza do sexo feminino, tudo dava à festa toureira um brilho incomparável.

Alguns anos antes, ainda na quinta da Foz em Salvaterra, o conde de Vimioso levou a famosa Severa que nessa altura já era considerada rainha do fado, à tourada. Nessa corrida, Vimioso quebrou sete rojões, arma muito usada nesse tempo.

Nesta tarde de boémia, também apareceu uma tal «Scarnichia» que pertencia a uma família distinta e tivera uma esmerada educação, mas com um temperamento leviano que a levou a nunca abandonar a estúrdia e tais escândalos deu que um jornal de 1847 publicava uma notícia dizendo «ter aparecido em Lisboa uma rapariga de apelido «Scarnichia» que não tinha nada que ver com a família do mesmo nome».

Mas a verdade é que essa boémia que tocava primorosamente guitarra e cantava sentimentalmente o fado, era mesmo dessa família. Morreu na mais cruciante miséria no



Cunhal das Bolas e o romancista Camilo Castelo Branco fala dela no seu «Eusébio Márcario».

Como nota curiosa, sabe-se que numa corrida de touros que se efectuou num pátio da velha Porcalhota, D. Ana de Jesus, irrequieta princesa, acedeu a tomar a presidência da corrida, desde que fosse vedada a entrada ao ferrenho patuleia Santana de Vasconcelos, um espírito brigão cujas aventuras davam para encher capítulos. Apenas o distribuidor de bilhetes, certamente por esquecimento, não respeitou a recomendação de D. Ana e deu o bilhete ao Santana.

Ela, ao vê-lo em um dos palanques, mandou-o retirar, o que se fez com certo custo, mas Santana de Vasconcelos, no dia seguinte, desafiou para um duelo o filho da princesa, então duque de Loulé.

Parece, porém, que esse duelo não chegou a realizar-se, porque nada consta nos jornais da época.

Altamente curiosas e frequentadas eram também as esperas de touros que ainda hoje se realizam com menos brilhantismo em Vila Franca de Xira. Nessas tardes, os mais afamados batedores como o Zé Gordo, o Carlos Bonito, o Benfeito, o Domingos Pingalho, etc., apareciam a mostrar as suas habilidades. Descrever uma espera de touros nesse tempo com todo o bulício e a originalidade, é missão que não cabe nestas colunas. As tipóias em nuvens de poeira, rodavam velozmente, indiferente a desastres, e a boiada conduzida pelas chocas só faziam alto perto das Marnotas.

Era aí que os luzidos campinos, com o traje que ainda agora usam, de pampilho sobre a perna, esperavam fumando com calma o seu cigarrito. A Severa era certa a estas esperas e conta-se que em certa ocasião, tendo-se esgotado todos os trens que existiam em Lisboa, a popular fadista alugou uma sege de enterro e dirigiu-se muito naturalmente para a festa...

No caminho molhava-se a palavra no retiro do «Colete Encarnado» que já deu origem a uma opereta de êxito e no «Quebra Bilhas» que ainda hoje existe noutro local. A seguir, o escantilhão continuava com grande gaudío de alguns estrangeiros que assistiam entusiasmados a este espectáculo inédito.

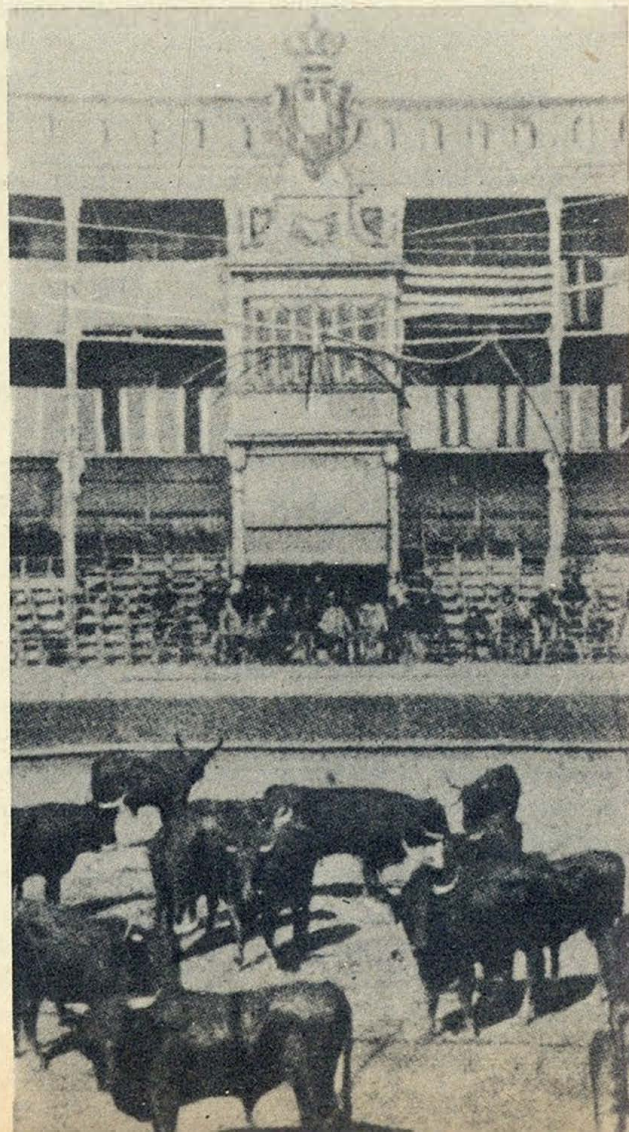
Estes endiabrados cortejos taurinos, punham-se em marcha pela estrada do Arco do Cego, calçada e rua de Arroios, largo e rua

de Santa Bárbara, Paço da Rainha até ao Campo de Santana.

Oliveira Martins, notável escritor a quem as letras pátrias tanto devem, escreveu um dia a propósito da praça do Campo de Santana que «esse velho circo deixa a lembrança de muitas festas brilhantes, de mais de uma tarde de delírio e arrebatamento, de tantos verões seguidos em que a Lisboa popular corria ali ao domingos».

O conde de Sabugosa, nome grado da literatura nacional, escreveu que «em todos os tempos, esse divertimento sempre formou homens destemidos, desenvolveu as qualidades físicas da raça activa e empreendedora, excitando-lhe a coragem e a destreza.

Gervásio Lobato, nome ilustre que todos os cartazes teatrais de Lisboa conheceram, biografou um distinto toureiro fidalgo da sua época dizendo: «É um rapaz simpático, engraçado e valente, que toda a Lisboa conhece. Há nele, sobretudo, uma coisa curiosa.



É a sua serenidade, a placidez incomparável com que monta um cavalo difícil, com que enterra um par de bandarilhas ou com que bate as palmas a um touro».

E finalmente, D. João da Câmara saudosos dramaturgo e poeta, autor de tantas obras célebres que ainda hoje se representam, assegurou. «Seja o perigo grande ou pequeno, vencido por arte ou por acaso, herói ou caterra, o prazer de superar esse perigo, e de sair são e salvo das dificuldades, é sempre um dos maiores. O prazer de arriscar a vida que, à força de arte e de coragem a salva depois, é um dos motivos porque muitos, galgando a trincheira, caminham para o touro. Que diabo! Se se mata uma galinha para dar caldo a um doente, não é muito que se metam dois ferros num boi».

Nesta pequena antologia de defensores e apreciadores da festa brava, há apenas uma nota discordante. Pertence ao grande escritor Alexandre Herculano, todo dado ao estudo e à erudição que um dia disse: «Sou do partido do touro. Iria lá, sabendo que o animal de quatro pés, levava a melhor ao outro, ao de dois, menos valente e mais feroz».

Portanto, a festa brava esteve sempre bem acompanhada e já no nosso tempo, o penúltimo rei de Portugal, D. Carlos I, frequentava amiúde as vilas de Montemor e Vendas Novas onde possuía apuradíssimas manadas de raça brava.

Almeida Garret também ia muitas vezes a esperas de touros na companhia do marquês de Nisa, do conde de Farrobo e de outros tafuis da época. Como dissemos no início desta crónica, o divertimento já vem de longe. O primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, mandava armar palanques para que os seus vassallos se divertissem nesse recreio nacional. D. Sancho toureou bastantes vezes, D. Duarte deixou um tratado de equitação e o infeliz rei D. Sebastião, toureou muitas vezes, com orgulho de sua mãe que admirava a sua esbelta figura na areia do Terreiro do Paço.

No século XVIII, existiam algumas praças de touros nas cercanias de Lisboa e numa que houve em Pedrouços, brilhou o marquês de Távora e o duque de Cadaval. Só no reinado de D. Maria I, o entusiasmo pelo divertimento arrefeceu. Apenas uma corrida festejou a sua aclamação em 1777 e outra comemorou o nascimento da princesa da Beira em 1795.

D. Miguel trouxe novos alentos às touradas mandando construir uma praça na Bemposta, que frequentava repetidas vezes. Na quarta dinastia vários monarcas não desdenharam o seu apreço pelas corridas e durante largo tempo, o marquês de Castelo Melhor substanciou em si a alma do movimento tauromáquico.

A propósito de tudo quanto se referia à festa brava, era consultada a sua opinião abalizada, sempre ouvida com atenção e respeito. Houve tardes em que o marquês chegou a apresentar vinte soberbos cavalos nas cortesias à antiga portuguesa, bem ajaezados e provocando o entusiasmo das multidões, nestes espectáculos de um inegável colorido que foram perdendo a pouco e pouco o seu característico.

E para finalizar estes apontamentos, recordaremos uma anedota verídica passada em uma dessas touradas. O poeta Bulhão Pato, apreciador do género, acabara de publicar um livro e estava portanto no auge da sua carreira. Contara a uma jovem uma das suas anedotas e a donzela, sem razão nenhuma, ruborizou-se. Bulhão Pato calou-se e disse-lhe apenas: Se coras não conto...

O conde de Vimioso que estava encostado à trincheira, disse para o touro em voz de estentor: Se marras não brinco...

Uma enorme gargalhada premiou a saída do fidalgo cavaleiro. Eram assim, entusiasmáticas e vibrantes, as touradas antigas que ainda hoje muitos recordam com saudade. Muito havia ainda a dizer destes espectáculos tão do agrado do público, mas a escassez de espaço obriga-nos a terminar.





## o brasão do fumo

Numa carruagem de comboio, numa sala acanhada ou num consultório de dentista, o fumador de charuto tem pelo menos 90 por cento de possibilidades de ser considerado *persona non grata* numa votação livre dos circunstantes. Sabemos que assim é, mas manda a boa educação que nem por isso nos espantemos. Há por esse mundo um apreciável número de *personae non gratae* que continuam a maçar a humanidade com bastantes mais graves prejuízos para a saúde colectiva do que o fumador de charuto. Os filósofos da rádio, para não irmos mais longe.

Conclui-se portanto que o consciente fumador de charuto deve compenetrar-se de que é, antes do mais, um indivíduo detestado e incómodo; logo, deve comportar-se como os escuteiros de calção curto durante a época de Inverno: heróicamente, ou seja, desprezando a incompreensão do semelhante.

Sejamos, porém, razoáveis. Aceitemos a opinião das maiorias e concordemos que o charuto é um prazer incómodo. Mas há que distinguir entre um carro americano, estilo catedral de cromados, que é incómodo e de bom gosto para as costureirinhas de Almirante Reis, e um bom «havano» que é incómodo e de mau gosto para as costureirinhas e mentalidades correlativas, mas de suprema comodidade para os *connaisseurs*. Tudo vai de quem escolhe o charuto e da maneira como o charuto é tratado.

Coisa com as suas complicações, como vão ver...

### QUEM CHEIRA OS CHARUTOS NAO SABE O QUE ESTÁ A CHEIRAR

Muitos fumadores não sabem apreciar devidamente o charuto porque desconhecem inteiramente algumas características essenciais deste prazer e porque não tratam devidamente das caixas que têm de reserva. Nisto, como em tudo, a superstição impera. Os peritos riem, por exemplo, das pessoas que passam e repassam o charuto diante do nariz, convencidas de que daí podem tirar alguma conclusão sobre a sua qualidade.

«Não», declaram os entendidos. «As características essenciais do charuto são a maneira de arder, o gosto e a perfeição da manufactura».

Na realidade:

Se um charuto for bem aceso, isto é, uniformemente, de tal maneira que toda a ponta

# o Charuto

fique acesa, deve arder até ao fim sem que esta característica se altere.

A parte acesa, uma vez sacudida a cinza, deverá ficar plana, perpendicular ao corpo do charuto ou, então, formando um pequeno cano.

Segundo os técnicos, um charuto que se apaga com facilidade ou que arde desigualmente nunca pode constituir prazer para o fumador.

Muitos apreciadores de charutos julgam que o facto da cinza se conservar por muito tempo sem cair é sinal de que o charuto é de boa qualidade. Ora não é assim. Os técnicos são unânimes em afirmar que o facto apontado apenas revela que o charuto foi bem manufacturado e nada indica acerca da qualidade do tabaco...

O mesmo não se pode dizer da cor da cinza. Se esta for dum cinzento muito esbranquiçado (quase da cor do aço) o tabaco é de boa qualidade.

É claro que o sabor é fundamental para que um charuto seja bom. Bem vistas as coisas que interessa a manufactura se o sabor fizer lembrar certas manhãs enevoadas de Janeiro ou se o charuto souber a papel velho queimado?

Ora o sabor depende do tipo de tabaco usado. Uma vez que o fumador tenha encontrado um tabaco puro ou uma mistura

de que gosta, não há dúvida de que a sua satisfação poderá prolongar-se durante anos... poderá mesmo, gabar-se junto dos amigos e pavonear os seus conhecimentos sobre charutos...

Deve aqui dizer-se que, apesar do ar solene com que os amadores escolhem e fumam os charutos, estes nada têm de complicado. Basicamente compõem-se de duas partes: uma acende-se e, pela outra, inspira-se... É claro que entre as duas partes situa-se o corpo do charuto pròpriamente dito e, para quem fuma, é esta a parte principal. Os técnicos combinam o tabaco todos os anos e os provadores lavam a boca com café, entre as fumaças, até encontrarem a combinação desejada de sabor e perfume.

Alguns charutos contam 11 tipos diferentes de tabaco e é corrente utilizarem-se tabacos de origens diversas e até de colheitas de vários anos, para se chegar ao charuto perfeito.

Este trabalho repete-se todos os anos porque, de colheita para colheita, as características do tabaco mudam. Normalmente usa-se tabaco cubano (Havano) mas isto não quer dizer que seja esse o único tipo de tabaco usado ou, até, o que deve ser usado em maior escala.

Os charutos, nos E. U., são feitos com tabaco oriundo dos estados de Ohio, Texas Rhode Island e, até, de Nova Iorque!



Os charutos holandeses são fabricados com tabaco de Samatra mas já utilizam tabaco de outras origens na esperança de encontrarem a mistura ideal.

As palavras «HAVANA», «CLARO» e «MADURO», que se podem ler nas caixas de charutos, apenas indicam a cor da capa de tais charutos e, ao contrário do que muitos pensam, essa cor não tem qualquer relação com o maior ou menor grau de suavidade do tabaco.

Um charuto bem manufacturado é uniforme, firme mas flexível e a sua capa é lisa. Não interessa que o charuto tenha sido fabricado à mão ou à máquina, porque a diferença entre uns e outros é hoje quase imperceptível. O que interessa, por exemplo, é o comprimento das folhas de tabaco que formam o recheio do charuto, visto que, quanto maior for esse comprimento, melhor é o charuto. Um charuto, cujo recheio seja desigual, isto é, cujo interior apresente partes mais cheias do que outras, foi mal fabricado e deve ser posto de parte.

Alguns fumadores preferem charutos já perfurados ao passo que outros preferem perfurá-los eles próprios, com instrumentos a isso destinados ou com um palito ou, mais simplesmente ainda, a dente...

Os charutos já perfurados são preferíveis,

porque a perfuração, muitas vezes, destroi a ponte por onde se inspira mas, em compensação secam com mais facilidade. Devem portanto preferir-se os que são apresentados dentro de tubos selados ou embrulhados em papel isolador, visto que um charuto excessivamente seco é um charuto que não presta. A única forma de se determinar o grau de secura de um charuto pode envolver uma certa despesa: tira-se-lhe o envólucro e aperta-se ligeiramente entre os dedos.

Se a capa estalar com um som que a ninguém engana, é porque o charuto está excessivamente seco. É claro que o vendedor poderá insistir em que o comprador pague o charuto destruído mas, mesmo assim, vale a pena pagar um charuto para evitar a compra duma má caixa... O método de evitar a compra sistemática de charutos secos consiste em não os comprar senão em tabacarias muito frequentadas, que constituem **stocks** frequentemente.

É, por último, um conselho: não fume charutos na rua, onde haja vento. Arrisca-se a perder o perfume do tabaco. Assim como ninguém se lembraria de beber um vinho de grande qualidade num **snak-bar**, a correr, assim também um charuto deve ser fumado lentamente, onde possa ser gozado o bel-prazer do fumador.

arqueologia **150 ANOS**  
**QUE MODIFICARAM**  
**O MUNDO**



Heinrich Schliemann,  
auto-didata, visionário,  
romântico, o mais surpreendente  
arqueólogo de todos os tempos,  
o mais devotado,  
o mais audacioso e infeliz.

Ainda há dois séculos, espíritos mais ortodoxos aceitaram ter o homem sido criado no ano 4004 a. C. a 28 de Outubro. Hoje ninguém no mundo civilizado e culto pode tomar como verdadeira esta afirmação.

O departamento das ciências históricas que para isso mais contribuiu foi, sem dúvida a arqueologia.

Os primeiros arqueólogos eram curiosos amadores em cujas terras ou terras de amigos, se encontraram vestígios de uma presença mais antiga do homem. O Renascimento, com o seu gosto pela antiguidade clássica, aprendera a fazer reconhecer, aceitar e respeitar esses vestígios do passado — e desde esse fecundo séc. XVI até ao começo do século XIX, amadores ilustres foram enriquecendo e interpretando de maneira nem sempre extremamente feliz, o património terrestre da humanidade.

O ano de 1809 foi sacudido por um episódio histórico ao alcance imediato: a vitória de Napoleão em Wagram — e por outro, cujas implicações na época era impossível medir: a publicação de um livro chamado «Description de l'Égypte» que viria a transformar talvez toda a nossa maneira de pensar e de sentir.

Durante mais quinze anos, novos volumes dessa obra iriam aparecer e, em 1822, Champollion decifrou a partir da famosa pedra da Roseta em que inscrições gregas e egípcias se encontravam a par do segredo dos hieróglifos — abrindo assim num instante trinta séculos desconhecidos à curiosidade do homem e permitindo recorrer em pormenor a evolução histórica das populações do vale do Nilo até à conquista romana.

A arqueologia moderna é feita quase só por cientistas mas durante muito tempo ainda, depois de Champollion, ela continuou a ser feita também por amadores.

## AS LENDAS GREGAS TORNADAS VERDADE

Um estudioso alemão, Schliemann, dedicou-se durante anos à leitura dos livros de Homero, e, tendo-os ponderado, linha a linha, chegou à conclusão de que Troia tivera realmente existência histórica, ponto que a maioria dos historiadores da sua época não aceitava. Mais ainda, que Troia tinha existido num ponto exacto da península turca

onde, à época se localizara a aldeia de Hissaulik. E, em 1869, com esta certeza firmemente gravada na mente, Schliemann dirigiu-se a Hissaulik, conseguiu autorização do governo turco, cavou e encontrou sete cidades sobrepostas, através dos tempos, construindo-se uma sobre as ruínas das anteriores. Algumas eram simples atracções neolíticas mas a sexta a contar de baixo, era a Troia de Homero, a lendária Troia em cuja real existência já nem os gregos do século de Pérides acreditavam.

As suas investigações prosseguiram com o auxílio dos governos e de alguns particulares ricos. Mas os seus esforços gloriosos e importantíssimos, estão marcados ainda de irremediável amadorismo.

Em 1876, quando examinava em Micenas, os cinco túmulos do primeiro cemitério real, com os mortos intactos, cometeu na sua pressa de visionário e na sua ignorância de amator, graves erros que estragaram o local por falta de precaução, por falta de método e porque se interessava sobretudo pela finalidade romântica das suas pesquisas.

Durante setenta e cinco anos, apesar das descrições feitas, por Schliemann, dos túmulos, ignorou-se tudo sobre a maneira como eram enterrados os príncipes micénicos do séc. XVII a. C. e só a sorte de uma nova descoberta feita há sete anos e o emprego de uma técnica muito mais aperfeiçoada, permitiram fazermos uma ideia do que teria sido esse primeiro cemitério aqueu. Censurou-se muito a Schliemann a sua falta de tacto.

A arqueologia não tinha ainda, no século passado, as exigências que tem presentemente. Hoje, nenhum indício, por mais pequeno, por menos interessante em si, escapa à atenção dos investigadores. Tudo é considerado como nos inquéritos policiais.

É um aspecto das escavações que o público geralmente ignora — guardando ainda do arqueólogo uma noção romântica. O instante de «descoberta» é para ele o fundamental: Schliemann levando aos lábios a face daquele que supunha ser Agamemnon e desfazendo-o assim, em pó; Carter entrando pela primeira vez no túmulo de Tutankhámon, fechado há 33 séculos; Leonard Wooley, desenterrando o cemitério real de Ur, pertencem já à mitologia privada, de todos nós. Mas esquece-se do preço das suas descobertas. Hoje, o arqueólogo, no fim do seu trabalho deveria



Jean-François Champollion. Quinze anos de estudos intensos permitem-lhe descobrir em 1822 o segredo dos hieroglifos egípcios a partir do versão grega da pedra de Roseta.

poder reconstruir exactamente o local que visitou e restituir-lhe o aspecto original. A descoberta final, quando existe, premeia o trabalho mas os vários passos deste são fundamentais para o progresso da ciência arqueológica.

## A FACE MODERNA DO MUNDO

Desde esse ano de 1822, não cessaram de aumentar os nossos conhecimentos sobre o passado — paralelamente a um desenvolvimento de técnicas que torna urgente esse conhecimento e suas lições, pois o nosso futuro está hoje mais próximo de nós do que estava há mil anos próximo dele, o futuro do homem de há mil anos. ◊

Em 1827, um camponês trabalhando nas terras de Lucien Bonaparte, na Toscana, vê de repente a charrua quase desaparecer, com o boi que a puxava, pelo terreno que abatia — e assim se descobriu o primeiro mausoleu etrusco e se levantou a primeira ponta do véu que cobria uma das mais antigas e misteriosas civilizações que se conhecem.

Em 1880 é o império hitico que sai das trevas; em 1888 o país de Sumer; em 1900, Cnonos; em 1922, o Val dos Reis, no Egipto; em 1950 Rylos, onde Nestor tinha a sua capital, com os preciosos arquivos que Ventris, dois anos mais tarde, conseguiu decifrar; em 1955 é o Sara que aparece como um dos grandes centros civilizados da África pré-histórica, imagem arcaica do que viria a ser o país dos faraós. E esta lista é sumária e incompleta.

São algumas dezenas de milhar de anos trazidos ao nosso conhecimento por cento e cinquenta anos de investigações.

Quando, de súbito, a paisagem mudou, as convicções alteraram-se: as investigações na Espanha e no Sul da França permitem-nos suspeitar da existência, durante o neolítico, de um grande império que se estendia da Catalunha a Vérzere.

Tinha os seus sacerdotes, os seus exércitos, os seu pintores que, em Altamira, Lascaux, Trois-Frères deixaram marcada a sua presença.

Esta grande civilização desapareceu, talvez quando as condições climáticas se alteraram, pelo fim da quarta época glacial, obrigando a recuar os mamutes, animais de pelo comprido que eram a base da sua economia, a emigrar para o Norte.

Mas enquanto a noite desce sobre a civilização europeia, um povo vindo não se sabe de onde, instala-se nas vertentes do Haggan, em África, que se transformam num grande centro de caça, depois, de criações de animais, depois, de culturas agrícolas.

Estas aparecem também nas terras inundáveis da Mesopotâmia e do Nilo. Deu-se a maior revolução da História: o homem vai passar de caçador a camponês, de nómada a sedentário. Surgem os primeiros canais de irrigação, a casa construída substitui a tenda, o fogo vai sofrer aproveitamento industrial no começo da Idade dos metais. A roda surge. De Sumer, das margens do Indo, do Delta, do Nilo, nasce a civilização ocidental.

Esta alteração da vida atinge também o espírito — as sementeiras e colheitas dependentes das quatro estações — vão ser pontos de partida para os conceito da eternidade e da ressurreição que encontramos em muitas religiões. Os túmulos vão passar a estar ligados ao culto e a fossa primitiva vai ser substituída por diferentes monumentos conforme a estrutura particular das diversas religiões e a posição social do morto.

A pouco e pouco a revolução agrária invade a bacia mediterrânica e toda a Europa. Seguem-se-lhe os traços nas margens africanas, nas da Grécia, da Itália, da França, de Espanha.

Subindo, junto dos rios, vai instalar-se mesmo no interior dos continentes — esses rios que, mais tarde, vão ser as primeiras vias de comércio, quando a permuta de produções substituir o consumo directo destes.



## A LIÇÃO DO PASSADO

4004 a. C. — Esta data como começo do homem é ridícula. E percorrendo todo este caminho laboriosamente ele se foi acercando dos tempos históricos nossos conhecidos.

É esse resto que conhecemos com pormenor, com datas exactas, com nomes, com batalhas, com intenções. Essa mínima parcela que não sabemos se devemos situar na maturidade do homem, se ainda numa adolescência, como espécie, na fase do globo terrestre.

O progresso faz-se em todas as vias, aqueles que abandonam a terra e dirigem os seus esforços de cientistas e de políticos no sentido da astronáutica são mais espectaculares certamente que os obscuros arqueólogos que, em *shorts*, recolhem com amor, da poeira de um recanto perdido do Médio-Oriente, meia dúzia de carros inestéticos.

Mas o que nos falta aprender sobre o passado do homem é ainda tanto e essa aprendizagem pode ser tão fecunda — que recordamos o espectacular sucesso da Batalha de Wagram e o discreto e humilde Champollion publicando despercebido a sua *Description de l'Égypte* e meditamos sobre a dificuldade de ajuizar acerca da utilidade definitiva dos esforços humanos.

O officio de arqueólogo, hoje reúne os mais variados especialistas, que necessitam juntar à ambição e ao espírito de aventura conhecimentos técnicos bem extensos. Uma missão arqueológica compreende normalmente um geologista, um perito em línguas, um architecto, que acrescentam os seus pontos de vista à formação do arqueólogo. O trabalho é moroso, paciente pouco brilhante. O cuidado a ter, sempre crescente à medida que se vão sabendo valorizar melhor os vários tipos de indícios. Auxiliar indispensável da História a arqueologia, porém, não a substitui — fornece apenas o material sobre o qual as teorias vão sendo elaboradas. Alguns arqueólogos foram também historiadores e fizeram prevalecer, além do seu parecer sobre os casos particulares, a sua visão de conjunto sobre determinados períodos ou determinadas evoluções.

Mas não é o caso geral. O arqueólogo tem um campo de acção bem preciso, diferente do do historiador. E lembramo-nos de Anatole France, que chegou a pensar em fazer um trabalho de síntese sobre os sistemas de pesos e medidas em Alexandria no tempo de

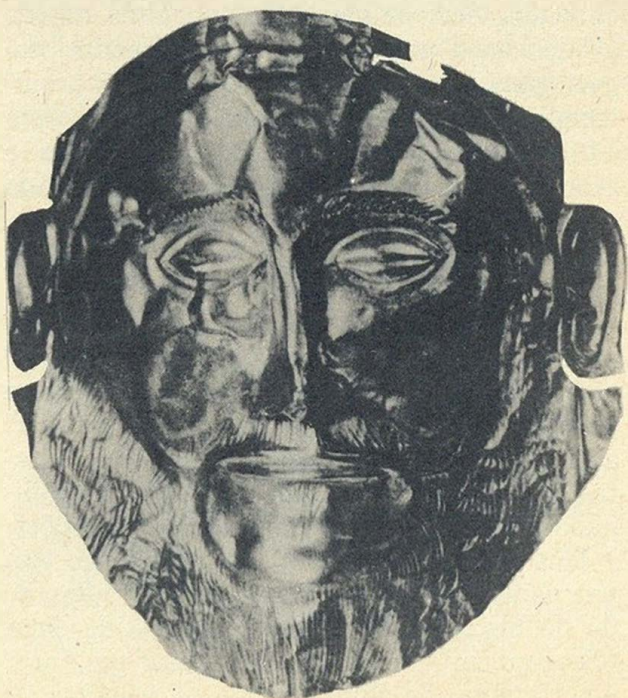
Ptolomeu Auleta, mas abandonou essa ideia por temer perder-se em faltas de rigor num assunto tão vasto, propenso às divagações menos científicas e porque tratando de mais de um objecto de cada vez se afastava dos princípios fundamentais da arqueologia.

## AS GRANDES DATAS DA ARQUEOLOGIA

- 1711 — Início das escavações de Herculano.
- 1799 — Descoberta da Roseta, no delta do Nilo, da pedra trilingue o que irá permitir a decifração dos hieróglifos Egípcios.
- 1800 — Lord Elgin principia a desmontar o friso de Fídias no Parthénon.
- 1809 — Aparecimento do primeiro volume da Descrição do Egipto.
- 1822 — Champollion descobre o segredo dos hieróglifos Egípcios.
- 1827 — Lucien Bonaparte inicia as primeiras buscas acerca dos Etruscos.
- 1836 — Boucher de Perthes descobre o primeiro machado pré-histórico.
- 1849 — Layard, nas suas escavações em Nínive, encontra os arquivos de Assurbanipal.
- 1856 — Descoberta do esqueleto de Neanderthal.
- 1869 — Heinrich Schliemann encontra, em escavações, Troia.
- 1875 — Início das escavações do Olímpio, e descoberta do Hermes de Praxiteles.
- 1879 — Descoberta da gruta pintada de Altamira.
- 1888 — Escavações em Nippur.
- 1893 — Escavações francesas em Delfos.
- 1900 — Evans descobre o palácio Cnossos.
- 1901 — Descoberta das gravuras da gruta de Combarells.
- 1905 — Descobre-se a civilização Hitita.
- 1917 — Carnarvon e Howard Carter iniciaram as suas escavações no Vale dos Reis.
- 1922 — Léonard Woolley descobre Ur e descobre o túmulo real.
- 1922 — Carter descobre o túmulo de Tutankhámon.
- 1922 — Descoberta da civilização de Mohenjo-Daro nas margens do Indo.
- 1929 — Escavações de Ras Shamra, porto sírio que data do II milénio.
- 1933 — A. Parrot principia as escavações de Mari.



- 1940 — Descoberta da gruta de Lascaux em Montignac.
- 1947 — Descoberta na gruta de Qumran de manuscritos hebreus datados de 200 a. C. e 100 d. C.
- 1952 — Descobre-se em Micenas um segundo cemitério real.
- 1953 — Tradução do «Leneer B» por um amador, alcançando-se assim a chave de todos os arquivos de Micenas, de Pylos e duma parte dos de Cnossos.
- 1957 — Goneim descobre a pirâmide de Sak-kara.
- 1957 — Descoberta na Grécia do «diolkos» via terrestre que permitia aos barcos antigos atravessarem o istmo de Corinto.



Um dos últimos mistérios da arqueologia mediterrânica: o disco de Phalstos guardado no museu de Héraklion. Os seus hieroglifos que devem significar um canto sagrado, são por enquanto indecifráveis. Pertencem ao primeiro sistema cretense de escrita, situado entre o XXIII e XIX século a. C.



Milénios de História que saíram das trevas com estes reis ressuscitados.  
À esquerda: um príncipe de Micenas (XVIII) que Schliemann dando crédito a Pavsânias tomou por Agamemnon.  
À direita: um rei de Sumer.

# a conquista das doenças Mentais

Vivemos uma época em que as constantes descobertas científicas têm, de par com algum mal, acarretado à humanidade consideráveis benefícios. No capítulo da medicina, o domínio das doenças contagiosas, o aperfeiçoamento dos métodos diagnósticos e terapêuticos, a organização dos serviços de saúde pública têm contribuído para o aumento da longevidade ou um melhor bem-estar físico e espiritual do homem.

O progresso, porém, não beneficia igualmente todos os habitantes do planeta. Enquanto nos países civilizados da Europa se comem alimentos requintados e caros, em largas regiões da Ásia morre-se literalmente de fome. Enquanto nós aqui bramamos com a Companhia quando o comboio de Sintra leva dez minutos de atraso, árabes pacientes continuam a atravessar o deserto nos seus balançados camelos. De sorte que, ainda hoje, basta percorrer algumas regiões da África do Norte, da Índia, algumas ilhas da Polinésia, para vermos como os doentes mentais são relegados para a margem do convívio dos humanos e encarados como instrumentos de desígnios divinos mais ou menos obscuros. De resto, mesmo na Europa, até há pouco tempo, aqueles que pelo comportamento se mostravam alterados nas suas faculdades mentais eram submetidos a tratamento (?) que hoje é suficiente para espantar os nossos olhos cordatos e civilizados.

Mesmo quando passaram a ser internados nos asilos, o que sabemos destes é mais que pitoresco: Os mais célebres e melhores talvez, o de Bedlam em Londres e o da Salpêtrière em Paris, eram grandes cadeias tristes onde os alienados, homens e mulheres, velhos e crianças, agrupados sem outro critério além do da economia, acorrentados ou em jaulas, os furiosos arrastavam desde o internamento à morte uma existência sub-humana.

E esta atitude da sociedade era mesmo assim benévola e evoluída se comparada com a que os séculos anteriores da história nos ensinam.

O louco foi sempre encarado com alguma estranheza, as doenças mentais como instrumento de força sobrenatural.

Os estabelecimentos para alienados foram raros na Antiguidade, pelo menos tanto quanto nós sabemos. Referem-se os Santuários de Epidamo (séc. VI a.C.), os morotríficos de Bizâncio no IV séc. d.C., algumas

organizações colocadas sob os auspícios da «regula monachorum» de S. Jerónimo, um mosteiro em Colónia, fundado em 560, etc. Existia também em Fez um hospital para alienados no séc. XII, albergarias em Inglaterra em 700, o Moristão do Cairo, a colónia de Gheel fundada, segundo a tradição, pela princesa Dymphna no séc. VII, os mosteiros erigidos pelo bispo Sigisbald de Metz (850).

Na Idade Média começou a cuidar-se dos doentes mentais com mais atenção. Primeiro nos países árabes. Em Bagdade foi fundado em 1173 um grande edifício destinado a recolher os alienados.

Na Europa cristã, também o movimento se processara: em Inglaterra, o Bendlam Hospital (1246) — que se tornaria o Benthlem Hospital — em Roma a «Panerela» — que recebia pessoas «que por qualquer razão tivessem enlouquecido».

Em Valência em 1409, Saragoça em 1425, em Sevilha em 1436 e Toledo em 1483, fundaram-se os hospitais dos Desamparados.

No século seguinte, S. João de Deus e as Irmãs da Caridade organizaram numerosas casas em Espanha, França e América do Sul.

Aqueles que demonstravam alterações de juízo eram, porém, muitas vezes entregues à atenção da Igreja e frequentemente exorcismados. Este costume — com certeza de certa eficácia pelo número de vezes em se que se insistiu no seu emprego — manteve-se quase até ao século XIX. Nas memórias de Casanova são descritos minuciosamente os exorcismos feitos a uma jovem simuladora — com resultados nulos devido à velhacaria da doente.

Bem ia a coisa, porém, enquanto ia com exorcismos. Porque muitas vezes se passava a punições severas sancionadas pela religião e pelos costumes. A ideia de que as doenças físicas eram de causa natural e as psíquicas de causa sobrenatural foi extremamente prejudicial e através das controvérsias científicas a função da Igreja definiu-se no tenebrosamente célebre «Mallens Maleficarum», livro elaborado por dois dominicanos e sancionado pela autoridade da Santa Sé, e que se começou a publicar em 1488. Estes «Malefícios das Bruxas» não são mais que um repatório de tipos clínicos psiquiátricos em que se encontram todas as doenças hoje conhecidas, a origem das quais era atribuída à acção maléfica das feiticeiras e muitas destas

foram queimadas em vários países, a última em 1782.

Contra o «Mallens Maleficarum» entre os médicos da Europa apenas um levantou a voz, João Weyer, nascido em 1515, que entreviu pela primeira vez a origem natural das doenças psiquiátricas e, numa altura em que a fogueira era muitas vezes o preço por que se pagavam a originalidade e a coragem — não teve dúvida em a expressar por escrito.

A partir de então, graças aos esforços de alguns espíritos esclarecidos, a atitude para com as doenças mentais foi-se modificando — um ambiente novo veio permitir a revolução a que o século XIX assistiu.

## II

Philippe Pinel (1745-1826), por alguns considerado o pai da psiquiatria, levou a cabo na maneira de lidar com os doentes mentais uma revolução de extrema importância.

Até então eram os internados nos asilos acorrentados como criminosos. Pinel tomou a decisão de os mandar libertar. A sua obra científica não se limitou certamente a este gesto simbólico e os asilos não melhoraram muito na medida em que os doentes neles continuaram encerrados, mas dera-se um passo decisivo.

Além disso, o problema dos doentes mentais passou a ser, a certa altura, um problema de **defesa social**. O louco, como qualquer outro humano pertence à estrutura do Estado moderno; a este compete defendê-lo e defender os outros do prejuízo que ele pode acarretar. A melhoria de nível de vida, o aumento da longevidade, o reconhecimento dos iguais direitos de todos os homens vieram, por via indirecta, influenciar os conceitos que orientaram a psiquiatria.

Depois de Pinel e acompanhando o progresso que se verificou também em outros campos da Medicina, começaram as diversas formas de loucura a ser ordenadas e classificadas — os sintomas passaram a ser minuciosamente descritos e, à luz das doutrinas científicas da época, arrumados e interpretados. Apareceram então as primeiras entidades clínicas psiquiátricas, muitas das quais se sabe hoje não corresponderem de facto a nenhum mecanismo fisiopatológico individualizável: as **monomanias**, pelas quais

se entendiam as afecções que lesavam **parcialmente** o indivíduo (nos seus instintos, ou na sua afectividade, ou na sua inteligência); a **loucura circular**, loucura de duas formas, alternância de períodos eufóricos, com períodos de melancolia, o que viria enfim a ser mais tarde a psicose maníaco-depressiva; surgiu depois a **demência precoce** (Kraepelin), onde se incluíam todas as formas de doença mental que pareciam sintomáticas de processos evolutivos da destruição de actividade psíquica. Foram assim nesta última designação incluídas muitas formas patológicas de variada origem e, no fim do século XIX a designação mais moderna de **esquizofrenia**, como desagregação da vida psíquica, veio albergar todos estes e muitos outros transtornos (os delírios incoerentes, os delírios persecutórios, as paranóias alucinatórias, etc.).

A base orgânica das doenças mentais, por outro lado, foi posta em evidência, em certos casos: a **paralisia geral**, que se sabe derivar das lesões cerebrais provocadas pelo treponema Rallépe, agente da sífilis; as **afasias**, perturbações da fala ligadas à integridade anatómica ou funcional de determinadas zonas do córtex cerebral. Veio isto levar de resto a um conceito que foi útil mas que não é hoje possível já admitir em toda a sua primitiva acepção: a de que todas as zonas do cérebro correspondem a uma determinada e exacta função, por nós conhecida.

Todo este progresso, inegável e fecundo, vinha esclarecer e definir o conceito de doença ou doenças mentais, mas deixava um pouco de parte o **homem doente** na sua totalidade, com o que de único tinha sempre o seu caso. Os esquemas eram demasiado rígidos. O homem doente no seu todo só foi compreendido no fim do século XIX.

### III

O homem que revolucionou a psiquiatria moderna, quer no que diz respeito ao conceito de doença mental, quer no que diz respeito à sua terapêutica, foi Sigmund Freud.

O seu nome é bem conhecido, mas, como acontece a todos os precursores, foi a sua obra leviana e facciosamente interpretada. A contribuição dada por Freud à saúde mental da humanidade não pode ser tomada, como pretendem muitos, por mera fantasia, exageradamente alimentada por problemas

sexuais. Nascido em Freiberg, na Morávia, em 1856, de família judaica, veio muito novo para Viena, em cuja Universidade se formou em Medicina. Os primeiros anos de profissão médica dedicou-os o fundador da psicanálise ao estudo da anatomia e fisiologia do sistema nervoso central, que abandonou, devido a razões económicas, para exercer clínica como neurologista. Foi em 1884 que o médico vienense Breuer lhe comunicou um caso de histeria curado depois de a paciente contar, em estado de hipnose, circunstâncias já esquecidas que provavelmente se encontravam na origem da doença, reproduzindo também a tonalidade afectiva que acompanhava essas circunstâncias. Daqui partiu Freud para o método catártico por livre associação, sem o auxílio da hipnose, do qual se serviu para estudo e tratamento de numerosos doentes e com o qual obteve o material que veio a ordenar na sua teoria geral da neurose e nas suas noções sobre a estruturação da vida psíquica.

Em longas conversas, a sós com o doente, conversas que se repetiam em vários dias (numa cura que chegava por vezes a levar dois anos) Freud ia-lhe conhecendo a vida íntima passada até aos pormenores mais pequenos. Trabalhou de 1896 a 1906, altura em que se lhe juntaram vários discípulos que viriam a ser também psicanalistas notáveis: Adler, Jungo, Karl Abraham, etc.

Durante esses anos de trabalho, Freud teve oportunidade de verificar várias coisas que tinham até então passado despercebidas, nomeadamente a importância da esfera sexual, do princípio do prazer, do líbido, na vida de um indivíduo — **desde o nascimento**. Esta esfera sexual tem evidentemente um sentido muito mais lato que aquele que lhe é comumente atribuído.

Inicialmente a criança atravessa uma fase auto-erótica ou narcisista em que o prazer é encontrado no próprio corpo. Depois passa para uma fase ab-erótica em que o seu objecto de amor deixa de ser o corpo, e fixa-se no mundo exterior, no pai, na mãe. Os primeiros meses de vida são meses de sexualidade difusa. A criança passa por uma fase oral em que procura apropriar-se do mundo exterior pela boca; por uma fase anal em que o seu maior prazer lhe vem da defecação; até que a sexualidade se localiza fi-

nalmente nos órgãos genitais por altura dos 3 a 5 anos.

Quando a criança fixa o seu afecto nos pais, se for rapaz, preferirá a mãe e desenvolverá para com o pai, ciúme e animosidade.

Este conflito recebeu o nome de complexo de Édipo. Se for rapariga, será o pai que receberá a sua preferência com a consequente animosidade à mãe. É o complexo de Electra.

A repressão familiar e social exercida sobre a criança, fá-la manter a sua sexualidade em período de latência.

Esta adaptação ao **princípio da realidade** feita através de reprimendas e proibições leva a recalcar os desejos e a esquecê-los.

Aprende ela própria a proibir-se satisfações e estabelece-se no seu íntimo uma nova instância psíquica, a **censura** ou **super-ego** ou, como tradicionalmente se diz, a consciência moral.

Depois da puberdade, a sexualidade entra na fase genital definitiva.

Freud, além disso, considerou na vida psíquica, três extractos: o consciente, o subconsciente e o inconsciente, para onde é atirado pela repressão, recalcado, tudo quanto se não harmoniza com os princípios orientadores da consciência. O inconsciente é assim um foco de terror interior e nele se albergam os complexos de que se descrevem hoje muitos tipos.

É pois um mecanismo de disfarce das tendências proibidas.

Disfarce e não destruição, porque, **transfiguradas, sublimadas, racionalizadas, projectadas**, enfim, transformadas de modo a poderem ser admitidas, elas vão interferir na vida e na actividade de quem as experimenta.

Para explicar certas perversões Freud admitia que a **libido** recalcada se **fixasse e regressasse** a uma fase primitiva da sua evolução e o indivíduo satisfaria o seu instinto erótico fora do objecto normal que assegura a procriação da espécie. Temos assim a homossexualidade, o onanismo.

Do compromisso entre as forças reprimidas e as forças que as reprimem resultam para Freud os sintomas neuróticos. Para libertar destes o paciente, Freud, através da análise ia até aos mais antigos conflitos infantis e, ao redescobri-los, o doente melhorava

e, nalguns casos, curava-se mesmo. Nem em todos, porém.

Muitas vezes conflitos posteriores tinham vindo acrescentar-se e modificar a personalidade do doente. E Freud chegou à noção fundamental do seu método terapêutico: a noção de **transfert**. O doente transfere para o médico os seus problemas, a sua afectividade. O médico passa a funcionar como um **super-ego** admitido em que se confia e que se aceita. Desta relação médico-doente resulta, em última análise, a cura, quando o médico liberta, por fim, o doente, da sua influencia, e este é restituído à existência comum, tendo resolvidos os seus problemas psicopatológicos.

Nem sempre o método psicanalítico resulta totalmente eficaz, e sobretudo, cada vez hoje mais se admite não ir ele ao encontro da essência mesma dos fenómenos psíquicos. O próprio Freud admitia ser a psicanálise apenas um método e uma explicação provisórias, pois um dia quando o conhecimento tivesse, de facto, progredido, as doenças mentais seriam tratadas com drogas por se terem já atingido os mecanismos psicológicos, bioquímicos, ao nível das células nervosas, que estão certamente na sua base.

A psicanálise, de resto, fragmentou-se em escolas: a alemã, a inglesa, a francesa, a americana. Surgiram subdivisões: Adler e Jung primeiro, com as noções de complexo de inferioridade e de subconsciente colectivo.

Hoje faz-se psicanálise de grupo em que, numa sessão, se reúnem vários doentes com o terapeuta; e fazem-se curas psicanalíticas rápidas.

A psicanálise foi sem dúvida o grande movimento da psiquiatria do primeiro meio-século, e, mesmo que a sua importância actual tenda a diminuir, a sua importância histórica é inegável.

O começo do século conheceu também um progresso terapêutico notável, além dos métodos analíticos. Referimo-nos ao electrochoque.

Uma corrente eléctrica de alta frequência é aplicada ao paciente de modo a provocar-lhe um brusco estímulo dos centros cerebrais. Este estímulo redundava numa excitação e inibição dos processos psíquicos.

O enfermo perde a consciência por momentos. Séries seguidas de electrochoques com intervalo de alguns dias e também injeções de grandes quantidades de insulina e cardio-

zol (que provocam efeito semelhante) têm-se usado muito na terapêutica das psiconevroses, nevroses, psicoses, com resultados por vezes apreciáveis.

Nos últimos anos, a terapêutica das doenças mentais tem-se inclinado para um campo completamente diferente, o das drogas químicas.

É um campo novo mas os resultados têm sido por vezes tão brilhantes que se depositam nele justificadas esperanças. E de um ponto de vista científico, a adopção de terapêuticas químicas em substituição da psicoterapia, representa um progresso, pois nos permite uma aproximação maior do fulcro da saúde e da insanidade mentais: a actividade nervosa superior nos seus substractos anatómicos, fisiológicos e físico-químicos.

No mundo moderno, a par como o desenvolvimento cada vez maior das técnicas curativas, processa-se um aumento alarmante das doenças mentais.

Os factores que para isso contribuem escapam muitas vezes ao foro da própria psiquiatria. São factores de ordem económica, educacional, moral, sociológicos, enfim, que estão nas mãos dos povos e dos políticos que os governam e não dos médicos que podem fornecer apenas directrizes e apoio técnico.

A instabilidade, a insegurança e a tensão da vida moderna nos países ditos civilizados são responsáveis por esse aumento de neuroses. Elas resultam da má assimilação dos

progressos técnicos postos pela ciência ao dispor do homem, da grande disparidade de níveis de vida nos vários países do mundo de hoje, das guerras que resultam, da competição económica entre os povos. Estes grandes factores gerais desdobram-se e particularizam-se depois em centenas de outros com cambiantes várias conforme os meios.

A profilaxia das doenças psíquicas, chamada a higiene mental, é um assunto urgente e constitui preocupação de todos os governos do mundo e das Agências Internacionais.

A Organização Mundial de Saúde tem um departamento exclusivamente dedicado ao seu estudo e publicam-se anualmente centenas de trabalhos sobre o assunto.

Mas os progressos são lentos porque os interesses incomparáveis em jogo para manutenção dos estados de guerra fria ou quente, da injustiça social e da ignorância, com o cortejo de traficâncias menores que daí advém, não cedem facilmente.

Eliminá-las é uma plataforma de partida necessária para depois se poderem encarar medidas específicas e avaliar da sua eficácia.

Até esse dia, tudo quanto se fizer não passará de copos de água lançados a uma casa a arder.

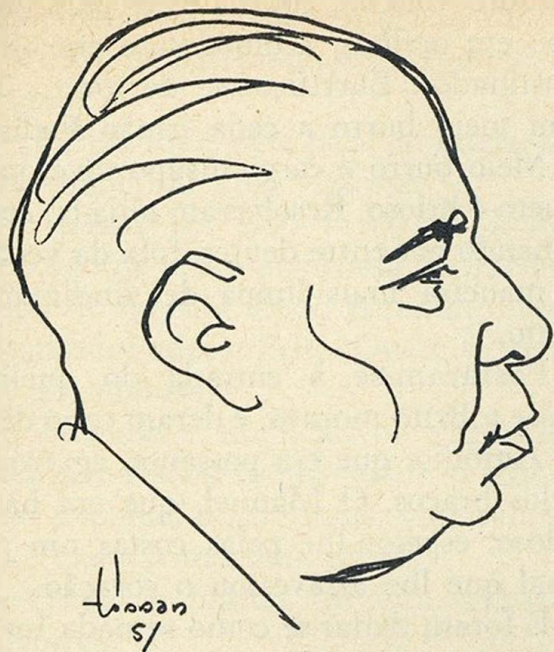
Num dia futuro, o homem cuja história é a história da sua libertação das fatalidades naturais, terá provavelmente vencido todas as doenças, sejam elas físicas ou somáticas. Mas nenhum de nós verá certamente esse dia.







## armazém das letras & diversos



Segundo o próprio João de Araújo Correia, *Morte de Homem* — o conto que hoje publicamos — encara «um dos aspectos horríveis de certas aldeias da minha região. Nunca ouviram dizer que no Douro se mata um homem por um cacho de uvas? Diz-se e é certo. Por mais amor que eu tenha à minha terra, pinto-a como é. A minha objectiva não escolhe incidências que lhe sejam favoráveis. Sou, de boa mente, escravo da verdade».

O grande escritor, que é um dos mais puros prosadores do nosso tempo, acrescenta. «Não tenho biografia nem bibliografia. Posso, no entanto, fornecer os seguintes dados: nasci no último ano do século XIX. Nasci em Candas do Douro, concelho do Peso da Régua. Sou médico pela Universidade do Porto. Exerço aturada clínica nesta vila. Nas horas

vagas, diurnas e nocturnas, sempre raríssimas, escrevo. Colaboro em jornais e revistas. Publiquei trabalhos científicos e, entre outras, as seguintes obras literárias: *Sem Método*; *Contos Bárbaros*; *Contos Durienses*; *Terra ingrata*; *Três meses no inferno*; *Cinza do Lar*; *Casa Paterna*; *Caminho de Consortes*; *Cartas da Montanha*; *Folhas de Xisto*. Por falta de vagar nunca escrevi romances. Dedico-me à crónica, ao conto e a algum ensaio. Sou, por imposição de várias circunstâncias, escritor miniaturista. Vingo-me do destino, tentando o impossível, que é dizer o máximo no mínimo papel. Não desenvolvo, mas envolvo num conto, melhor ou pior, a matéria dum livro. Este ideal, o livro, passa longe de mim como outros anseios. Mas, paciência...».

# morte de Homem

por João de Araújo Correia



Eram ambos naturais de uma formosa aldeia em que os homens pobres, os cavadores da vinha, se matam uns aos outros com facilidade. Matam-se, em geral, nas tabernas, à porta das tabernas ou a caminho de casa, altas horas da noite. Matam-se, porque bebem, a rego cheio, um vinho bom que lhes faz mal. Bebem-no sobre estômagos vazios ou ainda entretidos com a magra ceia, duas berças e um migalho de broa.

Jogam a bisca, palestram, discutem... À mínima desconfiança, provocada por má carta ou má palavra, há morte de homem. Ali mesmo, se todos ajudam a liquidar o condenado, ou cá fora, dissimuladamente, na primeira ou na segunda curva do caminho.

Assim morreu o Brito, que teve a infelicidade de discutir com os Alves, o António e o Manuel, por alcunha os **Fadistas**, o significado da palavra **espúrio**. Lera-a no jornal, sabia muito bem o que era. Mas, não sabia... Nem ele nem os contendores conheciam o termo. À míngua de dicionário, tiravam da cabeça definições absurdas.

— **Espúrio** quer dizer burro, afirmava o Brito.

— Salvo seja — sacudia o António.

— Ora aí está... — concluía o Manuel.

Daí começaram a desconfiar. Os dois irmãos **Fadistas** desconfiaram do Brito por via da palavra **burro**. Este vocábulo

rasteiro cresceu, cobriu-se de pêlo, aguçou em orelhas, acomodou-se em olhos obstinados. Burrificou-se de todo... Tocou meio burro a cada irmão **Fadista**.

Meio burro é carga insuportável para quem é brioso. Resolveram alijá-la, combinando por entre dentes, fora da venda, a maneira mais limpa de vindimar o Brito.

Postaram-se à entrada do quelho, onde o Brito morava, e deram cabo dele. O António, que era possante, agarrou-o pelos braços. O Manuel, que era habilidoso, espetou-lhe pelas costas um punhal que lhe atravessou o coração.

E foram deitar-se como se nada fosse. De manhã, quando a guarda apareceu, para os prender, pediram-lhe licença para se preparar.

— Andai lá, rapazes — consentiu o cabo. — Que vós, afinal, bem aviados estais. Não vos queria estar na pele. Mas, andai lá...

Vestiram-se de ponto em branco. Lavaram-se em duas águas. Untaram e pentearam os cabelos. Engraxaram os sapatos, dando-lhes o esplendor de cobres assoalhados. E puseram gravata, mais vermelha do que o sangue do Brito.

Ficaram como dois ingleses. Louros, magros e um pouco angulosos...

— Bonitos — disse, com um sorriso, o cabo da guarda.

Puseram-se bonitos, enquanto a mãe gritava, de canto para canto, e o pai, sentado à lareira, reclamava silêncio.

— Ou te calas ou te dou com um cavaco por essa cabeça abaixo. Os trabalhos são para os homens, e a cadeia não se fez p'ros cães. Não me dê volta ao miolo. Que hão-de dizer os vizinhos?

— Vamos — disse o cabo da guarda.

— Cá vamos...

Desceram pouco firmes as trémulas escaleiras da casinha paterna. Mas, em

baixo, no chão firme, entraram na escolta como se entrassem num automóvel de luxo.

— Parece que vão para a **missa do galo**, comentou uma vizinha.

De passagem pelo corpo de Brito, estendido de borco à entrada do quelho, à vista do regedor, diz o António muito descansado: adeus, Brito. Quem te mandou ser teimoso?

— Teimoso e implicativo — rematou o Manuel. Assim o quis, assim o tenha.

No tribunal, a perguntas, portaram-se rijo e claro como dois seixos.

— Quem o matou fui eu... Aquele agarrou-o...

— Agarrei, sim, senhor... Este, para agarrar, é um fraca-chichas.

Um lavrador de fora, que assistira às perguntas, espreitando para o gabinete do senhor doutor delegado, não gostou desta desfaçatez. Menos gostou da casquilhice dos dois arguidos. Principalmente, o brilho dos sapatos!

— É apuro de mais em hora tão crítica. Se houvesse força, bem a mereciam.

Certo é que se não fosse o brilho dos sapatos, a gravata berrante e as melenas untadas, não teriam granjeado a alcuinha de **Fadistas**. Fadistas, na terra deles, quer dizer **janotas**. Diga-se, a este propósito, que usavam punhal para se distinguirem do Brito e outros jornaleiros, que usavam faca.

A parte o lavrador de fora, que usava barba à Cristo e assistira às perguntas, espreitando para o gabinete do senhor doutor delegado, não houve ninguém que não tivesse pena daqueles dois irmãos, duas crianças quase de mama a contas com a justiça. Quem morreu, morreu. Quem cá fica é que precisa de auxílio. A freguesia, desde o abade ao último freguês, trabalhou como um só homem para os livrar da penitenciária. Pobres moços!

Ninguém se lembrou do coração do Brito. Disse um dos médicos, na autópsia, que era coração para durar cem anos, o que é objecto.

No dia do julgamento, muito conseguiram os protectores daqueles dois rapazes. Provou-se que quem agarrou não matou. O assassino, único responsável, foi o Manuel. O outro, se agarrou, foi para evitar a morte do irmão. O Brito era má rês... Assim o disseram testemunhas que nada viram.

Durante a audiência, os dois mancebos mostraram-se indiferentes à luta do tribunal a seu favor ou a favor do morto. O libelo do acusador e a réplica do defensor entraram-lhes por um ouvido e saíram por outro. No entanto, o Manuel tinha a mão direita fechada como se apertasse ainda o cabo do punhal. Ao passo que o António, com os braços estendidos sobre as coxas, torcia os joelhos com duas mãos de ferro forjado.

No mais, eram dois autênticos blocos de sincelo. Quando o juiz leu a sentença, absolvendo o António e condenando a pena maior o Manuel, ficaram como se nenhum calor os derretesse. Nem tristeza nem alegria perturbou aqueles dois semblantes.

Só à vista das algemas, que o beleguim aproximou do Manuel, é que o António disse: vou-me embora.

Ia-se embora, rompendo o clamor que levantara contra ele a mãe do Brito. Mas, o irmão chamou-o a tempo... Disse-lhe **chié** como pastor que chamasse uma ovelha e fez-lhe com os dedos o gesto de quem exige alguma coisa. Como quem diz: deita para cá!

O irmão livre entregou ao irmão preso uma moeda de dez escudos e abalou, rompendo o clamor que levantava contra ele a mãe do Brito.

GUIDO  
PIOVENE

PIE DADE

INUTIL

o livro  
do mês

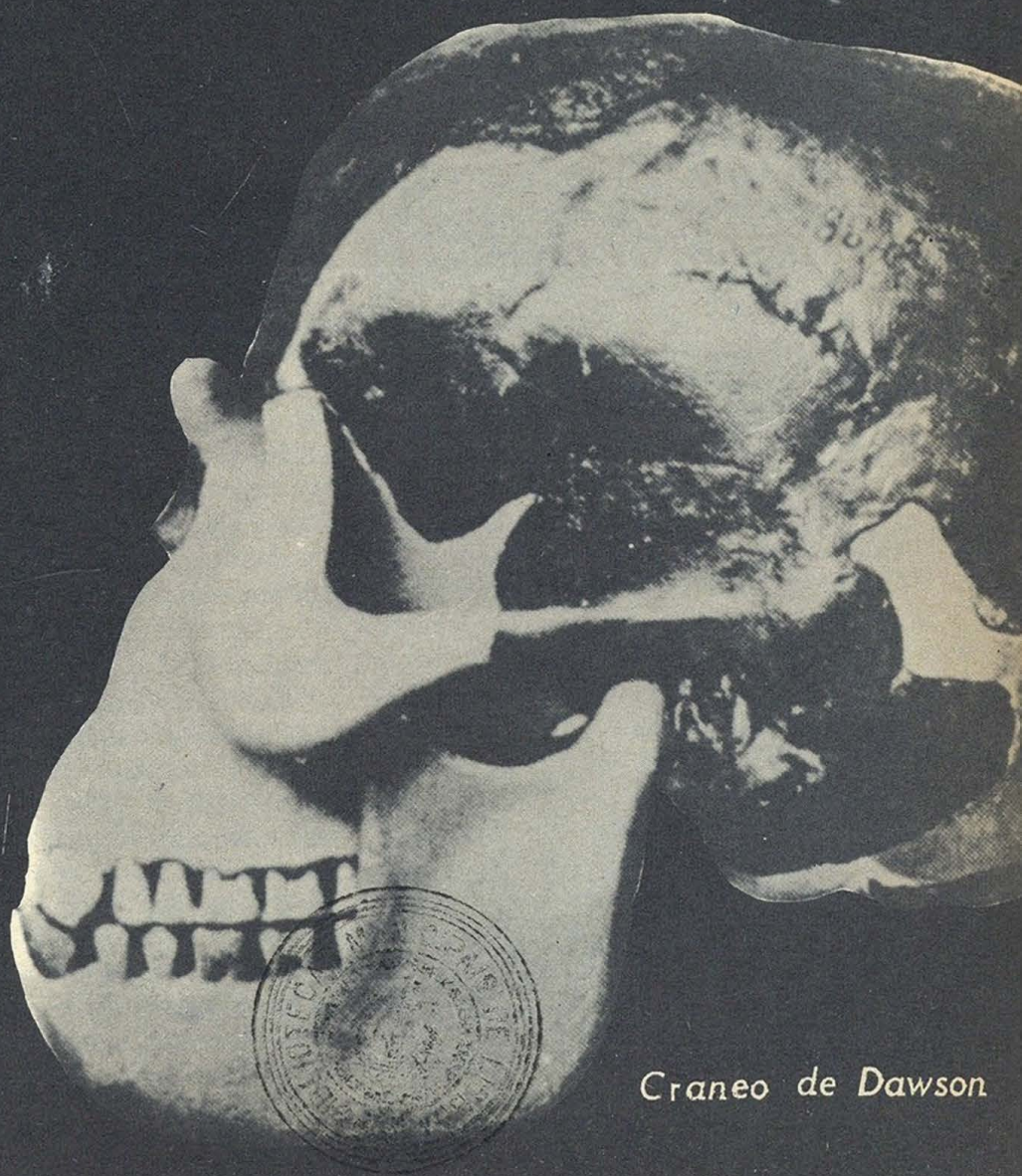
## PIE DADE INÚTIL por Guido Piovene

A queda de Mussolini deu origem em Itália a uma explosão artística que atingiu o fulgor máximo no romance e no cinema. Compreende-se: durante o fascismo, os escritores, como os cineastas, tinham de obedecer a certas regras sem as quais as suas obras não poderiam ver a luz do dia. E de repente, com a vitória dos Aliados, os artistas sentiram-se plenamente livres para exprimir os problemas que os preocupavam e que eram, por coincidência, os problemas que preocupavam a grande maioria dos italianos. Deste modo, a nova literatura e o novo cinema, caracterizaram-se por uma temática nitidamente social. E não admira que muitos autores tenham situado as suas obras nos anos tormentosos da guerra em que tantos italia-

nos, mais ou menos egoistas e indiferentes, se redescobriram a si mesmos, redescobrendo ao mesmo tempo os laços que os prendiam aos seus semelhantes. Rossellini com **Libertação** e Vitorini com **Os Homens e os Outros** reflectem esse clima humano e intenso. Como Pavese, como Pratolini, Guido Piovene tem o seu nome ligado a essa escola de verdade. **PIE DADE INÚTIL**, o romance cuja tradução portuguesa sairá muito em breve, situa-se em Pisa, quando da ocupação alemã.

Mas embora as suas personagens se movimentem numa cidade ocupada pelos alemães e sob o peso dos bombardeamentos aliados, **PIE DADE INÚTIL** não é o que habitualmente se chama um romance de guerra, mas um romance de amor.

# FALSIFICAÇÕES E AUTENTICACÕES?



*Craneo de Dawson*

Um ex-soldado americano de origem polaca, Chester Hataburda, natural de Rhodes Islands, ao descobrir uma modestíssima italiana de Avellino, Maria Follo, deflagrou, sem que disso se apercebesse, o maior escândalo artístico do nosso século.

Após o seu casamento (Novembro de 1945), o casal decidiu levar consigo para os Estados-Unidos um irmão de Maria, Alfonso Follo, que, por sua vez, carregou com meia dúzia de haveres de família entre os quais alguns objectos artísticos. Um perito de obras de arte, Amadore Porcella, fez o resto: pela boca de um dos maiores advogados americanos, Jerry Giesler, declarou publicamente, aos quinze dias de Abril de 1959 que tinha sido descoberta uma colecção de obras-primas clássicas, avaliada em dois milhões e trezentos mil contos, de que faziam parte: um quadro de Ticiano (**Lucrecia**), outro de Lucca Giordano, dois de Tintoretto (**Moisés no Monte Sinai e Fiat Lux**) uma **Virgem com os Apóstolos**, de Rafael, uma tela de Caravaggio (**Maria Madalena**), um **São Jerónimo**, por Lorenzo Lotto, além de obras de Claude Gelée, Covallino e Gentileschi.

Os quadros faziam parte da bagagem que Alfonso Follo tinha carregado para a América e encontravam-se guardados num banco de Pasadena, Califórnia, por sugestão do Dr. Grisler.

De toda a parte acorrem os coleccionadores, os peritos e os **marchants**. Descobrir uma obra-prima é coisa rara; mas descobrir dez ao mesmo tempo parece praticamente impossível, visto que alguns, pelo menos, deveriam constar dos catálogos da época — o que não se verificava. Os técnicos franziam o sobrolho e alegavam dúvidas. Como fora possível restaurar tantas telas em tão pouco tempo? E que provas de autenticidade apresentava o sr. Procella, se tinha declarado não ter levado essas obras ao raio X para, através de um estudo dos rádio-isótopos, poder garantir-lhes a idade?

Porcella respondeu a todas as questões. As telas, declarou, estavam impecavelmente conservadas, excepto uma, que foi restaurada em três meses. Por outro lado, o exame dos isótopos e de raios X era perfeitamente dispensável, posto que todas as telas pertenciam ao mesmo painel e acusavam restaurações sucessivas facilmente localizáveis.

Legítimas ou puras contrafacções, o certo é que as primeiras impressões deixaram os

técnicos na dúvida. Nenhum deles ousou pronunciar-se em definitivo até agora mas alguns especialistas afirmam desde já que se o tesouro dos irmãos Follo não é constituído por autênticos Caravaggios, Tintoretos, etc., pelo menos as peças apresentadas são belíssimas cópias datadas da época daqueles mestres, executadas por algum discípulo anónimo.

## SHERLOCK HOLMES DÁ O BRAÇO À GIOCONDA

A História da Arte tem os seus mistérios policiais. Volta não volta, aparecem um **marchand** sensacional ou um comerciante ignorado, um aventureiro ou um artista anónimo que resolvem pôr a cabeça em água aos historiadores e demonstrar que algo de novo estava escondido nos velhos mestres.

Nessa altura, é certo e sabido que depois de peritagens e contraperitagens em que os espectroscópio, o raio X e o fotomagnetismo têm papel preponderante, a polícia entra em campo e Sherlock Holmes acaba por dar o braço à Gioconda. Nos ficheiros da Scotland Yard e da Sureté os casos de falsificação artística ombreiam com os das notas falsas e dos crimes perfeitos, com a particularidade de serem mil vezes mais complicados e engenhosos do que todos aqueles que Sir Conan Doyle inventou nas horas vagas.

Como em tudo neste mundo, como no crime ou como no amor, também nesta questão de trapacices artísticas o acaso é, por vezes, um elemento fundamental na descoberta da verdade.

Ainda está fresca na memória dos estudiosos da pré-história o caso da gruta de Lot, em França, que foi levantado pelo surrealista André Breton.

Como noticiaram os jornais de todo o mundo, e em especial **Arts e Monde**, aquele escritor, visitando, na companhia da mulher e de Adrien Dax, as «célebres» grutas e examinando com atenção os desenhos da chamada Capela dos Mamutes tocou com o dedo um dos desenhos rupestres e verificou que o traço se esvaía com visível facilidade, deixando uma substância negra semelhante à do lápis de carvão.

A autenticidade desses consagrados desenhos ficou assim posta em dúvida e a comissão de turismo de Lot (Cabrerets) levou

André Breton ao tribunal de Cahors por injúrias a um monumento público. Até agora, porém, a questão tem-se mantido em suspenso, apesar de, de quando em quando, um ou outro interessado a levantar na imprensa especializada.

A falsificação de obras pré-históricas tem uma longa tradição. Guy Isnard cita um tal William Smith que, em 1885, montava no Yorkshire uma completíssima fábrica de objectos de sílex, de urnas e de utensílios pré-históricos.

Um século depois, 1881, desmacarava-se a famosa «mistificação de Blauvais». Tratava-se de um assombroso achado de seiscentos túmulos reais, numa pedreira aberta no local conhecido por la Folie, em Allone. Os cadáveres apresentavam-se cada qual com um machado de pedra aos pés e um diadema de sílex a ornar-lhe a cabeça. Nomearam-se comissões que declaram a autenticidade da descoberta sob o patrocínio do sr. Mareschal, antiquário de nomeada na época. Coube a um particular, Leon Fénet, denunciar a espantosa falsificação — o que lhe custou insultos de toda a ordem, tendo sido alvo de atentados misteriosos. A verdade, porém, acabou por vir ao de cima, poucos meses antes da morte do antiquário Mareschal, na herdade de quem foi depois encontrado um verdadeiro arsenal de objectos arqueológicos: machados de sílex, punhais, pontas de flecha, etc.!

### «E NEM O MASTODONTE ESCAPOU...»

A falsificação nem sempre olha às conveniências e ao senso comum. De vez em quando os «peritos de más intenções» entusiasmam-se um tudo-nada e... sai um mastodonte!

Foi o que aconteceu com o americano Dr. Koch que um belo dia decidiu provar ao mundo inteiro que tinha encontrado numas escavações feitas num areal de Gasconade Country (Missouri) um esqueleto do **mastodon giganteus**. O mesmo erudito yankee não ficou por aqui. Antes que a trapaça tivesse vindo à luz e aproveitando a sua rápida celebridade, descobriu, algumas centenas de milhas adiante, um esqueleto quase completo de um **missourium**!

Só no momento em que o Museu Britânico decidiu meter-se na questão o Dr. Koch dei-



Tiara de Hochmann

A omoplata de Samsval — relíquia venerada durante séculos que afinal era um vulgaríssimo osso de baleia tratado pelo falsificador.



xou em paz as areias e a Pré-História imaginária.

De resto, nisto de falsificações o Museu Britânico é quem tem a última palavra. Quando, em 1908, um colecionador de fósseis chamado Dawson comprou a um camponês «uma espécie de coco» achada numa saibreira os estudiosos não tardaram a confirmar que se tratava de um fragmento de crânio apócrifo. No mesmo local, o mesmo colecionador achou em 1912 um outro fragmento que o sábio Arthur Woodward classificou, depois de aturadas pesquisas, como fazendo parte do crânio de um **homo sapiens**, isto é, a fase intermédia entre o macaco e o homem.

Lenta e tenazmente, o British Museum não deu ouvidos aos cientistas de toda a parte. Em 1953, quando as descobertas de Dawson eram apontadas em tratados e se considerava o **Eonthropus de Dawson** como uma espécie definitivamente determinada, a equipa do Dr. Oakley, daquela instituição, apresentou um relatório que fez estremecer de vergonha o mundo da ciência: o homem de Piltown (como era conhecido o exemplar de Dawson) **não existia** e tinha sido «fabricado» com peças do crânio de um orangotango.

### ANDA À SOLTA O NARIZ DE CLEÓPATRA

Lembram-se de Tóto no filme «Polícia e Ladrão» interpretando a figura de um pobre larápio que vive de achar moedas romanas nas ruínas do Coliseu diante dos turistas americanos?

A historieta não é tão inverosímil como isso. Há vinte anos um ex-soldado de Rommel, Johan Weisser, vendia num bricabraque de Zurique um pedaço de mármore que comprara em Tobruk durante a guerra e que pertencia a uma estátua egípcia.

O comerciante fez a transacção e obteve atestados de peritos que não só datavam o achado como o atribuíam a uma máscara de Cleópatra. O escândalo levantado pela Imprensa aterrorizou o antiquário a tal ponto que quando os peritos oficiais intervieram lhes declarou ter vendido a peça a um desconhecido...

A numismática também deu os seus exemplos edificantes. Na lista dos mais célebres moedeiros falsos o nome de Charles Guillaume Becker vem à cabeça. Comerciante de vinhos em Mannheim, cedo se apaixonou por

moedas antigas e no princípio do século XIX era um reputado «connoisseur» em toda a Europa. Apesar disso foi ludibriado pelo barão von Schelm que lhe vendeu uma falsa moeda de ouro do imperador Comodo. Para se vingar do falsário, Becker começou ele próprio a fabricar uma outra moeda e, ao cabo de meses de aturado trabalho, conseguiu uma reprodução tão fiel que o barão a adquiriu sem qualquer dúvida.

Estimulado pelo êxito desta primeira operação Becker instalou-se em Offenbach e passou a fornecer os judeus de Francfort e os mercados europeus com raridades da sua lavra admiravelmente reproduzidas, entre as quais um tetradracma, um estáter de Pirro e um tétradracma de Naxos.

Apanhado por denúncia pouco antes de morrer, o genial numismata acabou na miséria.

A ourivesaria também tem os seus falsários geniais. Um certo Hochmann, por exemplo, que em 1896 se deslocou a Viena para vender um maravilhoso colar de ouro e pedras antigas e uma tiara cinzelada. O conservador do museu pré-histórico de Viena, os professores Macht e Benndorf, catedrático de arqueologia, reconheceram-nas autênticas.

As peças atingiram preços elevadíssimos mas o seu proprietário não se deslumbrou com as ofertas. O Museu do Louvre aparece então no caso e, por estranho que pareça, confirma a legitimidade das peças e pretende adquiri-las por uma soma fabulosa.

É então que se declara a guerra dos parceiros. Uma carta anónima põe de sobreaviso os interessados mas os especialistas tomam-na como atitude de má fé! Logo a seguir o professor Wesselowski, da Universidade de São Petersburgo, publicava uma nota declarando que, pelo menos a tiara, era uma falsificação recente. Imperturbáveis, os museus de Viena e do Louvre mantinham as suas ofertas, no meio de uma das maiores polémicas artísticas de todos os tempos. Os congressos de arqueologia de Riga e de Odessa debatem a questão e o famoso Barnum pretende adquirir a tiara por um preço monstruoso «desde que se prove que é falsa». exibida em Paris, em Março de 1903, calcula-se que 20 a 30 mil pessoas desfilaram perante a célebre tiara no período de 24 horas!

Entretanto a guerra dos comparsas aquecia e, nesse mesmo ano, um artista obscuro chamado Elina apresentava-se à polícia declarando-se responsável da falsificação. To-

mara essa iniciativa porque Hochmann se recusara a partilhar com ele os lucros combinados.

## UMA INDÚSTRIA CLANDESTINA

Em 1836, Mery escrevia no *Constitutionnel*: «Existem em Roma oficinas clandestinas de escultura onde os artistas produzem apenas braços partidos, cabeças de deuses e torsos isolados.» O Museu de Metz conta na sua colecção com os chamados «falsos Boissards» entre os quais um cipo dedicado a Mercúrio, obras do amador de arqueologia Jean-Jacques Boissard, de triste memória.

No findo século XIX, grupos de falsários italianos dedicavam-se à produção de painéis de primitivos. A fidelidade e a categoria das contrafacções eram tais que em 1956 na exposição «De Giotto a Bellini» muitos críticos puseram fundas reservas sobre a paternidade de certas obras exibidas, como a *Crucificação* atribuída a Giotto, *Retrato de um jovem*, de Ucello, etc.

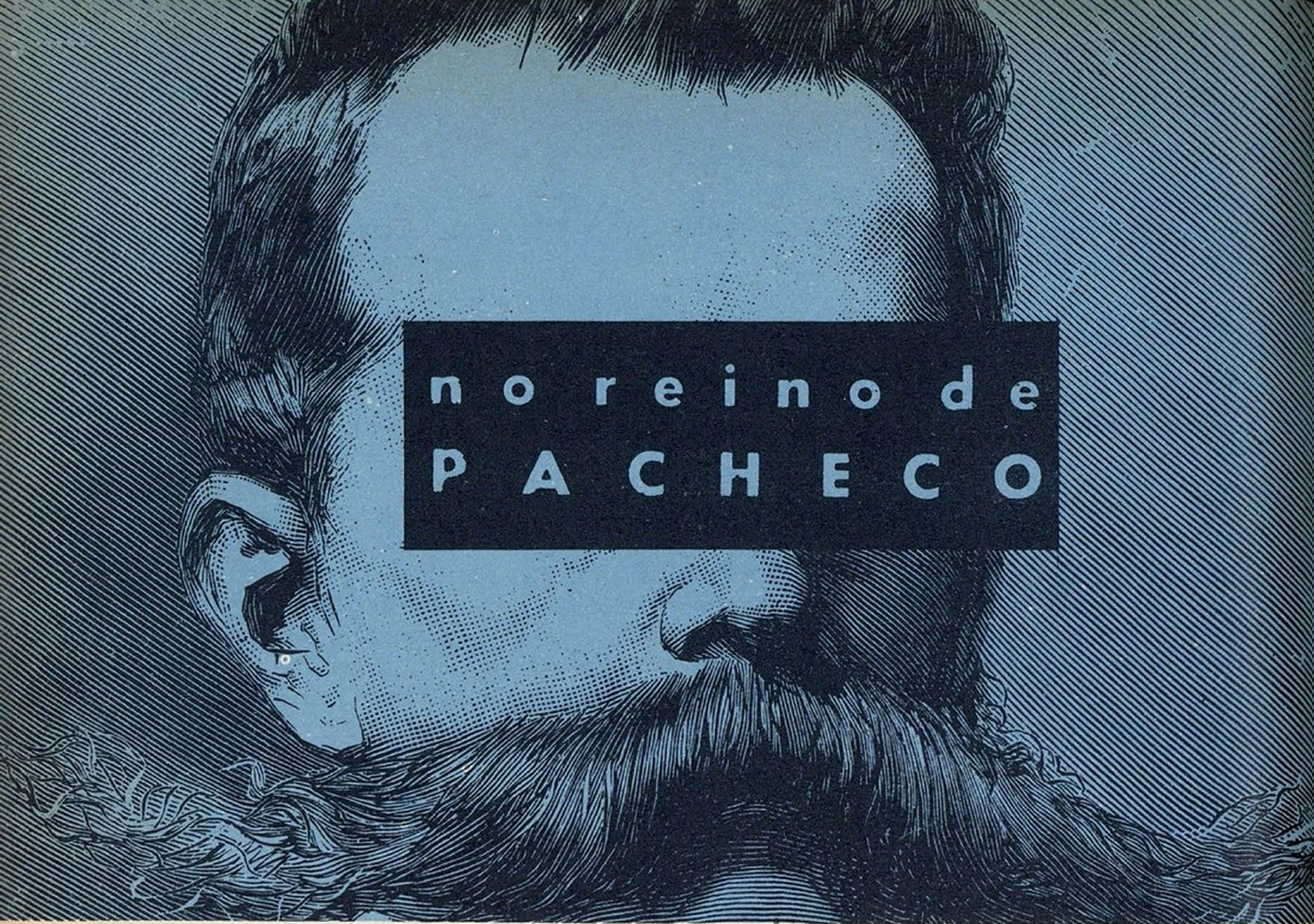
Entre os mais pacientes e hábeis mistificadores destaca-se Federico Icílio, morto em 1946 e restaurador de profissão que deixou uma *Autobiografia* em que descrevia as fontes e os processos das suas fabricações. O seu êxito fora tal que na Exposição de Falsificações, de 1955, as obras de sua autoria figuravam em lugar de destaque.

A proveniência destes «mestres» clandestinos é, como se viu, das mais variadas. Os antiquários, ourives e restauradores fornecem indubitavelmente o maior contingente, mas não deixa de ser assinalável o conhecido

caso de um relojoeiro de Nantes que, ignorando totalmente as coisas de arte, conseguiu cometer uma exemplar falsificação, ao mesmo tempo que engendrou um engenhoso esquema de burla que, pela sua originalidade, não tem paralelo na História.

Nas linhas gerais o caso é simples: da capela de Saint Hubert, na paróquia de Armanche, desapareceu em 1946 uma estrela de ferro que pertencera a um cálix do séc. XII. Alarmada, a diocese recorreu à polícia e quando todos os esforços pareciam ser improficuos, uma carta anónima dirigida ao pároco informava-o da restituição da valiosa peça sob resgate de 2 milhões de francos, importância quase ridícula em face do valor real da peça sagrada. Aceitas pelo cura as condições, os gatunos — com as habituais cautelas dos romances policiais — devolveram a estrela e tudo voltou aos tempos antigos. Tudo voltou... apenas com a diferença de que, em 1948, o prof. Arnold Nimeer, ao visitar a capela, numa excursão de alunos de Belas Artes descobriu certos sinais na peça que lhe pareceram suspeitos. Não havia dúvida: a peça era uma falsificação e mais uma vez a Polícia intervem. Mais felizes desta vez os inspectores não tardaram em apurar que o desvio tinha sido feito pelo sacristão Roger Constant que o entregara a seu filho Philippe, relojoeiro de profissão, o qual servindo-se de uma chapa de ferro há anos conservada para o efeito, nuns rochedos marítimos reproduzira com fidelidade a tosca e austera estrela. Fora, pois, esta contrafacção que os dois comparsas restituíram ao pároco de Saint Hubert, ficando de posse da autêntica que guardariam a bom recato à espera de oportunidade.





no reino de  
PACHECO

«Estava no meu humilde tugúrio relendo as profecias do nosso Bandarra quando inesperadamente me surgiu no cérebro uma ideia que julguei útil apontar: a literatura não morre, é eterna.

Apenas esta ideia me ocupara o espírito e logo outra veio tentar ocupar-lhe o lugar: se a literatura não morre, as personagens literárias também não — antes pelo contrário — perduram.»

Conselheiro Acácio, no seu **Prefácio ao apêndice actualizador** da «Relação de todos os ministros d'estado desde o grande Marquês de Pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente averiguadas de seus nascimentos».

1.º Acto:

Carlos da Maia arrumou o Alfa Romeu entre o Porsche do Basílio de Brito e o Bentley do visconde Reynaldo.

O Verão estava no fim. A doçura do fim da tarde já era, de vez em quando, cortada por uma brisa que mesmo os mais optimistas teriam de classificar de fria. Atravessou a linha de caminho de ferro e entrou no

Tamariz. Deu então com os amigos, sentados lá em baixo, em cadeiras de lona, com as pernas estendidas e os pés apoiados sobre uma cadeira que tinham atravessado à sua frente.

— Então, grande Basílio, quando é que te vais embora? O Reynaldo, óptimo?

Foi o visconde que respondeu:

— Estamos para aqui a passar o tempo. Senta-te e bebe qualquer coisa.

Carlos sentou-se na borda da cadeira de que os amigos se serviam para apoio dos pés e o Basílio exclamou:

— Ouve lá, ó Carlinhos, e se te sentasses noutro sítio?

— Porquê? Incomódo-te os chispes?

O visconde interrompeu a conversa para comentar uma mulher que, lá em baixo na praia, acabara de sair do banho.

— Já viram a nossa Marria da Grrraça? Está civilizadíssima...

— Quem é? Perguntou o Carlos seguindo-lhe o olhar.

— É uma pegazita que o Dâmaso descobriu num bar e anda agora a civilizar, disse o Basílio.

Durante uns minutos todos ficaram calados olhando para a praia. A Maria da Graça

encaminhava-se para uma barraca acompanhada dum homem baixo e magro que de vez em quando abria a boca num sorriso alarve.

— É a primeira vez, disse Carlos da Maia, que vejo o Ernesto sem samarra... mas que faz ele por aqui a estas horas? O Dâmaso não tem ciúmes?

— Está em férias, disse o Basílio, e o Dâmaso até lhe agradece.

Carlos da Maia levantou-se e olhou de frente para os amigos.

— Bem, vamos lá a saber: para que me fizeram vocês vir aqui? Que diabo me querem dizer que não possa esperar até amanhã?

O visconde despejou, dum trago, o whisky que estava bebendo e explicou.

— Tivemos uma ideia.

— Onde a tiraram? Perguntou o Carlos.

— A sério, tivemos uma ideia: Lisboa está absolutamente infernal. É que não há absolutamente nada que fazer e, para pessoas civilizadas, não há um sítio onde se possa estar... lembramo-nos de formarr um club. O Cohen entrira com a massa e pensamos no Ega parrra a orrganização.

Basílio, que se mantivera calado, entrou na conversa.

— Tu não és capaz de pedir à Cohen que peça ao marido para...

— Não peço nada à Cohen.

— Homem, não te ofendas!

Estou farto de gracinhas. Não tenho nada que ver com a Cohen.

— Pronto, está o assunto arrumado. Cada um entra com uma quota e acabou-se. Olha, aí vem o Ega.

Na verdade Ega aproximava-se. Vestia um «blazer» preto com o emblema dum clube Naval bordado no bolso. Olhando para o emblema, Carlos da Maia perguntou:

— Desde quando é que deste em náutico, ó Ega?

— Deixa isto em paz, filho. Faz um vistão. Trouxe-mo de Londres um amigo meu que trabalha na T. A. P.

Pois cá estou, meus amigos, tenho pensado muito na ideia do visconde e...

— A ideia é do Basílio, disse o visconde.

— Não é nada minha, é dele, resmungou Basílio.

Carlos da Maia riu-se:

— Ou não fossem vocês quem são! Só a ideia de terem uma ideia os horrorizou...

mas ficaram com medo que eu pensasse que vocês não eram de Cascais, ou quê?

Ega não esperou que respondessem.

— Deixem-se de histórias e vamos ao que interessa. Acho a ideia do Clube estupenda mas julgo que teremos de a modificar um pouco. Os tempos não vão para clubes de gente rica... isto, agora, anda muito mudado. É preciso atender à questão social e há que ter em conta, mesmo, o problema cultural.

Basílio encostou-se para trás na cadeira e resmungou:

— Estamos tramados! O Ega anda apaixonado pela filha dum tipógrafo ou coisa que o valha! Já fala de «Problema Social» e do «Problema Cultural».

— Não é nada disso, clamou o Ega, mas o que eu disse é verdade: temos de acompanhar os tempos. Lembrei-me de fazer um clube literário.

O visconde nem quis acreditar no que ouvia:

— Literário! Um clube literário! O quê? Sem barr nem nada?! Mas tu estás doido, menino?! Querrres, agorrra que a gente vá lerrrr o... romances... ou verrrsos?

— É um disfarce, explicou o Ega, trata-se dum truque e é ótimo para as pequenas.

— Para as pequenas?, perguntou Basílio, explica lá isso...

— É que elas, agora, andam todas na Faculdade, sabem imensas coisas e assim, sempre temos mais possibilidades. Até podemos dar uns jantares de vez em quando... com umas conferenciuzitas ligeiras que, depois, podemos mandar imprimir. Que dizes? Além disso podemos ir para lá fazer...

O visconde, porém, continuava horrorizado.

— Um clube literário! Com a minha idade! E a minha posição! Sem barr! E temos que lerrr livrrros, não? Eu porr mim garanto-lhes que não leio nada. Erra o que faltava!

— Não é preciso ler nada, assegurou o Ega, absolutamente nada. O que lhes garanto é que a ideia é boa.

— Dá um certo tom, disse o Basílio.

— Arranjado com gosto o clube até pode ter a sua graça, confirmou Carlos da Maia.

— Contanto que não tenha que lerr nem escreverrr, disse o visconde a medo, já não tenho idade parra fazerr redacções.

Ega esfregou as mãos ao ver a sua ideia aceite.

— Tinha a certeza que aceitavam e já organizei tudo. Esta noite há uma reunião com os sócios fundadores.

— Quem são?

— Toda a gente do nosso meio, com uns intelectuais à mistura para dar um certo tom, mas uns intelectuais cá dos nossos, é claro.

E onde é isso, perguntou o Basílio?

— Resolvi convidar o conselheiro para director.

— O palerma do Acácio? Perguntou Carlos da Maia.

— Não lhe chames palerma: três conselhos de administração, duas...

— E onde é a casa dele?

— Na Rua de S. José, 75. Estejam lá às 10 horas, sem falta.

## 2.º Acto:

O conselheiro Acácio esperava-os em casa. Sobre a capa de baeta verde que cobria o piano, pusera duas garrafas de whisky e copos. Na sua saleta de trabalho pusera mais copos e, receando um gesto brusco dum dos convidados, metera numa gaveta a galguinha de vidro transparente que, juntamente com dois castiçais, lhe adornava a mesa de jogo.

O primeiro dos convivas a chegar foi o Savedra que há muito cortara o bigode e largara **O Século**.

Vestido de cinzento, discreto, começou logo a falar nas pessoas que nessa manhã vira no Chiado e acerca das quais escreveria no dia seguinte na sua coluna continuando, assim, o esforço que há anos vinha desenvolvendo, de descrever uma sociedade que desconhecia inteiramente a um público que a não conhecia nem desejava conhecer.

Depois, um a um, chegaram outros convidados: Carlos da Maia, Basílio, o... onde, o coronel Sequeira, o velho Luís Runa, o Craft, o Ega com o seu «blazer» de botões dourados, o Steinbroken de... dado com o marquês, o Dâmaso, o Gouvarinho, Alípio Abranhos, o Euzébiozinho, o Cohen, e por fim, Godofredo Alves, o riquíssimo Godofredo Alves.

O conselheiro Acácio ofereceu de beber aos seus convidados e, impondo silêncio com um gesto, começou a falar.

— Não foi para falar da minha modesta pessoa aos meus ilustres e distintos amigos que os convidei para esta pobre choupana onde vivo há tanto ano... Se tomei essa liber-

dade foi porque tinha fortes razões para crer que...

— Vamos ao que interressa, conselheiro, não podemos passarr aqui a noite.

— Mais devagar Visconde amigo. Não se esqueça de que estão presentes personagens de relevo nos meios internacionais — e sorriu para o Craft e para o Steinbroken, que conversavam a um canto — há que explicar, há que explicar... Ora julgo que todos os presentes conhecem o que nos trouxe aqui. Refiro-me à ideia, à brilhante ideia do sr. Basílio de Brito. Vamos formar um clube literário, uma espécie de Grémio para... para... enfim, para promovermos a literatura — grande educadora, diga-se de passagem, entre os portugueses. Qual de nós não tem, uma ou mais vezes, estranhado que a literatura, tão popular lá fora, não tenha em Portugal aque'a divulgação a que tem direito na hierarquia das artes? Qual de nós se não tem deliciado, horas sem fim, com a leitura de Bernardim Ribeiro, de Camilo e do grande Eça de Queirós?

— Apoiado, gritou Basílio que lera o «Primo Basílio» em Cascais, no verão de 55.

— Trata-se pois, de fundar um clube literário e, olhando à minha volta, observando um a um todos os presentes, enche-se-me o coração de júbilo. Não é possível, em Portugal, juntar-se um grupo tão culto, tão inteligente, tão dado ao culto das artes e revelando tanto talento como o grupo presente. É com convicção que o digo: representamos a fina flor da intelectualidade portuguesa.

Tirando um lenço da algibeira, o conselheiro limpou a testa suada de comoção e continuou: — Como havemos, porém, de designar o nosso clube? Que nome lhe deveremor pôr? Chamo a vossa atenção para a responsabilidade que recai sobre os nossos ombros neste momento histórico e repito: como deveremos chamar à nossa associação?

— A **Incrível Lisbonense**, murmurou o Craft do fundo da sala.

— Mister Jonh Craft, disse o conselheiro em tom severo, sei que V. Ex.<sup>a</sup> é oriundo dum país onde se cultiva o humor e não sou alheio à graça dum Chesterton ou dum Shaw. Peço-lhe, porém, que se não esqueça de que está em Portugal. Nestas terras, mister Craft, tratam-se a sério as coisas sérias. Está na Pátria de Camões. Porte-se à altura do solo que pisa. Há mais sugestões?

Carlos da Maia levantou-se:

— Creio que a maioria dos presentes leu as obras de Eça de Queirós. Se leram mais coisas ou não, é que não sei...

Indignado o Dâmaso interrompeu:

— Olha quem fala! Pois fique sabendo que ainda agora acabei de ler o «BONJOUR TRISTESSE», ouviu?

Carlos da Maia continuou:

— Porque não chamamos ao clube, muito simplesmente, «Clube dos amadores de Eça de Queirós»?

#### Final de acto:

O visconde, antes dos convivas se retirarem, e já depois do Eça ter sido escolhido para arranjar as instalações, pediu a palavra:

— Peço a todos que assumam aqui um compromisso de honrra: o clube é apenas um pretexto para nos reunirmos. Não querrremos ninguém que esrrreva ou que queirrrra crrriar seja o que forrrrrr... Umas conferrrenciasitas vá, mas mais nada... Se alguém lá no clube crrriar alguma coisa sai de sócio...

Olhando à sua volta, o Craft murmurou baixinho:

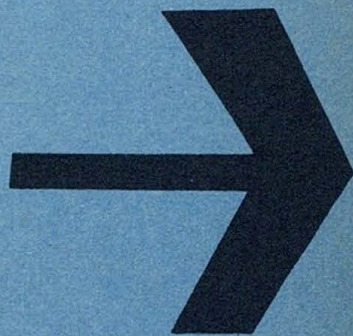
— Não há esse pengo.

Com as faces inchadas de orgulho, o Dâmaso, à saída, disse-lhe ofegante:

— Que faria o nosso Eça se assistisse a isto, amigo Craft?

— Ia para casa, Dâmaso. Ia para casa e escreveria a sua obra-prima.

S. M.



o princípio  
era  
o gesto



**Marcel Marceau - falado...**

*especial para*

## ALMANAQUE

*Que a pantomina esteja alcançando nos últimos anos um sucesso internacional é questão que se não põe em dúvida. Disso foi testemunho o êxito de Marcel Marceau nas suas recentes apresentações no Tivoli.*

*Porquê? Difícil certamente a resposta. Talvez os homens, cansados das verbalizações racionalistas, encontrem uma linguagem de mais fácil e directa compreensão, através da expressão corporal das emoções — transfigurada em arte mímica. Talvez lhes seja mais simples este contacto que corre ao lado da razão e em que a imaginação não tropeça com o significado, por vezes dúbio, das palavras.*

*Seja qual for, porém, o motivo, o certo é que o universo fictício de Marceau nos transporta e nos convence — o seu Bip figura do desadaptado confrangedor de boa vontade pelos outros, os seus mimogramas clássicos de estilização perfeitamente recortada, as suas sátiras sociais espirituosas e por vezes comoventes.*

*Simplemente, toda a moeda tem duas faces, e esse desejo de maior autenticidade que o público talvez procure no teatro mudo, frustra-se por vezes porque também sem palavras as mensagens se deturpam e a mentira é possível, também a linguagem dos gestos e das atitudes é dúbio e pouco definida. Pegando numa frase, cremos de Bertrand Russell, os erros do uso da razão só se podem corrigir por um maior uso da razão. Para lá destas preocupações, a mensagem de Marceau permanece válida e a sua arte — pois de uma arte bem individualizada e sua se trata — tem um público a quem diverte, distrai, faz cismar e faz sentir. E nós ficamos felizes, pois o mundo tem neste momento uma grande precisão de todas as formas de beleza e de todas as formas de amor.*

*Na última noite da sua estada em Lisboa, Marcel Marceau, amavelmente, recebeu-nos e disse para o ALMANAQUE o que se apresenta a seguir.*





ALMANAQUE: Começou, pensamos, pelo teatro. Porque se dedicou à pantomina? Que viu nela que particularmente o interessasse?

MARCEL MARCEAU: Os dois teatros, o de verbo e o de mimo, dirigem-se aos sentimentos profundos do homem e levam em conta os seus mecanismos psicológicos. São os dois, como teatro, formas de arte social. Sòmente na pantomina os meios técnicos são diferentes o que acarreta uma forma diferente. Vim, pessoalmente e por motivos de aptidão e gosto, para o mimo, do «teatro de verbo» que dá à palavra primacial importância, explorando-a até às suas últimas consequências, como acontece, por exemplo, em Pirandello e em muitas passagens de Racine. O mimo, pelo contrário, é uma arte que reflecte as aspirações secretas e profundas do homem e em que os sentimentos se traduzem por gestos anteriores a qualquer verbalização.

De resto, na Grécia e em Roma o teatro de mimo e o de verbo estiveram estritamente ligados, interinfluenciando-se e assistiu-se aos períodos de decadência de um a coincidir com os períodos de florescimento do outro. A comédia italiana pós-renascentista era um misto dos dois teatros: a fala e o jogo corporal representavam valores de igual importância. Foi preciso esperarmos pelo séc. XIX para que se isolasse em França um teatro de mimo puro. A sua vida, porém, foi breve — os grandes homens que o praticaram morreram sem deixar escola, e a escola é o elemento fundamental — mais que o valor dos possíveis génios individuais — para a perpetuação de uma arte ou de uma cultura.

Fui eu quem redescobriu a tradição da linguagem no plano plástico. E esta arte não é uma arte meramente verista: há nela uma técnica elaborada que lhe dá distância, que a transpõe, que lhe dá o valor de arte dirigida à sensibilidade do público, apresentando-lhe o homem no centro da sociedade e em luta contra ela e o homem em luta com os elementos.

ALMANAQUE: Se admitirmos que a obra de arte, meio de comunicação entre o artista e o público, atinge o seu objectivo maior quando estabelece por sua vez a comunicação entre os homens que são esse público,

que importância lhe parece assumir a sua arte?

MARCEL MARCEAU: A pantomina ultrapassa a linguagem verbal, os diversos idiomas do mundo, indo mais directamente ao encontro do homem. O riso é universal e as reacções do público nas várias regiões do mundo são sensivelmente semelhantes. Todavia as pantominas sociais têm por vezes compreensão mais difícil e as pantominas de estilo, pela sua própria natureza têm talvez interesse mais geral. *Bip* é um caso à parte. É um personagem em cuja volta se move uma sociedade abstracta mas que se supõe visível (criada pelo homem) mas cujos elementos (do personagem) mostram uma gramática do mimo que — servindo um conteúdo humorístico ou trágico — constitui uma linguagem sintética que procura dar exactamente o sentido da vida. *Bip* como personagem especializado é um personagem formal que, através dos olhos se dirige ao coração dos homens.

ALMANAQUE: Os minogramas que tem apresentado têm por vezes muitos personagens? Consegue dar espectáculos com números muito longos?

MARCEL MARCEAU: Há várias formas de pantomina: o mimograma de estilo representado por um solista ou por um solista e um grupo que funciona um pouco como o coro no canto, o mimograma social (de que exemplifico a adaptação do *Capote* de Gogol) em que a *troupe* numerosa contraponta através dos vários episódios com o personagem central. Há, de resto, dois Marceaus: Marceau solista, que por si só teria feito carreira e é conhecido isoladamente através de *Bip* (como Grock p. ex.) e Marceau «metteur en scène» que criou uma companhia em que o personagem, o mimo, é considerado em função da peça — pantomina clássica, satírica, humorística. Nesta pantomina, o *decor*, a música, têm funções semelhantes à que desempenha no circo, enriquecendo e contrapontando o espectáculo.

O primeiro mimo que, em tempos modernos, pelo menos, actuou sozinho no palco conseguindo criar do nada um universo, vários universos, durante duas horas — foi Marceau.

Com respeito à duração dos números, alguns dos meus mimogramas chegam a ocupar quarenta e cinco minutos.

ALMANAQUE: Quem foram, directa ou indirectamente, os seus mestres?

MARCEL MARCEAU: No começo, certamente, Chaplin. A sua influência foi, de resto, notória em toda a minha geração. Chaplin recriou no cinema a «Comédia Italiana» — e *Bip* dele tem muito certamente. Porém, uma diferença fundamental separa *Charlot* de *Bip* — o primeiro, vive num universo concreto, palpável, carnal, que lhe é indispensável como espectáculo, enquanto o segundo, cria um mundo poético e próprio a partir de uma realidade abstracta. Dos homens com quem efectivamente trabalhei ou com quem lidei de perto, devo destacar, na geração que por volta dos anos 20-30-40, como reacção ao teatro de *boulevard*, criou um teatro qualitativo «Ze Cartel»: Jouvet, Dulin, Batt, Pioeff. E acima de todos Etienne Decroux, com quem comecei a trabalhar em 1944 e, através do qual, a tradição do teatro passou para mim. Assim, do teatro de verbo que nele se originara, o teatro de mimo reaparece. Não posso deixar também de referir Jean Louis Barrault.

E, falando de influências, lembro-lhe que o mimo teve uma acção preponderante no teatro moderno. Em Beckett e Ionesco o mimo transparece mas em Marceau ele afirma-se puro. E suponho que, nos anos que se seguem, essa influência se fará sentir mais ainda.

ALMANAQUE: Na conjuntura presente do mundo parece-lhe ter a sua arte uma oportunidade particular?

MARCEL MARCEAU: A minha arte é poética, profundamente humana, traz consigo uma mensagem, que tem raízes populares e, como toda a arte satírica e trágica, é uma arte de vanguarda. O teatro serve para mostrar os vícios, as taras de uma determinada época. Os grandes problemas: a vida, o amor, a morte, o ciúme, a justiça, são eternos e o teatro procura transpô-los recriando.

ALMANAQUE: Como lhe pareceu o público português?

MARCEL MARCEAU: Como em todos os países do mundo, o público mostrou o seu entusiasmo pela pantomina. Esse entusiasmo foi particularmente intenso no meu último espectáculo, como é, de resto, próprio de um público jovem. Achei além disso que o vosso público é exigente, habituado certamente ao bom teatro...

ALMANAQUE: (!...)

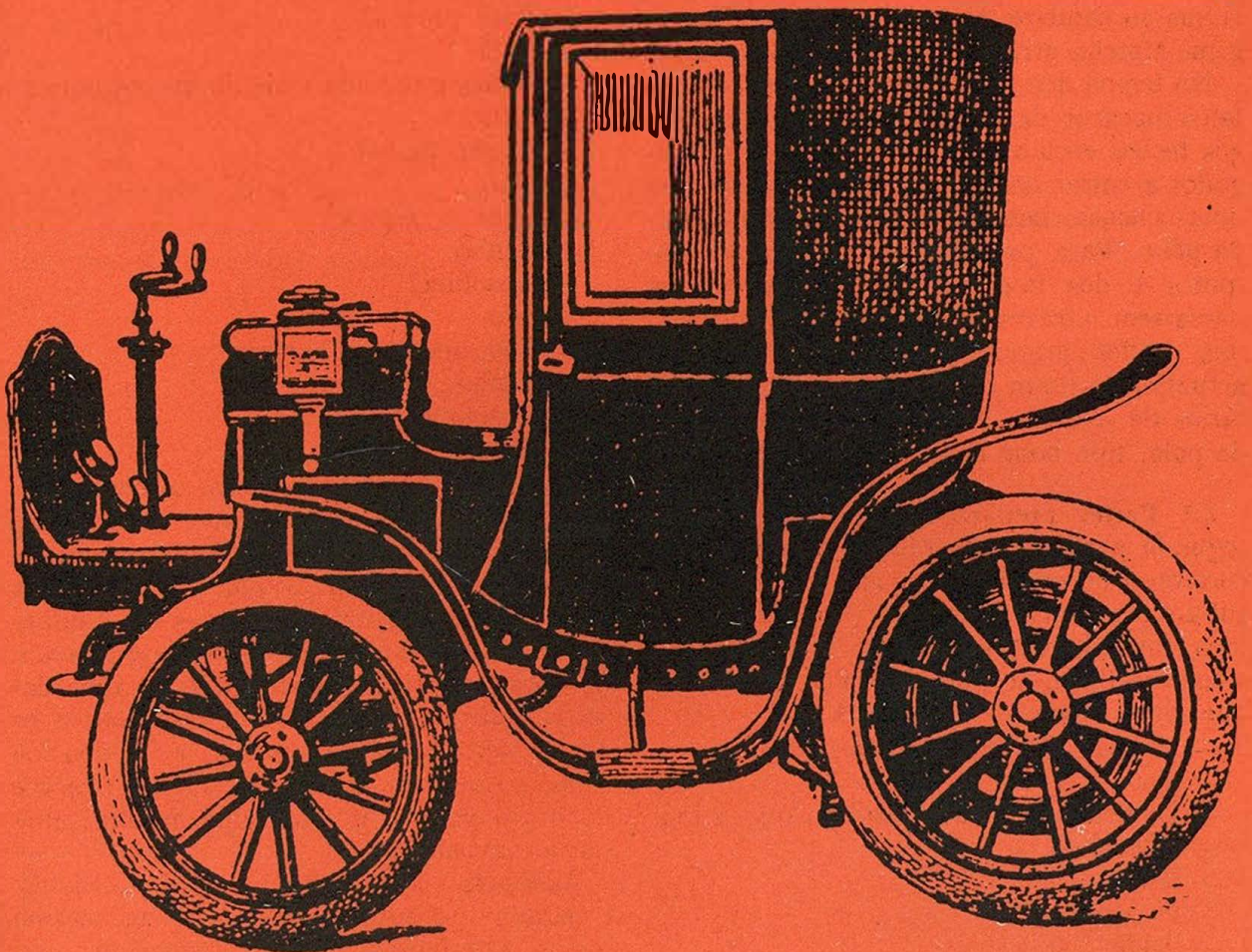
MARCEL MARCEAU: Não, não, não menosprezem os valores que realmente possuem. As potencialidades do vosso povo são extraordinárias e quem realmente quer vingar nesta nova arte de teatro consegue-o. Estou a lembrar-me do vosso compatriota Luís de Lima, que comigo trabalhou em Paris. Os jovens portugueses de talento deviam seguir-lhe o exemplo: ir para fora, procurar os bons meios, aproveitá-los e voltar ao seu país a formar escola e a criar tradição.

*E deixamos Marcel Marceau que ia cear com amigos portugueses, gratos pelas suas palavras concisas, singularmente, para nós latinos, acompanhadas de poucos gestos.*



automobilismo

«In illo tempore...»



## por Luís de Sttau Monteiro

Todos sabem para que servem os «rallies». Não vale a pena, sequer, referirmo-nos ao assunto e escaparmos mais uma vez às mil doudas opiniões que são formuladas sempre que a questão se levanta.

Partindo, portanto, do princípio de que todos sabem para que serve um «rally», passamos a outra questão: saberão os leitores como decorriam os «rallies» no tempo dos nossos avós?

É claro que não, e é precisamente essa lacuna que desejamos preencher.

Tal como actualmente, os «rallies» do tempo dos nossos avós dividiam-se em 3 partes:

**1.ª Parte, ou preparação material:** — Compra de vestuário cómodo e prático para a prova de estrada (150 ou 200 km a 50 km por hora) e para as provas de perícia (Arranque. Travagem. Arranque travagem. Duas voltas ao canteiro do jardim público. Travagem. Marcha atrás. Travagem. Aplausos).

No tempo dos nossos avós ainda não havia fatos-macacos de popelina italiana com longos fechos «clair», de forma que eram obrigados a entrar nas provas do seu tempo com umas imensas batas a que chamavam «guarda-pós». Para proteger os olhos, dos mosquitos e dos raios solares que porventura passassem através do pára-brisas, usavam uns óculos grandes semelhantes aos que actualmente usam os corredores e os proprietários de scooters. Na cabeça um bonèzinho de pala, tipo boné de oficial de marinha.

**2.ª Parte: preparação espiritual:** — Esta segunda parte duraria muitos dias. Os concorrentes encontravam-se em bares e discutiam problemas relativos à prova. Este diálogo, inadmissível nos nossos dias, pode considerar-se típico do fim do século. Admitamos que tinha lugar no bar do A.C.F.

— Vais ao «Rally» Paris-Versailles?

— Vou.

— O meu carro anda mais do que o teu.

— Não anda.

— Anda.

— Não anda.

— Anda.

— Não anda.

Depois de algumas horas de conversa ininterrupta entrava no bar um terceiro concorrente que metia a sua colherada:

— O meu carro foi mais caro do que os vossos.

— Mas os nossos têm transformações e o teu não.

— Isso é que tem.

— Não tem.

— Tem.

— Não tem.

É claro que este mesmo diálogo tinha depois lugar em todos os bares e em todos os cafés de Paris onde quer que os concorrentes se encontrassem. À medida que a data do «rally» se aproximava, os concorrentes ocupavam os seus dias num vaivém constante entre as suas garagens e os seus bares. Este diálogo, também típico da época de ouro do automobilismo, teria tido lugar numa garagem, entre um concorrente e o seu mecânico:

— Está pronto?

— Está.

— Achas que anda mais do que os outros?

— Acho.

— E não parte?

— Não.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Absoluta?

— Sim.

— Tens mesmo a certeza?

— Tenho.

— Absoluta?

— Sim.

Na véspera da grande prova os concorrentes chegavam mesmo ao ponto de comerem apenas coisas leves e de se deitarem cedo a fim de se apresentarem «em forma»... Em casa davam os últimos retoques no equipamento: acertavam os relógios, engraxavam os botins, mandavam engomar os «guarda-pós», preparavam as lancheiras, poliam os óculos, estudavam os mapas e, acima de tudo, passeavam-se com ar trágico e grave de quem vai partir para uma grande, uma imensa aventura.

As esposas, as noivas e as próprias criadas, mostravam-se preocupadas mas, ao mesmo tempo, orgulhosas, com a coragem dos concorrentes.

Algumas esposas — ainda que, por dentro, se estivessem a rir daquilo tudo — mostravam-se tímidas e receosas.

— Mas eu não te chego, querido? Tens de arriscar a vida nestas coisas? Não pensas em mim e nas pequeninas?

E eles respondiam de bigode eriçado:

— Coisas de homens, filha. Tu não compreendes.

Por fim, lá para as dez da noite, o chefe do lar apagava a luz e a mulher, sorrindo secretamente sob a protecção da escuridão, ainda dizia com voz preocupada:

— És tão corajoso... mas eu tenho tanto medo...

No dia seguinte os concorrentes reuniam-se no ponto de partida. Ao longo da rua duas dezenas de automóveis polidos, escovados, repolidos e rescovados. Aos magotes os concorrentes nervosos, com ar grave, mas desportivo, discutiam questões técnicas:

— O controle é a 10 km daqui?

— É.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Tens mesmo a certeza?

— Tenho.

— Absoluta?

— Sim.

De vez em quando surgia um grupo de raparigas, todas mais ou menos conhecidas, que admiravam os concorrentes. Estes ao sentirem-se admirados punham-se em posi-

ção de «heróis da estrada»: cotovelo apoiado no «capot» do carro, perna cruzada com ar descontraído, expressão de quem enfrenta riscos por amor ao perigo. Elas lá iam admirar outro grupo e conversando entre si:

— Aquele mais alto tem um pai riquíssimo.

— Mas é tão feio...

— Será, filha, mas tem uma grande fortuna.

Passado tempo — por vezes os relógios atrasavam-se ou chegava tarde um concorrente excepcionalmente rico — lá partiam para o desconhecido.

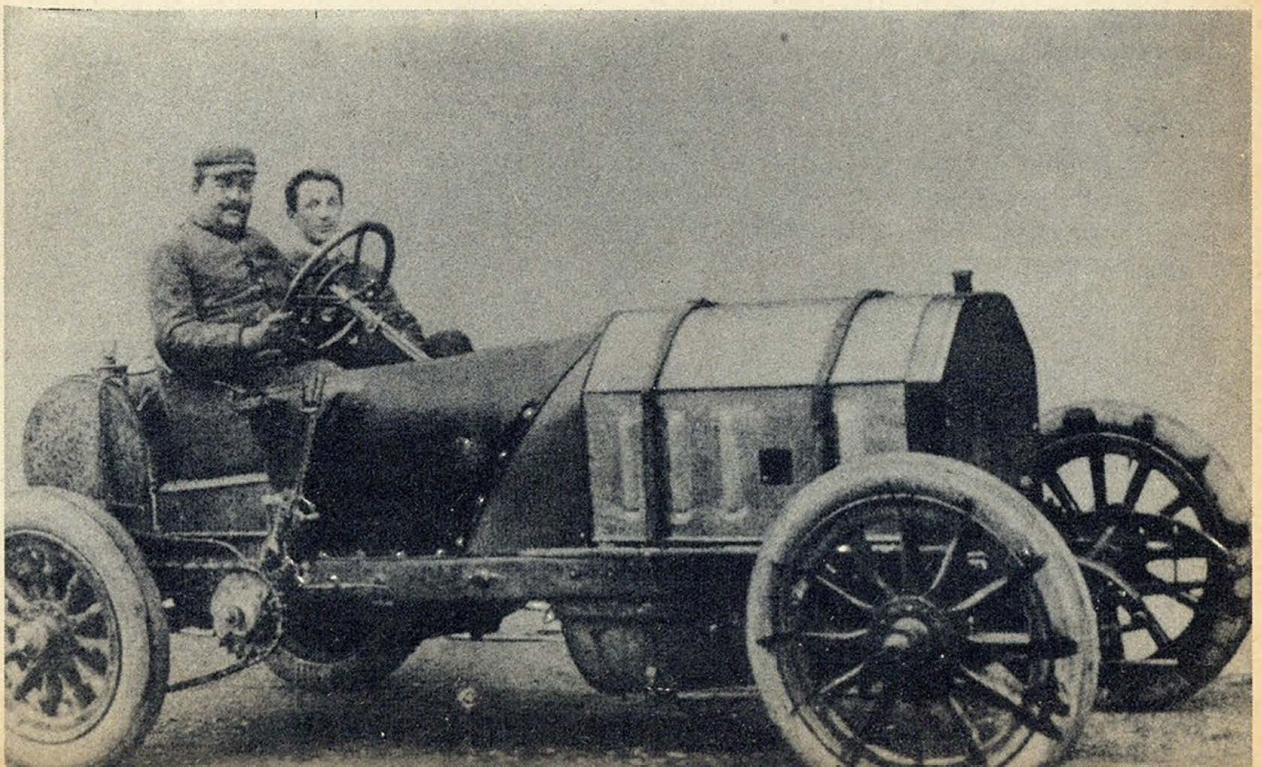
O arranque era inevitavelmente barulhento e espectacular, o que muito impressionava as pequenas e os dois ou três espectadores.

É claro que mais adiante, depois da primeira curva, os carros diminuíam o andamento porque é preciso não nos esquecermos de que há 60 anos, os automóveis estavam na sua infância e os «heróis da estrada» não podiam exceder os 50 km horários de média...

Coisas do fim de século...

No percurso nem se fala. Com os seus trajes especiais, consultando frequentemente os relógios, os «SPORTSMEN» da época lançavam-se à conquista da estrada a 50 km por hora...

É claro que, por vezes, enebriados pela velocidade, perdiam completamente o bom-senso e chegavam mesmo a atingir 80 ou



mais quilómetros horários, o que os obrigava a esperar, em bicha, escondidos do controle, que chagasse a sua hora de «atravessarem a meta».

Quando isso acontecia trocavam impressões técnicas:

- O Jean teve um furo à saída de Paris.
- À saída de Paris o Jean teve um furo.
- O Jean teve um furo à saída de Paris.
- À saída de Paris o Jean teve um furo.

Não é possível descrever as conversas que tinham lugar nessas ocasiões, a vivacidade dos diálogos e o interesse dos assuntos escolhidos. O fim do século como é geralmente sabido, foi uma época de transição para a humanidade.

Por um lado o progresso da ciência abriu as portas a um futuro completamente diferente e, por outro lado, sentiam-se já os primeiros sinais de remodelações sociais que viriam afectar profundamente a humanidade inteira.

Não é de estranhar, portanto, que as conversas dos «sportsmen da época — expoentes elevados da cultura e das ansiedades do seu tempo — fossem autênticos símbolos das preocupações da sua classe:

- O Jean teve um furo à saída de Paris.
- À saída de Paris o Jean teve um furo.

Terminada a prova de estrada numa vila qualquer — neste caso a de Versailles — os concorrentes, estafados, cansados ainda do esforço despendido para conduziram a 50 km por hora, reuniam-se aguardando a prova final que tinha lugar quase sempre no largo da vila ou no jardim público, perante as suas famílias, amigos e parentes que para

tal fim se tinham deslocado de comboio ou mesmo de automóvel. Por vezes a família, por não estar vinculada ao regulamento do «rally», chegava antes dos concorrentes e recebia-os, na meta, com chávenas de café, cervejas e outras bebidas destinadas a repousarem-lhes os nervos. Finalmente, um por um, devidamente equipados, os ases tomavam lugar na linha de partida para a prova de perícia.

Os carros roncavam, tremiam, arrancavam entre nuvens de poeira, davam a volta ao lago ou ao roseiral, paravam, arrancavam, davam a volta ao urinol, paravam, arrancavam, torneavam entre quatro pauzinhos colocados no centro da estrada e, por fim, cruzavam a meta.

Extenuados, os concorrentes saíam dos carros enquanto as primas, em primeiro grau, os primos em segundo grau e os mecânicos, aplaudiam freneticamente.

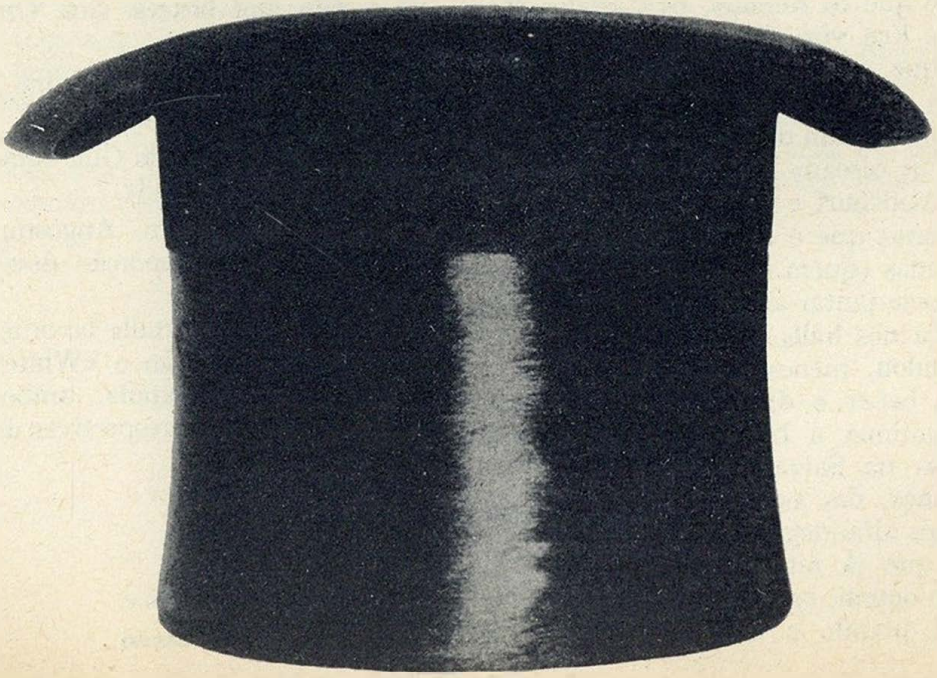
É claro que, depois disto, havia um jantar de confraternização com distribuição de taças, muitas taças, destinadas aos concorrentes que melhor se tivessem classificado com os pneus da marca X, com os óleos da marca X ou muito simplesmente com X.

Os donos dos carros mais caros recebiam as taças maiores, os donos dos carros mais baratos recebiam as taças mais pequenas e lá ia tudo para casa com a satisfação do dever cumprido.

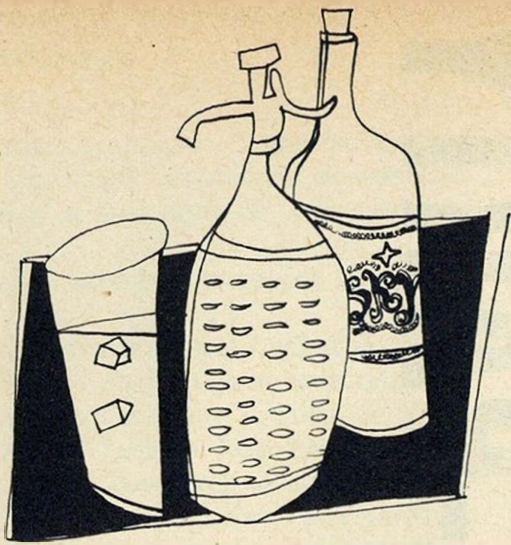
Tudo isto se passava há 60 anos, nesse fim de século, de que hoje já só alguns se lembram.

Como são diferentes os «rallies» do nosso tempo!





# **SURPRISE-PARTY**



# aperitivo à Inglesa

Eça de Queirós, que tanto desejava ter entrado na sociedade inglesa e que acabou por observá-la de fora, diz-nos, nas suas «Cartas de Inglaterra», que os ingleses ricos, à noite, «tomado o banho e vestida a casaca, têm o grogue forte no *fumoir*».

É claro que Eça de Queirós tinha da sociedade inglesa do seu tempo uma ideia que o adjectivo «distante» não pode exprimir inteiramente. Habitado a ver o seu nome nos jornais da «terra» e a desfrutar de uma notável celebridade no Chiado, o grande Eça dificilmente se resignou à modesta posição social do cônsul de Portugal em Bristol.

De modo que os *fumoirs*, os Castelos Medievais que Eça vira da janela do comboio, os lordes que gritavam *Hally-hó* (!) atrás dos rapazes e as *Miladies* que bocejavam nos sofás, desapareceram da vida inglesa que Eça viu à «vol de oiseau»... As próprias bandeirinhas de Azincourt e de Poitiers abandonaram as galerias que o Eça desejava ter visto e são utilizadas (quem sabe?) para decoração dos quartos-de-jantar-salas ou dos bares metidos à força nos *halls* dos apartamentos.

Tudo mudou, menos uma coisa: o inglês continua a beber e disso não há a menor dúvida. Continua a beber em doses imensas... apesar da Salvation Army, das ligas de temperança, das associações de velhinhas e dos direitos alfandegários.

É claro que já ninguém bebe grogues... Hoje, como ontem, os grogues só entram nas casas ricas quando o lorde doméstico está

com gripe e, mesmo assim, é preciso que se não tenha perdido a velha receita familiar...

Que bebem então os ingleses, nomeadamente antes das refeições, já que de «aperitivos» estamos tratando?

Na Inglaterra, a grande maioria dos aperitivos é feita na base de «gin», pelo menos nos *pubs*, os bares-tavernas de que os britânicos tanto gostam. Na verdade, os ingleses, uma vez dentro do seu «local» (nome afectuoso e familiar que dão ao *pub* do seu bairro) bebem, principalmente como aperitivo:

1 — **Gin and bitters:** Gin, Orange Bitters e água simples.

2 — **Gin and lime:** Gin, Lime juice e água simples em partes iguais.

3 — **Gin and orange:** Gin, sumo de laranja e água simples ou soda.

4 — **Pink Gin:** Gin, Angostura Bitters e água simples na proporção desejada.

Nos *pubs*, os *cocktails* favoritos, pelo menos das senhoras, são o «White Lady» e o Champanhe «cocktail», ambos fáceis de fazer. Aqui vão as respectivas fórmulas.

## a) White lady

1 porção de gin.

1/2 porção de triplice.

1/4 de sumo de limão.



Bate-se com gelo e serve-se.

### b) Champanhe «cocktail»

1 porção de champanhe.  
1/4 de porção de conhaque.  
1 pingo de «bitter».

Não se agita; mexe-se com a colher para que o champanhe não perca o gasoso natural.

### ABAIXO OS «COCKTAILS»!

As classes altas — que não desdenham o pub — são pouco dadas a «cocktails», misturas que vieram do lado de lá do Atlântico e que já estão outra vez a passar de moda — felizmente — nos países civilizados.

Nas casas dos membros das classes altas, portanto, dificilmente se verão essas misturas. Os aperitivos mais correntes serão o Gerez e o Madeira, e muito embora o Gin ainda não seja considerado uma bebida aristocrática, é frequentemente servido com água tônica, principalmente para as senhoras.

Como aperitivo, ninguém bebe whisky se não possivelmente os turistas do país do «rock'n roll».

Para os lados de Chelsea e de South Kensington (bairros dos artistas e dos que o desejariam ser) começa a beber-se vinho branco seco como aperitivo para o almoço — um aperitivo «descontraído», requintado e, principalmente, barato. Convém aqui dizer que o «Martini» e o «dry Martini» são aperitivos americanos e que muitos **barmen** dos «pubs» não saberão, sequer, misturar os ingredientes dessa bebesteira.

Com as bebidas, os ingleses servem os seus deliciosos **pickles** que, diga-se de passagem, nada têm de comum com esses pedaços de

hortaliças avinagradas e ácidos com que os proprietários dos restaurantes do Bairro Alto costumam decorar artisticamente as travessas de carnes frias — para desgraça dos gourmets e felicidade dos fabricantes de bicarbonato de sódio.

E, por falarmos em «pickles», aqui vai uma receita prática e simples:

Compre cebolas pequenas e, tanto quanto possível, iguais. Descasque-as e deixe-as cobertas com sal grosso dum dia para o outro. Escalde-as. Meta-as nos frascos em que as deseja conservar.

Numa panela ferva o vinagre suficiente para cobrir as cebolas juntamente com bastantes grãos de pimenta preta, uma ou duas malaguetas e dois cravinhos. Quando o vinagre estiver a ferver junte-lhe açúcar derretido ao lume e ligeiramente queimado (200 gr de açúcar para um litro de vinagre). Deite o vinagre a ferver com os temperos sobre as cebolas. Deixe arrefecer, tape e sirva oito dias depois.

Pode, se assim o entender, proceder do mesmo modo com pepinos pequenos (do tamanho do dedo mínimo) sem fugir à tradição inglesa.

De qualquer forma, estimado leitor, se tiver um conviva inglês em sua casa, dê-lhe o nosso delicioso vinho da Madeira e terá o seu problema resolvido. Se preferir oferecer-lhe Gin (e o bom «Madeira» é mais caro do que o mau Gin que para aí abunda), basta que o sirva juntamente com um pratinho de rodela de limão e uma garrafa de água tônica.

Haja o que houver, porém, não caia nunca na asneira de lhe oferecer um grogue, quente, nem antes nem depois de jantar, ainda que lá fora caia neve às carradas e o termómetro se apresente com as piores intenções deste mundo.





# Edith PIAF

cantar é o seu último recurso

Quando Edith Piaf nasceu, o médico disse: — É muito pouco provável que ela consiga sobreviver.

Ainda hoje, tantos anos passados, os médicos repetem:

— Se qualquer de nós tomasse tantos remédios como Edith, morreria com toda a certeza...

De facto ela engole pílulas de todas as espécies: para activar o fígado, para facilitar a digestão, contra o reumatismo, contra as dores de cabeça.

Mas será isso o pior? Os médicos não pensam, talvez, nas inúmeras noites brancas em que, sob o pretexto da amizade, ela bebe sem conta nem medida. Não pensam também na enorme fadiga que representa viajar de um continente a outro para dar um recital...! Porque esta mulher com corpo de adolescente — ela mede 1,47 m — é um milagre vivo. A sua sede de viver e a sua incrível vitalidade não a mataram ainda. Como não a mataram também os três desastres de automóvel que nestes últimos três anos a obrigaram a três intervenções cirúrgicas e três transfusões de sangue...

Mas ela não se lamenta, mesmo quando fica com um braço torto. «Para quê endireitá-lo? — pergunta. — Fico com ele assim... Nascida na rua, criada na rua entre os pobres e os infelizes, ela possui o sentido da submissão à fatalidade daqueles para quem a miséria parece sempre uma coisa natural. Piaf tem quarenta e quatro anos. Quando se põe em frente do espelho, contempla uma mulher permaturamente envelhecida. Mas não tem medo, não protesta, está conformada.

Canta para se justificar. Quando Edith

Piaf entra em cena, o público assiste a qualquer coisa como um milagre. Falar do encanto de Edith Piaf pode parecer uma fórmula vazia, quando se observa o seu vultu arruinado pela doença e pelos desastres. E no entanto é o que sucede: Edith Piaf entra em cena com passos sacudidos de quem quebrou várias vezes as pernas e qualquer coisa se desprende dela: os espectadores olham-na fascinados. Mesmo antes de lhe ouvirem a voz já ela ganhou a partida.

Cantar é o seu modo de transmitir tudo quanto sabe, tudo quanto sofreu e sofre. É o seu modo de se libertar, enfim, e de ser feliz. Depois dos desastres e das operações ela nunca se preocupou em saber se ficara desfigurada. A sua pergunta foi sempre a mesma: — Não virei a perder a minha voz?

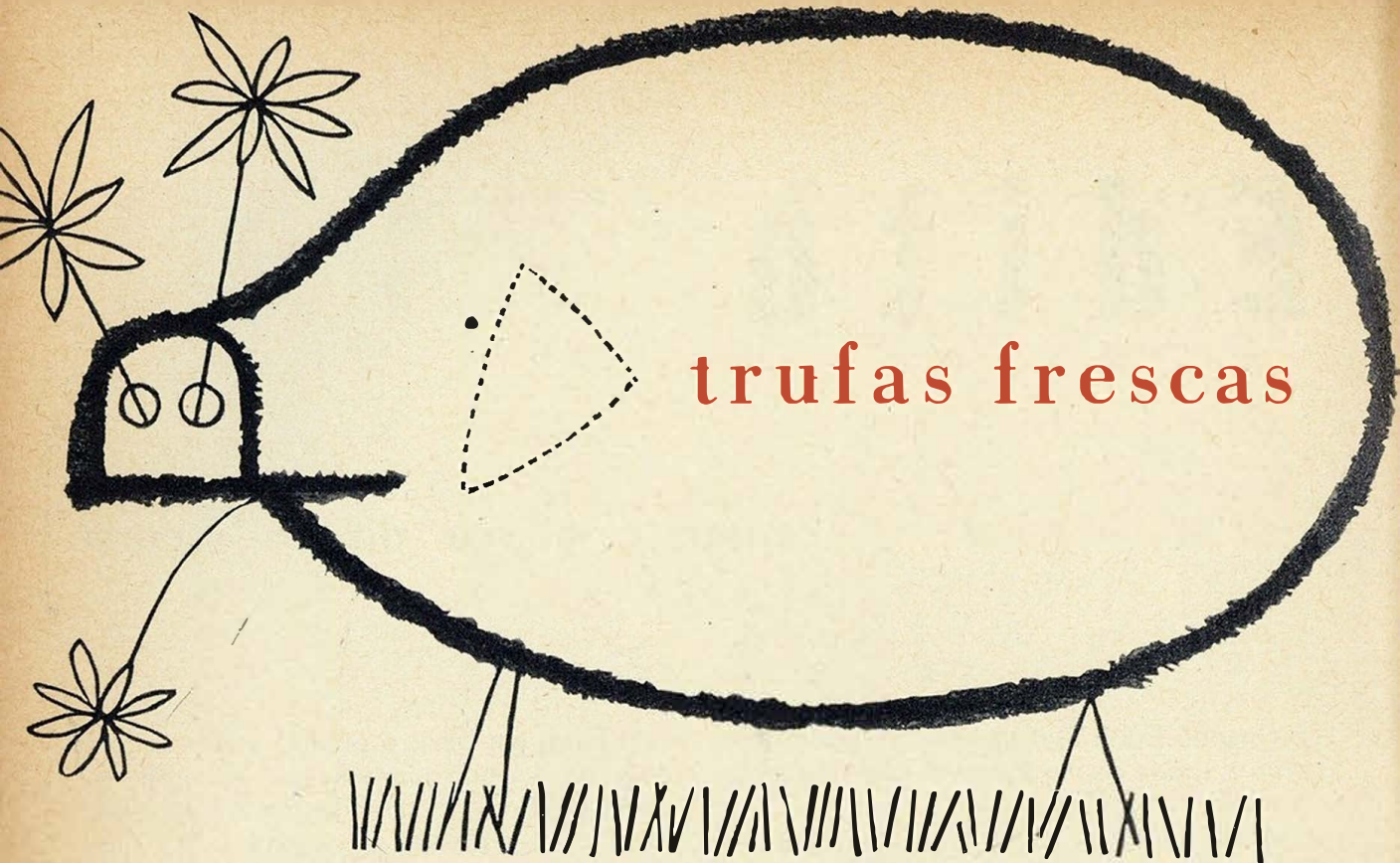
A sua voz, eis o único tesouro desta mulher a quem o dinheiro nunca chegou a enriquecer. Porque Edith Piaf é verdadeiramente uma pobre condenada à pobreza...

Aos moços artistas que lhe pedem um conselho ela prega sempre a mesma coisa: o trabalho. Mas poderá dizer-se que ela trabalha muito, no sentido vulgar da palavra? Compor uma canção...

Edith Piaf manda para o piano o seu acompanhador. Depois trauteia algumas passagens. Esboça alguns gestos.

— Vamos lá — diz.

A música, as palavras e os gestos surgem naturalmente. Mas esses gestos inimitáveis variam, de noite para noite. Quando ela sente que a canção já está mecanizada, retira-a do reportório porque é incapaz de cantar o que já não sente e já perdeu a frescura. Cantar é o seu último recurso...



## trufas frescas

A charcutaria «RIBEIRO & SILVA» é conhecida dos gourmets e, diga-se de passagem, merece a fama de que goza.

É nesse estabelecimento que os amadores da boa cozinha adquirem o magnífico salmão fumado, as frutas fora da estação e as mil especiarias com que se deliciam à hora das refeições.

Deve dizer-se que o ambiente da charcutaria «RIBEIRO & SILVA» é interessantíssimo. É, talvez, o único estabelecimento da capital onde os fregueses revelam o mesmo respeito que normalmente só mostram nos enterros e nos salões das Sociedades Culturais.

Condes, Marqueses e senhores graves e gordos adquirem alcachofras, espargos e CAMEMBERTS em silêncio e escolhem estes artigos com o cuidado e a atenção que dedicam à escolha de pratos da China nos antiquários.

É claro que os preços dos mesmos artigos não se podem classificar de «baratos»...

É mesmo frequente sair um freguês com meia dúzia de embrulhinhos na mão e um recibo de dois ou três mil escudos no bolso...

Normalmente é de manhã que se verifica uma maior concentração de fregueses e chega mesmo a formar-se bicha de senhores respeitáveis que lêem o «Jornal do Comércio» e o «Times» enquanto aguardam a sua vez

de comprar uma latinha de «foi gras trau-fée» ou 250 g de Roquefort.

Numa dessas manhãs, a bicha chegava à porta, quando uma velha entrou no estabelecimento e se dirigiu para o balcão, sem prestar a menor atenção às duas dezenas de senhores respeitáveis que, pacientemente, aguardavam a sua vez de serem atendidos.

O empregado do balcão nem esperou que a velha falasse:

— V. Ex.<sup>a</sup> faz o favor de ocupar o seu lugar na bicha.

Com um ar que bem denotava o seu desprezo pela loja e pela situação criada, a velha colocou-se no fim da bicha a resmungar e a paz voltou a entrar na velha charcutaria «RIBEIRO & SILVA» onde se não perdoam quaisquer violações aos velhos hábitos e costumes consagrados pelo tempo e pela fama.

A atitude da velha não passara despercebida aos restantes fregueses.

Muitos deles chegaram, mesmo, a interromper a leitura dos jornais e sentiu-se nitidamente um fremer de indignação.

Muito embora ninguém tivesse falado senão o empregado de balcão, a indignação percorreu a sala e o próprio porteiro fardado, que está à entrada do estabelecimento, meteu a cabeça por entre as portas semiabertas para ver o que se passava.

As coisas passam-se assim mesmo. Dir-se-ia pela cara dos fregueses, que alguém aparecera com uma gravata amarela em S. Carlos, ou que uma criada surgira com o anel de brasão do patrão enfiado no dedo indicador.

É que a velha — e convém esclarecer este ponto — não era uma velha vulgar, destas que se vêem todos os dias, à hora do chá, nas pastelarias.

Antes pelo contrário, era uma daquelas que normalmente se vêem às portas das sacristias aos dias de semana ou à esquina dos grandes armazéns, vendendo violetas.

Tinha sobre a cabeça — melhor seria dizer «pendurado na cabeça» — um chapéu de palha preta decorado com um cravo de papel que fora vermelho havia 10 anos. Do vestido nem se fala! Era daquele tecido que imita cetim e que ainda se encontra, por vezes, na província, em sofás antigos e em almofadas tão velhas que se rasgam mal se olha para elas.

E os sapatos?!

Em primeiro lugar deve dizer-se que os sapatos eram de homem e não de mulher, mas deve acrescentar-se que, além disso, eram dum homem grande...

Seja como for, os fregueses da charcutaria lá foram fazendo as suas compras e lá se foram retirando em boa ordem, cruzando-se, à porta, com outros senhores iguais que entravam e se colocavam na bicha atrás da velha.

Eventualmente e passado muito tempo, a velha chegou ao balcão.

Ninguém sabe o que passou pela cabeça do empregado. Julgou certamente, que a velha iria pedir um ramo de salsa ou, quando muito, 100 g de fiambre e já se revestira do seu ar mais desdenhoso, quando a voz da velha se fez ouvir duma ponta à outra da sala:

— Quero trufas, rapazinho.

O empregado ficou engasgado. Se usasse monóculo, este certamente teria caído.

— Que... que... quer o quê?

— Já lhe disse: trufas e despache-se que tenho mais que fazer.

Duma prateleira cheia de artigos o empregado tirou uma lata que colocou sobre o balcão.

A velha examinou-a atentamente sem lhe tocar.

— Que é isto?

— Trufas, minha senhora, uma lata de trufas.

— Uma lata? Mas então o senhor julga que eu sou americana?

O espanto do empregado não teve limites.

— Mas... V. Ex.<sup>a</sup> deseja trufas frescas?

— Evidentemente.

O diálogo travara-se em voz alta. Ninguém na charcutaria perdeu uma só palavra. A maioria dos fregueses abandonou a leitura dos jornais e alguns, mesmo, estiveram em risco de perder o maxilar inferior, de tal forma abriram a boca.

É que em Portugal, mesmo nos meios ricos, são mais as vozes do que as nozes e trufas frescas são coisas que só aparecem nos romances...

O empregado levou um certo tempo a recompor a sua dignidade. Por fim, lá conseguiu falar.

— Custam cerca de... Eu nem sei quanto custam...

— Não lhe perguntei quanto custavam, limitei-me a dizer que desejo comprar trufas. Despache-se.

— Mas... minha senhora... não temos trufas frescas.

— Não tem?!

O tom de voz da velha exprimiu todo o seu espanto, todo o seu profundo pasmo. Dir-se-ia que acabara de constatar que fora vítima duma burla, dum conto de vigário. Dir-se-ia que era uma lady de Londres que os azares da vida obrigaram a passar uma noite na «Central de Alcabideche» ao descobrir que a pensão não tinha aquecimento central e que na garrafeira do patrão não havia Pommery seco de 47.

Os fregueses da charcutaria nem se mexiam, tal era o espanto.

Pouco a pouco, começaram a ver a velha com outros olhos. Já não se tratava duma pedinte repugnante mas — quem sabe? — da sogra do Onassis disfarçada ou da Barbara Hutton em dia de excentricidades.

O empregado, de trás do balcão, continuava com as suas explicações em tom submisso:

— Bem vê, minha senhora, isto não é Paris...

«Aqui ninguém compra dessas coisas... Ainda se fosse uma latinha de caviar, ou um queijinho Roquefort... Temos agora um muito bom, argentino...

— Roquefort argentino?

Não é possível descrever o profundo espanto, o desprezo elevado ao infinito revelado pelo tom de voz da velha.

Alguns *gourmets* da Rua da Lapa e da Rua dos Poiais de S. Bento saíram da bicha e da charcutaria... É que vinham ao Roquefort argentino que sabe à mesma coisa que o francês e sempre é mais barato...

De repente, porém, aconteceu uma coisa inesperada. O Sr. Silva (o Silva do RI-BEIRO & SILVA) saiu do seu gabinete e, sorridente, apareceu ao lado do empregado.

— Minha senhora: por uma feliz coincidência, vou mesmo mais longe, por uma coincidência extraordinária, posso fornecer-lhe trufas frescas! Chegou ontem de França um sobrinho meu que trouxe algumas para um senhor da embaixada e esse senhor está em Madrid. É claro que custam cerca de 1.800\$00 o quilo mas a verdade é que as temos. Se V. Ex.<sup>a</sup> esperar uns minutos, o meu sobrinho está aqui mesmo ao lado...

A velha recebeu a notícia sem que se lhe alterasse o rosto. Olhou fixamente o Sr. Silva como se estivesse a considerar a questão.

— Essas trufas do seu sobrinho donde são?

— Donde são? De França, minha senhora.

— Que novidade! Queria que fossem da

Lourinhã, não? O que pergunto é de que região da França...

— Ah! São de Vaucluse. Tenho a certeza de que são de Vaucluse. Disse-me o meu sobrinho.

— Mon pauvre petit, eu só como trufas de Périgord!

Sem perda de dignidade, sem se mostrar afectada pelo que acontecera, a velha atravessou a loja, muito direita, muito grave, com o nariz muito espetado e saiu.

Cá fora encostou-se à parede e largou a rir a bandeiras despregadas. Depois, dum saco que levava pendurado no braço, tirou uns raminhos de violetas e largou Chiado acima.

— Quem compra violetas à viúva francesa dum oficial português morto na Grande Guerra?

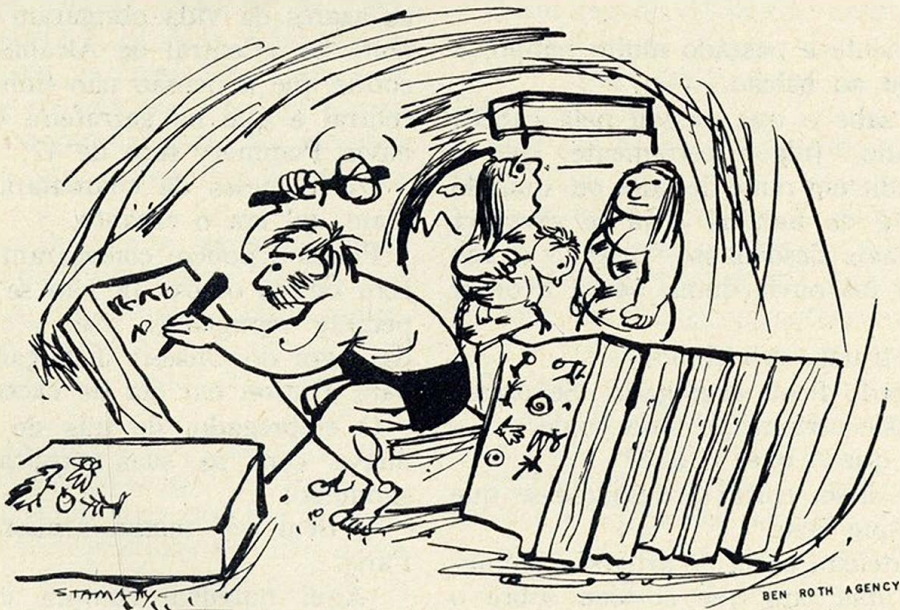
Quem compra violetas? Quem compra?

Lá dentro, no estabelecimento, o Sr. Silva encolheu os ombros e resmungou para o empregado:

— Canalha!

Os fregueses, porém, sentiram-se satisfeitos.

Podiam, felizmente, comprar o «Roquefortinho» argentino...



— Podíamos ficar mais tempo em cada casa, se ele não insistisse em guardar cópias de tudo quanto escreve.

# saber inútil

A África vai proceder a umas importações de carácter verdadeiramente espantoso.

Estas importações terão por origem centros zoológicos alemães, e o que a África se apressa a importar da Alemanha são (calculem lá!)... leões!

Como se explica este paradoxo? As autoridades encarregadas de administrar certas reservas de animais da África do Sul, acharam, ao que parece, que a proliferação das zebras tinha-se tornado aí excessiva.

Para pôr fim a esta multiplicação as autoridades arranjaram um meio radical: a introdução, nas reservas, de um certo número de leões, para os quais as zebras são, parece, um manjar predilecto.

Mas encontrar leões em África tornou-se um problema, e trazê-los vivos necessita expedições de um preço proibitivo.

As autoridades da África do Sul pensaram então (e trata-se, parece, dum pensamento acertado) que seria, finalmente, mais vantajoso comprar leões provenientes de viveiros que serviam para o fornecimento dos circos e jardins zoológicos.

Dirigiram-se, por conseguinte, a centros zoológicos da Alemanha, onde, graças a métodos racionais de criação, se obtêm, entre outras feras, leões, que se reproduzem enjaulados tão bem como à solta... e que saem muito mais baratos.

## em 2 minutos saberá...

...que com o electrocardiógrafo, a medicina dispõe de um meio precioso para estudar o funcionamento do coração.

O electrocardiógrafo é um aparelho que permite registar, sob a forma dum gráfico

(chamado electrocardiograma), as ondas eléctricas que o coração, como qualquer outro músculo, produz quando se contrai.

Cada contracção do coração emite ondas características, e a sua tradução gráfica permite aos especialistas apreciar o valor funcional do músculo cardíaco, da sua irrigação (pelas artérias coronárias) e permite descobrir as suas falhas eventuais.

O gráfico (electrocardiograma) dado pelo aparelho é mais ou menos o mesmo para todos os indivíduos que têm um coração normal.

Em contrapartida, este gráfico sofre modificações muito sensíveis na maior parte das perturbações cardíacas, e permite revelar lesões ligeiras, imperceptíveis à auscultação ou ao exame radiográfico.

Um tratamento preventivo e conselhos judiciosos permitem, muitas vezes, impedir o aparecimento de moléstias mais graves.

## em 2 minutos saberá...

...que a medicina moderna tende a dar um lugar de relevo à influência do espírito sobre o corpo, influência reconhecida, em particular, pelos adeptos da medicina «psico-somática».

Que significa este nome estranho? «Psico-somático» vem das palavras gregas «psiké» que quer dizer «espírito» e «soma» que significa «corpo».

A medicina psico-somática é pois aquela que admite (e utiliza para curar as doenças) a influência do «moral» sobre o «físico», do espírito sobre o corpo.

Certamente, muitos doentes serão, «à priori», descrentes, quando o médico tentar

persuadi-los que a sua cura depente em grande parte (e por vezes inteiramente) da sua vontade de cura. Eles poderão, contudo, mudar de opinião se tomarem conhecimento de experiências recentemente feitas na Áustria para ilustrar a influência do psiquismo sobre a vida orgânica.

Estas experiências, executadas numa clínica de Innsbrück, sob o «contrôle» estrito de vários médicos, desenrolaram-se do modo seguinte:

Depois de ter recoberto de gesso (para garantir a autenticidade das experiências) as extremidades de um paciente mergulhado de antemão num sono hipnótico, sugeriu-se-lhe que ele tinha feridas nos locais protegidos pelo gesso.

Depois, quebrou-se o gesso, deixando à mostra, para estupefacção da assistência, feridas sangrentas no local onde, alguns minutos antes, os tecidos tinham um aspecto perfeitamente normal.

## em 2 minutos saberá...

...que segundo certos psicólogos, é preferível não dar bonecas grandes às crianças.

O tamanho de uma boneca não deveria, parece, exceder a distância compreendida entre o dedo mínimo e o cotovelo da criança a quem ela é destinada.

Porquê? Porque esta medida corresponde mais ou menos ao tamanho de um bebé e é isso mesmo que a criança deve ver na sua boneca, isto é, um ente mais fraco do que ela, que ela pode adular, repreender, educar, proteger.

Sendo maior, uma boneca pode aparecer aos olhos de certas crianças como um ente do qual ela já não é dona, e que representa:

— quer um adversário, com o qual ela estará sempre em conflito permanente;

— quer a personificação da sua mãe, e então, ela não ousará mais repreender, bater, nem a conseguirá estragar sem se sentir culpada;

— quer a sua própria personificação e neste caso, a criança, que terá tendência para se identificar com este ente encantador, de traços regulares, adornada, arrisca-se a tornar-se mais tarde uma mulher egoísta, preocupada unicamente com a sua beleza e com as suas «toilettes».

Isto não quer dizer, bem entendido, que todas as crianças que têm um grande urso ou uma grande boneca estejam ameaçadas no seu equilíbrio psíquico: há crianças para as quais este ente igual a elas mesmas constitui um confidente ideal, permitindo-lhes libertarem-se das alegrias, penas e ressentimentos infantis.

Convém somente saber que não é indispensável oferecer a uma criança uma grande boneca... e que é mesmo preferível oferecer-lhe uma boneca pequena.

## em 2 minutos saberá...

...que o melhor agente de protecção contra o frio ou o calor é... o ar.

Este é o melhor condutor do calor à nossa disposição e, se as peles oferecem uma boa protecção contra o frio, é porque os seus pêlos retêm uma quantidade de ar correspondendo a mais de 90% do seu volume.

Reter o ar deve ser pois a preocupação de quem se prepara para afrontar temperaturas rigorosas. Será, por consequência, preferível, em casos semelhantes, recorrer antes a várias camadas de roupa ampla e leve, formando «camadas de ar» sobrepostas, que a um «pull-over» moldando o corpo, ainda que este «pull-over» seja de muito boa lã.

Esta, ainda que as suas propriedades isoladoras sejam, de muito longe, superiores às do algodão, aquece ou arrefece cinco ou seis vezes mais depressa que o ar.

Resulta daí que quanto mais a contextura de uma lã é porosa, tanto mais essa lã protege das variações de temperatura.

Resulta também daí que, contrariamente a uma opinião corrente, entre dois tecidos de igual espessura, o mais quente não é o mais pesado, mas, pelo contrário, o mais leve: é que ele contém mais ar.

## em 2 minutos saberá...

...que uma nova técnica cirúrgica oferece perspectivas muito animadoras para o tratamento de certas alterações da parede dos vasos sanguíneos, e em particular das arterites.

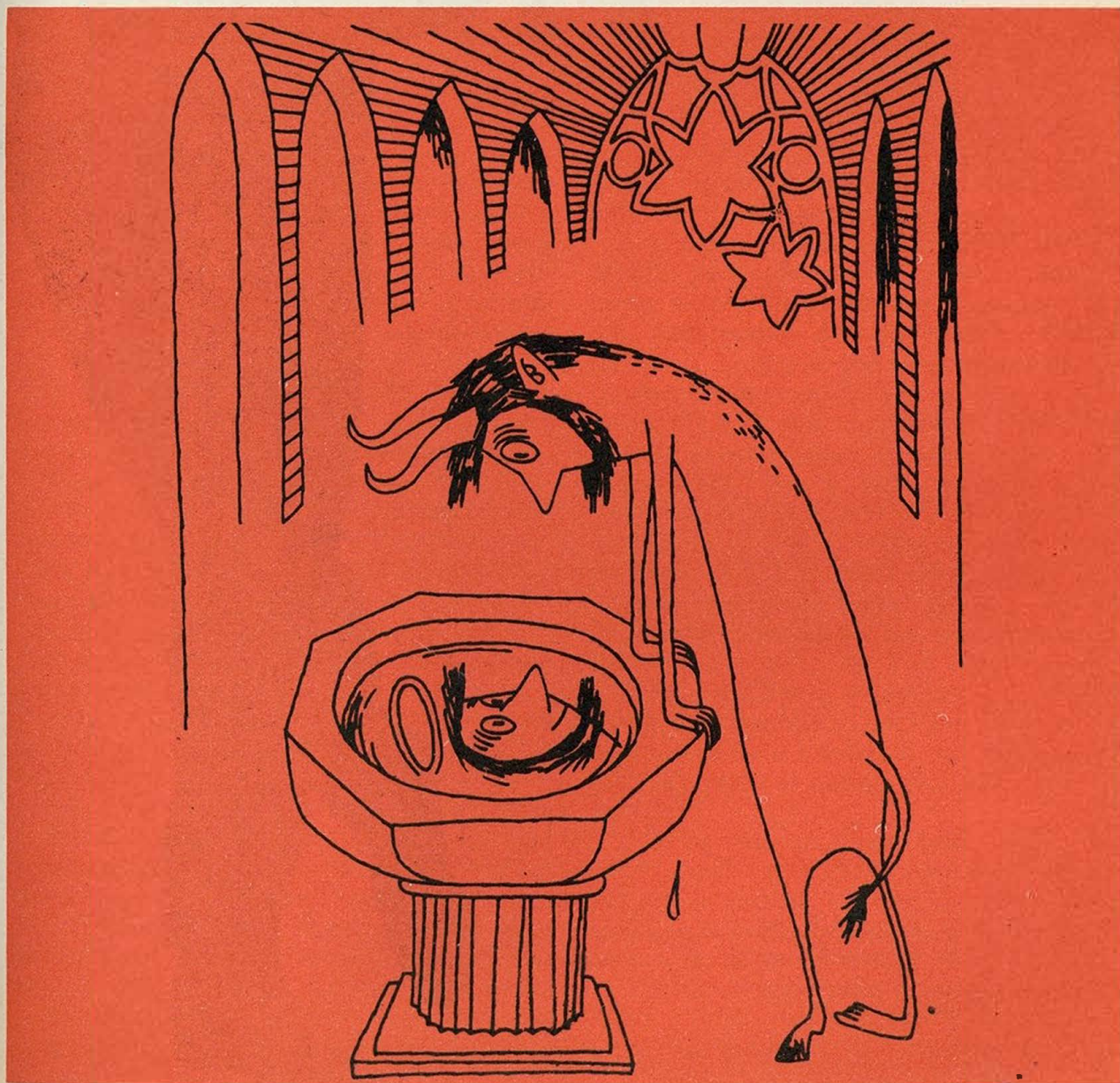
Esta terapêutica, chamada «simpaticotomia», consiste em actuar sobre o próprio comando dos nervos vaso-constrictores dos membros, por intermédio de uma ressecção

do simpático, que tem por efeito aumentar instantaneamente a circulação sanguínea.

Esta ressecção efectua-se na região cervical ou na região lombar, conforme os vasos lesados pertencem aos membros superiores ou aos membros inferiores.

É um mau funcionamento das glândulas supra-renais que está provavelmente na origem da arterite ou de outros distúrbios circulatórios e a simpaticotomia é por vezes acompanhada da ablação de uma destas glândulas, ou mesmo das duas.

Não foi, contudo, senão recentemente, pouco depois da descoberta da cortisona, que esta ablação deixou de ter importância de maior: o tratamento com cortisona permite, com efeito, atenuar os sintomas determinados pela ausência das glândulas supra-renais.





# PAUL



# ANKA

# AN

Desde início de 1957 que todos os americanos sabem o que é o «Rock and Roll». A publicidade já então impusera essa música impetuosa e rítmica a que não faltam elementos já usados, desde há anos, pela música folclórica e religiosa dos negros do Sul dos Estados- Unidos.

O público que assistia, atônito, às agressivas interpretações de Presley e Richard era um público superficial e inconstante.

Tornava-se necessário renovar frequentemente as suas preferências, criar novos ídolos que satisfizessem a sua ânsia de novidade.

Os **press agents**, os directores artísticos das casas de discos, os **managers** e todos quantos trabalham nessa mina de ouro que é a indústria da música comercial, tinham apenas um sonho: encontrar um substituto para o Presley. O sonho realizou-se com a descoberta do jovem canadiano de nariz comprido e cabelo empastado de brilhantina.

Não chegou a levar um ano para que Paul Anka substituisse Presley na adoração dos **teenagers**. A canção que o lançou, «DIANA», tinha bem pouco do «Rock and Roll» de Presley. Caracterizava-se, sobretudo, pelo tema facilmente fixável e pela cadência melódica que o «Rock» parecia ter posto de parte.

Em 6 meses venderam-se três milhões de cópias da nova canção e o jovem canadiano

entrou no mundo mitológico do espectáculo americano: o «shaw bussiness».

Ainda por cima a publicidade chamava a atenção para o facto de Paul Anka interpretar as suas próprias canções. Falou-se, mesmo, num músico de talento extraordinário, um novo Gershwin que viria «fazer ondas» no mundo da música. Correu a notícia de que «DIANA» fora composta num autocarro quando o autor tinha 15 anos.

Contou-se que a sua segunda canção «YOU ARE MY DESTINY», fora inspirada num beijo de Tony Perkins a Sophia Loren no filme «DESEJO SOB OS ULMEIROS».

Como não podia deixar de ser, também houve quem duvidasse da autenticidade da lenda que à volta de Paul Anka se está criando. Aventou-se a hipótese das canções terem sido compostas por Don Costa, o talentoso músico e arranjista que dirige a secção de música ligeira de ABC PARAMOUNT.

As biografias de Paul Anka, a este respeito, contêm elementos discordes, podendo dizer-se o mesmo no que se refere à sua idade, que originalmente se dizia ser de 17 anos e agora se afirma ser de 21.

Também houve quem afirmasse que Paul Anka não era capaz de arrancar uma nota a um instrumento, muito embora outros ga-

Para estar em boa forma quando chegam os primeiros frios...

# META JUVENTUDE

## no seu carro!



As folhas caem das árvores, chegam as primeiras geadas... e os primeiros arranques difíceis. A baixas temperaturas, um óleo vulgar, demasiado espesso, protege mal o motor do seu carro. Mobiloil Special torna-se indispensável.

Mobiloil Special mantém sempre a viscosidade precisa. Durante os períodos de maior frio, conserva-se tão fluido como o melhor óleo para inverno. Sob as mais elevadas temperaturas, mantém intacta a sua película forte e eficaz.

Mobiloil Special protege totalmente os motores, porque protege continuamente.

Arranques fáceis, condução segura, potência máxima, menor despesa em combustível e em reparações — o Mobiloil Special acrescenta anos de juventude ao motor do seu carro.



O seu carro merece **Mobiloil Special**

rantissem que, aos seis anos, já lia música com a maior facilidade...

Desta divergência de opiniões não deve concluir-se que Paul Anka seja um bluff.

A verdade é que, depois de Presley, é a personalidade dominante dos novos rumos que tomou a canção moderna.

Presley mais próximo da tradição negra, foi o único cantor branco, autêntico, do «Rock and Roll» e impôs-se por motivos bem diversos dos que causaram o triunfo de Anka. Este último não podendo cantar com a carga rítmica de Presley e não tendo aquele «poder de choque» que tanto afectava os seus ouvintes, criou uma nova fórmula, rica de sugestões melódicas. A sua voz aguda mas límpida, quase infantil, substituiu os tons sombrios e violentos de Presley e pode dizer-se que o «Rock and Roll» quase não constava do seu repertório.

Inspirou-se nos mais variados temas musicais desde as baladas do oeste e os corais protestantes, aos melodramas do oitocentismo italiano e às polkas tirolesas. «YOU ARE MY DESTINY» lembra uma romança do «TROVATORE» e «PITY, PITY» uma polka do Tirol.

Anka foi duas vezes a Itália em 1959 e o acolhimento que teve foi, segundo parece, bastante frio, o que não obsta, porém, a que todos os seus discos se transformem imediatamente em **best-sellers** tanto em Itália como em França e em Inglaterra.

Nos Estados-Unidos, Ricky Nelson chegou a ter a popularidade de Paul Anka mas as suas canções assemelham-se mais às de Presley de quem é considerado discípulo.

Nasceu em Nova Jersey a 18 de Maio de 1940 e a sua fama é recente. Começou a tomar parte no programa «THE ADVENTURES OF ROSIE AND HARRIET» aos 8 anos de idade com seus pais e seu irmão David. Mais recentemente contracenou com John Wayne e Dean Martin no filme «UM DOLLAR DE HONRA».

As canções em que a voz forte e entusiástica de Nelson melhor se pôde apreciar são «POOR LITTLE FOAL», «I' WALKINE», «A TEENAGER'S ROMANCE» e «DON'T LOVE ME THIS MAY».

Com Nelson o «Rock and Roll» perde as suas características e compromete-se ainda mais podendo dizer-se o mesmo de Tommy

Sands, outro jovem que a publicidade americana tenta transformar em ídolo.

Sands nasceu em Chicago há 22 anos e — à semelhança de Nelson — canta acompanhado à guitarra. A sua voz, mais terna do que a de Nelson, recorda a de Anka.

Diz ele que está agradecido a Presley porque foi graças a ele que se tornou notado.

Presley, contratado para interpretar o papel de protagonista no drama de Kraft «SINGIN IDOL» que devia ser levado à cena pela T.V., não pôde cumprir o contrato por se encontrar em «tournée». Por este motivo indicara o nome de Sands que aceitou a oferta e tão bem desempenhou o papel que chamou a atenção de todos. Meses depois já se tinham vendido dois milhões de cópias do seu primeiro disco, «TEENAGE CRUSH».

Sands ainda tomou parte noutros filmes como «SING BOY, SING» e «TERÇA-FEIRA GORDA», juntamente com Pat Boone, o cantor que fora lançado como sendo o anti-Presley, e Gary Crosby, o filho de Bing Crosby.

Não é fácil contarem-se os ídolos que surgiram nos últimos anos.

Na estreia dos Platters apareceram muitos outros grupos vocais mas nenhum atingiu a celebridade do grupo dos 5 negros.

Dois duetos, porém, tornaram-se rapidamente conhecidos: os Everly Brothers e os Fraternity Brothers. O primeiro popularizou as canções «BYE BYE LOVE», «LITTLE SUZIE» e, sobretudo, «BIRD DOG» que chegou a vender-se bem na Europa.

A história dos «FRATERNITY BROTHERS» é curiosa. A sua popularidade pode atribuir-se a um único disco, «PASSION FLOWER» de que se venderam centenas de milhares de cópias tanto em Itália como em França. «PASSION FLOWER», é uma canção já distante do Rock e inspirada numa sonata célebre de Beethoven, «PARA ELISA». O arranjo musical tem um sabor sul-americano.

A verdade é que de 1956 para cá o Rock alterou-se completamente. Hoje os cantores estilo Elvis Presley já constituem uma minoria.

Os mais conhecidos, e mesmo assim a sua fama quase não ultrapassa os Estados-Unidos, são Jimmy Rodgers, Eddie Cochran e Fabian o último dos quais de origem italiana.

A maioria dos novos, de Robin Luke e Jack Scott a Scott Engel seguiu na senda de Paul Anka e concretizou a tendência que de há muito se fazia sentir: suavizar o «Rock and Roll», reintegrar a moderna canção nos moldes tradicionais dos grandes **crooners** Nat King Cole, Crosby e Sinatra.

Este regresso à tradição deve-se sobretudo ao trabalho dos negros Brook Benton, Earl Grant e Billy Ward e dos brancos Frankie Avalon, Jimmy Darren, Joseph Damiano, Johnnie Restive, todos de origem italiana.

Entre as novas vozes há que destacar as de Neil Sedaka e Bobby Darin. Sedaka nasceu em Brooklin em 1937. Estreou-se como pianista quando frequentava o liceu e, com o seu companheiro de estudos, Hervard Greenfield, começou a compor canções para os espectáculos de estudantes. Algumas destas canções como «STUPID CUPID» e «FALLIN» vieram a constituir sucessos, uma vez cantadas por Perry Como e Connie Francis.

Sedaka canta num estilo que faz lembrar o de Anka e os seus discos mais conhecidos são «THE DIARY» e «I GO APE».

Bobby Dorin lançou um dos mais estranhos «Rock and Rolls» dos últimos tempos, o «SPLISH AND SPLASH», que descreve o resultado duma invasão de fanáticos do «Roll» a casa dum amigo. Este, que está tomando banho, deixa-se arrastar pelo ritmo e improvisa um «Rock». A água salta da banheira e o seu ruído, **splish, splash**, é o título da canção que se tornou muito popular e já foi traduzida para italiano.

Bobby Dorin que é filho de italianos, (chama-se na realidade Roberto Cassetto) nasceu em Nova Iorque a 14 de Maio de 1936. A partir de certa data abandonou o «Rock» para cantar num estilo que recorda o de Sinatra. O seu actual **best seller** é «Mack the knife» a canção de Mackie Messer «opera da tre Soldi» composta por Bert Brech e Kurt Weill em 1929.

Quando há três anos se preparou a filmagem, na Europa, do filme «ROCK AROUND THE CLOCK», todos os jornais se referiram ao novo ritmo que esse filme ia lançar.

Em Londres, Estocolmo, Copenhaga, Paris e Berlim, os jovens, nos intervalos do filme, dançavam nos **foyers** do cinema. O

filme chegou a ser proibido em muitas cidades por a sua exibição dar origem a distúrbios. Na Europa pouco tempo depois, quem tivesse 20 anos e não soubesse dançar o «Rock and Roll» estava desqualificado. Era preciso trabalhar muito para agarrar os americanos...

O entusiasmo com que os jovens se dedicavam ao novo ritmo chamou para ele a atenção das pessoas de boa memória e estas logo constatarem que a «nova dança» não tinha nada de novo. Na verdade o bailado acrobático que causava a indignação das pessoas bem pensantes da sua época já existira antes das actuais **teenagers**. Sòzinho: fora posto de parte 30 anos antes.

Chamava-se então **Jitterburg** e tinha como fanáticos os negros de Harlem que se reuniam no Savoy Ballroom, um salão de dança inaugurado em 1926 que se transformou no ponto de reunião dos bailarinos acrobáticos da América.

O **Jitterburg** aparecera em 1926 logo após o voo histórico de Lindbergh e começou por chamar-se «Lindly hop» (o salto de Lindly). Só anos depois este bailado se tornou popular, possivelmente por exigir qualidades acrobáticas aos seus executantes.

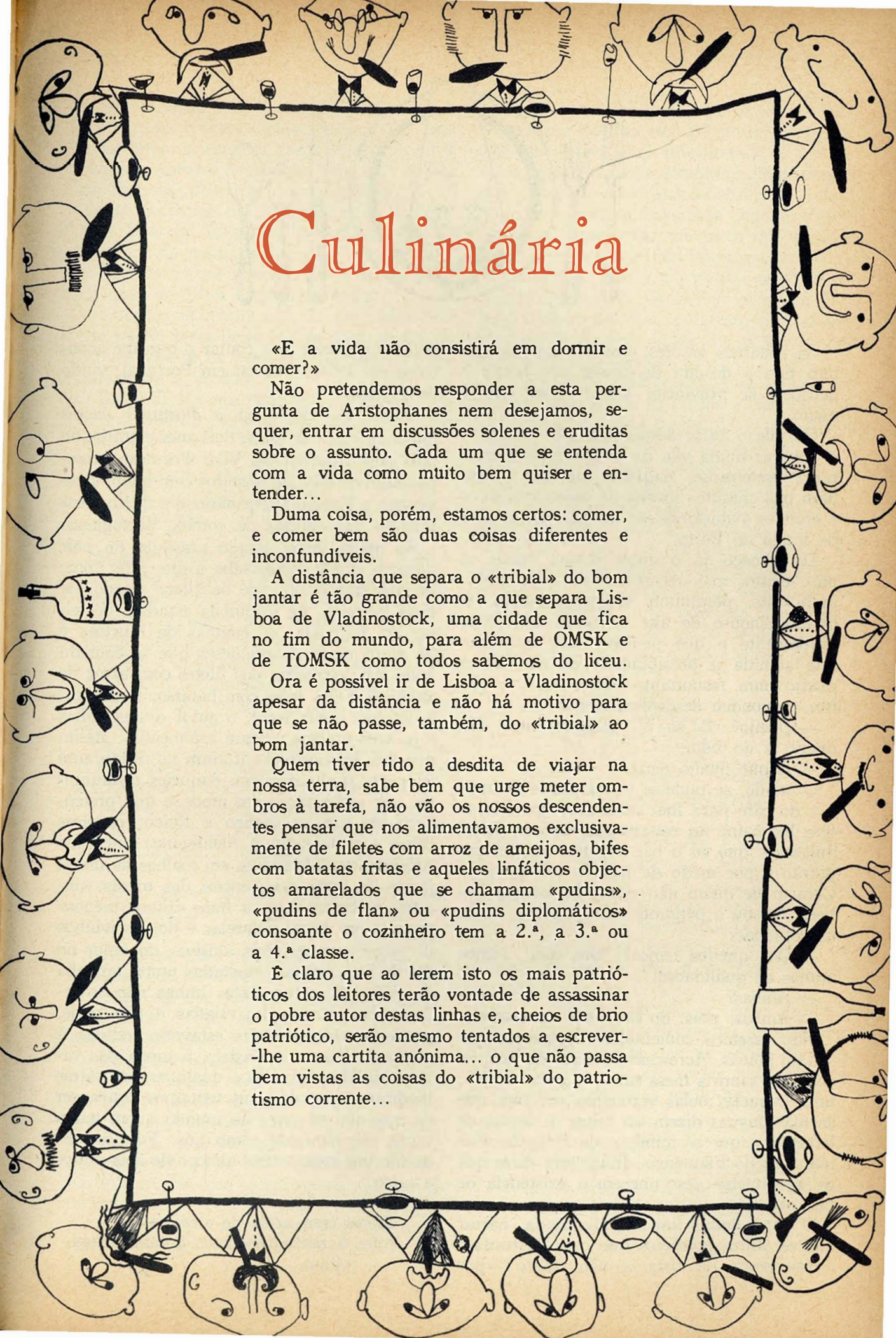
Em 1938, sob o nome de Big Apple, obteve consagração nacional. Nessa época de delírio do **swing** e da descoberta do **boogie woogie**, começaram a aparecer no palco do Savoy as grandes orquestras negras de Louis Armstrong, Countie Basie, Jimmie Lancford e Chick Webb que tocavam para centenas de dançarinos acrobáticos.

O **Jitterburg** foi dançado nos E.U. durante a guerra e veio para a Europa trazido pelos soldados americanos que o apresentavam sob a designação de **boogie woogie** para serem compreendidos.

Quando o **boogie** passou de moda, os músicos de **jazz** lançaram o **BEBOP** e alguns bailarinos franceses e italianos utilizaram-se desse nome para rebaptizarem o velho **Jitterburg** que surgiu depois designado por «Rock and Roll».

As associações que na América e na Europa lançaram o anátema sobre as novas danças deviam lembrar-se de tudo isto...

O «Rock and Roll» é, acima de tudo, a dança dos jovens de 20 anos e bem faremos em invejar-lhes os músculos ainda que não lhes gabemos o gosto.



# Culinária

«E a vida não consistirá em dormir e comer?»

Não pretendemos responder a esta pergunta de Aristophanes nem desejamos, sequer, entrar em discussões solenes e eruditas sobre o assunto. Cada um que se entenda com a vida como muito bem quiser e entender...

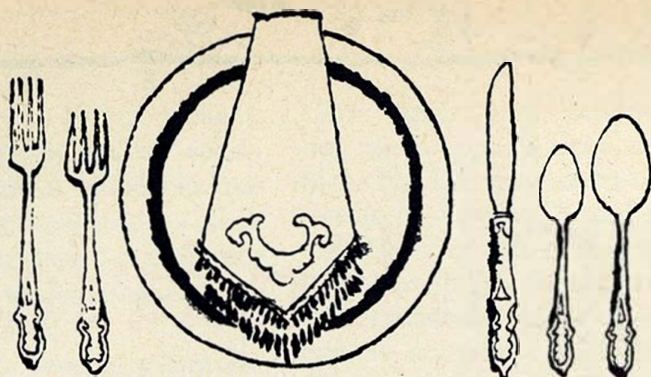
Duma coisa, porém, estamos certos: comer, e comer bem são duas coisas diferentes e inconfundíveis.

A distância que separa o «tribial» do bom jantar é tão grande como a que separa Lisboa de Vladinostock, uma cidade que fica no fim do mundo, para além de OMSK e de TOMSK como todos sabemos do liceu.

Ora é possível ir de Lisboa a Vladinostock apesar da distância e não há motivo para que se não passe, também, do «tribial» ao bom jantar.

Quem tiver tido a desdita de viajar na nossa terra, sabe bem que urge meter ombros à tarefa, não vão os nossos descendentes pensar que nos alimentavamos exclusivamente de filetes com arroz de ameijoas, bifes com batatas fritas e aqueles linfáticos objectos amarelados que se chamam «pudins», «pudins de flan» ou «pudins diplomáticos» consoante o cozinheiro tem a 2.<sup>a</sup>, a 3.<sup>a</sup> ou a 4.<sup>a</sup> classe.

É claro que ao lerem isto os mais patrióticos dos leitores terão vontade de assassinar o pobre autor destas linhas e, cheios de brio patriótico, serão mesmo tentados a escrever-lhe uma cartita anónima... o que não passa bem vistas as coisas do «tribial» do patriotismo corrente...



Os restantes leitores, porém, aqueles que têm tido a desdita de comer nos hotéis e pensões da província, sabem bem que é assim.

Um dia o autor destas linhas foi obrigado a almoçar numa vila do Norte, num restaurante pretensioso, daqueles em que abundam uns criaditos jovens de casacos brancos e onde os «whiskies» são servidos em cálices de vinho do Porto.

Do almoço já o autor destas linhas se não lembra mas recorda-se de que, terminado este, perguntou se havia queijo. O criado olhou-o de alto a baixo mostrando nitidamente o que pensava dum parvónio que admitia a possibilidade de não haver queijo num restaurante «de classe» e, por fim, respondeu desdenhosamente:

— Queijo? É só V. Ex.<sup>a</sup> querer. Há queijo e do bom.

— E que queijo tem?

O criado, se pudesse ter chamado os amigos do café para lhes mostrar o «parvónio» que lhe caíra no restaurante, tê-lo-ia feito. Julgamos que só o não fez por respeito ao patrão e por medo de não receber gorjeta. Com ar de quem não está para educar imbecis repetiu a pergunta, com espanto, antes de responder:

— Que queijos temos?! Ora essa! Temos ambas as qualidades!

— Ambas?

— Ambas, pois: do branco e do amarelo.

Não fazemos comentários. Julgamos que seriam inúteis. Acrescentamos apenas que foi colocado sobre a mesa um queijo «amarelo», uma daquelas bolas vermelhas por fora que as más línguas dizem ser feitas de fécula de batata e a que os inimigos da Holanda chamam queijo Flamengo. Inútil será dizer que os «gourmets» desconhecem a existência de tais objectos.

O autor destas linhas podia ainda, narrar muitos outros episódios que bem ilustrariam o seu ponto de vista, e não resiste — por

mais que queira — a contar o que lhe aconteceu em 1958 ao entrar em Portugal, vindo de França.

Nesse ano regressou a Portugal depois duma ausência de quase dois anos e entrou no país pela fronteira de Vilar Formoso acompanhado de dois estrangeiros com quem atravessara a Espanha sem parar e a quem viera falando nas delícias da comida portuguesa.

Só quem tenha estado afastado do país durante largos meses sabe o que é ter fome de bacalhau cozido, de bacalhau assado, de meia desfeita, de sardinhas assadas, de leitão da Bairrada, de enguias da Murtosa e de outro pratos portugueses que se comiam antes da descoberta dos filetes com arroz de ameijoas e dos bifés com batatas. Pois bem: ao chegar à sua terra, o autor destas linhas e os seus amigos vinham esfomeados. Assim que lhes foi possível entraram no restaurante do posto fronteiriço, um daqueles restaurantes que estão agora em moda e que pretendem ter um ar castiço e típico: cadeiras duras e pintalgadas à Alentejana; lenços de Alcobça transformados em toalhas de mesa; jarras de barro nos centros das mesas; cinzeiros artísticos, com a frase «Fume menos» pintado em letras amarelas e dois cravinhos de papel com quadras alusivas do amor no dia de St.<sup>o</sup> António espetadas numa jarrinha de vidro. O autor destas linhas não se recorda das fardas das criadas e não pode, portanto, dizer se elas estavam vestidas à moda de Viana do Castelo, à moda das varinas da Madragoa ou a qualquer das outras modinhas com que nos tentamos convencer de que não há por esse mundo quem tenha tanta originalidade como nós. Foi-nos fornecido um inesquecível almoço de dois pratos a saber:

filetes com arroz de ameijoas  
bifés à portuguesa com batatas fritas  
pudim.

As ameijoas eram berbigões e os bites à portuguesa, artisticamente decorados com umas tiras de cenoura azeda a que a criada chamou «picos», deveriam estar no Museu de Marinha pois que eram, certamente, os restos das solas de sapatos que o Bartolomeu Dias foi forçado a comer quando lhe faltaram os mantimentos.

Tudo isto acompanhado do sorriso da criada que, de 5 em 5 minutos, dizia:

— «Até dá gosto ver os estrangeiros a comer! Na terra deles não se come assim...» o que, diga-se de passagem, corresponde inteiramente à verdade.

De Vilar Formoso partiu a caravana para uma cidade do Norte onde o jantar era composto de:

filetes com salada de alface  
bifes com batatas fritas  
pudim.

É justo dizer que, ao jantar, a salada substituiu o arroz de mariscos e os bifes vinham ao natural, isto é, sem «picos».

No dia seguinte, para variar, os filetes já vinham acompanhados de arroz de ameijoas e os bifes decorados com uns «piquinhos» azedos que continuaram durante a noite a cumprir a sua missão de não nos deixar esquecer o jantar.

Os leitores acreditam que o criado serviu os estrangeiros piscando o olho para o autor destas linhas e dizendo com orgulho:

— Bifes assim não comem eles lá fora...

Pois é verdade ou, como diria qualquer cardial chegado do estrangeiro:

«Ah! Como são diferentes os bifes em Portugal!»

Ora, para além das ilusões dos chefes de cozinha que continuam honestamente convencidos de que «lá fora» se passa fome, a verdade é que as coisas não são bem assim... os franceses, para citar um exemplo, comem razoavelmente bem e embora tenham muito a aprender com os cozinheiros portugueses, (o autor destas linhas não deseja que lhe chamem «estrangeirado» ou «mau português»...) a verdade é que em França os restaurantes não são mauzitos... Sempre há dois ou três que se aproveitam apesar de estarem mal mobilados, isto é, sem aquela tipicidade pitoresca que substitui com tanta vantagem o aquecimento central, as cinco ou

seis variedades de queijo, as quatro ou cinco variedades de pão etc. (O autor, repete-se, não deseja ser mal interpretado e afirma, solenemente que não conunga de quaisquer ideias políticas contrárias à cozinha nacional). Tudo isto serviu apenas para chamar a atenção dos leitores para um facto que se julga útil dar a conhecer: não há ovos moles como os de Aveiro mas a carne que se come em Portugal não é a que melhor se presta para fazer bifes e convém, portanto, dedicar-lhes uma certa atenção antes de os servir com orgulho e com «picos».

Os conselhos e as receitas que seguem são seguidos por todos os chefes e por todos os cozinheiros de todo o mundo e não julgue o leitor que nada tem a aprender com eles. Pode crer que, pelo menos em matéria de bifes, tem muito, mas mesmo muito, a aprender. Lembre-se de que o tradicional «bife à portuguesa» só tem de português a dureza. Fora isso come-se em toda a parte do mundo sem que ninguém lhe atribua grande importância ou, sequer, que o atribuam à cozinha nacional... É, portanto, tão português, como espanhol, como francês, como inglês, como italiano, como alemão, etc.



#### CUIDADOS PRÉVIOS

A carne que se come em Portugal é péssima. Não há estrangeiro que o não diga, não há técnico que o não saiba. Não temos pastos nem raças apuradas para que tenhamos boa carne. Os entendidos chegam, mesmo, a dizer que a nossa carne é a pior da Europa o que, se não é verdade, dela se aproxima.

Há, portanto, que ter o maior cuidado com a carne que pretendemos transformar em bifes. As regras que as donas de casa e os cozinheiros devem seguir para obterem bifes razoáveis são as seguintes:

##### 1.º

- 1.º — Conservar a carne no frigorífico pelo menos três dias antes de a cozinhar.
- 2.º — Tirá-la do frigorífico uma hora antes de a cozinhar a fim de que atinja, gradualmente, a temperatura ambiente.



3.º — Limpá-la com um pano húmido e fazer uns cortes na gordura externa para evitar que, com a temperatura, os bifés se enrolem.

4.º — Bater a carne apenas quando não possa deixar de o fazer. Este processo é apenas usado em Portugal e destroi a carne completamente. Quando, porém, não lhe for possível evitá-lo, bata com a parte horizontal do maço e nunca com a parte dentada.

2.º

### A GRELHA OU A CHAPA

1.º — Aquece a grelha ou a chapa até que dela saia um fumo azulado.

2.º — Passe muito rapidamente um pedaço de gordura da carne pela chapa ou pela grelha de forma a evitar que a carne se cole.

3.º — Coloque imediatamente a carne sobre a chapa ou grelha e esta sobre uma chama forte mas distanciado deste cerca de 9 cm.

4.º — Quando o bife estiver suficientemente cozinhado, deve temperar-se com sal e virar-se para que cozinhe do outro lado.

**NOTA IMPORTANTE** — O sal só nesta ocasião se deve usar e nunca antes do bife ser colocado na grelha. Esta regra, fundamental, é esquecida por muitos e, por isso, a maioria dos bifés grelhados nos nossos restaurantes são secos e não têm sangue. Quem gostar dos bifés grelhados bem passados deve

afastar a chama da grelha, para que o bife não fique com uma crosta dura por fora e continue mal passado por dentro.

3.º

### A GRELHA E O FORNO USADOS EM CONJUNTO

Siga as instruções 1, 2 e 3 do método anterior mas reduza a distância da chama à grelha para 3 cm. Quando os bifés estiverem já escuros à volta meta-os na grade superior dum forno previamente aquecido durante 10 minutos se gostar deles «médios».

4.º

### A FRIGIDEIRA

Todos sabem fritar um bife e este processo de cozinhar, o menos saudável de todos mas o que melhor se adapta ao paladar português, não requer cuidados especiais. Convém, porém, recordar que este método de cozinhar é o menos indicado para carne dura, que deve ser preparada segundo o método 2.

### ALGUMAS RECEITAS

1.º — **ENTRECÔTE BERCY** — (Do restaurante Chambord) — Cozinhe a carne segundo o método indicado em 3.º lugar (grelha e forno) reduzindo o tempo do forno para 5 minutos. Derreta numa frigideira uma colher de sopa de manteiga por cada bife e junte-lhe 1 cebola picada por cada três bifés. Quando as cebolas estiverem cozinha-





das mas não queimadas, junte-se-lhes 1 chávena de vinho branco, sal e pimenta. Quando o líquido estiver reduzido a  $\frac{2}{3}$  junte-lhe umas gotas de molho inglês e tutano (200 gr. de tutano para 1 kg. de carne). Mexa bem. Deixe cozer durante cinco minutos e junte sumo de limão, salsa picada e um pouco de manteiga. Cubra os bifes com este molho e sirva-os muito quentes.

Acredite, leitor, que o Restaurante Chambord tem excelentes cozinheiros. Experimente esta receita mesmo que a Maria se oponha.

Acompanhamentos? Uma boa salada e uma garrafa dum vinho tinto pesado.

\*

2.º — Bifes panados à cozinheira que sabe o que faz — Bata os bifes até ficarem muito fininhos. Misture três ovos crus, mostarda inglesa (note que disse inglesa e não francesa), sal e pimenta. Bata a mistura e mergulhe os bifes na mesma. Passe-os por pão ralado e frite em manteira ou margarina. Coloque-os numa travessa e deite vinho do Gerês ou da Madeira na gordura que restar na frigideira. Deite o molho sobre os bifes e decore a travessa com limões cortados aos quartos. Caro leitor: os limões cortam-se aos quartos; só as pensões pretensiosas e os novos ricos é que os cortam às rodelas e aos oitavos.

3.º — CHATEAUBRIAND HENRY IV — Leitor: Temos a certeza de que na terra da Maria há uma receita melhor para o Chateaubriand. Se quiser seguir a que apresen-

tamos, e que é do Cocheu d'Or, de Paris, siga-a à risca. Não a misture com a da Maria e verá que os franceses não cozinham tão mal como isso tudo. Esta receita foi inventada por um grande cozinheiro chamado MONTMIREIL para o visconde de Chateaubriand há 80 anos. Não sabemos quem inventou a da Maria.

Para o Chateaubriand a carne deve ser muito tenra e ter, pelo menos, 4 cm. de altura.

Corte a carne em bifes com a altura indicada e ponha ao lume numa frigideira duas colheres de sopa de tutano por cada bife. Deite agora na frigideira e deixe cozinhar lentamente na gordura do tutano duas colheres de sopa de cebola picada, uma colher de sopa de cogumelos, uma colher de sopa de vinho tinto, sal e pimenta. Estas quantidades variam evidentemente conforme o número de bifes mas a proporção a usar é sempre a mesma.

Pegue, agora, nos bifes e introduza uma face lateralmente a meia altura, de maneira a formar uma espécie de bolsa interior em cada um deles.

Assim que o conteúdo da frigideira estiver reduzido a uma massa divida-o pelo número de bifes e recheie-os, através da abertura, que deve cozer logo a seguir. Grelhe agora os bifes cuidadosamente (5 minutos cada lado).

Misture uma colher de sopa de pasta de anchovas com 5 colheres de sopa de manteiga. Bata bem esta mistura e junte-lhe um pouco de salsa picada. Cubra os bifes com esta pasta, que derreterá logo, e sirva-os.

4.º — MIGNONETTES DE BOEUF LUCULUS — Estes pequenos bifes podem constituir um magnífico segundo prato para um jantar de cerimónia se forem acompanhados, por exemplo, de arroz branco solto, a cuja água da cozedura se juntou uma colher de sopa de óleo de caril (à venda nas boas charcutarias. Nota: o óleo de caril não pode ser substituído por uns pósinhos amarelos que para aí se vendem sob o nome de caril).

Prepare bifes pequenos mas altos fritando-os levemente em manteiga. Transfira-os para uma travessa e, na mesma frigideira, faça saltear cogumelos (*champignons* e não *míscaros*) picados e uma trufa também picada. (As trufas vendem-se em pequenas latas que contêm uma ou duas).

Quando este picado estiver cozinhado aqueça um pouco de conhaque e deite-o sobre ele. Pegue fogo ao conhaque, espere que a chama se apague e junte pequenos cubos de «paté de foie gras du Périgorel» e um pouco de *demi-glacé* que pode ser substituído por uma essência que actualmente se vende, em frascos, para fazer *consommée*.

5.º — Bife na concha — Não se assuste, leitor, com esta receita. Experimente e verá que há mais coisas no céu e na terra do que aquelas que constam do reportório da Maria.

Escolha bifes altos e muito, muito tenros. Prepare um pouco de mostarda Colman's e, com ela, cubra-os inteiramente. (Dissemos mostarda COLMAN'S de propósito. Julgamos que o leitor já compreendeu a diferença entre os diversos tipos de mostarda e sabe, portanto, que a mostarda inglesa serve para umas coisas e a francesa para outras... Se preferir mostarda francesa «tipo inglês» pode utilizá-la mas guarde, para outros fins, a SAVORA da praxe. Entendidos?).

Espalhe, agora, sobre a mesa uma boa porção de açúcar e passe os bifes pelo mesmo até estarem inteiramente cobertos. Grelhe os bifes.

O açúcar começará por derreter e acabará por formar uma crosta dura à volta do bife que impedirá a perda do sangue.

Parta agora a crosta e deite-a fora. Verá que os bifes estão suculentos e deliciosos e

que, ao contrário do que pensam, não estão adocicados.

6.º — Bifes com cerveja tal como são servidos num dos melhores restaurantes de Zurique — Corte os bifes segundo as boas regras (Não se esqueça de que a forma de cortar a carne tem a maior importância) esfregue-os com alho triturado e passe-os por farinha em que misturou pimenta moída, de frasco, sal e uma pitada imperceptível de canela.

Numa panela de paredes grossas ponha um pouco de gordura de presunto ou, na falta deste, um pouco de banha com uma folha de louro. Frite os bifes levemente nesta gordura até ficarem escuros e ponha-os de parte. Deite na panela uma cebola picada, alguns tomates sem pele, e cortados aos quartos, uma pitada de orégão e uma garrafa de cerveja. Mexa bem com uma colher de pau e deixe cozinhar até que tudo esteja reduzido a uma pasta com que cobrirá os bifes depois de lhe ter deitado sal.

O melhor sistema será o de pôr os bifes num tacho de barro vidrado, cobri-los com o molho e levar o tacho a um forno médio durante duas horas. Vá deitando cerveja sempre que o molho esteja a secar.

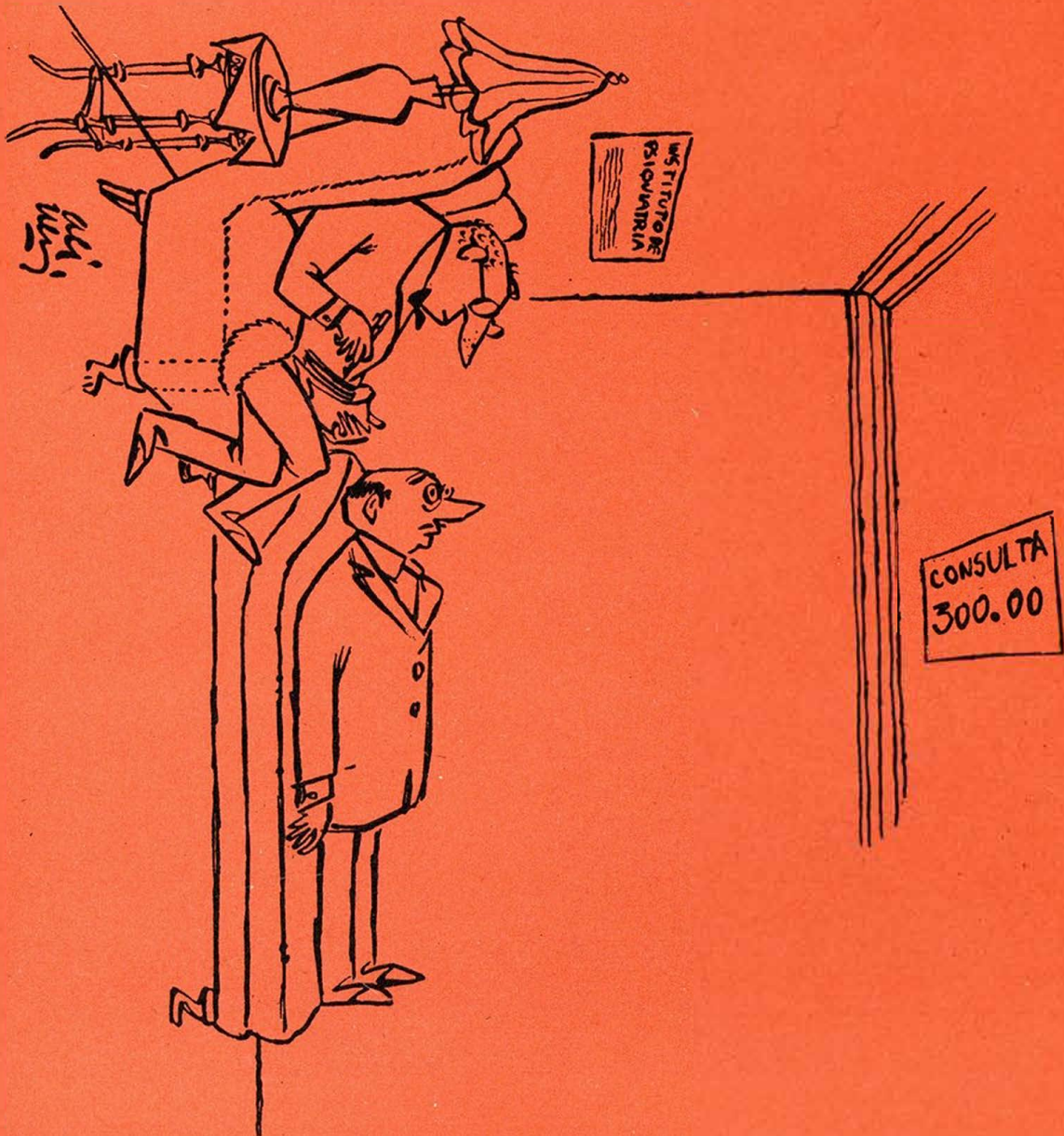
Como vê, caro leitor, qualquer das seis receitas que apresentamos é fácil de seguir, mas... não se esqueça de que a perfeição resulta de pequenos «nadas» e, por isso, siga as instruções à risca.

Para acompanhar os seus bifes deve servir e beber vinho tinto e, ao dizermos vinho tinto, não nos referimos a vinho verde tinto ou vinho rosé. Referimo-nos a vinho tinto maduro. É claro que certos pratos podem ser servidos com clarete. Os bifes panados pertencem a essa categoria mas vá pelo seguro... as regras da boa alimentação não surgiram por acaso...

Por último e antes de nos despedirmos do leitor, outra recomendação: não use pimenta em pó para cozinhar carne. Use pimenta em grão, da preta. Compre um moinho e use-o sempre que necessite de pimenta. É assim que fazem os grandes cozinheiros.

Bom apetite!



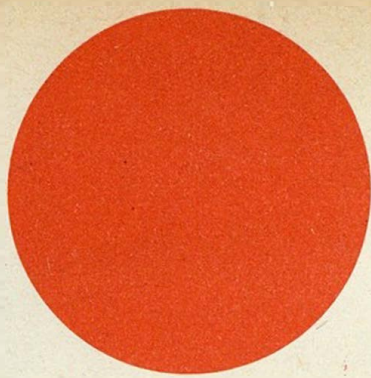




**Elsa MAXWELL**

**cassandra da futilidade**

especial para Almanaque, por Bon Viveur



Não ter nada é, neste mundo, uma situação extremamente comum, mas sabemos de uma mulher que há anos corre os melhores locais do mundo, levando atrás de si e do seu olhar cintilante um longo cortejo de amigos fiéis, sem ter um tostão além dos seus ordenados da televisão e dos jornais: é essa baixa, gorda, infatigável jornalista de setenta anos que arrasta pelos melhores hotéis do mundo a mesma velha mala preta de cabedal e se tornou numa espécie de Confúcio da arte de dar festas — Elsa Maxwell.

Para ser uma anfitriã amável, dar festas a que todos desejam ir, ter à mesa os mais célebres escritores, pintores, autores teatrais, políticos e príncipes de sangue — que procuram a honra de ser recebidos em sua casa, não para serem vistos ou para que depois se fale deles mas, unicamente, porque são as mais divertidas festas do mundo — basta começar por não ter nada.

«Não quero nada do que os outros têm» diz Elsa Maxwell — e pensa realmente assim. Vai enumerando com os dedos as coisas que nunca teve: «Uma boa casa, um chefe de cozinha, um iate, belos jardins, bons automóveis europeus». O seu sotaque americano é incredivelmente trocista. «Os objetos de arte aborrecem-me» continua dizendo. «Para que os hei-de querer meus, se todos os museus do mundo me pertencem? Porque me hei-de ralar em ter coisas quando há tanta gente no mundo». E é este o segredo do sucesso internacional de Elsa: **gosta das pessoas.**

Estas cercavam-na quando lhe falámos no fim da sua última festa, no terraço do Hotel de Paris, em Monte-Carlo. Em baixo, gente acumulava-se sob as palmeiras para poder lançar um olhar a «La Maxwell». Levantaram-se outras, para a ver melhor, dos trens que passavam. Outros, ainda, viravam-se para trás nos automóveis, no seu caminho para as salas de jogo do Summer Sporting. No terraço, à volta das mesas, os convidados

tomavam as suas bebidas servidas por numerosos criados, enquanto a orquestra executava requintados trechos e M. Albert, o mais célebre director de restaurante do mundo, sorria, satisfeito de ter em sua casa Elsa Maxwell.

O centro de toda esta atracção reclina molemente o corpo enorme numa cadeira de braços. E assim abandonada, gozando cada segundo da existência, vai deixando cair, languidamente, nomes célebres, ligados de uma maneira ou de outra ao seu quotidiano, entre dois goles de limonada. **Onassis...** que lhe pediu ontem à noite para acabar com os boatos da Imprensa respeitantes a uma sua possível venda de acções do casino. **De Gaulle** com quem vai jantar amanhã a Paris. Os **Windsors...** vai à Mill House, nos arredores de Paris, para outro dos famosos jantares de Domingo, no próximo fim-de-semana. O **Príncipe Bernardo...** que veio com as filhas, de propósito, de St. Tropez, vê-la, no seu grande carro descapotável. **Edward Molyneux**, o grande costureiro que, da sua luxuosa moradia em Biot, vem jantar com ela («...cultiva agora flores e pinta quadros que foram considerados obras-primas — recusa-se a vendê-los, mas eu, se não fosse tão alérgica à propriedade privada, tinha um oferecido»...). **Noel Coward...** parecendo absurdamente jovem no seu **smoking** claro, trauteando a música tocada pela orquestra e segredando a Elsa: «Cantei isto num coro, querida, há centenas de anos». E a brilhante conversadora vai de um embaixador a um músico, de uma princesa a um dramaturgo; solta pequenas gargalhadas e guarda breves instantes de silêncio atento, deixa todas as frases suspensas ao marcar o «tempo» que vai da sátira ligeira aos segredos de Estado. Qualquer dona de casa sabe que estes dois extremos são marca inequívoca do êxito de uma festa. Todas as donas de casa procuram conseguir esse sucesso de modo que os seus hóspedes

possam dizer à despedida — «que noite fabulosa, adorei ter vindo» sentindo, realmente o que estão a dizer.

Elsa, aparentemente, anda de um lado para o outro, vindo, divertindo-se, absorvida na tarefa de divertir os outros e de se divertir. Mas, reparando nas suas festas com cuidado, vê-se que ela está atenta a todos os pormenores, com um saber confuciano de relações entre pessoas e maneiras de as divertir.

Admite que dá boas festas mas não se preocupa extremamente com o sucesso delas. Dedicar a máxima atenção à preparação prévia. Convida apenas as pessoas que realmente lhe interessam, e mais ninguém. Depois — diverte-se e diverte-as. Costuma dizer. «Se a dona da casa não se diverte nas suas festas — como há-de ela pretender que os outros se divirtam?». E acrescenta — e é este talvez o seu segredo — que uma dona de casa deve ser «um pouco ríspida e mal-criada», para dar festas realmente agradáveis. Um dos ingredientes fundamentais para este funcionamento é a capacidade de dizer **NÃO**. O sistema social, em uso, de receber, aceitar e responder a convites é a morte de toda a possível distração. Elsa nesse ponto é intransigente. «Não sou uma Joana d'Arc da sociedade para ser queimada à mesa do primeiro maçador que me convida». A filosofia da Maxwell estabelece também que não se deve convidar ninguém de quem se não goste e que as festas devem ser dadas apenas pelo prazer que fornecem. Uma festa dada por dever é uma contradição.

**Locais diferentes pedem diferentes distrações.** Para a nómada Elsa Maxwell, o mundo é a sala-de-estar, e cozinheiros de toda a parte preparam as suas refeições.

Há um pequeno restaurante chamado **Auberge de la Vignette au Haute** nas colinas que bordam a Riviera Francesa, onde, não há muito tempo, Elsa deu uma festa a convidados, cujos nomes poderiam ter sido tirados ao acaso dos «Who's Who», «Debrett's» e «Almanaque de Gotha». Velas nas garrafas iluminavam a sala de toscas mesas de madeira. O jantar, de cinco pratos com vinhos e licores locais, custou apenas uma libra por cabeça. Lavabos não havia. A ideia de escolher este sítio só poderia ocorrer a Elsa mas a festa foi um sucesso — porque o seu entusiasmo e bonomia são indiscutivelmente contagiosos.

Para as suas grandes festas, Elsa tem meia dúzia de locais predilectos: o **Hotel de Paris**, em Monte Carlo, porque foi sempre o melhor Hotel da Europa, último reduto da suprema e casual elegância. O **Royal Danneli**, no Grande Canal em Veneza, porque é a última grande sala de baile que ficou.

Todos os Outubros dá ali uma festa, que acaba às 7 de manhã: Nunca dá apenas um baile — mas um jantar dançante. Os convites são, como sempre, restritos e nunca se introduzem estranhos. O **Waldorf Astoria**, em **Nova Iorque**, porque é cume máximo da vida elegante de além Atlântico, onde oferece rápidos jantares de três pratos, pois os americanos não gostam de se demorar à mesa. **Restaurant Laurent** nos **Champs Elysées** que serve a mais perfeita cozinha de França, o que equivale a dizer a melhor cozinha do mundo.

É curioso notar a importância que Elsa Maxwell, que apenas bebe sumos de fruta, liga à qualidade dos vinhos que serve aos seus hóspedes.

Proibe que se fume à mesa. «E sórdido», diz, enojada. Não aconselha a bebida de **cocktails** e defende que as mulheres têm para os vinhos muito melhor paladar do que os homens. Segundo ela, as duas mais perfeitas donas de casa, sob esse particular aspecto, são a Duquesa de Windsor e a Sr.<sup>a</sup> de Douglas Fairbanks. **Da Duquesa:** «Querida Wallis, sabe tão bem ouvir». **De Mary Lee Fairbanks.** «Sou a quarta filha dela. É uma graça de família».

Elsa adora contar como, recentemente, servindo ao Duque de Windsor pequenos copos de Chateau d'Yquem, aquele recordou ser este o vinho preferido da falecida rainha Mary que, uma vez, tendo bebido um pouco de mais num almoço, no Quai d'Orsay, «quando me levantei, David, senti-me extremamente peculiar durante algum tempo».

Numa pequena volta ao mundo gastronómico, que fizemos com Elsa, descobrimos entre os seus pratos favoritos o **vol-au-vent** de perna de borrego inglês (que se pode fazer bem em casa); os grandes queijos ingleses, particularmente o **Wensleydale**, **Double Gloucester** e **Stilton**; um bolo-de-nozes do melhor restaurante de Londres chamado **Gâteau Mirabelle** e dois **soufflés** de Monte Carlo, um de queijo e ovos chamado **Soufflé Hotel de Paris** e outro de framboeza. Adora também as massas italianas, sobretudo as

mais rijas e um espantoso e pouco conhecido gelado, também italiano, chamado **Spunoni Zabaglioni**. Como boa americana, aprecia também os pratos típicos populares: a **fondue** suíça, o caril indiano, a **paella** espanhola.

Dissemos, antes, que Elsa faz acertar as ementas dos jantares que oferece com o local onde eles decorrem. Por exemplo, esse de que falámos, oferecido a Noel Coward no máximo calor do Verão de Monte Carlo, em que as fragrâncias das flores, das mulheres e da comida se misturavam no ar. Como todos os conhecedores de vinho, Elsa sabe que o tempo quente e grandes orgias gastronómicas não podem coincidir. E, assim, não serviu vinhos novos. Apenas um Borgonha de 1953, seco, **Pouilly Fuisse** com o peixe e, para o resto do jantar, champanhe cor-de-rosa **Moet et Chandou**. A refeição começou com um **consomé** ligeiramente gelado. Depois um peixe regional chamado **Mortele**, que se não pesca em mais nenhuma água do Mundo e, por isso, na Riviera, comemos quanto podemos dele. Vieram, a seguir, os mais fortes e apaladados queijos da região servidos, evidentemente, antes do doce — **Brie**, **Camembert**, **Bleu de Bresse**. Por fim o **soufflé** de framboeza, que Elsa adora, coberto com impecável molho, também de framboeza.

Não cai mal falar de comida nestes jantares. A própria Elsa falou do caril indiano que Lady Kenmare lhe servira na véspera e Noel Coward recordou a sua predilecção por **Steak au Poivre** (em que pequenos grãos de pimenta são introduzidos na carne ainda crua) que no vizinho e famoso **Auberge Logis du Loup** tão bem servem.

E quando os convidados se foram embora, Edward Molyneux, o dono da cadeia de jornais para que Elsa trabalha, Seymour Bakson e sua esposa, Eleanor Lambert, que lançou o concurso de «mulher mais bem vestida do mundo»... e, evidentemente, Noel Coward, pediram a Elsa que elaborasse uma relação com os nomes dos seus seis mais perfeitos convidados e as razões por que os considerava como tais.

**Noel Coward** — porque é alegre, divertido e extremamente bem educado.

**Somerset Maugham** — porque é um monumento que todos veneramos e um gastrónomo que todos respeitamos.

**Orson Welles** — pelo seu soberbo sentido de humor pela sua extrema vitalidade.

**Cole Porter** — adora comida, é cheio de delicadeza, atenções e gratidão.

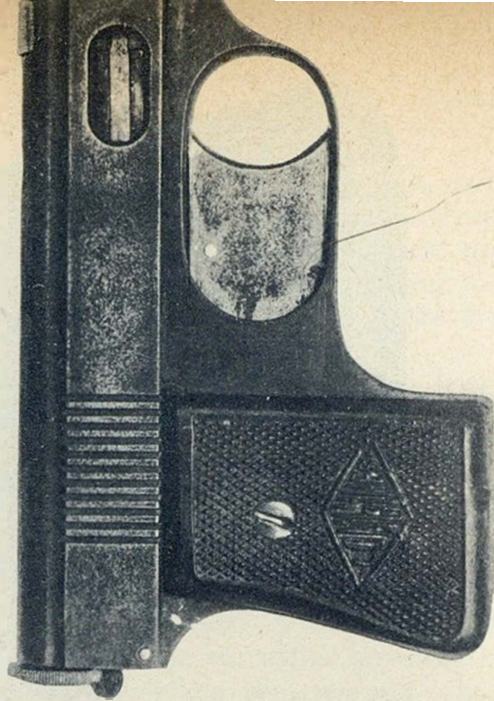
A **Duqueza de Winsor** — estrela do **Bon Mot** e do **Mot tout court**, mas que sabe também ouvir como pouca gente.

A **Sr.<sup>a</sup> Daisy Fellowes** — um mito vivo. Não há literalmente ninguém que ela não conheça. Uma **língua de prata** também.

A conversa continuou sobre outras pessoas menos notórias, talvez. Passámos depois a falar de gastrónomos: ocorreu o nome de Sir Gerald Kelly e sua esposa Jane, que é uma tão brilhante cozinheira; a Duqueza de Windsor que tão bem conhece vinhos; Miss Dorothy Fellornes-Gordon, escocesa, que se quisesse arranjava um lugar de cozinheira em qualquer bom hotel do mundo; Edward Molyneux que, há pouco, se sentara à esquerda de Elsa; a requintada Mary Lee Fairbanks; a fabulosa Baroneza de Cabrola d'Harcourt; Somerset Maugham com a sua paixão pelo arroz — «podia comer arroz todos os dias», — e certos nomes misturavam-se aos grandes nomes de algumas mulheres simples que fizeram a história da cozinha francesa:... **La Mere Poularde**, normanda e analfabeta, **Melanie**, dessa Bretanha onde o grande patrono da cozinha francesa, o falecido Curnowsky (cognominado o Príncipe dos Gastrónomos) foi uma vez jantar e ficou seis anos; **Madame Barratero** de Lancastre, a única mulher a receber a Legião de Honra a título gastronómico; **Madame Blanc** de Thoissey, inventora dos **Crepes Parmesan**.

O que mais nos fascinava — e passámos metade de nossa vida em França — é que todo este conhecimento, amor e compreensão da cultivada arte de comer e beber, ao ponto de levar a uma tão brilhante conversa, eram desenvolvidos por uma americana velha, baixa e gorda, cujos bens se reduziam a um anel de esmeralda. Era uma hora e um quarto. Firmando-se nos braços da cadeira, Elsa levantou-se.

«Vou dar uma volta até ao casino; é cedo ainda para me deitar». E, antes de se ir embora, voltou-se ainda para dizer: «Ser eu é tão divertido. Rio-me comigo mesma durante todo o tempo».



## o CRIME ao alcance de TODOS

Suponha que ao entrar no estúdio de Franklin Moore, se lhe depara o pintor caído no chão junto do cavalete. Verifica que Moore está morto e nota que junto dele se encontra um frasco de tinta roxa, brilhante derramada no sobrado.

Repara ainda que o malgrado pintor se apresenta com um vestuário impecável: casaco de desporto azul pastel, calças cinzentas de vincos correctos, sapatos de pelica immaculados. No cavalete, uma paisagem inacabada.

Sidney Moore, irmão do falecido, que se encontra abatidíssimo e que presenciara o drama, descreve-lho como todos os pormenores:

— Há muitos anos que não via Frank. Tenho vivido no Norte e ao ouvir falar do espantoso êxito desta última exposição dele, vim visitá-lo. Quando entrei aqui, no estúdio, achei a porta aberta e dei com o Frank a pintar essa tela que aí está. Não deve ter dado pela minha chegada porque estava de costas para a porta e absorvido no trabalho. Falei-lhe e ele, surpreendido com isso, voltou-se tão desastrosamente que deixou cair a tela no chão e desequilibrou-se batendo contra essa esquina do cavalete. Fui para o levantar e fiquei horrorizado: estava morto!

Aqui, o leitor observa atentamente a horrível ferida da fonte esquerda do cadáver. Ouve seguidamente mais explicações de Sidney Moore e vem a saber que o artista sofria há muito do coração.

Mas não se precipite. Um detective detesta conclusões apressadas. De modo que, com o ar mais calmo deste mundo, volta-se para o irmão da vítima e remata na boa tradição policial:

— Senhor Moore, parte da sua história não é exacta. Considere-se detido para um interrogatório mais pormenorizado.

Claro está que o sr. Moore fica abismado. O leitor ofendeu-o na sua dignidade e não pode admitir de maneira nenhuma que suspeitem dele como assassino do próprio irmão, etc., etc....

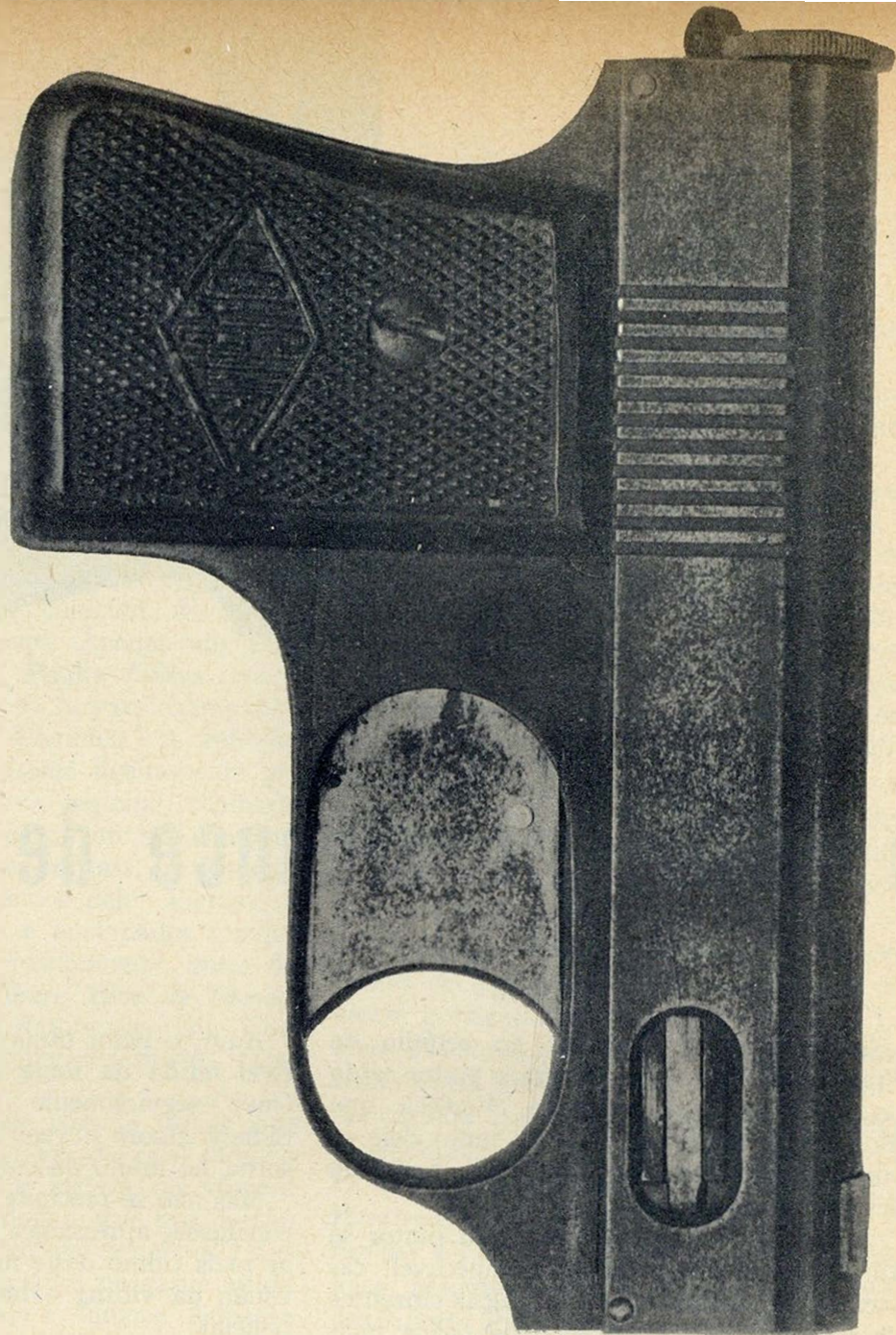
O leitor não se deixa impressionar. Declara-lhe que tem uma pista e que apenas detém o sujeito para interrogatórios.

Que pista descobriu afinal?

### SOLUÇÃO

Se Franklin Moore tivesse deixado cair o frasco de tinta roxa, como o irmão afirmou, teria manchado os sapatos, que no entanto estavam «imaculados».





## os Assassinos que lhe matam o Tempo

Que a literatura policial constitui na nossa época um ramo perfeitamente especializado contando, em todo o mundo, milhões de leitores, é um facto indiscutível. As causas que determinaram a evolução desta literatura são talvez difíceis de determinar, mas parecem suficientemente curiosas para que nos detenhemos um pouco sobre elas.

Quem recorda hoje os criminosos de Sherlock Holmes? Quem sabe de cor os nomes das vítimas de Maigret? A nossa época parece preferir, nestas questões de aventuras, os polícias aos criminosos. Talvez porque as sociedades burguesas precisam de se defender — e a censura, a decência, as exigências do público tenham imposto esta norma.

Os grandes heróis das aventuras (vivas ou não) do passado eram Mandrin, Cartouche, o Zé do Telhado. Hoje chamam-se Leunny Caution ou Hercule Poirot.

### DOS MISERÁVEIS E DO CICLO VAUTRIN AO CAVALHEIRO DUPIN DA «CARTA ROUBADA»

Os primeiros polícias personagens da literatura são muito tipicamente os guardas da sociedade, criminosos arrependidos como Vautrin, ou cães de guarda como Javert. O nascimento do polícia como personagem trai a inquietação que se apoderara então da burguesia. É verdade que fora de Lecoq de Gaborian, os polícias eram apenas ocasionalmente os heróis das obras em que apareciam: Vautrin-polícia é apenas a segunda face de Vautrin-forçado e Javert é o mau dos Miseráveis.

Estes antepassados pré-figuram as duas raças de polícias que se encontram na literatura «negra»: em Javert podemos reconhecer o protótipo de uma longa série de personagens insensíveis, incorruptíveis, dotados de olhar agudo e memória de elefante, de faculdades de resistência e penetração imbatíveis, sem mulher e sem mais vícios que os do tabaco; com Lecoq ou Vautrin, Balzac e Gaborian criam o grande aventureiro, sempre em contravenção, à margem da lei, mas que através de acções duvidosas e demonstrações de força hercúlea, acaba sempre por triunfar. Anunciam afinal esse personagem intermediário, um pouco desonesto talvez, mas no fundo bom, que é por exemplo Leunny Caution, Javert é Maigret.

Porém, o crime não aparecia ainda nestes livros como elemento central de uma intriga, mas como sucesso social ligado a outros episódios. É com Edgar Allan Poë que encontramos o primeiro investigador de um problema policial «puro»: o cavaleiro Dupin que descobre friamente e servindo-se apenas de raciocínios lógicos elementares, onde estava

a famosa carta, por ele roubada. Ainda que em Edgar Poë não se encontre apenas essa meticulosidade científica: no Coração Assasinado é, pelo contrário, o clima de terror que se cria e a solução é emotiva, súbita, brutal.

### O CAVALHEIRO DO CACHIMBO

O cavaleiro Dupin é, todavia, ainda um personagem tratado sem grande importância. É a intriga que o justifica.

O detective herói, repetindo-se sistematicamente em várias histórias, com a sua personalidade bem vincada, criando o seu mito, os seus imitadores, os seus detractores até, só devia aparecer mais tarde. Sem dúvida ele não teria surgido sem aqueles mais humildes antecessores, mas só com ele se cria realmente o tipo.

Sherlock Holmes, o homem do cachimbo, do boné de feltro e das calças à golfe, de quadrados, acompanhado pelo seu amigo Dr. Watson, é o primeiro a fazer da descoberta de um enigma fabricado pelas circunstâncias o centro e a razão de ser de uma história que, afastando-se da lenda, se procurava aproximar da realidade. Conan Doyle deu ao detective, além dessa capacidade de raciocínio, um conteúdo humano que o tornou imediatamente popular. Sherlock e Watson chegam ao local do crime: com o testemunho de um ou dois personagens, meia dúzia de pegadas, um raciocínio hábil, o criminoso está descoberto.

Três grossos volumes constituem a obra de Sir Arthur Conan Doyle, através dos quais Holmes conhece e descobre toda a espécie possível de crimes.

Este tipo de polícia científico veio dar como reacção na literatura policial o polícia — e o criminoso — romântico. O expoente máximo deste tipo de personagem é Arsène Lupin *gentleman-cambrioleur*, espécie de Robin dos Bosques moderno, que rouba os ricos sem dar forçosamente aos pobres, cavalheiresco e lúcido, capaz de um gesto arriscado para agradar a quem lhe é simpático e infinitamente mais coerente que os banqueiros, os magistrados, os governantes a quem, de casaca, rouba nos salões as mulheres e de mascarilha rouba dos cofre-fortes o dinheiro. Arsène Lupin que, ao assaltar a colecção de arte de um rico fidalgo, agradece com um

bilhete em que diz: «Obrigado pelos quadros e os móveis. Deixei o Van Dick porque é falso. Excelente imitação, de resto».

Arsène Lupin, que leva sempre a melhor do inspector Ganimard, honesto mas limitado, e até mesmo do famoso detective inglês Herlock Sholmes, paródia genial do seu quase homónimo.

Arsène Lupin, que se ocupa ele mesmo a deslindar intrigas e a punir criminosos, é de qualquer maneira um detective, permanece *gentleman* em todas as circunstâncias, odeia os assassinos, despreza o ladrão vulgar. É tão infalível como Dupin ou Sherlock Holmes, mas afasta-se deles num ponto fundamental: não tem um método. É certamente, mais um aventureiro que um cientista, guia-se pela intuição, o seu primeiro olhar é definitivo no julgamento das pessoas — e nunca falha.

Lupin anuncia já um tipo de detective que vamos encontrar mais tarde em Leslie Chatteres, o inventor do Santo. Ele, de certo modo, numa sociedade mecanizada, burocratizada, monótona, emana uma certa necessidade de aventura, um certo gosto pela vida livre; uma espécie de «gazeta» à escola em relação aos deveres do adulto.

## OS NOVOS «MONSTROS SAGRADOS» DA LITERATURA POLICIAL

Quem são hoje os grandes personagens da literatura policial? O comissário Maigret, sólidamente enraizado na realidade, de que se conhecem as origens, a infância, a mulher. Que seguiu uma carreira normal na Polícia e que estará, dentro de dois anos, na situação de reforma. É sólido, espesso, entroncado, fuma cachimbo, bebe cerveja, pragueja baixo. O seu método, paradoxalmente, aproxima-se do de Arsène Lupin. O herói de Simenon, como o herói de Leblanc, resolve pela intuição. Chega mesmo a dizer: «Método, eu? Eu não tenho método.» Coligidos todos os elementos que a rotina da polícia logra recolher, Maigret visita o local do crime ou fecha-se no seu escritório e, por aproximações alheias muitas vezes ao raciocínio lógico, consegue localizar o seu criminoso.

Hercule Poirot, o científico herói de Agatha Christie, que começa também a passar de moda; Ellery Queen, cérebro poderoso adaptado ao esquema da vida americana, me-

tido sempre nas mais complicadas situações e deduzindo sobre os factos e objectos de maneira sempre infalível; o Santo, aventureiro cujos escrúpulos chegam a ser vencidos por vezes por um belo sorriso ou um cheque bem recheado, mas em quem o sentido da justiça acaba por prevalecer.

Com o Santo, abre-se uma nova via ao detective. Com ele seguem, por exemplo, Reny Mason e sobretudo Leunny Caution e Darce Feuner. Detenhamo-nos um pouco sobre o primeiro. Reny Mason, advogado de Nova Iorque, não age por conta do Estado, não lhe interessa endireitar o mundo, nem se sacrifica por ideais de justiça. Tem clientes. Clientes que lhe expõem casos complicados e perigosos, em que ao mistério se junta o risco. Clientes que, se muitas vezes são vítimas, são também algumas vezes criminosos. E, se assim acontece, Mason defende-os e procura demonstrar a sua inocência. Em qualquer das circunstâncias não hesita, para conseguir os seus fins, em falsificar provas, subornar testemunhas, servir-se de agências privadas de detectives extremamente pouco recomendáveis. Os romances de Erle Stanley Gardner estabelecem a ligação entre o romance policial clássico, de mistério e o romance policial moderno, de acção. Os dois componentes nele ainda se encontram ligados em harmónica proporção, mas noutros autores vamos encontrar um abandono quase completo do primeiro em benefício do segundo. O personagem-detective do romance policial de acção é um sujeito a quem dizem: «Aqui estão 5.000 dólares para encontrar o assassino da bela Miss Kate» ou as provas da culpabilidade de Miss Kate, ou a própria Miss Kate, «Há mais 5.000 dólares depois do trabalho feito». É um sujeito que bebe muito, conquista, de caminho, algumas louras, faz tudo por suas próprias mãos, não pára de raciocinar, sabe conduzir todos os veículos e lutar se necessário for com pugilistas profissionais. Vive num ambiente de violência, de voluptuosidade e de humor. Arrisca-se muitas vezes a ser preso durante a história, o que arrastaria à morte mais alguns inocentes que directa ou indirectamente protege, mas por fim triunfa e o chefe da polícia, ainda que com certa má vontade, reconhece que ele tinha razão.

O grande herói deste tipo é, sem dúvida, Leunny Caution, que Eddie Constantine definitivamente celebrizou no cinema.

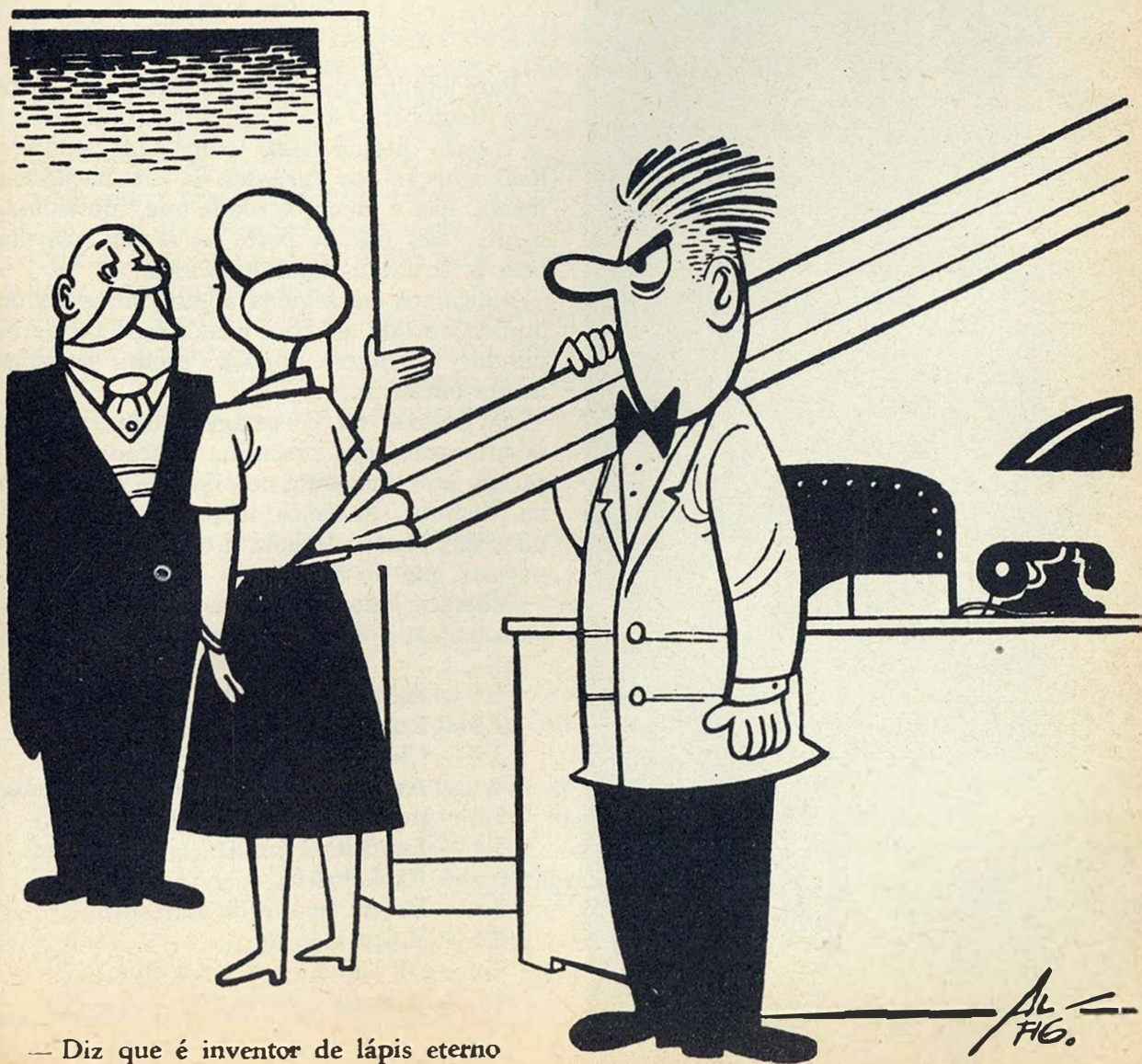
Outros géneros, o romance de **suspense** e, sobretudo, o conto policial, têm encontrado no público certo acolhimento. As vantagens deste último são positivas em relação ao tipo clássico de romance policial. A intriga põe-se e resolve-se no decorrer de 10 a 30 páginas e aquilo que o leitor aprecia, problema com seus dados, investigação de solução, enunciado desta, encontra-o reduzido ao essencial; e a leitura, numa época sem tempo, torna-se extremamente mais simples. Também no que diz respeito à **suspense** apresenta o conto algumas das obras-primas no género, de que o mais célebre é talvez o famoso «Material de Interesse Humano» de Brett Holliday. Já no que diz respeito à literatura de acção, é o conto francamente insuficiente e o romance de aventuras continua preferido pelo público.

Qual será o futuro deste género? Destinado

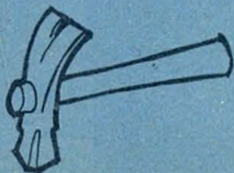
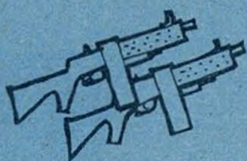
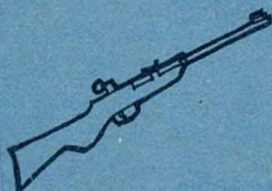
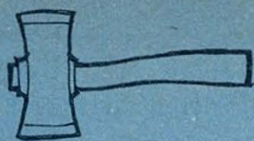
primeiro a entreter os ócios de amadores inteligentes, depois a alimentar a imaginação de uma juventude que a monotonia da vida moderna obriga a certo sedentarismo psicológico, por fim a derivar a agressividade latente que a luta pela vida e a ameaça das guerras mantém constante nas sociedades actuais, a literatura policial e de aventuras começa a ceder o seu lugar à ficção científica, fundindo-se de resto muitas vezes os dois géneros.

É natural que o romance policial venha a ser substituído pelo romance de **gangsters**. O polícia dedutivo deu lugar ao polícia intuitivo, depois ao polícia activo, por fim a nenhum polícia. As razões desta alteração na preferência do problema são certamente profundas e respeitáveis.

E assim vai o mundo.



— Diz que é inventor de lápis eterno



## Brincadeiras Perigosas

Para eliminar os seus adversários, o homem tem descoberto algumas armas notáveis e, se é certo que no nosso tempo tem dedicado mais atenção aos processos de eliminação em massa, não é menos verdade que, individualmente, não pôs de parte as armas que tão bem o serviram durante séculos...

Indicamos em seguida alguns processos de liquidação que, embora menos espetaculares do que a bomba atômica, foram extremamente eficientes.

As pessoas ou personagens literárias que se utilizaram dos processos indicados alcançaram, até, uma certa notoriedade e entraram na História. Fazemos acompanhar os desenhos das armas de uma lista dos nomes das pessoas que as utilizaram.

Saberá o leitor atribuir a cada uma destas personagens a arma que lhe deu celebridade?

- 1.º — Othelo.
- 2.º — Lucrecia Borgia.
- 3.º — Charlotte Corday.
- 4.º — Assassino do Duque de Clarence, irmão de Henrique III.
- 5.º — Landru.
- 6.º — Raskolnikov.
- 7.º — Booth (morte de Lincoln).
- 8.º — Buíça e Costa.
- 9.º — Al Capone e o seu grupo.
- 10.º — Assassino de Trotsky.

# As relações fazem os homens

Não vamos falar de Choderlos de Laclos que escreveu as «Relações Perigosas» e que, por isso, os Bourbons, ao retomarem o Poder, lhe desenterraram o cadáver e lançaram as cinzas ao vento. Não. Vamos falar **tout court** (como diria um magnata de chás canastas) das relações de amizade <sup>(1)</sup> e das capacidades de cada indivíduo para estabelecer convívio à sua volta.

A sua possibilidade de êxito, Ex.<sup>mo</sup> Leitor, na sua vida social, vai ser posta à prova. Queira ter a gentileza de responder às perguntas que se seguem e depois falaremos.

★

1.<sup>a</sup> — Nas conversas com os amigos costuma abordar assuntos variados?

2.<sup>a</sup> — Tendo em conta as excepções costumadas, pode afirmar ser-lhe fácil entender-se com os amigos?

3.<sup>a</sup> — Em caso de necessidade, julga que poderia dispor de algum amigo para lhe oferecer hospitalidade?

4.<sup>a</sup> — Considera que, duma maneira geral, os seus amigos estão bem cotados nas esferas sociais de que fazem parte?

5.<sup>a</sup> — Confiaria a um dos seus amigos uma decepção?

6.<sup>a</sup> — Tem amigos que procure imitar?

7.<sup>a</sup> — O seu círculo de amizades inclui pessoas de posições diferentes?

8.<sup>a</sup> — Tem a opinião de que em qualquer dos seus amigos há pontos fracos?

9.<sup>a</sup> — Parece-lhe que entre eles, há um ou outro capaz de aproveitar uma oportunidade que se lhe deparasse para lhe pregar uma partida?

10.<sup>a</sup> — Acha que os seus maiores amigos encaram os problemas pessoais com verdadeira coragem?

★

Some e conte 3 pontos por cada resposta afirmativa

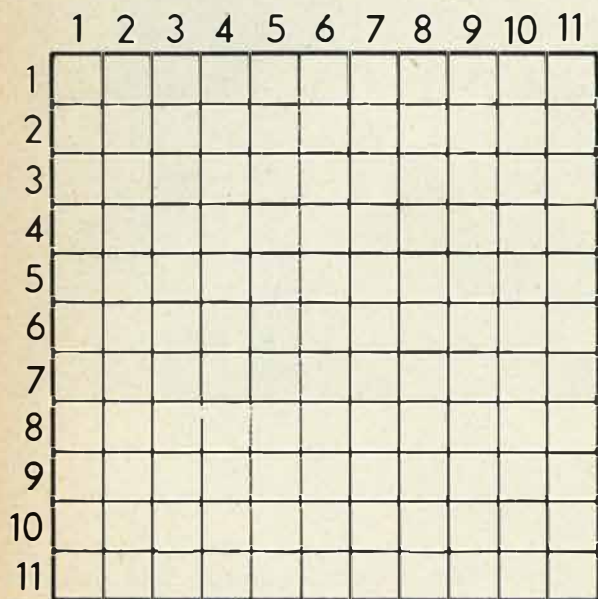
Se obtiver 21 pontos ou mais, muitos e muitos parabéns pelas suas relações. Os seus amigos são realmente pessoas de qualidade. Ou você é um optimista.

Entre 9 e 18 pontos, tem amigos interessantes e outros da classe dos «nem por isso», isto é, daqueles que dão uma no cravo outra na ferradura. Mas deve considerar que, em grande parte, o defeito é seu, pois revela certa inaptidão para reter junto de si pessoas de moralidade uniformemente elevada.

Enfim, se obtiver menos de 9 pontos é-lhe difícil dizer que tem verdadeiros amigos — e é pena. Logo, como diz o outro, calma e «nosce te ipsum». Comece por si, principie por se melhorar a si próprio.

(1) ...que, em abono da verdade, também podem vir a tornar-se perigosas.

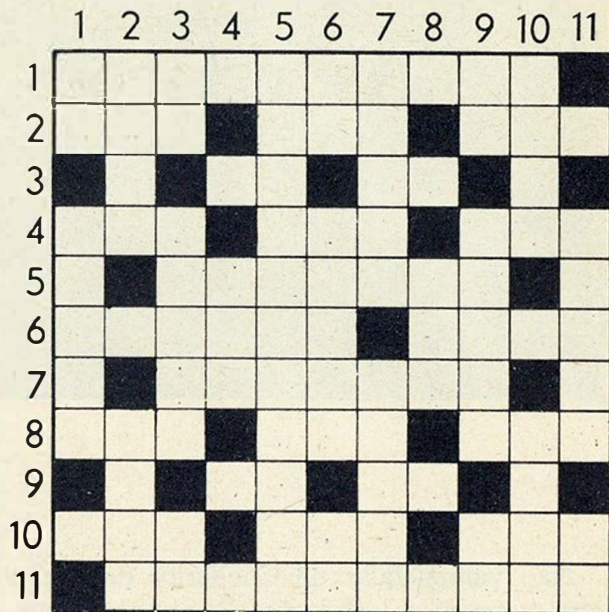
# passatemp



## PALAVRAS CRUZADAS (NOVA MODALIDADE)

**HORIZONTAIS:** 1 — Palavra hebraica comum na Bíblia e que significa tristeza; campos de relva. 2 — Pântano. 3 — Substâncias resultantes da combinação dos ácidos com bases químicas; nome próp. fem. 4 — Pron. poss.; pref. (vern.) que traz a ideia de mau êxito; flanko. 5 — Aqueles que; atitude. 6 — Labéus; esconde. 7 — Pref. desig. privação; suf. nominal desig. diminuição. 8 — Flúmen; concórdia; Genetriz. 9 — Sobrepeliz; resgatei. 10 — Nome científico da groselheira. 11 — Inflamação produzida pela penetração de serosidade no tecido celular; prep. e art.

**VERTICAIS:** 1 — Ressoar; entre aquela gente. 2 — Itálico. 3 — Mulher de Jacob; Labor. 4 — Pano de Arrás; craça; lamentos. 5 — Prep.; ama de leite. 6 — Magotes; prostrar-se. 7 — Quatro (em romano); simb. quim. do escândio. 8 — Unidade das medidas de capacidade para secos no território de Damão; ave corredora da Austrália; espécie de albufeira. 9 — Senhora; mediana. 10 — Levantariam. 11 — Catedral; que trabalha em arame.



## PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTAIS:** 1 — Antiga cidade da Sarmácia, onde morreu Mirtridates, hoje Kertch. 2 — Rei de Marrocos em 1115; pátria; rio da Roménia. 3 — Prep. desig. origem; letra grega. 4 — Animação; fecha as asas para descer rapidamente; óxido de cálcio. 5 — Pregadora. 6 — Atormentai; serboi selvagem; senhor. 9 — Cidade da antiga boi selvagem; senhor. 9 — Cidade da antiga Caldeia; parafuso que prende a lâmina da faca ao cabo. 10 — Vaso para vinho; irmã da mãe; era. 11 — Preparássemos.

**VERTICAIS:** 1 — Elemento de propulsão das rodas dos ant. barcos a vapor; anafado. 2 — Liga; bebe. 3 — Simb. quim. do níquel; costumara; atitude. 4 — Braço de rio. 5 — Ilibada; mirto. 6 — Aqui; projectar; nome de letra (pl.). 7 — Fateixa; doas. 8 — A plebe. 9 — Pref. grego que nos nomes de sistemas geológicos desig. a sua parte inferior; aprendem; antemeridiano. 10 — Renque; macambúzio. 11 — Unido; aqueles que.

ACRÓSTICO

--- O ---  
 --- R ---  
 --- O ---  
 --- M ---  
 --- A ---  
 --- N ---  
 --- T ---  
 --- I ---  
 --- S ---  
 --- M ---  
 --- O ---

Substituir os traços por letras, de modo a encontrar os nomes de poetas e prosadores da Escola Romântica, no século XIX.

SOLUÇÃO

JOAO DE LEMOS; SOARES DE PAS-  
 SOS; RIBEIRO FERREIRA; GOMES DE  
 AMORIM; ALEXANDRE HERCULANO;  
 CUNHA E CASTRO; BULHAO PATO;  
 ALMEIDA GARRETT; LUIS PALMEI-  
 RIM; MENDES LEAL; FELICIANO DE  
 CASTILHO.

HIERÓGLIFOS COMPRIMIDOS

I

K	LETRA GREGA	T	ARANHA GRANDE
---	-------------	---	---------------

II

ILHA ITALIANA	CORAÇÃO NINHO
---------------	---------------

III

FOGO	PERITO
------	--------

SOLUÇÃO

I — CAPITÓLIO.  
 II — CAPRICÓRNIO.  
 III — PIROTÉCNICO.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS (NOVA MODALIDADE)

1	R	A		R	E	L	V	A	D	O	S	
2	E		L	A	M	E	I	R	O		E	
3	S	A	I	S		V		A	N	A		
4	S	U	A		M	A	L		A	L	A	
5	O	S		S		S		E		A	R	
6	N	O	T	A	S			A	M	O	R	A
7	A	N		L		J		A		I	M	
8	R	I	O		P	A	Z		M	A	E	
9		O	B	A		Z		R	E	M	I	
10	L		R	I	B	E	S	I	A		R	
11	A	N	A	S	A	R	G	A		A	O	

PALAVRAS CRUZADAS

1	P	A	N	T	I	C	A	P	E	A		
2	A	L	I		L	A	R		O	L	T	
3		I		D	E		P	I		E		
4	G	A	S		S	I	A		C	A	L	
5	O		O	R	A	D	O	R	A		I	
6	R	O	E	I		E			U	S	S	A
7	D		R	A	M	A	D	A	S		D	
8	O	L	A		U	R	O			A	M	O
9		I		U	R	T	E			O		
10	O	B	A		T	I	A			A	N	O
11		A	R	M	A	S	S	E	M	O	S	



# O TERMÓMETRO DA INICIATIVA

**«É empreendedor? Tem serenidade e imaginação adaptáveis às dificuldades que se lhe deparam?» — De uma ficha para concurso de funcionário de terceira.**

um "test" que se impunha

No amor, como nos negócios, como em tudo, o «espírito de iniciativa» está para o século XX como os sais para as damas dos salões Império. Ambos constituem uma condição de triunfo ou um princípio de derrocada. As amorosas dos salões dourados confiavam nos sais para manter a presença de espírito no momento da revelação do escândalo, ao mesmo tempo que eram os sais que as levavam a confiar na influência do próprio escândalo. Com a obsessão do espírito de iniciativa o homem de hoje confia no triunfo. Mas as doses excessivas desta condição privada e intransmissível não são aconselháveis, pois conduzem ao ponto de ebulição em que não há iniciativa que salve o escândalo.

Em resumo: por falta de sais, muita dama do século de ouro deve ter ficado para tia; por excesso dos mesmos acabou tristemente a Duquesa de Abrantes. Cuidado, portanto, com a iniciativa em demasia. Um tímido está condenado a ser uma espécie de rémola

que, por viver eternamente na dependência do tubarão, nunca tem a coragem de lhe dar uma dentadinha. Mas os homens de grande iniciativa também correm perigos terríveis. Como se prova pela longa lista de malogrados «Casanovas» ou de gerentes comerciais de visão incompreendida...

## OS DEZ GRAUS DA INICIATIVA

Coragem, pois. Enfrente com serenidade e franqueza as dez perguntas que aqui se fazem. Por cada resposta afirmativa lance a seu favor o respectivo número de pontos. O somatório dar-lhe-á a sua «temperatura média» de iniciativa.

- 1.<sup>a</sup> — Tem o hábito de observar o trabalho realizado por outras pessoas, a fim de tirar vantagem para o seu trabalho pessoal? (4 pontos).

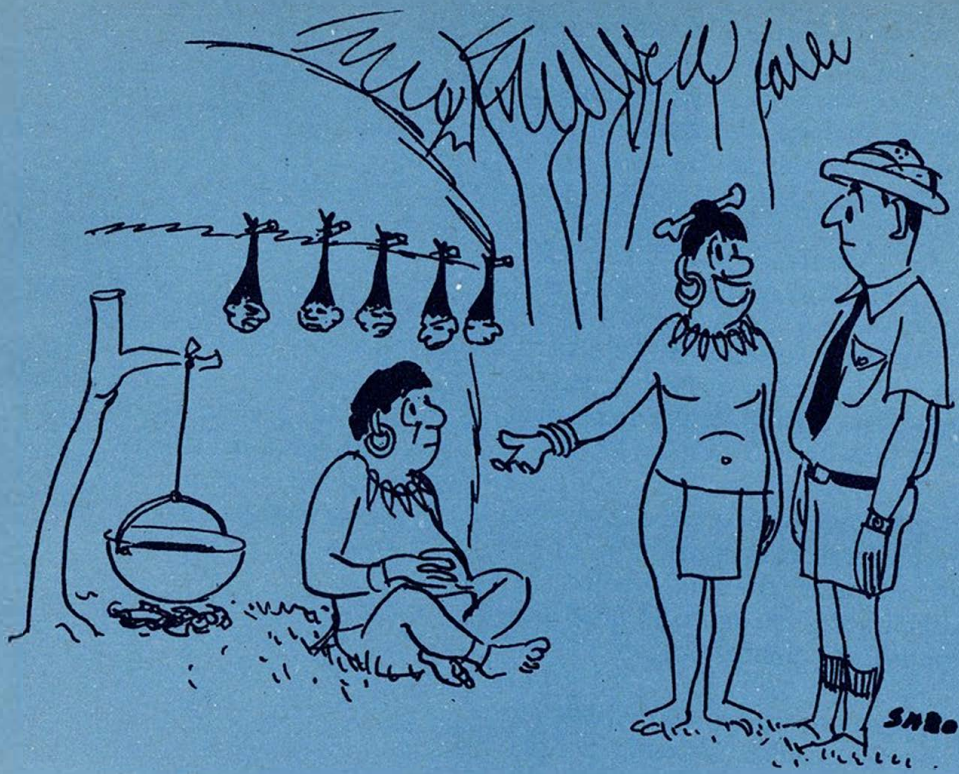
- 2.<sup>a</sup> — Seria capaz de introduzir mudanças radicais na sua maneira de proceder, se se apercebesse de que, mantendo o mesmo método de trabalho não conseguia suplantar os seus concorrentes? (4 pontos).
- 3.<sup>a</sup> — Costuma recorrer à sua imaginação para suplantar os outros? (5 pontos).
- 4.<sup>a</sup> — Nos planos que estabelece, seja para o que for, costuma prever a possibilidade de algum imprevisto que venha alterá-los? (5 pontos).
- 5.<sup>a</sup> — Tenta, geralmente, deixar boa impressão nas pessoas com quem lida, preocupando-se com os seus desejos, as suas aspirações ou com as suas necessidades? (4 pontos).
- 6.<sup>a</sup> — Interessa-se por ofícios ou actividades que lhe são alheios, somente porque está sempre disposto a aprender alguma coisa? (5 pontos).
- 7.<sup>a</sup> — Pode dizer que tem sempre qualquer ideia à sua disposição para pôr em prática em caso de emergência, em relação a determinado assunto? (5 pontos).
- 8.<sup>a</sup> — Tem a impressão de levar uma vida mais interessante do que a de muitas pessoas que, no entanto, são mais ricas do que você? (2 pontos).
- 9.<sup>a</sup> — Adapta-se facilmente a uma situação nova? (4 pontos).
- 10.<sup>a</sup> — Encontra por vezes solução para problemas que parecem insolúveis aos outros? (5 pontos).



Se obteve 28 pontos ou mais, é sem dúvida uma pessoa de grandes qualidades de empreendimento — e invejamo-lo.

Entre 10 e 27 pontos, não tem falta, nem de imaginação nem de aptidões. Mas tem ainda que aprender a aproveitar as oportunidades que se lhe apresentam.

Com menos de dez pontos, as coisas vão mal. Peca por falta de imaginação e a sua atitude é por vezes marcada por certa indolência ou preguiça, e revela uma falta de interesse característico por tudo que o rodeia.

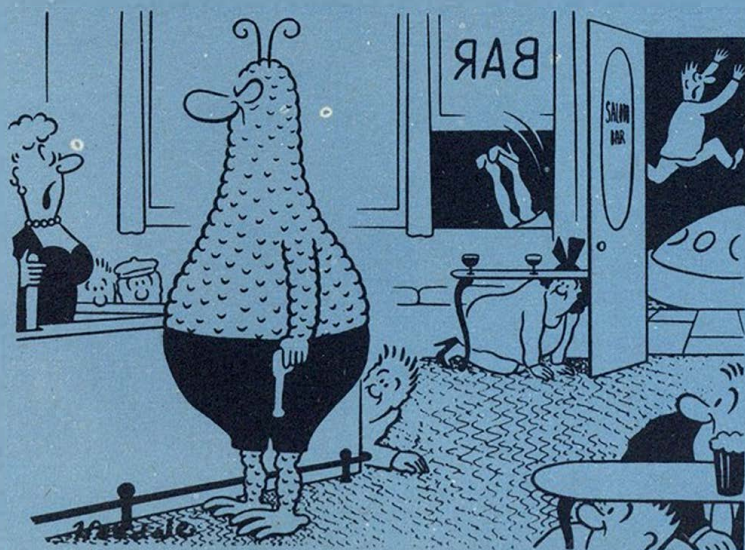
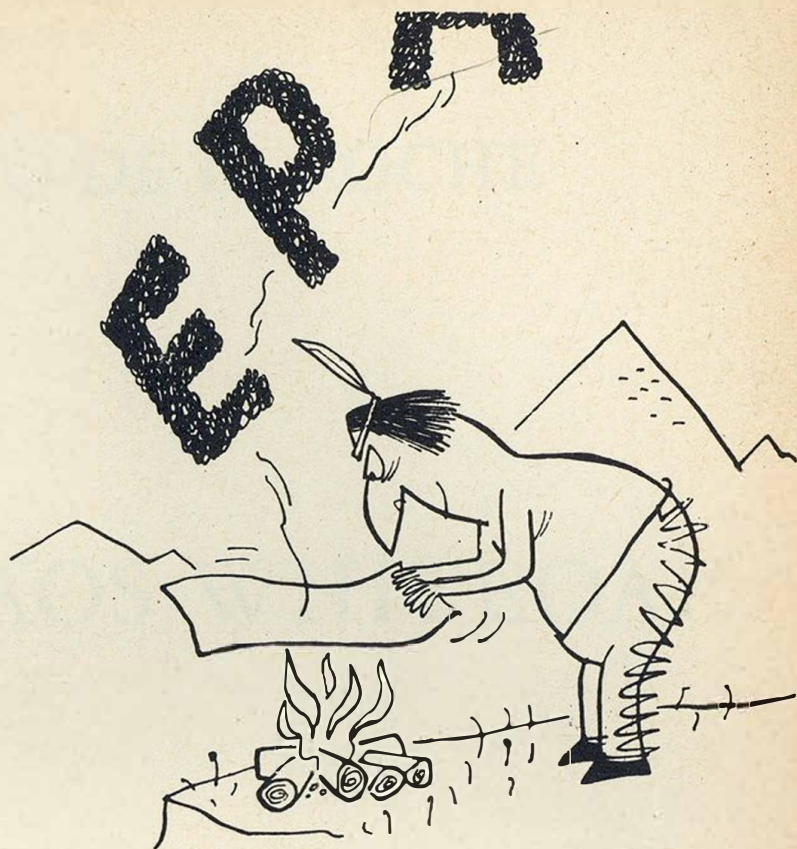


— Este é o psiquiatra da aldeia!

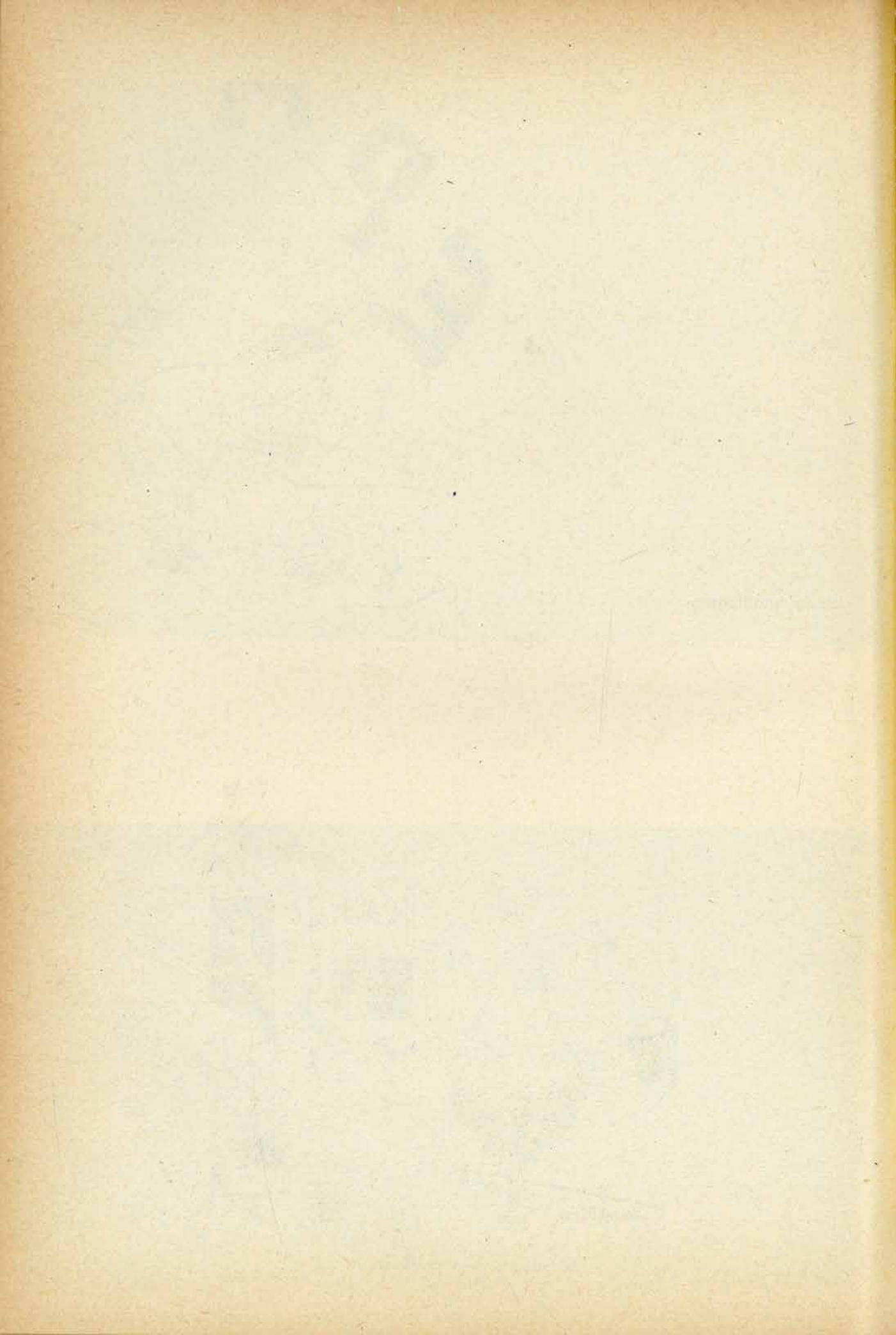
— Importa-se de abrir os olhos, está muito escuro cá dentro



Índio habilíssimo



— O menino tem mais de 15 anos?



MAZO DE LA ROCHE

# OS IRMÃOS WHITEOAK



ALMANAQUE



Wakefield tinha-se sentado aos pés da avó, no tapete de pele. Já eram horas de estar deitado, mas, como ninguém o mandara, deixara-se ficar, fitando os olhos escuros, com calma segurança, nuns e noutros.

Eden e Piers, sentados lado a lado no parapeito da janela, esperavam impacientes o momento da revelação de todo o segredo. Piers sentia-se um homem entre homens. Ganhara dinheiro e, especulando, aumentara os seus ganhos. Ria-se para si próprio ao lembrar-se do seu encontro com Pheasant, nessa manhã. Acompanhara-a ao correio. Parecera-lhe ainda mais bonita e não podia afastá-la do pensamento, sem contudo - como era estranho! - poder imaginar o seu rosto com nitidez. Durante o pequeno trajecto mudara tanta vez, ora tímida, ora grave, para logo se tornar alegre, quando qualquer dito seu a fazia rir. Conservava nitidamente na memória as suas gargalhadas, claras e puras e, como se estivesse a ouvi-las, sorria intimamente.

Ernest e Dilly, sentados no sofá, voltavam para a porta os rostos impacientes. Tinham trocado breves, mas animadas confidências a respeito da especulação que ambos consideravam excitante, não propriamente pelo lucro, que era secundário, mas pelo interesse do jogo. Dilly estava a fumar, espectáculo que Meg encarava com ar de censura. Ernest tinha todo o ar de quem ia fazer um brinde.

Lady Buckley e Meg, com os bordados pousados no regaço e de mãos ociosas, olharam também para os que acabavam de entrar. Nicholas, à frente, exibia um ar de aristocrata francês a caminho da guilhotina; seguia-o Renny, com a garrafa de brandy e, por fim, Finch, aparentando, por razões só dele conhecidas, um aspecto deveras deprimido.

Renny pousou a garrafa numa pequena mesa, junto dos cálices.

- Bem, quem quer beber?

A avó olhou para a garrafa.

- Julguei que fosse Porto.

E Meg acrescentou:

- Até já tinha os cálices prontos.

Ernest, desapontado, exclamou:

- Porque trocaram? Não me dou bem com o cognac e julgo que as senhoras também não querem.

- Vão todos precisar dele - observou Renny.

- Gosto duma gota de cognac - atalhou Adeline. - Dá-me o copo para o aquecer nas mãos - E esperava impaciente, que lhe enchessem o copo.

- Posso saber a razão de todo este mistério? - perguntou Lady Buckley.

- Estamos cheios de curiosidade - acrescentou Meg - que se passou na cave?

- Não há mistério algum, tia - respondeu Renny. - O facto real é que o tal Kronk se eclipsou com a massa. - De pé, com o tabuleiro dos copos na mão, parecia um homem disposto a distribuir veneno. Contudo observando no rosto de todos o efeito das suas palavras, sorria divertido e irónico.

- É incrível! - exclamou Ernest. - Não acredito uma única palavra.

Nicholas suspirou ruidosamente.

- Contudo, é absolutamente verdade.

- Quem te disse?

- Vem no jornal da tarde. Lê, Renny.

Renny pousou o tabuleiro, tirou o jornal do bolso, e começou a ler, em voz alta: "Desaparecimento do corretor de minas do lago Indigo. Vários capitalistas confiantes, daqui e dos Estados Unidos, vigarizados em milhares de dólares" - Hesitou, como que a deixar penetrar as palavras no espírito de todos e depois acabou o pequeno artigo, discretamente inserto numa das últimas pági-



Um perceptível movimento percorreu o aposento como se todos tivessem sentido um súbito desconforto físico. Então Ernest, erguendo-se a toda a altura da sua comprida pessoa, dirigiu-se para a mãe.

- Mamã não acha melhor ir deitar-se?

- Porquê? Ainda é cedo.

- Foi um dia muito fatigante.

- Agora todos os meus dias são fatigantes... Que esteve Renny a ler?

- Oh, nada - mentiu Ernest. - Nada de interesse. Deixe-me levá-la até ao seu quarto - E dava-lhe pequenas palmadas nas costas, como que a encorajá-la.

Eden levantou-se bruscamente e estava a devorar o artigo do jornal por cima do ombro de Renny.

- É impossível! - exclamou, mas, embora negasse tal possibilidade, um calafrio oprimiu-lhe o coração.

Nicholas murmurou:

- Fomos vigarizados. Perdemos uma bonita quantia entre todos.

A velha Adeline apanhou a palavra "perdemos".

- Que perdemos? Deixa-me, Ernest - E sacudiu-lhe a mão: - Quero saber que perdemos. Um cão? Um cavalo? A reputação? Vá, digam-me! - Bebeu um gole de *brandy* e endireitou-se na cadeira, atenta e curiosa.

Renny murmurou para Nicholas:

- Ela tem de saber; acho melhor dizer já.

- O meu dinheiro! - gritou Meg. - Não me digam que esse homem fugiu com o meu dinheiro!

- Receio bem que assim fosse, minha querida - confirmou Nicholas.

Meg, toda afogueada:

- Eden, foste tu quem me meteu nisto. Confiei em ti.

Piers, igualmente rubro de cólera, olhou para o irmão.

- Também confiei nele. Investi no lago Índigo tudo quanto ganhei.

- Sem minha autorização - interveio Renny. - Grande maroto! Agora perdeste tudo. - voltou-se para Eden - Fizeste uma linda embrulhada.

E Eden, muito pálido:

- Também perdi tudo.

- Que tinhas tu para investir?

- Tudo o que ganhei de comissão. Uma boa quantia.

- Santo Deus!

- Fui com Eden - disse *Lady Buckley* - ao escritório desse malvado. Tinha uma maneira de falar absolutamente convincente. Confiei em ambos.

- Teria feito melhor - afirmou Renny - se me tivesse consultado. Tê-la-ia aconselhado.

- Como estou arrependida!

Os olhos da avó passavam de uns para os outros, exprimindo simultaneamente frustração e uma vontade inflexível de tudo saber. Batendo com a bengala no chão e dirigindo-se à pessoa mais vulnerável, falou em voz forte e dura:

Meg, explica-me tudo. Alguém perdeu dinheiro?

- Sim, vovó - respondeu Meg, sufocada pelas lágrimas.

- Quem?

Com um sorriso irónico, Renny respondeu imediatamente:

- A avó.

- Eu? Não pode ser.

- Claro que pode. Foi até muito fácil, com a ajuda de um tolo como Eden e de

um vigarista - o tal Kronk.

- Não é essa a melhor maneira de dar a notícia a minha mãe - censurou Ernest.

- Cala-te. Quero saber toda a verdade - Muito direita e decidida, parecia de facto capaz de tudo suportar.

- Afinal - resmungou Nicholas - não fica arruinada. - E pensava tristemente: "Mas terá isso de menos para deixar aos herdeiros."

- Era uma mina de ouro. Que aconteceu ao ouro?

- Houve um engano - explicou Ernest, limpando, com o lenço, a testa alta e branca.

- Eu não me enganei - replicou Adeline, com ênfase. - Investi o meu dinheiro, absolutamente seguro, numa mina de ouro.

Ernest, todo receoso, pois esperava ser o herdeiro, perguntou:

- E quanto investiu?

- Vinte mil dólares.

Foi um verdadeiro assombro. Eden apressou-se a explicar:

- A avó já não se lembra bem; foi muito menos.

- Então quanto ganhei?

- Nada - replicou Renny - Perdeu tudo. - Olhe. - E colocou o jornal à frente dela.

- Está impresso aí?

- É melhor dizer-lhe a verdade - murmurou Nicholas.

- Mas é um verdadeiro choque - preveniu Ernest.

- A mamã é absolutamente capaz de o suportar e a perda também - acrescentou Augusta. - Significa muito menos para ela do que para qualquer de nós.

Renny batia no jornal com o indicador.

- Vê, avó? Pode ler isto? O corretor raspou-se com o dinheiro de toda a gente. - E, olhando para Dilly, comentou: - Engraçado, não é?

Dilly soltou uma gargalhada nervosa.

- Vocês também perderam dinheiro? - perguntou Adeline.

- Todos - respondeu Renny. - Todos, excepto eu.

Adeline meneou a cabeça com tristeza. Um pesado silêncio envolveu-os a todos.

Finch, demasiadamente embaraçado para ficar na sala, tinha saído para o vestíbulo, onde ouvia, não propriamente palavras, mas as vozes que o enervavam. Num momento ouviu a avó dizer, com voz torte e nítida: "Venha aqui, senhor", e viu Eden atravessar o salão em passo arrastado e colocar-se diante dela.

- Seu maroto! Seu tratante! Em que negócio me meteu!

- Desculpe, vovó. Perdoe - Ajoelhou-se, muito teso, como que a tomar, deliberadamente, a atitude de um penitente. - Fui enganado como a avó. Julguei que a mina, que tudo fosse autêntico. Julgo ainda que deve tratar-se de um engano.

- Mostra-me aquele prospecto. Convenceste-me com os teus discursos, não podes negá-lo. Quanto perdi?

Com demasiada vivacidade, Nicholas perguntou:

- Sim, quanto é que a mãe perdeu?

Esta pergunta foi o bastante para que Adeline, pensando que queriam intrometer-se nos seus negócios, replicasse acerbamente:

- Não quero dizer quanto perdi, pelo menos enquanto cada um não confessar toda a sua loucura. Então Nicholas, quanto perdeste tu?

Nicholas respondeu com relutância:

- Bastante. Uma bonita soma. Prefiro não falar nisso.
- Compreendo... Agora tu, Ernest. Quanto te apanhou este maroto?  
Ernest, com voz trémula, respondeu com dificuldade:
- Concordo com Nicholas: Não devemos indicar números.
- Mas Nicholas perguntou quanto eu tinha perdido. E diferente, não é? - Com irónica cerimónia, voltou-se para a filha: - *Lady* Buckley, faz o obséquio de me dizer qual a quantia a menos na sua bolsa?
- Neste momento não posso lembrar-me exactamente. Dir-lhe-ei amanhã.

A velha Adeline, sorrindo com ironia, pôs-se a imitar a maneira de falar de Augusta.

- Dir-me-á amanhã - Depois fitou em Meg um olhar autoritário. - E tu, Meg? Qual foi o prejuízo?

Meg levantou-se, como se se tivesse lembrado repentinamente da presença de Wakefield.

- O pequeno, a pé a uma hora destas! Tenho de ir deitá-lo - Levantou-o do tapete e levou-o até à porta, mas ele voltou-se para trás.
- Tenho de dar as boas-noites a todos.
- Está bém, mas depressa.

Wakefield, como criança ajuizada, mantivera-se alheio à misteriosa e animada conversa que se desenrolara à sua frente. Deu a volta à sala, abraçando os que lhe eram mais queridos e cumprimentando os outros com despreendimento, Meg, em ânsias, esperava à porta e, acabadas as despedidas, levou-o para cima. Finch já tinha desaparecido.

A avó continuava a ser a figura central da cena, resolvida a que o sofrimento dos outros fosse inferior ao seu em tempo e em teor dramático.

- Para vocês isto pouco significa, mas pensem no que representa empobrecer na minha idade.
- A mamã nem dá pelo prejuízo - atalhou Nicholas.
- Como pode sabê-lo se não disse quanto investi?

O filho podia replicar-lhe que as suas necessidades presentes eram poucas, mas, como se tivesse adivinhado o seu pensamento, Adeline continuou:

- Tenho ambições, há coisas que desejo. - A recordação do casaco de peles acudiu-lhe de súbito. - E o meu casaco novo que ainda não paguei! Meu Deus, poderei devolve-lo a 10ja?
- Não pode - respondeu Ernest. - Já mandou ontem um cheque.

Adeline ergueu as mãos num gesto de desespero e voltou-se para Eden, que se mantinha a parte, de braços cruzados e cabeça inclinada.

- Oh, grande velhaco! Com todos os teus mistérios e brilhantes projectos atraíste-me para uma armadilha. Ainda se os teus tios estivessem comigo nunca me terias apanhado, mas vinhas sempre quando estava sózinha. - Quer outro gole de *brandy*, avó? - perguntou Renny.

Toda tremula, bebeu *brandy*, que a reanimou imediatamente. E repetiu:

- Isto pouco significa para vocês... mas muito para mim.

Com os dentes cerrados, Piers murmurou:

- Significa pouco para mim, não é?

Eden nem sequer ouvia o que diziam. Enquanto estivera ajoelhado aos pés da avó, sentindo o perfume oriental que ela usava, fascinado pelo contorno aquilino do seu rosto, pelo vivo colorido do roupão, acudira-lhe ao espírito a ideia de um novo poema. Ainda pouco nítida, qual pálida estrela no crepúsculo, opunha-se contudo à vã tempestade de palavras desencadeada à sua volta. Se ouzasse, fugiria para o quarto, a transcrevê-la para o papel, para tentar esque-

cer todo o tumultar de desapontamento e desgosto que o afligia. Mas não se atrevia a tal.

A avó continuava a falar:

- Ainda há as almofadas que comprei para a igreja. Acham que posso suspender a encomenda?
- Colocam-nas amanhã na igreja - respondeu Augusta. - É muito tarde...
- Muito tarde... muito tarde... muito tarde... - Adeline repetia aquelas fadísticas palavras entre goles de brandy, até esvasiar o copo. Depois perguntou abruptamente - Que estava eu a lamentar?
- O dinheiro que perdeu no lago Índigo, mamã - respondeu Ernest.
- Mais vale deixá-la esquecer - sugeriu Nicholas.
- Mas eu não tenho tenção de esquecer. E como podia? Agora dependo da caridade dos outros. - O último brandy fora de mais para ela. Estendeu a mão ao neto mais velho, que a estreitou entre as suas.
- Em Jalna, tudo continuará na mesma, avó. A sua permanência aqui nada lhe custa agora e sempre.

Mas Adeline não gostou daquela alusão ao facto de não contribuir para as despesas da casa. Voltou-se para Ernest:

- Parece-me que tenho de consultar o médico. Sinto-me esquisita... fraca.
- E do cognac - atirmou Nicholas - Devia ir deitar-se.
- Foi terrível o que fizeste a minha mãe - disse Ernest a Eden.
- Eu sei, eu sei - respondeu este, abstracto e ansioso por poder escapar-se decentemente. Parecia-lhe que a sua inspiração de artista se manifestava perversamente, na pior ocasião, pois o poema começava a tomar forma no seu espírito. Ouviu a avó pedir:

Ajudem a levantar-me. - Já de pé, atastou os que a tinham amparado e, em passos vacilantes, dirigiu-se para a janela - Não há lua. Uma noite escura. E sombria para mim... muito sombria.

Meg voltou naquela altura, olhando para todos, como que a tentar descobrir o que acontecera na sua ausência. Evitando a avó, dirigiu-se para Piers e sentou-se ao lado dele. Perguntou-lhe, em voz baixa:

- Que disseram?

Com um olhar irritado, o irmão respondeu.

- Ninguém pôde dizer palavra. Ninguém, a não ser a avó. É de um egoísmo!
- É ridículo - comentou Meg.
- O nome de Eden vem também no jornal? - perguntou Adeline.
- Graças a Deus, não - respondeu Ernest.
- Mas devia vir. Também me vigarizou.
- Tudo o que fiz - afirmou Eden com violência - foi de boa fé. Julguei que era um investimento seguro. Aconteceu o mesmo a uma porção de pessoas.
- Procedeste mal convencendo a avó - censurou Nicholas.
- Porque mantiveste tudo em segredo? - perguntou Ernest.
- Porque todos assim quiseram.
- A verdade tinha sempre de saber-se - disse Augusta.

Eden quase gritou:

- E soube-se esta noite. E estávamos todos muito satisfeitos, até Rags ter trazido o jornal.

Então a conversa subiu de tom. Acusações, protestos, recriminações, as lágrimas de Meg misturadas às blasfêmias, proferidas em hindustânico, por Bonney, perturbado no seu sono. A velha mantinha-se encostada à bengala, qual rochedo onde desabava aquela tempestade de palavras. Observava, com certo prazer, aquele desencadear de sentimentos, pois a sua natureza vibrante

te não admitia qualquer constrangimento. Gustavo de ver os seus descendentes tão apaixonados e violentos como ela. Mas agora apenas se manifestava a sua presença física, pois o seu espírito já estava um pouco confuso e o corpo enfraquecido. Curvava-se lentamente sobre a bengala e por fim consentiu que a levassem para o quarto. Parou à porta e, como se tivesse retomado consciência do que se passava, exclamou:

- Meu marido que construiu esta casa, voltaria imediatamente para a sepultura se soubesse o logro em que caímos.

Dilly, sem tomar parte na cena, tinha assistido como espectadora fascinada, mas completamente esquecida pelos Whiteoaks.

- Que ouvido!
- Esta noite todos os meus sentidos estão anormalmente apurados.
- Então pode ver o caminho para o seu quarto?
- Que lhe disse eu? Esta noite até posso ver na escuridão.

Adeline estava a falar:

- Solta o pássaro.

Renny desprende a cadeia presa à perna do papagaio e põ-lo na cama de couro, pintada com magníficas flores e frutas. Satisfeito, o pássaro sacudiu-se e, olhando a cabeça pousada no travesseiro, murmurou:

- Pearee ... Pearee lal.
- Ouves o que ele me chama? Seu querido rubi. Abençoado seja! Ouviste-o?
- Sim - responderam, ao mesmo tempo, Dilly e Renny.

Adeline falou para o papagaio, na doce linguagem hindustânica, mas ele já tinha escondido a cabeça debaixo da asa e parecia apenas um papagaio gravado numa sepultura. Virou-se então para o neto e perguntou:

- Quem está contigo?
- Dilly.
- Ah! Beijem-me e vão-se embora. Quero dormir.

Ao chegarem ao vestíbulo, ouviram o relógio do avô dar a meia-noite.

- E melhor ir deitar-se, Dilly...
- Estou com ar cansado? - perguntou ela, erguendo o rosto para Renny.
- Não, mas eu disse a Eden que ia falar-lhe. E ele deve estar fatigado.

Renny foi ao salão verificar se o fogo podia ficar durante a noite, e quando voltou disse a Dilly:

- O que você precisa é de umas boas palmadas - E, ao ver a expressão de Dilly verdadeiramente ultrajada, apagou a luz.

De cima, Lady Buckley perguntou em voz baixa:

- Dilly, ainda está aí em baixo?
- Meu Deus!... Sim - Pronunciou as duas primeiras palavras em voz baixa e enraivecida e a última nítida e afávelmente.

Uma alta figura, que mal se distinguia, inclinou-se no corrimão.

- **As escuras?**

Renny subiu as escadas duas a duas e, com grande surpresa da tia beijou-a.

- Estivemos a ver o fogão e a atender a avó. Dilly está cansada. Vá já para cima.

Augusta dirigiu-se para o quarto com atectada deliberação e observou:

- Espero que, embora cansada, Dilly ainda possa conceder-me alguns minutos.

Ao passar por Renny, Dilly murmurou:

- Adoro estas intermináveis conterências. Irão durar toda a noite? A sua avó e você. Nós ambos. Lady Bukley e eu. Você e Eden. E agora é o seu irmãozito que está a chamá-lo. Também quer conversar. Deus o abençoe!

Realmente, do quarto de Renny, onde dormia por causa da sua doença de coração, Wakefield estava a chamar, num tom quase patético: "Renny... Renny... Não me sinto bem".

Renny inclinou-se sobre a cama e pousou a mão no pequeno corpo.

- Não é nada. Dorme para seres bom rapazinho.
- O coração não está a bater muito depressa?
- Um pouco. Fico aqui até estares mais sossegado
- Sinto uma coisa esquisita nas pernas.
- Eu dou-te uma fricção.

O friccionar ritmado, o murmúrio monótono dos *Cem Gaiteiros* fizeram

- Suponho, tia, que é outra vítima a quem Eden mandou calar o bico - disse-lhe Renny.

- Não gosto da tua maneira de dizeres as coisas. - E Augusta dirigiu-se para a cadeira como se arrastasse a cauda do vestido atrás de si. - Eden deu-me a entender que era melhor guardar segredo.

- E' entretanto ia enchendo os bolsos - clamou Piers.

O vilão da peça, o rosto iluminado por um estranho sorriso, ia saboreando o conhaque e comentou:

- Bem sei que é agradável atribuir os próprios defeitos a outrem. Mas devo lembrar-lhes que cada qual desejava, muito interessadamente, esconder dos outros a sua participação.

- Admito que assim foi - confessou Nicholas. - Contudo parece-me que aprendeste muito bem a lição com o tal Kronk e que no-la impigiste melhor.

- Não posso impedir-me de pensar - disse Ernest - que isto foi deliberado da parte de Eden.

E Piers, num tom quase brutal, contrastando com o do tio:

-Eden precisava de uma sova e gostava de Ina dar.

Eden sorriu-lhe.

- Meu rapazinho, ainda há pouco tempo gostavas tanto da minha companhia...

- E agora gostava de apanhar-te lá fora...

- Meninos... meninos - interveio Meg. - Estamos todos fatigados. Que noite! E o Natal que se aproxima.

- Escusam de esperar presentes meus- afirmou Piers.

- Deixa ver - Eden pôs-se a pensar. - Que me deste tu o ano passado?

- Bem sei que te não dei grande coisa. Não tinha dinheiro para gastar - mas este ano tinha.

- Pobre Pheasant - lamuriou Eden. - Fica sem presente.

Meg sobressaltada, interrogou: - Pheasant?

- Então, Meg, não sabias que ele é o namorado de Pheasant Vaughan?

Todos os olhares se fixaram em Piers.

- Não sou nada - negou ele. - Quase não a vejo.

- Tenho a certeza de que ela seria a última pessoa a que Piers se ligaria, sabendo o que deve saber - acrescentou Meg.

- Que é? - disse Piers, olhando-a, descarado.

- Não digas que nada sabes - exclamou Meg, com as faces a arder.

- Nunca ouvi coisa alguma contra Pheasant.

- Não compreendes que ser quem é, já é contra ela?

- Não. - E' olhou a irmã, ainda mais descaradamente.

- Não devemos esquecer que temos uma visita - advertiu Ernest, conciliador.

- É um pouco tarde para nos recordarmos, não é verdade Dilly? - E Renny riu com gosto.

Dilly exclamou com vivacidade:

- Gostava que essa rapariga tivesse montado, em meu lugar, no concurso.

- Você montou muito bem - retorquiu Renny, um pouco mais amável do que habitualmente.

- Um terceiro prémio! Estou convencida de que ela obteria o primeiro.

- O concurso hípico nada tem a ver com isto - interveio Meg, com ar sombrio.

O fogo crepitou ruidosamente durante alguns instantes e, depois, apagou-se. Oscões, que dormiam na esteira, deitaram-lhe um olhar desconfiado e afastaram-se, a cadela *Floss* a encostar a cabeça contra o flanco felpudo do cão-pastor, que, com um latido de satisfação, se baixava para que ela se acomodasse. O relógio dourado do fogão de sala bateu as onze horas. Ernest bocejou

os olhos humedeceram-se-lhe.

- Esperemos que Piers cultive a prudência. Precisamos todos de cultivá-la, qualquer que seja a nossa idade. Aprender até morrer. Quanto a mim, vou para a cama. Que noite tão diferente da que esperávamos!

- Eu também vou - disse Nicholas. - Boas noites.

Piers dirigiu-se para a mesa onde estava o conhaque. Renny abanou a cabeça com força e, com os lábios, formou a palavra "não". Piers gritou:

- Porque não? Preciso disto mais do que qualquer outro.

- Vai deitar-te.

- Perdi tudo. E lembra-te de como trabalhei!

- Eu sei.

- Toda a gente lamentou os seus prejuízos. mas nem uma palavra acerca dos meus.

- Não quero maus modos. É nada de álcool.

- Eu não me lamentei, meu rapaz - interveio Nicholas. - O que digo é que tivemos todos uma má sorte danada. Vamos para a cama e esqueçamos tudo. -

Pôs um braço pelos ombros da irmã. - Vem daí, Gussie. Dá graças por Edwin não estar vivo para te ver fazer gato sapato da fortuna.

Augusta deu a entender que não gostara da observação e Nicholas, para a lisonjear, acrescentou:

- És uma mulher de coragem. Qualquer outra, com uma perda tão pesada, teria feito mais espalhafato. Quanto disseste tu que tinha sido?

- Eu nada disse.

Consentiu que o irmão a ajudasse a levantar-se e dirigiram-se ambos para a porta, e ele quase satisfeito, ela plena de circumspecta dignidade. Deu as boas-noites a cada um e, ao chegar a Eden, a sua voz tornou-se mais grave.

- Boas-noites, tia - respondeu ele - Boa sorte para a próxima vez.

- Considera essa frase de muito mau gosto - observou Ernest, servindo-se novamente de conhaque.

- Desculpe.

- Não haverá próxima vez - afirmou Augusta ao sair com Nicholas.

Meg bocejou e levantou-se também.

- Esta noite não conseguirei dormir. Como és feliz, Renny, e como te invejo! Quando penso que o bocadinho de dinheiro que amealhei durante anos...

- Amealhar é realmente a palavra apropriada - interveio Piers.

Meg não podia deixar passar em silêncio semelhante alusão.

- Já reparei que estás a tornar-te insolente, Piers. Deves corrigir-te.

Nada há mais bonito num rapaz do que ser delicado para a irmã.

Beijou-o e, com ar de censura algum esforço, beijou Eden. Dirigiu-se depois para Renny, a quem murmurou:

- É preciso repreender Piers... por causa daquela rapariga.

Eden estava a implicar com ele. - Beijou-a no rosto - Dorme bem e não te aflijas.

Meg suspirou e depois perguntou a Dilly:

- Também vem?

- Acho que ainda vou ler um pouco junto do fogo. Bem sabe que sou uma ave nocturna.

- Vou reanimar o fogo - disse Renny. - E, ajoelhando-se, soprou as cinzas com o fole em que Augusta tinha pintado, na sua juventude, uma folha de avenca e três trevos. As chamas ergueram-se como pequenas línguas esverdeadas.



Quando Renny se levantou encontrou-se sozinho com Dilly. Com o fole na mão, ficou-se a olhá-la cautelosamente, como homem em guarda com a sua arma. O salão parecia um campo de batalha. Nem uma cadeira no seu lugar, as almofadas desarrumadas, cálices vazios por toda a parte e um, partido pelos dedos nervosos de Ernest, escondido atrás de um vaso de begónia. Ao ver Renny a fixá-la, Dilly exclamou:

- Pobre velho, estava tão excitado! Primeiro pelas más notícias, depois por ter partido o cálice.

- Não admira. Faz parte de um dos nossos melhores serviços - cristal antigo, irlandês.

Dilly deu uma gargalhada.

- Com certeza tem muitos mais.

Se estava assim bem disposta, Renny não a receava e foi sentar-se junto dela, no sofá.

- Não posso deixar de dizer-lhe que a admiro pela maneira como recebeu tudo isto. E espantosa!

- Que é a perda de mil dólares comparada com o que sinto aqui? - E batia no peito.

- Ora, Dilly. - Renny falava como se estivesse a discutir com um dos irmãos mais novos. - Não quer fazer-me acreditar que ainda sofre de um desgosto de amor. Conheço os sintomas muito bem.

- Eis uma das mais presunçosas observações que tenho ouvido.

Imperturbável., Renny acendeu um cigarro.

- Não vivi trinta sete anos para nada.

- Gostava de saber quantos corações destroçou, durante todo esse tempo!

- Uma coisa é certa - o seu não pertence a esse número.

- Suponho que está habituado a ver as mulheres desfeitas em lágrimas.

- Via -a chorar e achei-a muito comovedora.

- Pois esta noite estou incapaz de chorar. Nem que me bata, não me verá uma lágrima.

- E uma rapariga demasiadamente primitiva.

- Dilly, atónita:

- Eu!

- Sim. Quando está zangada, bate-me; quando muda de disposição, tala em bater-lhe eu.

- De qualquer maneira que lhe fale dá sempre mau resultado! - exclamou Dilly desesperada.

- Acho que esta noite você esteve admirável. Cada qual só pensava no próprio prejuízo e você nem sequer falou no seu:

- Já lhe disse que era nada comparado ...

- Eu sei, eu sei. E o que lhe digo é que não vai ficar prejudicada devido às brilhantes ideias de Eden. Tratarei disso.

- O que eu quero - continuou Dilly, obstinada - é não lhe ser indiferente.

- Admiro-a enormemente.

- Oh! Admiração...

- Simpatizo consigo.

- Oh! Simpatia! ...

As chamas, ao elevarem-se, cintilavam no conhaque cor de âmbar, no cristal dos copos, nos olhos de ambos. Cismadora, Dilly murmurou:

- Esse cabelo... esses olhos... e um coração de gelo.

- Dilly, faz-me rir. - E riu, realmente, com tanto gosto que ela terminou por rir também. Depois como que arrependida, Dilly tranziu as sobrancelhas

e repetiu:

- Um coração de gelo... uma autêntica pedra de gelo.

A cadela Floss aproximou-se e Renny pôs-se a acariciá-la. Ao notar a sua expressão de aborrecimento, Dilly resolveu continuar a exasperá-lo.

- A sua posição é especial. Já o compreendeu bem?

- Especial?

- Com certeza. Quantos homens da sua idade desempenharão uma função patriarcal como a sua? E o verdadeiro senhor da casa. Todos dependem, mais ou menos, de si.

- Nem minha avó, nem os tios.

- Eles preferem depender. Todos lhe rendem homenagem.

- Homenagem? Santo Deus! Gostava que a avó ouvisse o que está a dizer.

- Quando ela descobriu que tinha perdido dinheiro, voltou-se imediatamente para si e você sossegou-a declarando que tudo continuaria na mesma. E o patriarca e isso é muito mau para si. Se não se acautela, nunca se casará e tornar-se-á um excêntrico.

Renny olhou-a com curiosidade.

- Está a experimentar um novo papel, o de pregador.

- Isto apenas significa que me interesso por si - respondeu Dilly imediatamente.

- E muito amável, mas gosto mais de si quando é natural.

- Nada do que eu possa fazer o levará a gostar mais de mim.

- Já lhe disse como admiro a maneira como suportou o seu prejuízo.

- Despreza-me desde o concurso por ter montado tão mal!

- Gostava de saber porque fala agora com esse tom ameaçador.

Renny deixou de acariciar Floss que, para lhe chamar a atenção, lhe apoiou as patas no peito e lhe roçou o tócinho pelo rosto. Renny beijou-a na cabeça. Dilly exclamou, com amargura:

- Faz mais caso da cadela do que de mim.

Renny, erguendo as sobancelhas, respondeu:

- E quem o duvida? Ela e Merlin têm sido os meus companheiros durante anos...

Não pôde continuar, pois Merlin, ouvindo o seu nome, aproximou-se dele.

Dilly levantou-se bruscamente.

- Você e os seus cães! Punham-me maluca. Felizmente vou-me embora

- Lamento que me deixe com esses sentimentos.

- Gosto de todos os membros desta família, excepto de si.

- Mesmo de Eden.

- Mesmo de Eden.

Uma voz perguntou do corredor:

- Ouvi o meu nome?

- Sim - respondeu Renny. - Dilly estava a dizer que gosta de ti.

- E eu gosto dela por dizer isso - replicou Eden, entrando no salão.

- Deus vos abençoe, meus filhos - E Renny olhou-os com benevolência.

Dilly levantou-se e aproximou-se do fogão. Merlin foi imediatamente para o lugar dela, no sofá. Com a vassoura, Dilly pôs-se a varrer vigorosamente a lareira, com a aplicação de uma dona de casa exemplar, como se tivesse esquecido os dois homens. Contudo, por todas as fibras do seu corpo, tinha plena consciência da sua presença.

Renny, observando desapassionadamente a sua figura, admirou-se de tê-la julgado uma boa amazona. Eden lançou-lhe um rápido olhar e perguntou a si próprio se não seria preferível deixá-los sós. Mas Renny resolveu o as-

**unto ao perguntar:**

- Porque não te deitaste ainda?
- Estive a telefonar para casa de Kronk.
- Boa ideia. Que há de novo?
- Só lá estava a mulher. Não sabe onde para o marido. A sua situação é muito penosa.
- Aposto que é tão culpada como ele.
- Não, não. Sabe que a mina existe, toi vê-la. Mas não havia capital para a exploração e isso é que ela não sabia.
- E as fotografias?
- Eram simuladas... fotografias de outras minas. Ela ignorava tudo isto, claro. Estava a chorar.
- Coitada! - exclamou Renny, sarcástico - Depois acrescentou, em tom diferente: - Vou ao teu quarto antes de te deitares.

"Meu Deus, esta noite nunca mais acabará?" pensou Eden. Mas com a cabeça fez um gesto de assentimento e, meio a sorrir, saiu da sala nas pontas dos pés, por qualquer razão que ele próprio não poderia explicar.

Dilly continuava a arranjar o fogo. Atiçava-o e raspava as achas.

- Muito bem! - exclamou Renny. - Está a trabalhar muito bem. Mas peço-lhe que acabe.
- Porquê? - perguntou ela, sem se voltar.
- Porque me irrita os nervos.
- Nunca notei que os tivesse.
- Nunca nota coisa alguma a não ser as sua indomáveis emoções.

Dilly voltou-se e encarou-o, empunhando o atiçador como uma lança.

- Que quadro! - riu Renny.
- Previno-o de que me sinto perigosa.
- Renny não pôde conter-se e comentou:
- E queria convencer-me de que seria uma companheira atável.
- Dócil nunca seria de modo algum.
- Gosto das mulheres calmas.
- Eu sei. Uma mulher como uma vaca, a ruminar. todo o dia, a sua adoração por si - respondeu Dilly, escarninha:

Renny soltou uma gargalhada.

- Dilly! Está a tornar-se literata.
- Dilly exibiu um ar de plena satisfação.
- Falei bem não falei? - Depois acrescentou, em tom trágico: - Claro que não acredita que eu seja inteligente.
- Ainda não a apreciei desse aspecto, mas nunca gostei tanto de si como esta noite.
- E um bruto condescendente. O seu vocabulário é pouco variado, mas tem o condão de enfurecer uma mulher.
- Parece-me que gosta de se enfurecer.
- Nunca me viu assim antes desta noite.
- Nunca a vi tão animada.

Brandindo o atiçador, Dilly continuou:

- Gosto de esgrimir.
- Estou a ver.
- Deixando cair o braço, Dilly falou em voz baixa, quase trémula:
- Você vê apenas a superfície... e nunca o coração angustiado.
- Docemente, Renny afastou Merlin, para lhe dar lugar.
- Sente-se aqui e fale-me do seu desgosto de amor. Rompeu o seu noivado, não

foi? Deve ter sofrido bastante.

- Sente realmente pena de mim? Duvido. - Voltou-lhe as costas e pôs-se novamente a atizar o fogo, cujas chamas saltaram, intensas.

- Pouse o atizador! - exclamou Renny, aborrecida.

Dilly não lhe deu atenção e continuou a atizar o fogo com mais força.

- Pouse o atizador, Dilly! - Renny levantou-se de um salto e, tirando-lhe o atizador, levou-a para o sofá. Mas arrependeu-se imediatamente, pois ela rodeou-lhe o pescoço com os braços e pousou-lhe a cabeça no ombro.

- O meu noivado foi uma aventura sensaborona.

Maquinalmente, Renny afagou-lhe o ombro.

- Sério?

- Comparado com tudo isto.

Durante o silêncio que se seguiu Renny lembrou-se da breve aventura com uma rapariga de Guiana Inglesa que tinha encontrado, no ano anterior, em Nova Iorque, a onde fora assistir ao concurso hípico. Tinha o cabelo parecido com o de Dilly. Franzindo as sobrancelhas, procurava recordar-lhe o nome.

- Quer saber o que se passa no meu coração? - perguntou Dilly.

- Naturalmente.

- Porquê naturalmente?

- Porque me sinto natural mente pleno de simpatia.

Dilly estreitou-o com mais força.

- O meu passado e o meu futuro estão de tal maneira confundidos! Neste momento esforço-me por libertar-me de ambos, por ter apenas consciência do presente.

Merlin tentava subir novamente para os joelhos de Renny. Nesse instante soaram no quarto da avó as pancadas surdas da bengala.

- A avó está a chamar! - exclamou Renny.

- Que vá para o diabo! Nunca estive numa casa como esta. Não é possível um pouco de intimidade... Nem mesmo à meia-noite.

Renny já saíra do salão. Na meia luz do quarto de Adeline não se distinguem as cores, mas aquela penumbra violácea parecia tornar palpável o passado do ente que vivia ali, como se as paixões, os desejos, as alegrias e as tristezas de um século tivessem deixado um misterioso vestígio. Renny fechou a porta. Dentro do quarto entreviu a forma indecisa da avó, soergida na cama.

- Que é? Precisa de alguma coisa, avó?

- Onde está Bonaparte? - perguntou Adeline, designando o papagaio pelo seu verdadeiro nome.

- No salão. Vou buscar-lho.

- Como o esqueci eu?

- Estava talvez um pouco transtornada.

- Seria do brandy? Estava um pouco tocada...

- Talvez.

Adeline começou a rir e, deixando-se cair na travesseira, ria cada vez mais.

- Não posso deixar de rir.

- Talvez esteja ainda um pouco tocada.

De repente Adeline pôs-se séria e perguntou:

Houve qualquer coisa que me perturbou? Já não me lembro.

- Não se importe avó. Nada tem com que se preocupar. Vou buscar Bonney.

No corredor encontrou Dilly, que trazia o papagaio, meio adormecido no poleiro.

- Ouvi-a pedir o papagaio.

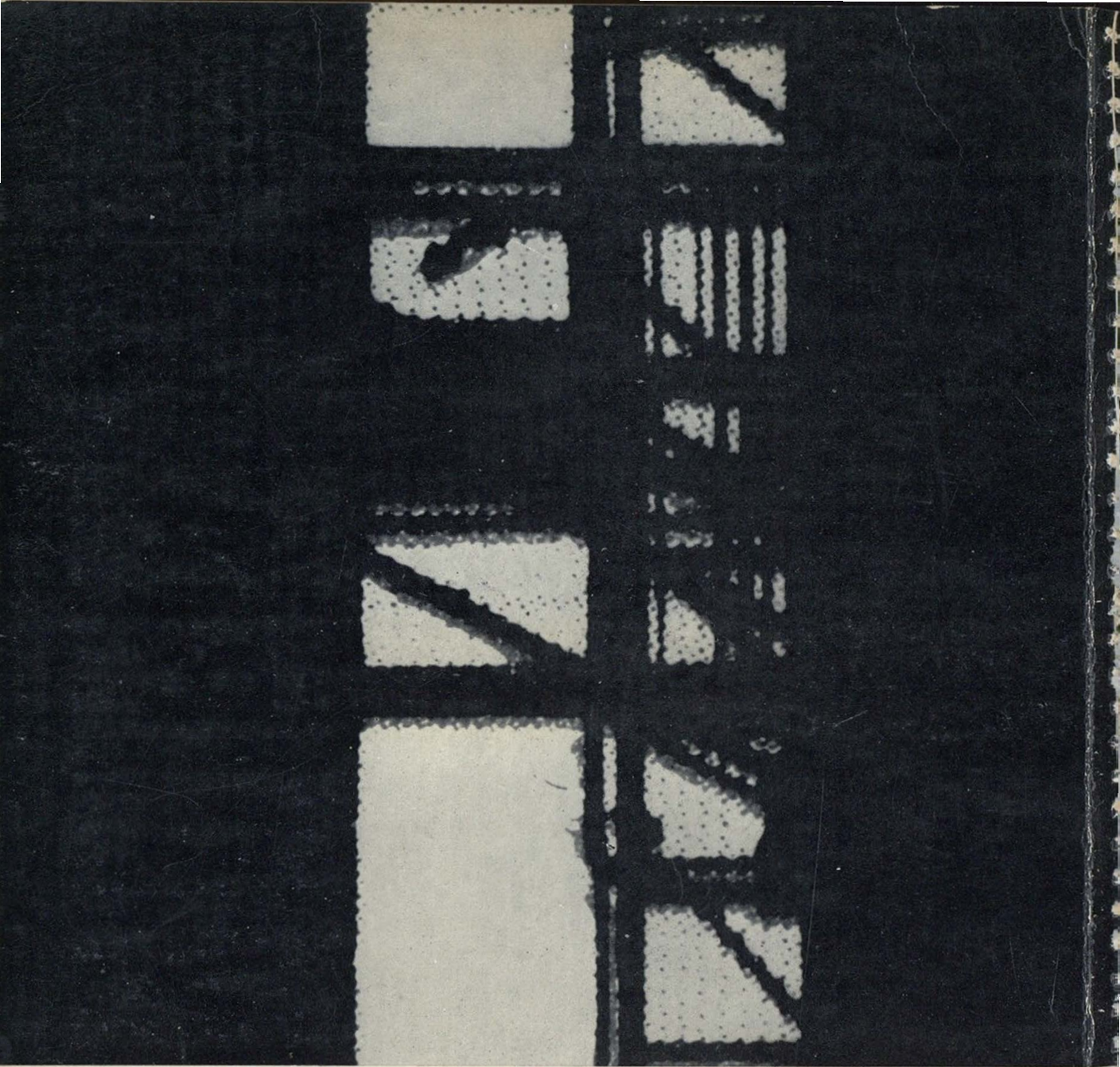
## CENAS NOCTURNAS

- E** den aproximou-se da mesa onde estava o conhaque e serviu-se de outro copo.
- Realmente deves precisar de qualquer coisa que te anime - disse Meg, com voz sonora. - Depois do que me fizeste! Que responsabilidade a tua - investir a fortuna da tua própria família. Não compreendo como te atreveste.
- Sou bastante atrevido.
- O que me espanta é o segredo de tudo isto - observou Renny.  
Ernest, despeitado, mordida os lábios.
- Censuro-me a mim próprio por ter voltado a especular. Devia ter reprimido Eden se fosse possível.
- Devia ter-me dito - verberou Renny.  
Nicholas assobiou.
- Adeus, castelos no ar! Acho que devemos confessar os nossos sonhos e depois tentar esquecê-los. Que sonhaste Ernest?
- Viajar, Nick. Londres e Paris.
- E ias sem mim, nojento animal?
- É que eu não sabia o que dirias se te falasse em especular. Chamar-me-ias jogador e pôr-te-ias a recordar as minhas perdas passadas. Nem sequer imaginava que também estavas metido nisto.
- Meu Deus, como estou arrependido!
- E que castelos no ar eram os teus?
- A Riviera. Até já sentia o aroma das mimosas.
- Eu não fiz castelos no ar - disse Meg. - Só queria aumentar um pouco as minhas economias. E agora perdi tudo.
- Renny perguntou:
- Quanto investiste, Meg?
- Esqueci a quantia exacta, mas foi bastante para os meus recursos.  
Renny sorriu para Dilly:
- Aqui está uma accionista que ainda não se lamentou, e por isso admiro-a.  
Dilly retorquiu, radiante:
- Não me importo. É tão engraçado.
- Talvez tenha meios bastantes para não sentir o prejuízo - atalhou Piers. - Eu não. Investi tudo quanto tinha - quinhentos e cinquenta dólares.
- Tens aquilo que mereceste - observou Renny. - Fizeste-me acreditar que o depositavas no banco.
- Julguei que o lago Indigo fosse tão seguro como qualquer banco.
- Porque não te aconselhaste comigo?
- Porque Eden quis que guardasse segredo.
- Disse-me o mesmo a mim - gritou Meg.  
Lady Buckley, depois de deitar a mãe, voltou para o salão.



**casaportuguesa**

**GRAVURIA**



Um Testemunho Impressionante /  
/ **A Escada de Ferro** / por  
F. E. Rodriguez / «Pela sua ressonância humana esta obra só é comparável ao extraordinário livro de Michelet sobre os campos de concentração. **A Escada de Ferro** é, com efeito, a escada de Schawibische-Hall onde ressoam os passos dos condenados, enquanto, na sua cela, Rodriguez ouve abrirem-se, uma a uma, as portas das celas vizinhas donde partem, para a morte, os seus companheiros.» / **Le Monde**  
**e d i t o r a U l i s s e i a**